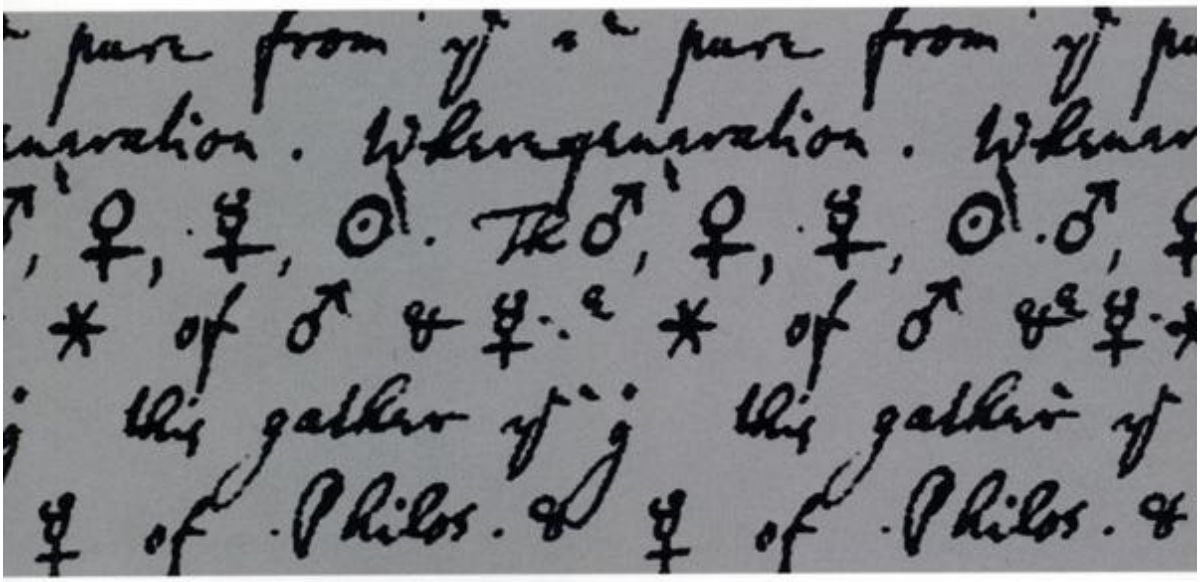
PRIMEIRA EDIÇÃO INTEGRAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

AS PROFECIAS DO APOCALIPSE E O LIVRO DE DANIEL

As Raízes do Código da Bíblia

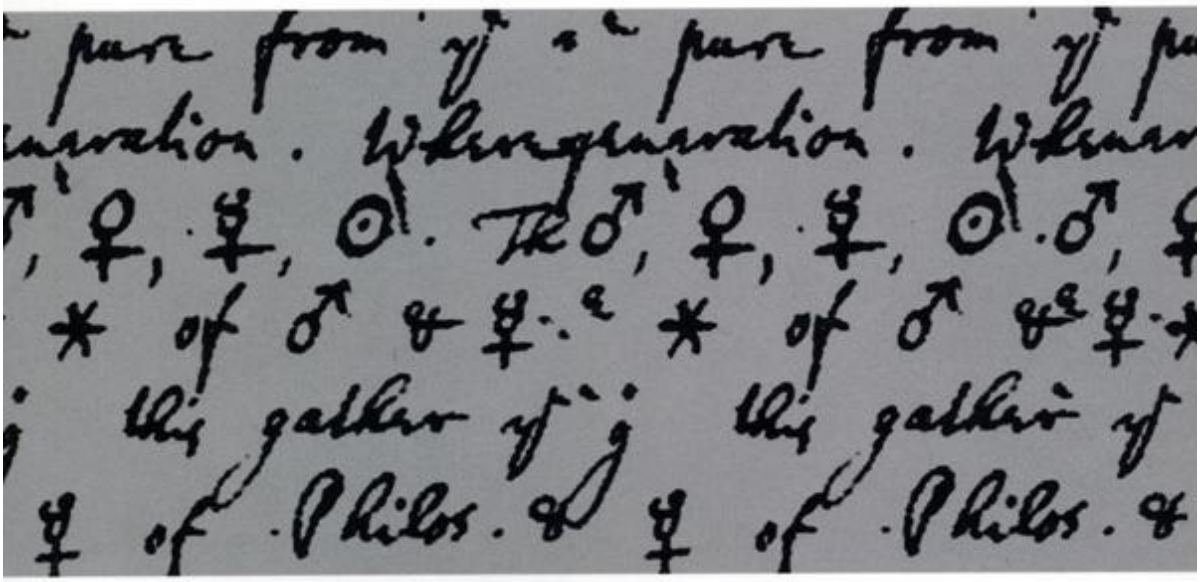


Sir Isaac Newton

PRIMEIRA EDIÇÃO INTEGRAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

AS PROFECIAS DO APOCALIPSE E O LIVRO DE DANIEL

As Raízes do Código da Bíblia



Sir Isaac Newton

AS PROFECIAS DO APOCALIPSE E O LIVRO DE DANIEL

AS RAÍZES DO CÓDIGO DA BÍBLIA

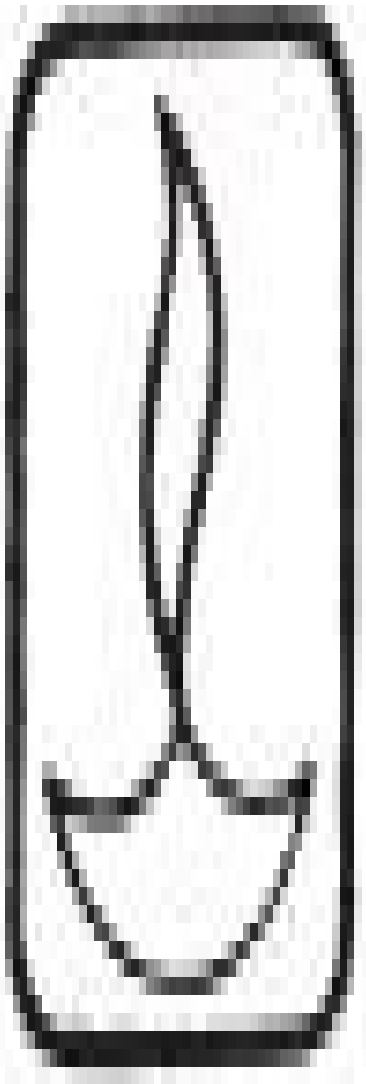
OBSERVAÇÕES FEITAS POR

Sir Isaac Newton

Tradução:

CARLOS A. L. SALUM

ANA LUCIA DA ROCHA FRANCO



EDITORA PENSAMENTO

São Paulo

OBSERVATIONS

UPON THE

PROPHECIES

OF

DANIEL,

AND THE

APOCALYPSE

OF

St. *JOHN.*

In Two Parts.

By Sir *ISAAC NEWTON.*

LONDON,

Printed by J. Darby and T. Brownes in *Bartholomew-Close.*

And Sold by J. Roberts in *Warwick-lane*, J. Tonson in the *Strand*, W. Innys and R. Manby at the West End of St. *Paul's Church-Yard*, J. Osborn and T. Longman in *Pater-Noster-Row*, J. Noon near *Mercers Chapel* in *Cheapside*, T. Hatchett at the *Royal Exchange*, S. Harding in St. *Martin's lane*, J. Stagg in *Westminster-Hall*, J. Parker in *Pall-mall*, and J. Brindley in *New Bond-street.*

MDCCXXXIII.

SUMÁRIO

Introdução

PARTE UM

OBSERVAÇÕES SOBRE AS PROFECIAS DE DANIEL

1 Os compiladores dos livros do Velho Testamento

2 A linguagem profética

3 Da visão da imagem de quatro metais

4 Da visão das quatro bestas

5 Dos reinos representados pelos pés de ferro e barro

6 Dos dez reinos representados pelos dez chifres

7 Do undécimo chifre da quarta besta

8 Do poder do undécimo chifre de mudar os tempos e as leis

9 Dos reinos representados em Daniel pelo carneiro e pelo bode

10 Da profecia das setenta semanas

11 Da época do nascimento e da paixão de Cristo

12 Da profecia da escritura da verdade

13 Do rei que agiu ao seu bel-prazer, exaltando-se e engrandecendo-se acima de todos os deuses, venceu os maozins e mostrou-se indiferente ao favorito das mulheres.

14 Dos maozins, venerados pelo rei que age ao seu bel-prazer

PARTE DOIS

OBSERVAÇÕES SOBRE O APOCALIPSE DE SÃO JOÃO

1 Época em que foi escrito o Apocalipse

2 Das relações entre o Apocalipse e o livro da lei de Moisés e o culto de Deus do Templo

3 Da relação entre as profecias de João e de Daniel: O assunto da profecia

ADVERTÊNCIA

INTRODUÇÃO

Na época trepidante que estamos vivendo, as biografias adquiriram um certo prestígio e um lugar no movimento publicitário. Mediante leituras apressadas, o homem moderno quer saber quem foram as grandes figuras do passado e busca os retratos literários que, comumente, são como as pinturas: ajeitadas, embelezadas ou deformadas, segundo a escola do pintor, o seu modo pessoal de sentir e de interpretar. Assim, dificilmente ter-se-á um retrato fiel de corpo inteiro, isto é, um retrato moral e, sobretudo, espiritual do biografado. E aqui tomamos o vocábulo “espiritual” no sentido de capacidade criadora e de elemento contribuinte para a compreensão da ordem reinante no universo.

Sir Isaac Newton está nesse caso.

Por certo que, se folhearmos algumas das suas biografias, colheremos facilmente dados originalíssimos e um repertório anedótico. Ficaremos sabendo que, ao nascer, pesava menos de um quilo e meio; que isso ocorreu na noite de Natal, do ano de 1642, na mansão dos Woolsthorpe, perto de Colsterworth; que não conheceu o pai, pois a mãe, Hannah Ayscough, enviuvara em plena lua-de-mel; que, tendo ela contraído segundas núpcias dois anos depois, o padrasto, reverendo Barnabas Smith, não quis saber do garoto, que foi enviado à avó, em North Witham. Outras informações poderiam ser acrescentadas, como estas: lsaac estudou no colégio de Skillington Stokes, depois no liceu de Grantham; a mãe enviuvou pela segunda vez, ficando com três herdeiros do reverendo Barnabas e nenhum dinheiro; esses três herdeiros eram duas meninas e um menino, o mesmo Benjamin Smith que, mais tarde, após a morte do genial irmão, invadiria a História, escrevendo a dedicatória do presente livro a Peter Lord King, amigo de Isaac Newton. Saberemos ainda que, desapontando as esperanças maternas de o fazer agricultor naquela mesma herdade onde nascera, foi mandado novamente para a escola. Cursou o Trinity College, de Cambridge, cujas aulas foram interrompidas pela peste que então assolava a Inglaterra. Seus estudos foram, assim, cheios de dificuldades e interrupções.

Admite-se em geral que, à época em que o obrigaram a tentar a agricultura, fez suas primeiras observações sobre a velocidade e a força do vento, e também sobre a luz. Parece que nesse mesmo período preocupou-se com a gravitação universal, ainda que não tivesse conhecimentos matemáticos que lhe permitissem traduzir uma idéia abstrata para a sua expressão algébrica.

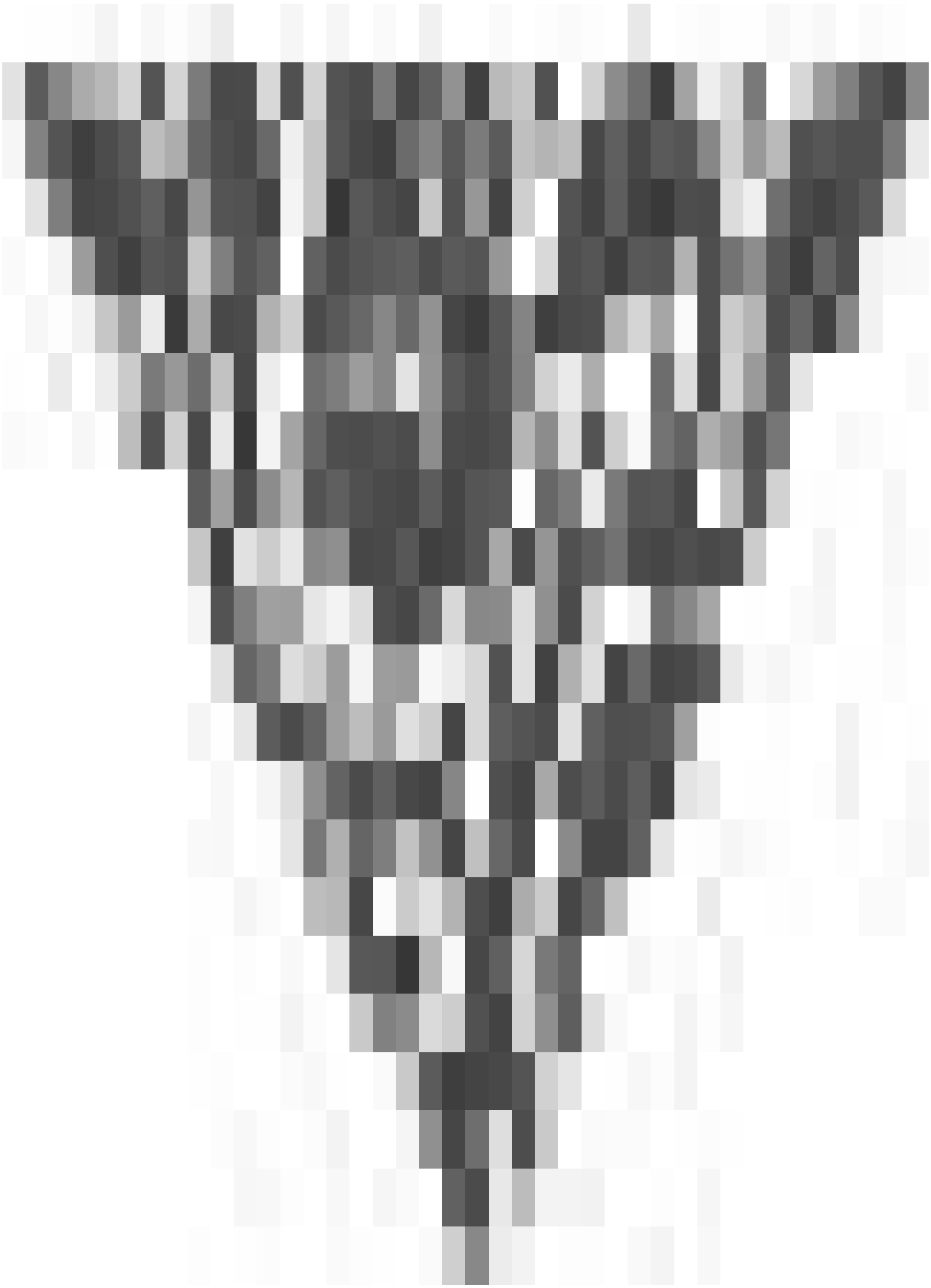
Acreditam os ingleses que é dessa época a história da maçã e, assim, uma certa macieira da herdade onde viveu chegou a ser apontada como a mais célebre da sua espécie, depois daquela primeira que, no Paraíso, provocou a queda de Adão.

Muitas páginas poderiam ser escritas sobre um namoro infeliz com uma prima, circunstância que talvez tenha contribuído para que tivesse sido um jovem sem mocidade e um celibatário. Entretanto, essas páginas tomariam um colorido alegre se entrássemos pelo anedotário das grandes distrações e dos lapsos de Isaac Newton como, por exemplo, a longa viagem que fez a pé, puxando pelas rédeas o cavalo que devia montar.

Tudo isso, porém, é de pouco interesse. E se é verdade que a sua saúde mental recebeu um tremendo choque quando Diamond, o cachorro predileto, derrubou um candeeiro aceso sobre a sua mesa de trabalho, queimando notas que representavam vinte anos de acurados estudos, é certo também que superou a crise e que, para o resto da vida, aplicou-se ao estudo da Teologia, deixando trabalhos como este que aqui apresentamos, cuja compreensão requer, na verdade, um certo apego às coisas espirituais e uma isenção de ânimo que raramente se encontra nos religiosos comuns, em geral limitados e intolerantes. Tanto é certo que, ao falecer, aos 85 anos de idade, pôde proferir estas palavras serenas:

“Não sei que impressão darei ao mundo … Para mim, entretanto, penso que fui apenas uma criança a brincar numa praia, distraindo-me com encontrar, vez por

outra, uma pedrinha mais polida ou uma concha mais bonita, quando à minha frente o grande oceano da verdade se espraiava desconhecido … Se vi mais que Descartes, é que subi nos ombros de gigantes.”



Quem eram esses gigantes com os quais se ombreou?

É toda uma família ilustre, cujos trabalhos tiveram, por assim dizer, uma seriação e uma continuidade. Essa série ficou marcada por nomes que, na esteira do progresso do pensamento humano, valem por marcos miliários. Apontemos alguns apenas: Pitágoras, Copérnico, Galileu, Kepler e, por fim, o próprio Newton.

Pitágoras foi o filósofo grego e grande matemático que, embora lendário para certos críticos, admite-se em geral que viveu no século VI antes de Cristo. Nasceu em Samos e foi o fundador da escola dita pitagórica, itálica ou de Crotona. Entre outras coisas notáveis no campo das matemáticas, a ele ou a sua escola devemos: o célebre teorema da hipotenusa, o sistema decimal, a hipótese da esfericidade da Terra e do Sol, o cálculo da obliqüidade da eclíptica e a explicação dos eclipses. Estendendo os seus estudos ao campo filosófico, admitiam os pitagóricos a pluralidade das existências, reputada como via única para explicar as diversificações morais, intelectuais e espirituais e para atingir a perfeição, que é a suprema finalidade do nosso Ser eterno.

É de se notar o avanço que isso representa, à vista dos conceitos cosmogônicos e religiosos prevalentes na época. Onde teriam bebido tais ensinos? Como teriam chegado a tais conclusões, sem todo o aparelhamento científico de que hoje dispomos, para pesquisa e para a realização de cálculos complexos? Então, ficamos sem saber o que mais admirar: se a genialidade daquela plêiade, se o embrutecimento geral, imposto pelos poderosos durante aquela noite que foi a Idade Média, que requer vinte séculos para o surgimento de outro gigante capaz de sondar os céus e revolucionar os conceitos sobre os quais se assentava a astronomia: Nicolau Copérnico.

O grande polonês nasceu em Thorn, em 1473. Pode-se dizer, entretanto, que é

um gênio italiano, pois na Itália viveu e estudou e, por certo, foram os mestres de Roma e de Bolonha que lhe forneceram os elementos bebidos na escola pitagórica e desenvolvidos de maneira sutil e anônima, pelo tempo afora, para o estabelecimento do chamado Sistema de Copérnico, publicado alguns anos antes da sua morte, na notável De Revolutionibus orbium coelestium.

A Copérnico, na verdade, devemos uma completa revolução nos conceitos astronômicos: passamos do sistema geocêntrico de Ptolomeu ao atual sistema heliocêntrico, que estabelece: I – que o Sol é o centro de um sistema de planetas, cada um dos quais tem um movimento de rotação em torno do seu eixo e outro de translação ou de revolução, ao redor do Sol, do Ocidente para o Oriente; II – que os planetas são dotados de velocidades diversas e se movem numa órbita elíptica e inclinada; III – que em torno dos planetas giram outros corpos, os satélites, também dotados de movimento de translação ou, em outras palavras, girando em torno do Sol conjuntamente com os planetas a que estão subordinados.

O Sistema de Copérnico foi confirmado, um século mais tarde, por Galileu e demonstrado plenamente por outro grande astrônomo – Kepler – em suas três leis fundamentais, de que falaremos adiante.

Copérnico morreu em Frauenburg, no ano de 1543. Vinte e um anos depois, nascia em Pisa uma das mais curiosas figuras que o mundo conheceu: Galileu Galilei.

Iniciando-se nos estudos de medicina, abandonou-os para seguir as matemáticas e foi nomeado professor no Studio de Pisa, aos 25 anos de idade. Atraiu a animosidade dos pensadores aristotélicos e teve que aceitar a oferta de uma cátedra no Studio de Pádua em 1592, onde viveu e ensinou serenamente; em 1610, transferiu-se para Florença, a convite do Grão-duque Cosme II, tendo sido nomeado “primario matematico dello Studio de Pisa e filosofo della Corte Medicea”.

É nessa data que a Igreja Católica começa a hostilizá-lo pelo fato de sustentar o Sistema de Copérnico. Em 1616, foi levado ao tribunal do Santo Ofício, onde o Cardeal Bellarmino o intimou a abandonar aquele sistema, declarado contrário aos textos das Sagradas Escrituras.

Tendo publicado posteriormente o Saggiatore e o Dialogo sopra i due massimi sistemi, foi submetido a processo regular em 1632, cujo julgamento durou de fevereiro a junho do ano seguinte, terminando com a sentença que o condenava ao cárcere, proibia os seus livros e o obrigava, durante três anos, a recitar semanalmente os salmos da penitência.

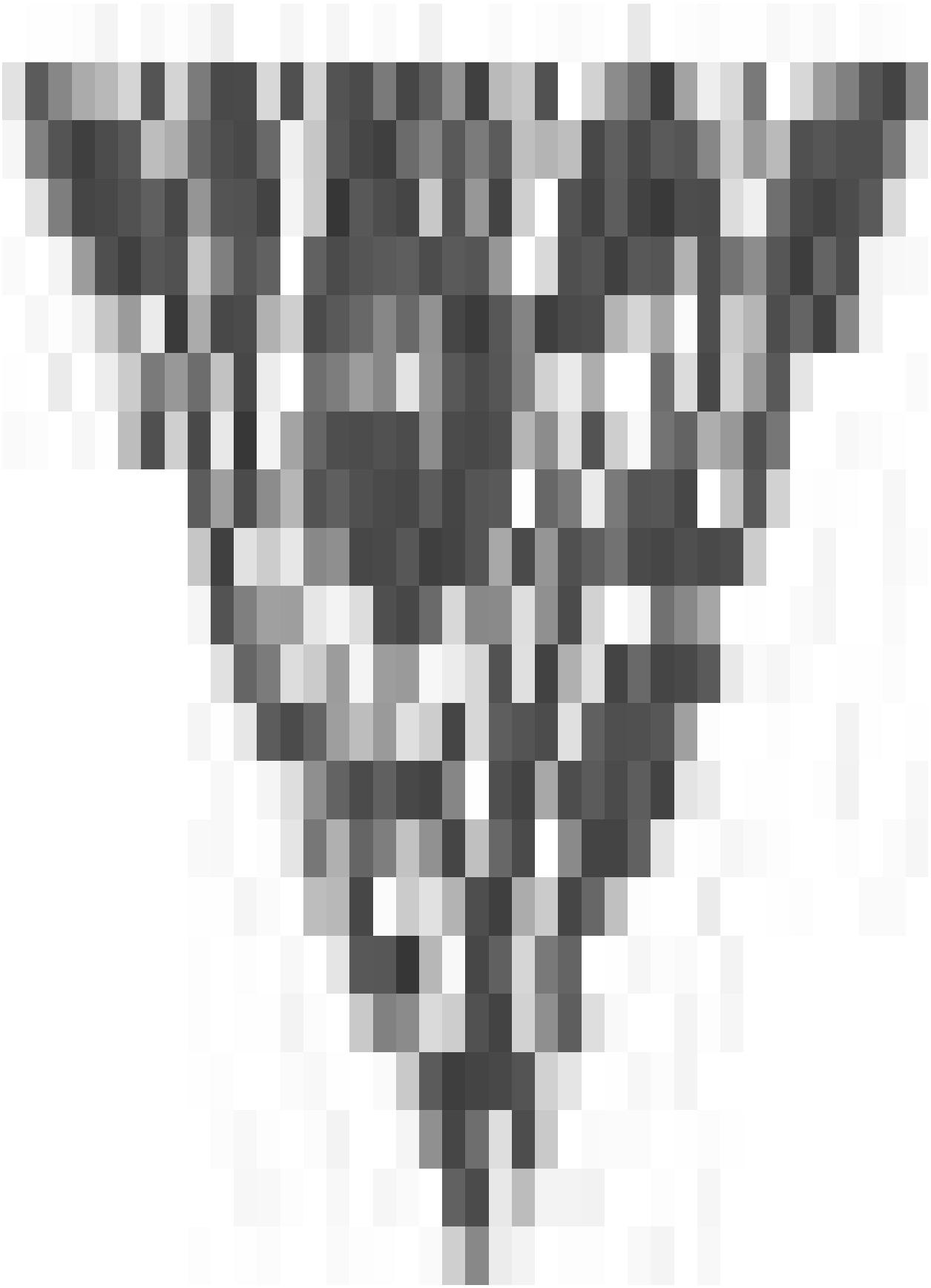
Morreu cego, moralmente torturado, no ano de 1642, na sua vila em Arcetri; mas foi sepultado em Florença, na Igreja de Santa Cruz.

Galileu foi o fundador do método experimental. Deixou uma grande contribuição no campo científico, como o enunciado da lei do isocronismo do pêndulo, a teoria da queda dos corpos, a invenção do telescópio, do termoscópio e da balança hidrostática; reconheceu o movimento da Terra, estudou os satélites de Júpiter, os anéis de Saturno, as fases de Vênus e as manchas solares. Escrevia com simplicidade, elegância e clareza. Entre os vinte volumes que deixou destacam-se, além das obras citadas, Discorsi e dimostrazioni matematiche intorno a due nove science e Del flusso e reflusso del mare.

Estava, porém, reservado a Johann Kepler, o grande astrônomo alemão, nascido em Weil, no Wurtemberg, em 1571, fazer a demonstração matemática dos enunciados de Copérnico e de Galileu. Gênio singular, perseguido incessantemente pela intolerância religiosa, já que enxergava muito mais longe do que todos os teólogos, deixou uma obra – Astronomia nova – em que, partindo da mesma Teologia, chegava à conclusão de que no universo devem existir relações matemáticas. E, de indagação em indagação, lançou as bases da

astronomia moderna, enunciando três leis fundamentais, chamadas as leis de Kepler: 1ª – os planetas descrevem órbitas elípticas em torno do Sol, que ocupa um dos focos da elipse descrita; 2ª – o segmento imaginário que une o centro do sol e o centro do planeta varre áreas proporcionais aos intervalos de tempo dos percursos; 3ª – o quadrado do período de revolução de cada planeta é proporcional ao cubo do raio médio da respectiva órbita.

Foi ele o primeiro a calcular com exatidão a latitude e a longitude. Faleceu em 1630, legando-nos ainda outra obra: Harmoniae mundi.



Foram esses gênios que construíram a plataforma de onde Isaac Newton rasgaria a imensidade dos espaços para nos permitir a contemplação das magnificências da obra da Criação e a compreensão das leis que regem a dinâmica portentosa do equilíbrio interplanetário.

Não havia ainda o jovem Newton concluído os estudos universitários e já a sua obra de matemático, de físico e de astrônomo estava praticamente realizada. Antes dos 25 anos de idade, já havia feito coisas notáveis: I – a decomposição da "branca luz do infinito", assinalando o grau de refrangibilidade de cada um dos raios em que ela se decompõe; II – possibilitou o emprego dos raios ultravioleta, por meio de um jogo adequado de prismas; III – concebeu, alguns anos antes de Huyghens, as leis da força centrífuga; IV – considerando que a imperfeição do telescópio inventado por Galileu não se devia à imperfeição das lentes, pois estas não alteravam a natureza da luz, mas ao fenômeno de refração, inventou o telescópio de reflexão; V – descobriu o movimento de precessão dos equinócios; VI – inventou o Cálculo Diferencial ao mesmo tempo que Leibnitz, embora não se conhecessem; VII – concebeu a gravitação universal, embora não tivesse tido ainda a possibilidade prática de apresentar a sua expressão matemática.

Esta última concepção o preocupara desde muito jovem: meditava sobre o fenômeno da funda e sobre o copo de leite, que não derramava quando posto sobre o raio de uma roda à qual se imprimisse velocidade. E estabeleceu um símile: a Lua era a pedra da funda; a Terra era a mão de Davi; a gravidade era a corda. E fez os seus cálculos para chegar a uma conclusão aparentemente absurda: a Lua estava fora de lugar! Seria possível? Tinha então 23 anos e pensou muito sabiamente: "Deixemos para pensar nisso mais tarde."

Mais tarde, o francês Picard calculou o arco do meridiano e verificou que o grau respectivo não era de pouco mais de 96 quilômetros, como geralmente se admitia, mas de quase 112 quilômetros. Newton estava então com 30 anos. O trabalho de Picard demonstrava que os seus primeiros cálculos haviam esbarrado no absurdo porque partira de dados errados: a Terra era maior do que se admitia.

A conclusão a que chegara sete anos antes mostrava que a Lua cairia na direção da Terra numa velocidade pouco maior de 13 pés. No entanto, se a sua hipótese da gravitação universal estivesse certa, o resultado deveria ser de 16 pés. Agitado, refez os cálculos e verificou a exatidão da sua hipótese; descobrira o segredo do Universo e, no dizer de Grove Wilson, formava com Kepler e Galileu "o trio que havia forçado o Sol e as estrelas a contar aos homens a sua verdadeira história".

Todos conheciam a existência da gravidade; conhecidas eram as órbitas dos planetas, mas não se sabia por que nelas se mantêm e por que conservam a sua marcha harmoniosa.

Coube a Newton fazer a aplicação das leis de Galileu e de Kepler na demonstração daquilo que lhe brotara como simples hipótese: i – os corpos se atraem na razão direta das massas e inversa do quadrado das distâncias; ii – a toda ação corresponde uma reação igual e contrária.

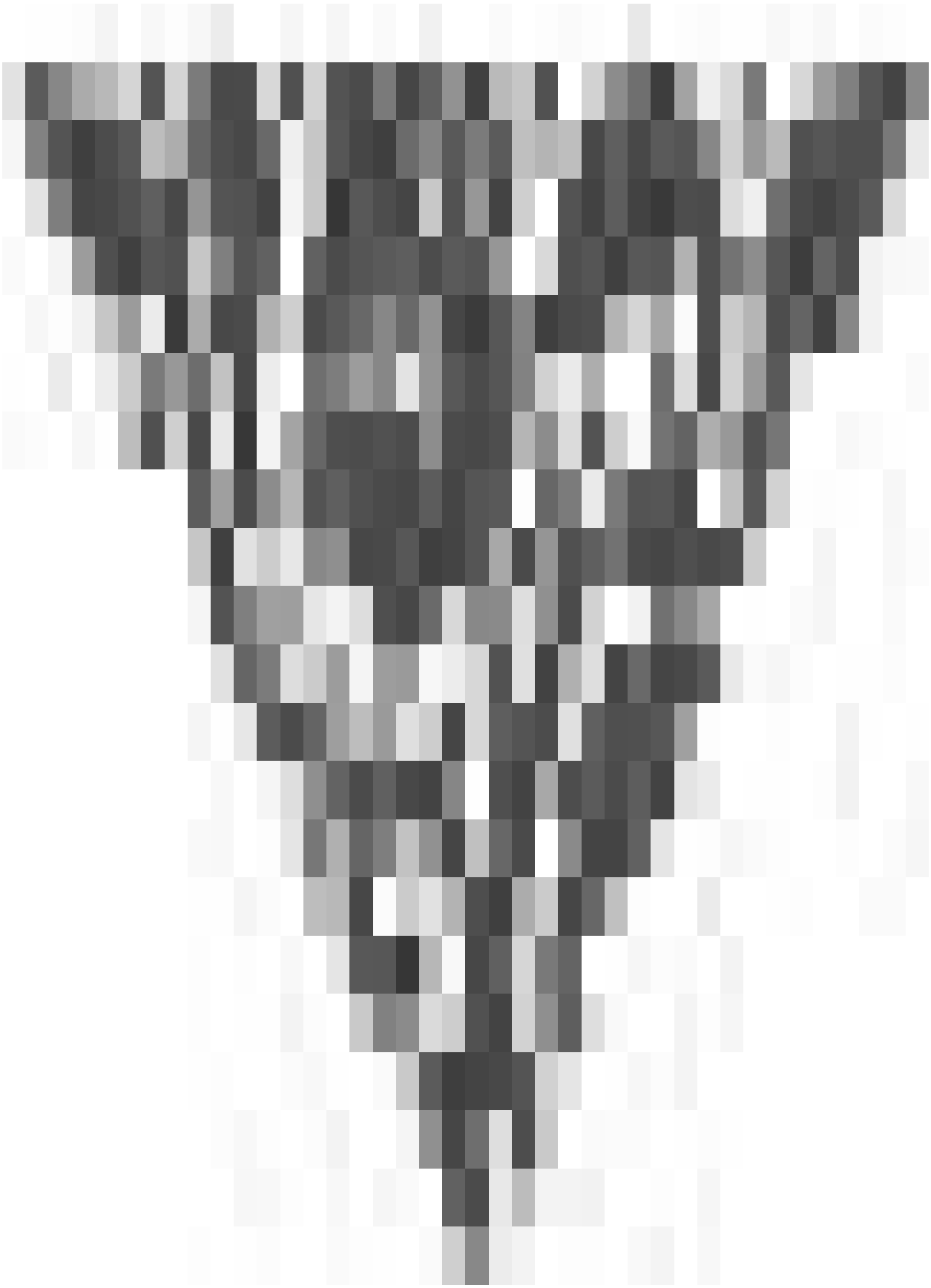
Assim, todas as velhas hipóteses cosmogônicas, sustentadas nos livros sagrados das religiões, ou caíram como falsidades ou se alinharam no rol dos simbolismos e, assim, das alegorias que, infelizmente, criaturas fanáticas e despreparadas tomam ao pé da letra.

Newton terminou o curso superior aos 26 anos. No ano seguinte, foi nomeado para a Cadeira Lucasiana de Matemáticas, em Cambridge.

É digno de nota o fato de não ter dado publicidade às suas descobertas, principalmente sobre a gravitação. Tanto assim que, ao ser procurado por Edmund Halley, que buscava a solução do magno problema de demonstrar a relação entre a órbita de um planeta, que devia ser uma elipse, e o inverso do quadrado do raio vetor que o une ao Sol, Newton lhe mostrou que já havia feito

esse cálculo.

Só então, e com certa relutância, permitiu que Halley publicasse os seus trabalhos – os Principia. Estava com 45 anos e todas as suas invenções e descobertas tinham sido feitas havia mais de vinte anos!



Mas estava pobre. Lord Halifax compreendeu que um dos maiores gênios da humanidade tinha que viver com um padrão mais elevado e o fez diretor da Casa da Moeda. A despeito disso, continuou a viver de maneira modesta, entregue aos livros, principalmente de Teologia, a cujo estudo se apegou.

Em 1703, recebeu uma homenagem: foi eleito presidente da Royal Society, cargo para o qual continuou a ser reeleito até a morte.

Muitos dos seus biógrafos consideram de menor valor os seus trabalhos sobre Teologia e, em geral, sobre questões religiosas, seja por não terem compreendido a grandeza do seu espírito, seja por não terem compreendido o sentido desses problemas, que religiosos de todos os credos denominam transcendentes, com o duplo objetivo de incensar a própria vaidade e de manter sob o seu domínio espiritual, moral e, sobretudo, econômico, as grandes massas descuidosas desse importante setor da nossa atividade e da nossa vida.

Sir Isaac Newton, entretanto, nos dá esta lição magnífica: revela ao homem a esplêndida harmonia dos mundos siderais; arranca a esses mundos o segredo das leis que os regem e que revelam, no seu nascimento, na sua vida e na sua morte, uma inteligência, uma sabedoria e uma providência infinitas; depois medita no velho conceito grego da similitude entre o macrocosmo e o microcosmo; vem à sua mente o célebre dístico da fachada do templo de Delfos – “Conhece-te a ti mesmo”. E encerra as suas atividades de matemático, de físico e de astrônomo para realizar o seu destino, que é o destino de todos: ser um Homem.

Para tanto, debruçou-se sobre o Livro da Humanidade – a Bíblia – e, no dizer do próprio irmão, “fez da religião um estudo voluntário e, em todas as suas pesquisas e ações, mostrou o mesmo inflexível apego à Verdade e à Virtude”.

São Paulo, 10 de outubro de 1950.

J.A.F.

To the Right Honourable

P E T E R

Lord *K I N G*,

Baron of *Ockham*, Lord High Chancellor of *Great-Britain*.

My Lord,

I *SHALL make no Apology for addreſſing the following Sheets to Your Lordſhip, who lived in a long Intercourſe of Friendſhip with the Author; and, like him, amidſt occupations*

of a different nature, made Religion your voluntary Study; and in all your Enquiries and Actions, have ſhewn the ſame inflexible Adherence to Truth and Virtue.

I ſhall always reckon it one of the Advantages of my Relation to Sir Iſaac Newton, *that it affords me an opportunity of making this publick acknowledgment of the unfeigned Reſpect of,*

My Lord,

Your Lordſhip's

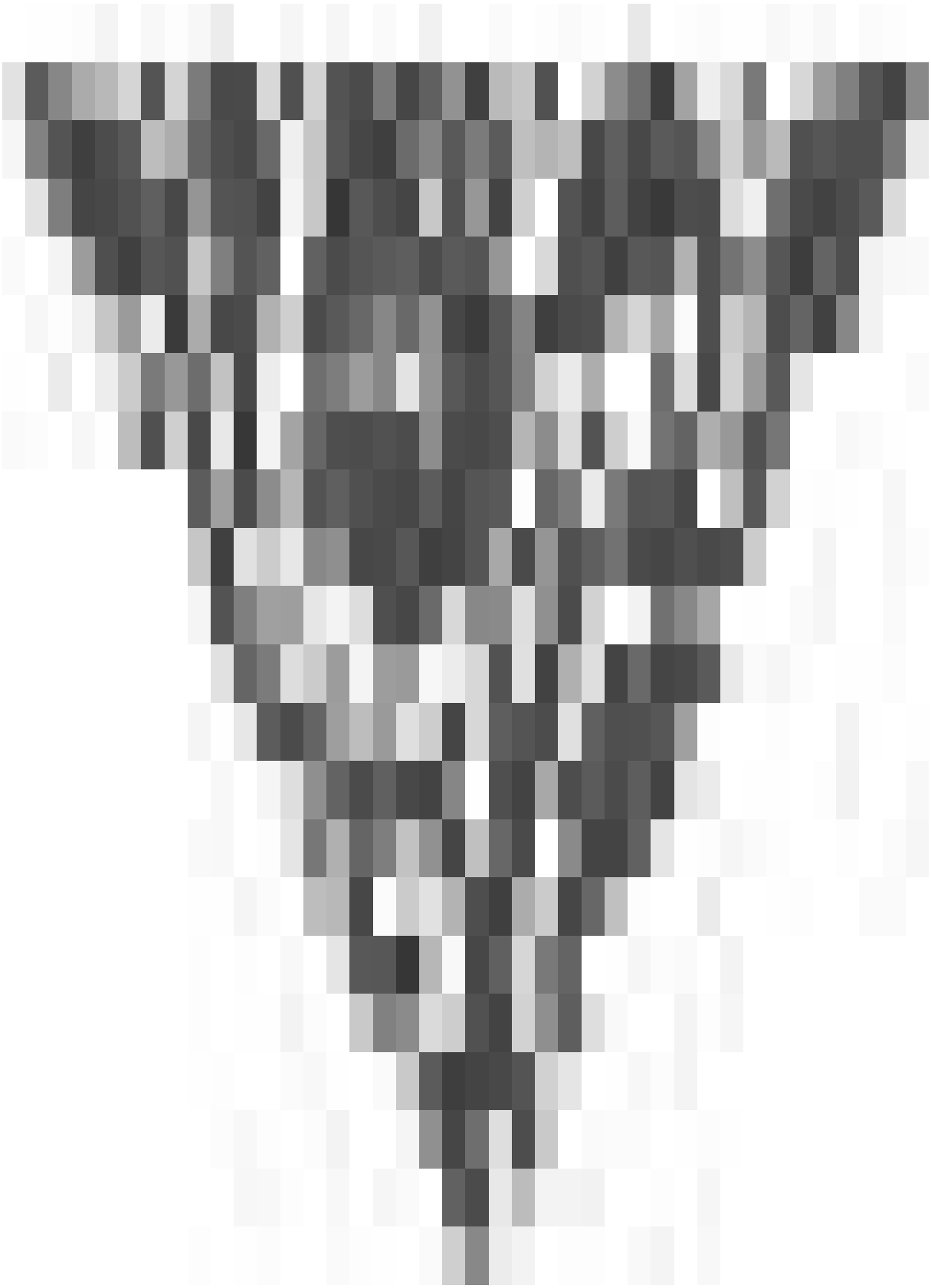
moſt obedient, and

moſt humble Servant,

Benj. Smith.

Parte Um

OBSERVAÇÕES SOBRE AS PROFECIAS DE DANIEL



1

Os compiladores dos livros do Velho Testamento

Quando MANASSÉS instalou uma imagem esculpida na casa do Senhor e nos dois pátios construiu altares dedicados a todos os hóspedes do céu; quando, praticando encantamentos e feitiçaria, usou espíritos familiares[1] e, por sua maldade, foi invadido pelo exército de ASSERHADON rei da ASSÍRIA, que o levou cativo para a BABILÔNIA – o livro da Lei foi perdido e assim permaneceu até o ano décimo oitavo do reinado do seu neto, JOSIAS. Então, ao restaurar o Templo, aí o encontrou o sumo sacerdote Helcias. O rei, lamentando que seus pais não tivessem seguido as palavras do livro, determinou que o mesmo fosse lido ao povo, a quem fez renovar a santa aliança com Deus.[2] Esse é o atual livro da Lei.

Quando SESAQUE veio do EGITO, saqueou o Templo e submeteu JUDÁ à monarquia egípcia[3] (no quinto ano de ROBOÃO), o povo judeu continuou sob grandes perturbações por cerca de trinta anos. Israel viverá muitos dias sem o Deus verdadeiro, sem sacerdote para ensiná-lo e sem lei (…) Nesse tempo, nenhum adulto conhecerá a paz, mas tribulações múltiplas recairão sobre todos os habitantes do país. As nações e cidades se baterão umas contra as outras, pois Deus as ferirá com toda espécie de tribulações.[4] Mas, quando SESAQUE morreu e o Egito foi tomado pela desordem, JUDÁ teve paz por dez anos.[5] Naquele tempo, ASA edificou cidades fortificadas em JUDÁ e organizou um exército de 580 mil homens. Assim, no décimo quinto ano do seu reinado, enfrentou e venceu ZARA, o etíope, que tinha conquistado o EGITO, a LÍBIA e a TROGLODÍTICA e partido para a reconquista das regiões tomadas por SESAQUE, com um exército de um milhão de líbios e etíopes.[6] Depois dessa vitória, ASA destronou a própria mãe, sob o pretexto de idolatria; renovou o altar e levou para o Templo novas baixelas de ouro e prata; ele e o povo entraram numa nova aliança para buscar o Senhor Deus dos seus pais, sob pena de morte

aos adoradores de outros deuses; seu filho JOSAFÁ destruiu os altares e, no terceiro ano de reinado, enviou alguns dos seus príncipes, sacerdotes e levitas para ensinar nas cidades de JUDÁ: estes levavam o livro da Lei e percorreram quase todas as cidades de JUDÁ ensinando ao povo. É esse o livro da Lei que depois foi perdido no reinado de MANASSÉS e encontrado no de JOSIAS: escrito, portanto, antes do terceiro ano do reinado de JOSAFÁ.

O mesmo livro da Lei foi conservado e legado à posteridade pelos SAMARITANOS, sendo recebido pelas dez tribos antes do cativeiro. Tanto que, quando estas foram escravizadas, um sacerdote cativo foi mandado de volta a BETEL,[7] por ordem do rei da ASSÍRIA, para ensinar aos novos habitantes de SAMARIA o costume do Deus do país. Por meio desse sacerdote, os SAMARITANOS conheceram o PENTATEUCO com a lei ou costume do Deus do país, que o mesmo lhes deveria ensinar.[8] Como perseveraram na religião que lhes havia sido ensinada, juntando a ela a adoração dos próprios deuses, e como perseveraram no que tinham aprendido, conservaram esse livro da Lei nos caracteres originais dos HEBREUS, enquanto as duas tribos, ao voltar do cativeiro, adotaram os caracteres dos CALDEUS, aprendidos na BABILÔNIA.

Já que o PENTATEUCO foi recebido como livro da Lei tanto pelas duas tribos, quanto pelas dez, segue-se que isso se deu antes de se dividirem em dois reinos já que, depois da divisão, não receberam mais leis uns dos outros, mas continuaram em divergência. JUDÁ não podia resgatar ISRAEL do pecado de JEROBOÃO, e ISRAEL não podia induzir JUDÁ a ele. Assim, o PENTATEUCO era o livro da Lei nos dias de DAVI e de SALOMÃO. Os assuntos do Tabernáculo e do Templo eram regulados por DAVI e por SALOMÃO conforme a Lei desse livro. No Salmo 78, quando DAVI adverte o povo a dar ouvidos à Lei de Deus, ele se refere à Lei desse livro. Tanto que, ao dizer que os seus antepassados não a tinham seguido, ele cita passagens históricas do ÊXODO e de NÚMEROS.

A árvore dos reis de EDOM, antes que qualquer rei tivesse reinado sobre ISRAEL, é apresentada no GÊNESIS.[9] Assim, esse livro não foi escrito antes do

reinado de SAUL, na forma que tem agora. O autor registrou a genealogia desses reis até a sua época e, portanto, escreveu antes de DAVI conquistar EDOM.

O PENTATEUCO contém a lei e a história do povo de Deus. A história foi coligida de vários livros, como a história da criação, composta por MOISÉS (Gn 11,4); o livro das gerações de ADÃO (Gn 5,1), e o livro das guerras do Senhor (Nm 21,4). O livro das guerras contém o que acorreu no MAR VERMELHO e a perambulação de ISRAEL pelo deserto. Deve, pois, ter sido começado por MOISÉS e continuado por JOSUÉ até a conquista de CANAÃ. JOSUÉ escreveu algumas coisas no livro da Lei de Deus (Js 24,26) e, no livro das guerras, pode ter escrito sobre a sua, que foi a mais importante das guerras de Deus. Como eram livros públicos, não devem ter sido escritos sem a autorização de MOISÉS e JOSUÉ. E, no reinado de SAUL, SAMUEL teve a oportunidade de os pôr na forma que agora têm os livros de MOISÉS e JOSUÉ, enxertando no GÊNESIS a genealogia dos reis de EDOM, até que aí reinasse um rei de ISRAEL.

O livro dos JUÍZES é a história contínua dos JUÍZES até a morte de SANSÃO. Portanto, foi compilado depois da sua morte a partir dos atos dos JUÍZES. Como esse livro fala de muitas coisas que ocorreram quando não havia rei em ISRAEL (Jz 17,6; 18,1; 19,1; 21,25), ele deve ter sido escrito depois do começo do reinado de SAUL. Foi escrito quando os JEBUSEUS habitavam JERUSALÉM (Jz 1,21) e, portanto, antes do oitavo ano de DAVI (2Sm 5,8 e 1Cr 11,6). Os livros de MOISÉS, JOSUÉ e JUÍZES contam uma história contínua, desde a criação até a morte de SANSÃO. Onde termina o PENTATEUCO começa o livro de JOSUÉ e, onde termina JOSUÉ, principia o livro dos JUÍZES. Assim, todos eles foram compostos a partir dos escritos de MOISÉS, de JOSUÉ e de outras fontes, por uma só pena, depois de iniciado o reinado de SAUL e antes do oitavo ano do reinado de DAVI.

SAMUEL era um escritor sacro (1Sm 10,25), familiarizado com a história de MOISÉS e dos JUÍZES (1Sm 12,8-12). Durante o reinado de SAUL, teve oportunidade e autoridade para escrevê-la. Era profeta e julgou ISRAEL durante toda a vida, sendo muito estimado pelo povo. E a Lei pela qual o povo era

julgado não teria sido publicada por uma autoridade inferior à sua, já que o legislador não seria inferior ao juiz. E o Livro do JUSTO, mencionado por JOSUÉ, já existia quando SAUL morreu (2Sm 1,18).

Na consagração do Templo de Salomão, quando a Arca foi levada para o Santo dos Santos, aí não havia senão as duas tábuas (1Rs 8,9). Portanto, quando os FILISTEUS pegaram a Arca, devem ter tirado dela o livro da Lei, o vaso de ouro do MANÁ e a vara de AARÃO. Na devastação de ISRAEL pela conquista dos FILISTEUS, essas e outras perdas poderiam, numa trégua concedida por esses inimigos, ter proporcionado a SAMUEL o ensejo de recolher os escritos esparsos de MOISÉS e JOSUÉ, além dos registros dos Patriarcas e Juízes, e de os compor na sua forma atual.

O livro de RUTE é a história de coisas passadas nos dias dos JUÍZES e pode ser considerado como um apêndice ao livro dos JUÍZES, escrito pelo mesmo autor e ao mesmo tempo. Foi escrito depois do nascimento de DAVI (Rt 4,17.22) mas não muito depois, já que a história de BOAZ e RUTE, bisavós de DAVI, bem como a de seus contemporâneos, não estaria bem conservada depois de duas ou três gerações. E, como o livro deriva a genealogia de DAVI de BOAZ e RUTE, omitindo os seus irmãos mais velhos e seus filhos, deve ter sido escrito em honra a DAVI, depois de ungido rei por SAMUEL e antes de ter filhos em HEBRON, ou seja, no reinado de SAUL. A história de DAVI não continua. Parece, assim, ter sido escrita logo após a sua unção.

Devem estar certos os que atribuem a SAMUEL a autoria dos livros de JOSUÉ, JUÍZES E RUTE.

SAMUEL também é considerado autor do primeiro livro de SAMUEL, até a época da sua morte. Os dois livros de SAMUEL não citam autores, parecendo ser originais. Começam com a sua genealogia, nascimento e educação, podendo ter sido escritos em parte por ele mesmo ou, durante a sua vida, pelos seus discípulos, os profetas de NAIOT em RAMÁ (1Sm 19,1820) e, em parte, depois

da sua morte, pelos mesmos discípulos.

Os livros dos REIS citam outros autores, como o livro dos ATOS DE SALOMÃO, o livro das CRÔNICAS DOS REIS DE ISRAEL e o das CRÔNICAS DOS REIS DE JUDÁ. Os livros das CRÔNICAS citam o livro de SAMUEL, o Vidente, o livro de NATÃ, o Profeta, e o livro de GAD, o Vidente, a respeito dos Atos de DAVI; o livro do Profeta NATÃ, a profecia de AÍAS, o SILONITA e as visões de IDO, o Vidente, a respeito dos Atos DE SALOMÃO; o livro do Profeta SEMEÍAS e do Vidente IDO sobre as genealogias, a respeito dos Atos de ROBOÃO e AÍAS; o livro dos REIS DE JUDÁ e de ISRAEL a respeito dos Atos de ASA, JOÁS, AMASIAS, JOTÃO, ACÁS, EZEQUIEL, MANASSÉS E JOSIAS; o livro do Vidente HANANI a respeito dos Atos de JOSAFÁ; e as visões de ISAÍAS a respeito dos Atos de OSIAS e EZEQUIEL.

Esses livros foram, portanto, escritos a partir dos escritos históricos dos antigos videntes e profetas. E como os livros dos REIS e das CRÔNICAS citam uns aos outros, devem ter sido escritos na mesma época. E essa época foi depois do regresso do cativeiro na BABILÔNIA, pois indicam a história de JUDÁ e as genealogias dos Reis de JUDÁ e dos sumo sacerdotes durante o cativeiro. O livro de ESDRAS era originalmente uma parte do livro das CRÔNICAS, sendo depois separado dele, tanto que começa com os dois últimos versos do livro das CRÔNICAS. Foi, portanto ESDRAS o compilador dos livros dos REIS e das CRÔNICAS. Ele era um escriba conhecedor da Lei de Deus e NEEMIAS o ajudou nesse trabalho e, fundando uma biblioteca, reuniu os livros referentes aos reis e os profetas, os escritos de DAVI e as cartas dos reis sobre as oferendas (2Mc 10,13). Como ATOS de DAVI designo aqui os livros de SAMUEL ou ao menos o segundo deles. A partir dos ATOS DOS REIS, escritos periodicamente pelos profetas, ele escreveu os livros dos Reis de JUDÁ e ISRAEL, as CRÔNICAS dos Reis de JUDÁ e as dos Reis de ISRAEL. Assim, reuniu esses atos em ordem cronológica, copiando literalmente os autores, como se vê nos livros dos REIS e das CRÔNICAS, em freqüentes concordâncias de palavras e de sentenças. Onde há concordância de sentido, também ocorre a de palavras.

Assim, as profecias de ISAÍAS, escritas em momentos diversos, ele reuniu num só corpo. E fez o mesmo com as de JEREMIAS e as dos demais profetas, até a época do Segundo Templo. O livro de JONAS é a sua história escrita por outra pessoa. O de DANIEL é uma coleção de escritos de épocas diversas. Os seis últimos capítulos contêm as profecias escritas pelo próprio DANIEL em diferentes ocasiões; os seis primeiros, uma coleção de escritos históricos de outros autores. O quarto capítulo é um decreto de NABUCODONOSOR. O primeiro foi escrito depois da morte de DANIEL, pois nele se diz que o mesmo viveu até o primeiro ano do reinado de CIRO, ou seja, até o primeiro ano do domínio deste sobre os PERSAS e os MEDAS e o terceiro ano sobre a BABILÔNIA. Pelo mesmo motivo, o quinto e o sexto capítulos também foram escritos após a morte de DANIEL, pois terminam com estas palavras: Foi assim que Daniel prosperou durante o reinado de DARIO e também no reinado de CIRO, O PERSA. Essas palavras também devem ter sido adicionadas pelo organizador dos escritos, que suponho ter sido ESDRAS.

Parece que os salmos compostos por MOISÉS, DAVI e outros foram reunidos por ESDRAS num só volume. Acredito que tenha sido ele quem os colecionou porque a coleção contém alguns que são da época do cativeiro na BABILÔNIA, mas nenhum posterior.

Depois disso, ANTÍOCO EPÍFANES saqueou o templo, proibiu os JUDEUS de respeitar a Lei sob pena de morte e mandou queimar todos os livros sagrados que fossem encontrados. Nesses distúrbios, o livro das CRÔNICAS DOS REIS DE ISRAEL perdeu-se por completo. Passada a opressão, JUDAS MACABEU recolheu todos os escritos que lhe foi possível encontrar (2 Mc 2,14). Ao colocá-los em ordem, parte das profecias de ISAÍAS ou de outro profeta foi acrescentada ao final das profecias de ZACARIAS. E o livro de ESDRAS foi separado das CRÔNICAS e organizado em duas ordens diferentes: o livro de ESDRAS incluído no CÂNON e, numa outra ordem, o primeiro livro de ESDRAS.

Depois do CATIVEIRO ROMANO, para preservar as suas tradições, os

JUDEUS as puseram por escrito no TALMUDE. E, a fim de preservar as suas escrituras, elaboraram uma edição, pontuaram-na e incluíram letras de todos os tipos em todos os livros; como só essa edição foi conservada, vários ensinamentos mais antigos estão agora perdidos, com exceção dos que podem ser descobertos na versão dos SETENTA (ou SEPTUAGINTA). Assim, notas marginais e outras alterações, como as dos erros dos copistas, anteriores à preparação dessa edição, penetraram nos textos e são agora raras demais para se corrigir.

Antes do CATIVEIRO ROMANO, os JUDEUS dividiram os livros sagrados do seguinte modo: a Lei, os Profetas e a Hagiógrafa, ou escritos sagrados. E nas sinagogas eram lidos apenas a Lei e os Profetas. CRISTO e os seus apóstolos apoiaram a religião na Lei e nos Profetas (Mt 7,12; 22,4; Lc 16,16; 29,31; 24,44; At 24,14; 26,22; Rm 3,21). A Hagiógrafa compreendia os livros históricos, chamados JOSUÉ, JUÍZES, RUTE, SAMUEL, REIS, CRÔNICAS, ESDRAS, NEEMIAS e ESTER, o livro de JÓ, os SALMOS, os livros de SALOMÃO e as LAMENTAÇÕES. Os SAMARITANOS liam apenas o PENTATEUCO. E quando JOSAFÁ mandou ensinar nas cidades, os mestres levaram apenas o livro da Lei, já que as profecias agora existentes ainda não haviam sido escritas. Na volta do CATIVEIRO DA BABILÔNIA, ESDRAS leu para o povo apenas o livro da Lei, de manhã à noite, no primeiro dia do sétimo mês e, diariamente, durante a festa dos Tabernáculos. É que os escritos dos profetas ainda não haviam sido reunidos num volume, tal como se apresentam agora; mas instituiu-se a sua leitura, assim que a compilação foi concluída. A leitura dos livros da Lei e dos Profetas nas sinagogas os preservou da corrupção, mais que no caso da Hagiógrafa.

Na infância da nação de ISRAEL, Deus lhes deu a Lei e fez com eles uma aliança para ser o seu Deus, com a condição dos seus mandamentos serem respeitados – e enviou os profetas para exigir o seu cumprimento, pois várias vezes o haviam infringido, adorando outros deuses. Quando voltavam, muitas vezes renovavam a aliança que tinham quebrado. Esses profetas continuaram a ser enviados até os dias de ESDRAS. Mas depois que as suas profecias passaram a ser lidas nas sinagogas, julgou-se que já era o bastante. Porque, se o povo não ouvia MOISÉS e os velhos profetas, não ouviria nenhum profeta novo, mesmo

que se levantasse dos mortos. Por fim, quando surgiu uma nova verdade para ser pregada aos GENTIOS, isto é, que JESUS ERA O CRISTO, Deus mandou novos profetas e mestres. Entretanto, depois que os seus escritos foram recebidos e lidos nas sinagogas dos CRISTÃOS, a profecia cessou novamente. Temos MOISÉS, os PROFETAS, além das palavras do próprio CRISTO. Se não os ouvirmos, não seremos menos desculpáveis do que os JUDEUS. Porque os profetas e os apóstolos predisseram que, assim como ISRAEL tantas vezes se revoltou e rompeu a aliança, renovando-a depois pelo arrependimento, também entre os CRISTÃOS a mesma fraqueza ocorreria logo depois do tempo dos apóstolos; e que, nos últimos dias, Deus destruiria os revoltosos impertinentes, fazendo uma nova aliança com o seu povo. Dar ouvidos aos profetas é uma característica da verdadeira Igreja. Porque de tal modo Deus ordenou as profecias que, nos últimos dias, os maus agirão com maldade, e todos os maus ficarão sem compreender. Os que são esclarecidos, porém, compreenderão (Dn 12,9-10). A autoridade dos imperadores, reis e príncipes é humana; a autoridade dos concílios, sínodos, bispos e presbíteros é humana. Mas a autoridade dos profetas é divina e compreende toda a religião, reconhecendo MOISÉS e os apóstolos entre os profetas; e se um anjo do céu pregar um outro evangelho, que não o que foi dado, que seja anátema. As Escrituras contêm a aliança de Deus com o seu povo e as instruções para a sua observância; exemplos do julgamento de Deus sobre os que a desrespeitam e predições de coisas futuras. Enquanto o povo de Deus respeitar a aliança, continuará como o seu povo; quebrando-a, cessará de ser o seu povo e de ser a sua Igreja e se transformará na sinagoga de Satã, dizendo que são judeus quando não o são. E nenhum poder na Terra tem força para alterar essa aliança.

A predição de coisas futuras refere-se à situação da Igreja em todas as épocas: entre os velhos profetas, DANIEL é o mais específico na questão de datas e o mais fácil de ser entendido. Por isso, no que diz respeito aos últimos tempos, deve ser tomado como a chave para os demais.

NOTAS

1. 2Cr 33,5-7.

2. 2Cr 34.

3. 2Cr 12,2-4.8-9.

4. 2Cr 15,3.5-6.

5. 2Cr 14,1.6-9,12.

6. 2Cr 15,3.12-13.16.18.

7. 2Rs 17,27-28.32-33.

8. 2Rs 17,34.41.

9. Gn 36,31.

2

A linguagem profética

Para entender as profecias é necessário, antes de mais nada, estar familiarizado com a linguagem figurada dos profetas, extraída da analogia entre o mundo natural e um império ou reino, considerado como um mundo político.

De acordo com isso, o mundo natural inteiro, que compreende céu e terra, representa todo o mundo político, que compreende tronos e povo, ou a parte dele que é considerada na profecia. Coisas daquele mundo representam coisas análogas deste. Assim, o céu e o que nele está contido representam os tronos e as dignidades ou aqueles que as desfrutam, enquanto a Terra com suas coisas representa a massa popular; as partes inferiores da Terra, chamadas Hades ou Inferno, representam as camadas mais baixas ou miseráveis. Então, subir ao céu ou descer à Terra significa elevação ou queda do poder e das honras: elevar-se sobre a Terra ou sobre as águas quer dizer elevação a alguma dignidade ou domínio, partindo da condição inferior do povo, enquanto descer àqueles elementos significa perda da dignidade ou de domínio; descer às partes mais baixas da Terra significa descer a um estado infeliz e de rebaixamento; falar com voz fraca e como que saída do pó indica uma condição humilde e fraca; andar de um lugar a outro significa mudança de ofício, dignidade ou domínio; grandes terremotos e abalos do céu e da Terra indicam comoções de reinos, como separações e destruição; a criação de um novo céu e de uma nova Terra representa a passagem de um mundo antigo para um novo; o começo e o fim de um mundo traduzem o aparecimento e a ruína do corpo político por eles indicado.

Para os intérpretes de sonhos, o Sol e a Lua representam reis e rainhas. Mas, nas

profecias sacras, que não tratam de indivíduos, o Sol representa os reis em geral no reino ou reinos do mundo político, brilhando com poder e glória reais; a Lua simboliza o povo, tomado em seu conjunto, como a esposa do rei; as estrelas são os príncipes vassalos e os grandes homens – ou os bispos e os dirigentes do povo de Deus, quando o Sol é o CRISTO; a luz representa a glória, a verdade e a sabedoria quando, por meio de homens grandes ou bons, ilumina os outros; a escuridão indica condição obscura, erro, cegueira e ignorância; o escurecimento, o abalo ou o pôr-do-Sol, da Lua e das estrelas, representam o desaparecimento de um reino ou a sua devastação, proporcional à escuridão; o Sol escuro, a Lua coberta de sangue ou a queda das estrelas significam a mesma coisa; a Lua nova representa a volta de um povo disperso a um corpo político ou eclesiástico.

Fogo e meteoros se referem tanto ao céu quanto à Terra e têm a seguinte significação: a queima de alguma coisa no fogo representa o seu desaparecimento pela guerra; a conflagração da Terra ou a transformação de um país num lago de fogo é o desaparecimento de um reino pela guerra; estar num forno significa estar escravizado por outra nação; a fumaça subindo sem parar de algo que se queima representa um povo conquistado que continua sob a miséria da escravidão; o calor escaldante do Sol indica perturbações de guerras, perseguições e distúrbios infligidos pelo rei; passear nas nuvens quer dizer reinar sobre muitos povos; o Sol coberto por nuvens ou por fumaça é sinal de pressão sobre o rei, imposta por exércitos inimigos; ventos tempestuosos ou movimento de nuvens significam guerras; o trovão ou a voz de uma nuvem representam a voz do povo; uma tempestade de trovões e relâmpagos, com chuvas torrenciais, simboliza a tempestade da guerra descendo dos céus e das nuvens políticas sobre a cabeça dos inimigos; chuva moderada, orvalho e águas em movimento representam graças e doutrinas do Espírito; a falta de chuva indica pobreza espiritual.

Na Terra, o solo enxuto e águas congregadas, como um mar, um rio, uma enchente, simbolizam o povo de várias regiões, nações ou domínios; águas que se tornam salobras significam grandes aflições do povo por causa de guerras e perseguições; coisas que se transformam em sangue representam a morte mística de organismos políticos, isto é, a sua dissolução; a maré montante do mar ou de um rio significa invasão de um país pelo povo representado pelas águas; águas

que secam indicam a conquista dessas regiões pelos que representam a Terra. Fontes de água representam cidades, as nascentes dos rios políticos; montanhas e ilhas simbolizam as cidades da Terra e do mar político, com os territórios e domínios que lhes pertencem; cavernas e montanhas graníticas são os templos das cidades; homens que se escondem nessas cavernas e rochas representam ídolos trancados nos templos; casas e navios são famílias, ajuntamentos e cidades do todo político representado pela terra e pelo mar; e uma frota de guerra é um exército do reino representado pelo mar.

Animais e vegetais representam o povo de várias regiões e condições; árvores, ervas e animais terrestres especificamente representam um povo sob uma política simbolizada pela Terra. As espadanas, os juncos e os peixes representam um povo sob uma política simbolizada pelas águas; as aves e os insetos uma política simbolizada pelo céu e pela Terra. As florestas representam reinos e o deserto representa um povo fraco e devastado.

Se o mundo político considerado na profecia for constituído por muitos reinos, será representado por um igual número de partes do mundo natural: os mais nobres pela ordem celestial; o povo pela Lua e pelas nuvens; os menos nobres pela terra, pelo mar, pelos rios ou por animais, plantas e edifícios. Os animais mais poderosos e as árvores mais altas indicam reis, príncipes e nobres. E como o reino inteiro é o corpo político do rei, o Sol, uma árvore, um animal, uma ave ou um homem que represente o rei, adquire maior significação, pois representa o reino inteiro. Vários animais, como o leão, o urso, o leopardo ou o bode representam reinos ou organismos políticos, conforme as suas qualidades. O sacrifício de animais indica morticínio ou conquista de reinos; a amizade entre dois animais, a paz entre dois reinos. Às vezes, plantas e animais adquirem outros significados, mediante certos epítetos ou circunstâncias: é o caso de uma árvore que é chamada de árvore da vida ou do conhecimento; ou de um animal que é adorado ou denominado a velha serpente.

Quando um animal ou um homem representa um reino, as suas partes ou qualidades indicam, por analogia, partes ou qualidades daquele reino. Assim, a

cabeça do animal indica os grandes homens de governo e comando; quando mais de uma, as cabeças indicam partes principais, dinastias ou ainda domínios do reino, colaterais ou sucessivos, com relação ao governo civil; chifres numa cabeça representam o número de reinos relacionados à autoridade militar. Ver quer dizer compreender. Os olhos representam homens de compreensão política e, em questões religiosas, representam bispos [grego: episkopoi]. Falar significa fazer leis e, assim, a boca indica aquele de onde provém a lei sagrada ou profana. A voz alta é indicativa de força e poder ao contrário da voz tênue, que indica fraqueza. Comer e beber valem pela aquisição do que está representado na comida e na bebida. Os pêlos dos animais e dos homens, bem como as penas das aves, significam o povo; as asas indicam o número de reinos representados pela besta. O braço de um homem é o seu poder ou as pessoas que configuram a sua força e o seu poder; os pés valem pelas camadas inferiores do povo ou os confins de um reino. Pés, garras e dentes de animais de presa indicam exércitos e corpos de exércitos; ossos indicam lugares fortificados; carne significa riqueza e bens. Os dias de ação são contados como anos. Quando uma árvore representa um reino, seus galhos, folhas e frutos têm o mesmo significado das asas, das penas ou do alimento de uma ave ou de um animal.

Quando um homem é tomado em sentido místico, em geral as suas qualidades são representadas pelas suas ações e pelas circunstâncias que o envolvem. Assim, um governante é representado cavalgando um animal; um guerreiro ou conquistador terá uma espada ou um arco; um homem poderoso será de estatura agigantada; um juiz terá pesos e medidas; uma sentença de absolvição ou condenação terá por símbolo uma pedra branca ou preta; uma nova dignidade se exprime por um novo nome; os ornatos indicam qualificação moral ou civil; vestes esplêndidas significam honra e glória; a dignidade real é expressa pela cor púrpura ou escarlate, ou por uma coroa; a retidão é simbolizada por vestes brancas e limpas, enquanto a maldade é indicada por roupas manchadas ou sujas; a aflição, o luto e a humilhação, por vestes grosseiras; a desonra, a vergonha e a falta de boas obras pela nudez; o erro e a miséria pelo ato de beber uma taça do vinho que os produz; a propagação de uma religião visando a ganhos é expressa pelo exercício de tráfico ou comércio com o povo que tem tal religião; a adoração de falsos deuses de uma nação, pela prática de adultério com os seus príncipes ou pela sua adoração; o conselho de um reino pela imagem do mesmo; a idolatria pela blasfêmia; a derrubada pela guerra ou por uma ferida feita por homem ou por animal; o flagelo duradouro da guerra por uma chaga ou

tormento; a aflição ou a perseguição que sofre um povo ao constituir um novo reino, pelas dores de uma mulher no parto de um menino; a dissolução de um corpo político ou eclesiástico, pela morte de um homem ou animal; e a revivescência de um domínio que foi dissolvido, pela ressurreição de um morto.

3

Da visão da imagem de quatro metais

As profecias de DANIEL ligam-se umas às outras como se fossem partes de uma profecia geral feita em várias épocas. A primeira é a de mais fácil compreensão e cada uma das que se seguem adicionam algo de novo às anteriores. A primeira foi transmitida num sonho a NABUCODONOSOR, rei da BABILÔNIA, no segundo ano do seu reinado. Mas, tendo o rei esquecido o sonho, a mesma profecia foi transmitida a DANIEL, também num sonho, e por ele revelada ao rei.

Assim DANIEL ficou famoso pela sua sabedoria e pela faculdade de revelar coisas secretas, de tal modo que EZEQUIEL, seu contemporâneo, no décimo nono ano do reinado de NABUCODONOSOR, assim fala ao rei de TIRO: Certo, és mais sábio que Daniel, nenhum sábio há que se iguale a ti.[1] E o mesmo EZEQUIEL, noutra passagem, compara DANIEL a NOÉ e a JÓ, como os mais distinguidos pelo favor de Deus.[2] E, no último ano de BALTAZAR, disse ao rei a rainha-Mãe: Há um homem, no teu reino no qual habita o espírito dos deuses santos. Nos dias de teu pai, nele encontrou-se luz, inteligência e sabedoria igual à sabedoria dos deuses. O rei NABUCODONOSOR, teu pai, nomeou-o chefe dos magos, adivinhos, caldeus e astrólogos. Portanto, (…) nesse DANIEL, que o rei cognominou BALTASAR, constatou-se um espírito extraordinário, conhecimento, inteligência e arte de interpretar os sonhos, de resolver os enigmas e de desfazer os nós (…).[3] DANIEL teve muito prestígio entre os JUDEUS até o reinado do imperador romano ADRIANO. Rejeitar suas profecias é rejeitar a religião cristã, pois que essa religião está fundada nas profecias a respeito do MESSIAS.

O fundamento de todas as profecias de DANIEL está na visão dessa imagem formada por quatro metais. Ela representa um corpo de quatro grandes nações, que deveriam reinar sucessivamente sobre o mundo, a saber: o povo da BABILÔNIA, os PERSAS, os GREGOS e os ROMANOS. E uma pedra, arrancada sem auxílio de mãos humanas, caiu sobre os pés da imagem, reduzindo a pedaços os quatro metais: ela tornou-se um grande monte que encheu toda a terra, o que indica que um novo reino surgirá depois do quarto, conquistará todas as nações e durará até o fim dos tempos.

A cabeça da imagem era de ouro e representava as nações do IMPÉRIO BABILÔNICO, que reinou primeiro, conforme a interpretação do próprio DANIEL. Tu, pois, és a cabeça de ouro, disse ele a NABUCODONOSOR. Essas nações reinaram até CIRO conquistar a BABILÔNIA e, poucos meses depois dessa conquista, revoltaram-se os PERSAS, submetendo os MEDOS. O peito e os braços eram de prata e representavam os PERSAS, que reinaram a seguir. A barriga e as coxas eram de latão e representavam os GREGOS que, sob o domínio de ALEXANDRE o Grande, conquistaram os PERSAS e reinaram depois deles. As pernas eram de ferro e representavam os ROMANOS, que dominaram depois dos GREGOS e começaram a conquistá-los no oitavo ano de ANTÍOCO EPÍFANES, quando submeteram PERSEU, rei da MACEDÔNIA, principal reino dos GREGOS. Daí por diante, foram-se tornando um império poderoso e reinaram soberanamente até os dias de TEODÓSIO o Grande. Então, dada a incursão de muitas nações do norte, rompeu-se numa porção de reinos menores, que são representados pelos pés e artelhos da imagem, feitos em parte de ferro e em parte de barro. Os pés que viste, parte de argila de oleiro e parte de ferro, designam um reino que será dividido: haverá nele parte da solidez do ferro, uma vez que viste ferro misturado à argila de oleiro. O fato de teres visto ferro misturado à argila de oleiro indica que eles se misturarão por casamentos, mas não se fundirão um com o outro, do mesmo modo que o ferro não se funde à argila.[4]

No tempo desses reis, diz DANIEL, o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará a outro povo. Esmagará e aniquilará todos os outros reinos, enquanto ele mesmo subsistirá para sempre. Foi o que pudeste ver na pedra que se destacou da montanha, sem que mão

alguma a tivesse tocado, e reduziu a pó, o ferro, o bronze, a argila, a prata e o ouro.[5]

NOTAS

1. Ez 28,3.

2. Ez 29,14.16.18.20.

3. Dn 5,11-12.

4. Dn 2,41.43.

5. Dn 2,44-45.

4

Da visão das quatro bestas

Na visão seguinte, a das quatro bestas, repete-se a profecia dos quatro Impérios, com várias adições, tais como as duas asas da leoa, as três costelas na boca do urso, as quatro asas e as quatro cabeças do leopardo, os onze chifres da quarta besta e o Filho do homem, que vinha com as nuvens do céu, e que chegou até o Ancião dos muitos dias, sentado em julgamento.

A primeira besta era como uma leoa e tinha asas de águia, para indicar os reinos da BABILÔNIA e da MÉDIA, que derrubaram o IMPÉRIO ASSÍRIO e o dividiram entre si, transformando-se assim em grandes impérios. Na profecia anterior, o IMPÉRIO BABILÔNICO era representado pela cabeça de ouro. Nesta, os dois impérios são representados pelas duas asas do leão. E diz DANIEL: Enquanto eu o contemplava, suas asas lhe foram arrancadas e ele foi erguido da terra e posto de pé sobre suas patas como um ser humano, e um coração humano lhe foi dado,[1] isto é, até que fosse humilhado e subjugado e reconhecesse a sua condição humana.

A segunda besta era como um urso e representa o império que reinou depois dos BABILÔNICOS, isto é, o IMPÉRIO PERSA. Teu reino foi dividido e dado aos medos e aos persas,[2] diz DANIEL ao REI DA BABILÔNIA. Essa besta se levantou de um lado, pois estavam os PERSAS dominados pelos MEDOS quando da queda de BABILÔNIA, mas depois se ergueram e os dominaram. E tinha três costelas na boca, entre os dentes.[3] Elas representam os reinos de SARDES, BABILÔNIA e EGITO, por eles conquistados, mas que não pertenciam ao seu próprio corpo. E devorava muita carne, isto é, as riquezas daqueles três reinos.

A terceira besta é o reino que sucedeu aos PERSAS, isto é, o IMPÉRIO DOS GREGOS.[4] Era como um leopardo, indicando a sua ferocidade, com quatro cabeças e quatro asas, indicando que poderia ser dividido em quatro reinos,[5] pois continuou em regime monárquico durante o reinado de ALEXANDRE o Grande, do seu irmão ARIDEUS e dos seus filhos ALEXANDRE e HÉRCULES, dividindo-se então em quatro reinos, já que os governadores das províncias, por mútuo consenso, se tinham feito coroar e reinaram sobre as mesmas. CASSANDRO reinou sobre a MACEDÔNIA, a GRÉCIA e o ÉPIRO; LISÍMACO sobre a TRÁCIA e a BITÍNIA; PTOLOMEU sobre o EGITO, a LÍBIA, a ARÁBIA, a CELOSÍRIA e a PALESTINA; e SELEUCO sobre a SÍRIA.

A quarta besta é o império que sucedeu ao dos GREGOS, isto é, o IMPÉRIO ROMANO. Essa besta, excessivamente terrível, tinha grandes dentes de ferro, devorava, quebrava em pedaços e pisava os restos com os pés: tal era o IMPÉRIO ROMANO. Era maior, mais forte, mais formidável e mais duradouro do que todos os outros. Conquistou o reino da MACEDÔNIA com a ILÍRIA e o ÉPIRO, no ano 580, o oitavo ano de ANTÍOCO EPÍFANES; herdou o de PÉRGAMO, em 515; conquistou a SÍRIA no ano 718 da era NABONASSAR. Por essas e outras conquistas, tornou-se maior e mais terrível do que as três bestas anteriores. Esse império manteve a sua grandeza até o reinado de TEODÓSIO o Grande; então se dividiu em dez reinos, representados pelos dez chifres da besta, e permaneceu dividido até que o Ancião de muitos dias se sentasse num trono como uma chama viva e o julgamento fosse feito, os livros abertos, as bestas abatidas, seus corpos destruídos e atirados às chamas; vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho do homem (…) adiantou-se até o Ancião e foi introduzido à sua presença,[6] e recebeu poder sobre todas as nações e foi dada autoridade aos Santos do Altíssimo e veio o momento em que estes possuíram o reino.

Diz DANIEL: (…) vi que o animal fora morto, e seu cadáver destruído e entregue ao abrasamento do fogo. Dos outros animais também foi retirado o poder, mas eles receberam um prolongamento de vida, até uma data e um tempo

determinados.[7] Assim, as quatro bestas estão vivas, embora o domínio das três primeiras tenha acabado. A CALDÉIA e a ASSÍRIA ainda são a primeira besta; a MÉDIA e a PÉRSIA, a segunda; a MACEDÔNIA, a GRÉCIA, a TRÁCIA, a ÁSIA MENOR, a SÍRIA e o EGITO ainda constituem a terceira, enquanto as nações da EUROPA, do lado da GRÉCIA, são ainda a quarta besta. Vendo assim que o corpo da terceira besta se limita às nações daquele lado do rio EUFRATES e o corpo da quarta às nações deste lado da GRÉCIA, devemos procurar as quatros cabeças da terceira besta entre as nações deste lado do EUFRATES e os onze cornos da quarta besta entre as nações deste lado da GRÉCIA. Portanto, na fragmentação do IMPÉRIO GREGO em quatro reinos dos GREGOS, não devemos incluir a CALDÉIA, a MÉDIA e a PÉRSIA, já que pertenciam ao corpo das duas primeiras bestas. Tampouco devemos reconhecer o IMPÉRIO GREGO sediado em CONSTANTINOPLA entre os cornos da quarta besta, já que aquela cidade pertencia ao corpo da terceira.

NOTAS

1. Dn 7,4.

2. Dn 5,28.

3. Dn 7,5.

4. Dn 7,6.7.20-21.

5. Dn 8,22.

6. Dn 7,13.

7. Dn 7,11-12.

5

Dos reinos representados pelos pés de ferro e barro

Era a DÁCIA uma grande região limitada ao sul pelo Danúbio, a leste pelo mar Euxino, ao norte pelo rio Dniestre e pelos montes Cárpatos e a oeste pelo rio Tibesis ou Tisza, que corre para o sul até desaguar no Danúbio, um pouco acima de Belgrado. Compreendia as regiões agora chamadas TRANSILVÂNIA, MOLDÁVIA e VALÁQUIA e, a leste, a HUNGRIA SUPERIOR. Seus antigos habitantes eram chamados getas pelos gregos, daci pelos latinos e godos por eles mesmos. ALEXANDRE o Grande os atacou e TRAJANO os conquistou, reduzindo-os a uma província do IMPÉRIO ROMANO. Por isso, a propagação do evangelho entre eles foi muito incrementada. Compunham-se de várias nações godas, chamadas ostrogodos, visigodos, vândalos, gépidas, lombardos, burgúndios, alanos etc. Eram todos semelhantes nas maneiras e falavam a mesma língua, como PROCÓPIO faz notar. Quando sob o domínio romano, os godos ou ostrogodos viviam ao leste da Dácia, os vândalos a oeste, no Tisza, onde correm o Maresh e o Karesh, e entre ele viviam os visigodos. De acordo com JORNANDES, os gépidas viviam no Vístula. Os burgúndios, povo vândalo, viviam entre o Vístula e a nascente sul do Borístenes, a alguma distância dos montes Crapac, para os lados do norte, onde os situa PTOLOMEU, com os nomes de phrugundiones e burgiones. Os alanos, outro povo godo, viviam entre a nascente norte do Borístenes e a foz do rio Tanais, onde PTOLOMEU situa o monte Alanus e a margem oeste do Palus Maeotis.[1]

Esses povos continuaram sob o domínio dos romanos até o segundo ano do imperador FILIPE, quando se rebelaram, por falta de pagamento do soldo: os ostrogodos fundaram um reino que, sob o domínio dos reis Ostrogota, Cniva, Ararico, Geperico e Hermanarico, cresceu até 376 a.D. Então, depois de uma incursão dos hunos, vindos do outro lado do Tanais, e com a morte de

Hermanarico, dividiram-se em diversos pequenos reinos. Hunimundo, filho de Hermanarico, tornou-se rei dos ostrogodos; Fridigern, dos visigodos; Winithar ou Vinitar reinou sobre uma parte dos godos, chamados grutingos por AMIANO, gutunos por CLAUDIANO e, pelos outros, sármatas e citas. Atanarico reinou sobre outra parte dos godos na Dácia, chamados tervingos; Box sobre os antes na Sarmácia. Os gépidas também tinham o seu rei. No fim do reinado de CONSTANTINO o Grande, os vândalos fugiram de Geberico para o Danúbio e o imperador lhes concedeu terras na Panônia. Viveram pacificamente durante quarenta anos, ou até o ano 377. Nesse ano, várias nações godas, fugindo dos hunos, chegaram ao Danúbio e VALENTE, imperador grego, lhes concedeu terras na Mésia e na Trácia. Mas, no ano seguinte, revoltaram-se, aliaram-se a alguns godos, alanos e hunos de além-Danúbio, destroçaram o exército romano, mataram o imperador VALENTE e se espalharam pela Grécia e pela Panônia, até os Alpes. Nos anos 379 e 380, foram vencidos pelas armas dos imperadores GRACIANO e TEODÓSIO e aceitaram uma paz imposta. Os visigodos e os tervingos voltaram para as suas terras no Danúbio e os alanos e os grutingos se instalaram na Panônia.

Por volta do ano 373 ou 374, os burgúndios saíram das suas terras no Vístula, com um exército de oitenta mil homens, para invadir a Gália mas, encontrando resistência, estabeleceram-se às margens do Reno, na altura de Mentz. No ano 358, um corpo de francos sálicos com o seu rei, vindos do rio Sala, foram recebidos no império por JULIANO e se fixaram na Gália, entre o Brabante e o Reno. Seu rei Mellobaudes foi nomeado COMES DOMESTICORUM pelo Imperador GRACIANO. Outro nobre franco sálico, Ricímero ou Richomer, foi nomeado COMES DOMESTICORUM e MAGISTER UTRIUSQUE MILITIAE por TEODÓSIO e, em 384 a.D., foi cônsul com Clearco. Grande favorito de TEODÓSIO, ele o acompanhou nas guerras contra Eugênio, morrendo numa expedição e deixando um filho, chamado Teodomiro, que se tornou rei dos francos sálicos do Brabante. Durante essa guerra, alguns francos de além-Reno invadiram a Gália, sob a chefia de Genobaldo, Marcomiro e Suno, mas foram repelidos por Estilicão. Morto Marcomiro, sucedeu-o na Germânia o seu filho Faramundo.

Assim como essas nações, muitas outras de além-Danúbio, ficaram em paz

dentro do império, submetidas aos romanos, mas, depois da morte de TEODÓSIO, levantaram-se em armas. Em Historia Miscellanea, livro XIV, falando dos tempos que se seguiram à morte daquele imperador, diz PAULO DIÁCONO: Eodem tempore erant Gothi & aliae gentes maximae trans Danubium habitantes: ex quibus rationabiliores quotuor sunt, Gothi scilicet, Huisogothi, Gepides & Vandali; & nomem tantum & nihil aliud mutantes. Isti sub Arcadio & Honorio Danubium transeuntes, locati sunt in terra Romanorum: & Gepides quidem, ex quibus postea divisi sunt Longobardi & Avares, villas, quae sunt cirea Singidonum & Sirmium, habitavere.[2] No começo de História Vandalica, PROCÓPIO diz a mesma coisa. Até esse ponto, o IMPÉRIO DO OCIDENTE continuava intacto e depois se dividiu em muitos reinos.

TEODÓSIO morreu em 395 a.D. Então, sob o comando de Alarico, sucessor de Fridigern, os visigodos saíram das suas terras na Trácia e, durante cinco anos, devastaram a ferro e a fogo a Macedônia, a Tessália, a Acaia, o Peloponeso e o Épiro. Voltando-se depois para o oeste, invadiram a Dalmácia, a Ilíria e a Panônia, entrando na Itália em 402 a.D. No ano seguinte, foram tão devastados em Pollentia e Verona por Estilicão, comandante das forças do IMPÉRIO DO OCIDENTE, que CLAUDIANO chama o remanescente das tropas de Alarico tanta ex gente relíquias breves[3] e PRUDÊNCIO gentem deletam.[4] Nessas condições, Alarico fez a paz com o imperador, tendo sido tão humilhado que, segundo ORÓSIO, fez pro pace optima & quibus cumque sedibus suppliciter & simpliciter orare.[5] Essa paz foi ratificada de parte a parte pelos reféns: Écio foi mandado como refém a Alarico e este continuou como príncipe livre nas terras que lhe foram concedidas.

Quando Alarico se pôs em armas, os povos do além-Danúbio começaram a se movimentar. No inverno seguinte, entre 395 e 396 a.D., grandes grupos de hunos, alanos, ostrogodos, gépidas e outros povos do norte desceram para o Danúbio gelado, a convite de Rufino. Seus irmãos, que tinham obtido terras dentro do império, também correram às armas. Diz JERÔNIMO que essa multidão era composta de hunos, alanos, godos, sármatas, quades e marcomanos, que invadiram todas as regiões entre Constantinopla e os Alpes Julianos, devastando a Cítia, a Trácia, a Macedônia, a Dardânia, a Tessália, a Acaia, o Épiro, a Dalmácia e toda a Panônia. Os suevos invadiram a Récia e, enquanto

Alarico devastava a Panônia, os romanos defendiam a Récia. Isso deu a Alarico a oportunidade de invadir a Itália, como relata CLAUDIANO:

Non nisi perfidia nacti penetrabili tempus

Irrupere Getae nostras dum Rhoetia vires

Occupat, atque alio desudant Marte cohortes.[6]

E quando Alarico entrou na Itália, outros povos bárbaros invadiram a Nórica e a Vindelícia, como o mesmo CLAUDIANO nos descreve nos seguintes versos:

Iam foedera gentes

Exuerant, Latiique audita clade feroces

Vendelicos saltus & Norica rura tenebant.[7]

Isso se passou entre os anos 402 e 403. Entre esses povos estavam os suevos, os quades e os marcomanos, todos então em armas. Os quades e os marcomanos eram nações suevas, tendo todos vindo originariamente da Boêmia e do rio Suevos ou Sprake, na Lusatia. Estavam então unidos sob um rei comum, Ermerico, que logo depois os conduziu à Gália. Por esse tempo, os vândalos e os alanos podem também ter entrado na Nórica. Na mesma ocasião Aldino atravessou o Danúbio com um exército de hunos, quando do banimento de

Crisóstomo, em 404 a.D., devastando a Trácia e a Mésia. Radagásio, rei dos grutunos e sucessor de Vinitar, chamou mais bárbaros de além-Danúbio, invadiu a Itália com um exército de mais de duzentos mil godos. Mas, em um ano ou dois, de 405 a 406 a.D., foi derrotado por Estilicão, perecendo com o seu exército. Nessa guerra, Estilicão foi ajudado por um grande exército de hunos e ostrogodos, sob a chefia de Uldino e de Saro, mercenários a serviço de Honório. Em meia a essa confusão, os lombardos da Panônia tiveram que se armar para defender a própria liberdade, já que os romanos não eram mais capazes de protegê-los.

Assim, pretendendo se fazer coroar imperador, Estilicão concedeu uma prefeitura militar a Alarico e o enviou para o ORIENTE, a serviço de HONÓRIO, IMPERADOR DO OCIDENTE, entregando-lhe algumas tropas romanas, a fim de aumentar a sua força de godos, e prometendo seguir em breve com o próprio exército. Sua intenção era reconquistar algumas regiões da Ilíria, que o IMPERADOR DO ORIENTE era acusado de dominar em prejuízo do OCIDENTE. Mas o seu desígnio secreto era se tornar imperador com o auxílio dos vândalos e seus aliados: ele próprio era vândalo. Com o objetivo de facilitar o seu plano, convidou um grande exército de povos bárbaros a invadir o IMPÉRIO DO OCIDENTE, enquanto ele e Alarico invadiam o IMPÉRIO DO ORIENTE. Sob o comando de vários reis – os vândalos comandados por Godegésilo, os alanos em dois corpos, sob as ordens de Goar e de Resplendial e os suevos, quades e marcomanos chefiados por Ermerico –, essas nações marcharam através da Récia, para os lados do Reno, deixando as suas terras na Panônia aos hunos e ostrogodos. Reunindo-se aos burgúndios, chefiados por Gundicar, atrapalharam a marcha dos francos. Por fim, em dezembro de 406, atravessaram o Reno em Mentz e se espalharam pela Germânia Prima e regiões adjacentes. Entre outras ações, os vândalos tomaram Triers, depois avançaram pela Bélgica e começaram a devastar aquela região. Em conseqüência disso, os francos sálicos do Brabante tomaram as armas e, conduzidos por Teodomiro, filho de Ricímero, acima mencionado, opuseram tão tenaz resistência que mataram cerca de vinte mil vândalos, inclusive o rei Godegésilo, no campo da luta. O resto escapou graças aos alanos de Resplendial, que lhes trouxeram uma ajuda oportuna.

Os soldados britânicos, alarmados pelos boatos, revoltaram-se e nomearam tiranos: primeiro Marcos, que logo assassinaram; depois Graciano, também morto em poucos meses; por fim Constantino, sob cujo comando invadiram a Gália em 408 a.D., no que foram favorecidos por Goar e Gundicar. Tendo Constantino se apoderado de boa parte da Gália, deu ao seu filho Constâncio o título de César e enviou-o à Espanha, em 409, a fim de pôr ordem nos negócios.

Entrementes, vendo Resplendial o acima mencionado desastre dos vândalos, e que Goar se lançara sobre os romanos, retirou seu exército do Reno e, com os suevos e o remanescente dos vândalos, dirigiu-se para a Espanha. Entretanto, prosseguindo em suas vitórias, os francos efetuaram a retomada de Triers, que saquearam e depois entregaram aos romanos. Os bárbaros foram primeiro detidos pelos montes Pireneus, espalhando-se então pela Aquitânia. No ano seguinte, conseguiram atravessar graças à traição de alguns soldados de Constâncio. Entraram então na Espanha, no dia 4 das calendas de outubro de 409 a.D., e conquistaram tudo quanto puderam. Por fim, em 411, fizeram a partilha da sua conquista: os vândalos ficaram com a Bética e parte da Galícia; os suevos com o resto da Galícia; os alanos com a Lusitânia e a província de Cartagena. Em homenagem à paz, o imperador ratificou o direito deles a essas terras, por ato de 413 a.D.

Tendo feito Teodomiro rei, os franco-romanos supra mencionados começaram a invadir os vizinhos logo depois da conquista dos vândalos. Os primeiros foram os gauleses de Brabante[8] mas, diante da forte resistência, preferiram a sua aliança. Assim, esses gauleses separaram-se dos romanos e fizeram sólida aliança com os francos, a ponto de se tornarem um só povo, unindo-se pelo matrimônio e misturando usos e costumes até não haver mais distinção. Desse modo, com a chegada desses gauleses, assim como dos francos estrangeiros, que depois foram para o Reno, o reino sálico logo cresceu e se tornou poderoso.

A expedição de Estilicão contra o IMPERADOR GREGO foi sustada por ordem de HONÓRIO e, então, Alarico passou do Épiro à Nórica e reclamou uma indenização pelos seus serviços. O senado estava inclinado a negá-la, mas cedeu

ante a interferência de Estilicão. Entretanto, pouco depois, foi este acusado de traição e conspiração com Alarico e assassinado no dia 10 das calendas de setembro de 408 a.D. Com isso, a indenização foi negada a Alarico, que foi considerado inimigo do império. Ele então marchou diretamente para a Itália, com o exército retirado do Épiro, e mandou o seu irmão Adolfo segui-lo com as forças de que dispunha na Panônia, que não eram muito grandes mas não podiam ser desprezadas. Em conseqüência disso e temendo ser encurralado em ROMA, HONÓRIO se retirou para RAVENA em outubro daquele ano. E desde então essa foi a capital dos IMPERADORES DO OCIDENTE. Naqueles dias, também os hunos invadiram a Panônia e, ocupando as regiões desertadas pelos vândalos, alanos e godos, fundaram ali um novo reino. Avançando sobre ROMA, Alarico sitiou-a, tomou-a no dia 9 das calendas de setembro de 410 a.D. mas depois naufragou, ao tentar entrar na África. Depois disso, HONÓRIO fez a paz e organizou um exército para atacar o tirano Constantino.

Ao mesmo tempo, Gerôncio, um dos seus capitães, revoltou-se e fez Máximo imperador da Espanha. Em razão disso, Constantino mandou Edobec, outro dos seus capitães, conseguir a ajuda dos bárbaros comandados por Goar e Gundicar na Gália e também dos francos e alemães do além-Reno. Além disso, mandou o seu filho Constante proteger Viena, na Gália Narbonense. Mas Gerôncio não se deteve: primeiro matou Constante em Viena e depois começou a sitiar Constantino em Arles. Mas HONÓRIO mandou um exército sob as ordens de Constâncio, com o mesmo propósito. Gerôncio fugiu e Constâncio continuou o cerco, reforçado pela adesão de grande parte dos soldados de Gerôncio. Depois de quatro meses de cerco, tendo Edobec conseguido o auxílio dos reis bárbaros de Mentz, Goar e Gundicar, fizeram Jovino imperador e mandaram auxílio a Arles. Constâncio retirou-se à sua aproximação, foi perseguido mas derrotou-os de surpresa. Mas, como não deu seguimento a essa vitória, logo os bárbaros se refizeram, mas não a ponto de impedir a queda dos tiranos Constantino, Jovino e Máximo. A Bretanha não foi reconquistada pelo Império, continuando a ser sempre um reino distinto.

No ano seguinte, 412 a.D., os VISIGODOS foram vencidos na Itália e invadiram a Aquitânia, devastando-a violentamente e obrigando a retirada dos alanos e dos burgúndios, que então a assolavam. Ao mesmo tempo, estes foram pacificados e

o imperador lhes deu a região do Reno, que haviam invadido; e parece que fez o mesmo com os alanos. Mas pouco depois, os francos retomaram Triers e, em 415 a.D., Castino foi mandado contra eles com um exército: derrotou-os e matou o rei Teodomiro. Foi essa a segunda vez que os francos ocuparam Triers, que foi tomada ao todo quatro vezes: uma pelos vândalos e três pelos francos. Teodomiro foi sucedido por Faramundo, príncipe do rei dos francos sálicos da Germânia. Dali, este trouxe novas forças e reinou sobre todos, tendo o seu povo recebido terras dentro do império, perto do Reno.

Então os bárbaros se aquietaram, constituíram-se em vários reinos dentro do império, não só pela conquista, mas por concessão do imperador HONÓRIO. RUTÍLIO, no ITINERÁRIO, escrito no outono do Ano Urbis 1169, ou seja, no ano 416 a.D., de acordo com a contagem de VARRO, então em uso, assim lamenta a devastação dos campos:

Illa quidem longis nimium deformia bellis.[9]

E acrescenta:

Jam tempus laceris post longa incendia fundis

Vel pastorales aedificare casas.[10]

E um pouco adiante:

Aeternum tibi Rhenus aret.[11]

E ORÓSIO, no fim da sua história, concluída em 417 a.D., assim descreve a pacificação geral das nações bárbaras: comprimere, coangustare, addicere gentes immanissimas.[12] Chamou-as de imperio addictas porque tinham se estabelecido no Império por tratado e de coangustatas porque não mais invadiram as regiões ao bel-prazer mas, mediante o mesmo tratado, ficaram em paz nas terras que lhes haviam sido concedidas. Esses foram os reinos surgidos dos pés da besta, representados por ferro e barro misturados, mas que não se ligam um ao outro por não terem a mesma resistência.

NOTAS

1. Procop. I - I - De Bello Vandálico.

2. Ao mesmo tempo os godos e numerosos outros povos habitavam além do Danúbio. Destes, os mais racionais são quatro, a saber: os godos, os visigodos, os gépidas e os vândalos, apenas diferenciados quanto ao nome. Depois de atravessar o Danúbio, ao tempo de Arcádio e de Honório, eles se estabeleceram em território romano. Os gépidas, dos quais mais tarde se separaram os longobardos e os ávaros, viveram em aldeias perto do Singídono e do Sírmio.

3. Pequenos remanescentes de povo de tão grande valor.

4. Povo destruído.

5. Oravam humildemente e com simplicidade por uma paz melhor e algumas habitações.

6. Os getas só irrompem por traição, enquanto a Récia subjuga as nossas forças e, numa segunda batalha, dispersa as nossas coortes.

7. Já os povos haviam desfeito as suas alianças e, sabedores da derrota, os ferozes lácios ocupavam os desfiladeiros vendélicos e os campos da Nórica.

8. Galli Arborici: por isso a região foi chamada Arboricbant e, por contração, Brabante.

9. Por aquelas partes muito devastadas por longas guerras.

10. Destroçadas as herdades por longos incêndios, já se podia edificar casas de pastores.

11. Para sempre te sulque o teu Reno.

12. Refreavam, apertavam e dominavam povos ferocíssimos.

6

Dos dez reinos representados pelos dez chifres

Pelas guerras discutidas acima, o IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE, mais ou menos no tempo em que ROMA foi cercada e tomada pelos godos, dividiu-se nos seguintes reinos:

1. dos vândalos e alanos, na Espanha e África;

2. dos suevos, na Espanha;

3. dos visigodos;

4. dos alanos, na Gália;

5. dos burgúndios;

6. dos francos;

7. dos bretões;

8. dos hunos;

9. dos lombardos;

10. de Ravena.

Sete deles são assim mencionados por SIGONIUS: Honorio regnante, in Pannoniam Hunni, in Hispaniam Vandali, Alani, Suevi & Gothi, in Galliam Alani, Burgunndiones & Gothi, certis sedibus permissis, accepti.[1] Acrescentando os francos, os bretões e os lombardos, temos os dez, pois estes se erigiram mais ou menos ao mesmo tempo que aqueles.

Mas vamos examiná-los separadamente.

1. Os reis dos VÂNDALOS foram: em 407, GODEGÉSILO; ainda em 407, GUNDERICO; em 426, GEISERICO; em 477, HUNERICO; em 484 GUNDEMUNDO; em 496, TRASAMUNDO; em 523, GEISERICO; em 530, GELIMER. Os VÂNDALOS foram conduzidos: por GODEGÉSILO à GÁLIA em 406; por GUNDERICO à ESPANHA em 409; por GEISERICO à ÁFRICA em 427. GELIMER foi vencido por BELISÁRIO em 533.

Na GÁLIA, na ESPANHA e na ÁFRICA, o seu reino durou ao todo 126 anos. Na ÁFRICA foram muito poderosos. Os ALANOS tiveram dois reis na ESPANHA: RESPLENDIAL e ATACES, UTACUS ou OTACAR. Sob o

domínio de RESPLENDIAL, entraram na FRANÇA em 407 e na ESPANHA em 409. ATACES foi morto com quase todo o seu exército por VÁLIA, rei dos VISIGODOS, em 419.

Então, os remanescentes ALANOS se sujeitaram a GUNDERICO, rei dos VÂNDALOS, na BÉTICA, e com estes entraram na ÁFRICA, conforme se lê em PROCÓPIO. Por isso, os reis dos VÂNDALOS passaram a se denominar reis dos VÂNDALOS e ALANOS, como se vê no édito de HUNERICO, citado por VÍTOR em PERSEGUIÇÃO VANDÁLICA. Em conjunto com os CATOS, os ALANOS deram nome a CATHAALA UNIA, ou CATTH-ALANIA, atual província de CATALUNHA. Entre os alanos, havia também GÉPIDAS que, por isso, entraram na PANÔNIA antes que os alanos a deixassem. Lá, tornaram-se súditos dos HUNOS até a morte de ÁTILA, em 454, sendo finalmente dominados pelos OSTROGODOS.

2. Os reis dos SUEVOS eram: em 407, ERMERICO; em 438, RECHILA; em 448, RECHIÁRIO; em 458, MALDRA; em 460, FRUMÁRIO; em 463, REGISMUNDO. Depois de alguns reis desconhecidos, temos: em 558, TEODOMIRO; em 568, MIRO; em 582, EUBÓRICO e em 583 ANDECA. Esse reino, antes sediado na ESPANHA, ficou sempre na GALÍCIA e na LUSITÂNIA. Depois da queda do reino ALANO, ERMERICO estendeu-o a toda a GALÍCIA, forçando a retirada dos VÂNDALOS para a BÉTICA e para a província CARTAGINESA. Segundo ISIDORO, esse reino durou 177 anos, tendo sido então conquistado por LEOVIGILDO, rei dos VISIGODOS, que o transformou numa província do seu reino, em 585 a.D.

3. Foram os seguintes os reis dos VISIGODOS: em 400, ALARICO; em 410, ATAULFO; em 415, SERGERICO e VÁLIA; em 419, TEODOMIRO; em 451, TORISMUNDO; em 452, TEODORICO; em 465, EURICO; em 482, ALARICO; em 505, GENSALARICO; em 526, AMALARICO; em 581, TÊUDIO; em 548, TEUDISCLO etc. Situo o início desse reino na data em que ALARICO deixou a TRÁCIA e a GRÉCIA para invadir o império do OCIDENTE. No fim do reinado de ATAULFO, os GODOS foram humilhados

pelos ROMANOS e tentaram passar da FRANÇA à ESPANHA. SERGERICO reinou apenas uns poucos dias. No começo do reinado de VÁLIA, atacaram novamente os ROMANOS mas foram repelidos mais uma vez. A paz foi negociada com uma condição: a favor do império, teriam que invadir os reinos bárbaros da ESPANHA. Eles o fizeram junto com os ROMANOS, nos anos de 417 e 418, destroçando os ALANOS e parte dos VÂNDALOS. O Imperador lhes doou então a AQUITÂNIA, ficando em troca com as conquistas na ESPANHA. Assim, as regiões conquistadas aos ALANOS caíram nas mãos dos ROMANOS. No ano de 455, apoiado pelos BURGÚNDIOS, TEODORICO invadiu a ESPANHA, então quase toda submetida aos SUEVOS, tomando-lhes uma parte. Em 506, os GODOS foram postos para fora da GÁLIA pelos FRANCOS. Em 585, conquistaram o reino SUEVO e se tornaram senhores de toda a ESPANHA. Em 713, foram invadidos pelos SARRACENOS, mas logo reconquistaram os seus domínios e passaram a reinar na ESPANHA.

4. Os reis dos ALANOS na GÁLIA foram GOAR, SAMBIDA, EUCÁRICO, SANGIBANO, BEURGOS e outros. Em 407, sob o comando de GOAR, invadiram a GÁLIA e, em 412, estabeleceram-se perto do RENO. Sob o domínio de SAMBIDA que, segundo BUCHER, era sucessor e talvez filho de Goar, obtiveram o território de VALÊNCIA, concedido por ÉCIO, general do Imperador, no ano de 440. Sob o comando de EUCÁRICO, conquistaram uma região dos rebeldes GALLI ARBORICI, concedida pelo mesmo ÉCIO. Deram a essa região o nome de ALENCONIUM, quasi ALANORUM CONVENTUS.[2] No reinado de SANGIBANO, foram invadidos e Orléans, a capital, foi cercada por ÁTILA, rei dos HUNOS, com um enorme exército de quinhentos mil homens. ÉCIO e os reis BÁRBAROS da GÁLIA foram para levantar o cerco e derrotaram os HUNOS em memorável batalha, no ano de 451, in campis Catalaunicis, um nome que veio da mistura de CATOS com ALANOS. A região é agora chamada CHAMPAGNE. Nessa batalha, pereceram de ambos os lados 162 mil homens. Um ou dois anos depois, ÁTILA voltou com um imenso exército para conquistar esse reino, mas foi novamente vencido por eles com a ajuda dos VISIGODOS, numa batalha que durou três dias e com uma carnificina quase igual à primeira. Sob o reinado de BEURGOS ou BIORGOR, infestaram toda a GÁLIA, até o reinado do Imperador MÁXIMO. No inverno, atravessaram os ALPES e penetraram na LIGÚRIA, onde foram vencidos e BEURGOS morto por RICÍMERO, comandante das forças do imperador, em 464. Foram vencidos mais uma vez pelas forças reunidas de ODOACRO, rei da ITÁLIA e de

QUILDERICO, rei dos FRANCOS, por volta do ano de 480 e ainda por TEUDOBERTO, rei dos FRANCOS-AUSTRÍACOS, por volta de 511.

5. Foram os seguintes os reis dos BURGÚNDIOS: em 407, GUNDICAR; em 436, GUNDIOC; em 467, BILIMER; em 473, GUNDOBALDO com seus irmãos; em 510, SIGISMUNDO; em 517, GODOMARO. Sob as ordens de GUNDICAR, invadiram a GÁLIA em 407 e, em 412, obtiveram do imperador terras perto do RENO, na GÁLIA BELGA. Havia SAXÕES no seu meio e eram tão poderosos que deles escreveu ORÓSIO em 417: Burgundionum esse praevalidam manum, Galliae hodieque testes sunt, in quibus praesumpta possessione consistunt.[3] Por volta do ano 435, ÉCIO lhes infligiu duros golpes e o mesmo fizeram os HUNOS. Mas cinco anos depois, a SABÓIA lhes foi concedida, embora tivessem que dividi-la com os seus habitantes. Desde então, tornou-se de novo um reino forte, estendendo-se até o Rio RÓDANO e depois até o centro da GÁLIA. GUNDOBALDO conquistou as regiões ribeirinhas do ARARIS e do RÓDANO, com o território de MARSELHA. Invadiu a ITÁLIA no tempo do Imperador GLICÉRIO e dominou todos os seus irmãos. GODOMARO estabeleceu a sua capital em ORLÉANS e o reino passou a ser chamado Regnum Aurelianorum. Foi conquistado por CLOTÁRIO e QUILDEBERTO, reis dos Francos, em 526. Depois disso, o reino esteve por vezes unido ao dos FRANCOS e por vezes separado dele, até que CARLOS MAGNO fez seu filho CAROLOTO Rei da BURGÚNDIA. Durante uns trezentos anos teve reis próprios, dividindo-se então no DUCADO DE BURGÚNDIA (Borgonha) e nos CONDADOS DE BURGÚNDIA e de SABÓIA. Algum tempo depois, dividiram-se em condados ainda menores.

6) Foram os seguintes os reis dos FRANCOS: em 407, TEODOMIRO; em 417, FARAMUNDO; em 428, CLÓDIO; em 448, MEROVEU; em 456, QUILDERICO; em 482, CLODOVEU, etc. WINDELINE e BUCHER, os dois melhores pesquisadores das origens desse reino, situam o seu começo no mesmo ano da invasão da GÁLIA pelos BÁRBAROS, ou seja, em 407 a.D. Do primeiro desses reis, a BIBLIOTECA LABBE tem o seguinte registro:

- *Historica quaedam excerpta ex veteri stemmate genealogico Regum Franciae.*

- *Genobaldus, Marcomerus, Suno, Theodomeris. Isti, duces vel reguli extiterunt a principio gentis Francorum diversis temporibus. Sed incertum reliquunt historici quali sibi procreationis linea successerunt.*[4]

- *Pharamundus: sub hoc rege suo primo Franci legibus se subduunt, quas primores eorum tulerunt Wisogastus, Atrogastus, Salegastus, Chochilo. Iste transito Rheno, Romanos in Carbonaria sylvia devicit, Camaracum cepit & obtinuit, annis 20 regnavit. Sub hoc rege Franci usque summam progressi sunt.*[5]

- *Merovechus. Sub hoc rege Franci Trevirim destruunt, Metim succendunt, usque Aurelianum perveniunt.*[6]

GENOBALDO, MARCOMERO e SUNO foram capitães dos FRANCOS TRANSRENANOS durante o reinado de TEODÓSIO e não nos interessam. Vamos começar com TEODOMIRO, primeiro rei dos SÁLIOS rebelados, chamado de DIDIO por IVO CARNOTENSIS e de THIEDO e THEUDEMERUS por RENANO. Foi encontrada uma moeda de ouro com a sua efígie e a inscrição THEUDEMIR REX, conforme nos diz PETÁVIO e que, segundo WINDELINE, ainda existia. Isso mostra que Teodomiro era rei na GÁLIA; mostra ainda que a rude GERMÂNIA ainda não entendia de cunhagem de moedas e nem usava letras ou palavras latinas. Era filho de RICÍMERO, favorito do Imperador TEODÓSIO. Assim, sendo um FRANCO-ROMANO de sangue real sálico, foi feito rei por uma rebelião. Toda a história do seu reinado é encontrada nos EXCERPTIS GREGORII TURONENSIS de FREDIGÁRIO; os capítulos 5, 6, 7 e 8 a apresentam como uma série de acontecimentos encadeados, tais como a sua elevação ao trono, a tirania de JOVINO, o morticínio dos partidários de JOVINO, a segunda tomada de TRIERS pelos FRANCOS e a guerra com CASTINO, na qual o rei foi morto. Eis a seqüência: Extinctis Ducibus in Francis, denuo Reges creantur ex eadem stirpe qua prius fuerant. Eodem tempore Jovinus ornatus regios assumpsit. Constantinus fugam

versus Italiam dirigit; missis a Jovino Principe percussoribus super Mentio flumine, capite truncatur. Multi nobilium jussu Jovini apud Avernis capti, & a ducibus Honorii crudeliter interempti sunt. Trevirorum civitas, factione unius ex senatoribus nomine Lucii, a Francis capta & incensa est. Castinus Domesticorum Comes expeditionem accipit conntra Francos &c.[7]

Então, voltando a falar de TEODOMIRO, acrescenta:

Franci electum a se regem, sicut prius fuerat, crinitum inquirentes dilingenter ex genere Priami, Frigi & Francionis, super se crearunt nomine Theudemerum filium Richemeris, qui in hoc praelio quod supra memini, a Romanis interfectus est,[8] ou seja, na batalha com as forças de CASTINO. Assim é a sua morte relatada por GREGÓRIO TURONENSE: In consularibus legimus Theodemerem regem Francorum filium Ricimeris quondam, & Aseilam matrem ejus, gladio interfectos.[9]

Com essa vitória dos ROMANOS, os FRANCOS e os GAULESES rebelados, que no tempo de TEODOMIRO se guerreavam mutuamente, fizeram a paz e se uniram a fim de se fortalecerem, conforme nos conta ORDERICO VITAL:[10] Cum Galli prius contra Romanos rebellassent, Franci iis sociati sunt, & pariter juncti. Ferramundum Sunonis ducis filium, sibi regem praefecerunt.[11]

PRÓSPERO nos indica a data: anno 25 Honorii, Pharamundus regnat in Francia.[12] BUCHER observa, com razão, que isso se refere ao fim do ano 416 ou começo do ano seguinte, contando os anos de HONÓRIO a partir da morte de VALENTINIANO. E argumenta bem, dizendo que FARAMUNDO não era rei apenas segundo a constituição dos FRANCOS, mas coroado também por consentimento de HONÓRIO e tinha uma parte da GÁLIA, que lhe fora concedida por um acordo. Talvez por isso os escritores romanos o reconheçam como o primeiro rei. Não compreendendo assim, outros o consideram o fundador desse reino, com um exército de FRANCOS TRANSRENANOS. Ele pode ter chegado com esse exército, mas foi o sucessor de TEODOMIRO por

direito hereditário e pela vontade do povo. A passagem já citada de FREDIGÁRIO, Extinctis Ducibus, in Francis denuo Reges creantur ex eadem stirpe qua prius fuerint, implica a continuação do reino sob essa família, durante mais de um reinado. Se contarmos os anos de HONÓRIO desde a morte do seu pai, o reinado de FARAMUNDO deve começar dois anos mais tarde do que admite BUCHER. As leis sálicas, feitas no seu reinado e ainda existentes, revelam pelo nome que ele reinava sobre um reino SÁLICO e, pelas multas pecuniárias que contêm, que nesse reino o dinheiro era abundante e, conseqüentemente, dentro do Império, pois a rude GERMÂNIA desconhecia o uso do dinheiro antes de se misturar aos ROMANOS. No prefácio das leis sálicas, escrito logo após a conversão dos FRANCOS à religião cristã, isto é, no fim do reinado de MEROVEU ou pouco depois, a origem desse reino é assim descrita: Haec enim gens, quae fortis dum esset & robore valida, Romanorum jugum durissimum de suis cervicibus excussit pugnando, &c.[13] Assim, o reino não foi estabelecido por invasão mas por rebelião, como descrito acima. Fazendo o registro cronológico dos seus reis, diz PRÓSPERO: Pharamundus regnat in Francia; Clodio regnat in Francia; Merovaeus regnat in Francia.[14] E só se pode imaginar que todos esses lugares se referem a uma só e mesma FRANÇA. E é certo que a FRANCIA de MEROVEU era a GÁLIA.

Como o pai de FARAMUNDO era rei de uma parte dos FRANCOS na GERMÂNIA, no reinado do Imperador TEODÓSIO, FARAMUNDO devia reinar sobre os mesmos FRANCOS na GERMÂNIA, antes de suceder a TEODOMIRO no reino dos SÁLICOS dentro do Império e antes mesmo de TEODOMIRO começar o seu reinado. Supomos que tenha sido no primeiro ano de HONÓRIO ou quando os FRANCOS, ao serem expulsos por ESTILICÃO, perderam seus reis MARCOMIRO e SUNO, um dos quais era pai de FARAMUNDO, e os FRANCOS ROMANOS, após a morte de TEODOMIRO, podem ter convidado FARAMUNDO com seu povo de além-RENO. Mas não vamos considerar o reino de FARAMUNDO na GERMÂNIA: vamos situar o início desse reino na ocasião do seu estabelecimento dentro do Império e supor que ele tinha o reforço de outros FRANCOS vindos de além-RENO, quer na gestão desse rei, quer na de CLÓDIO, seu sucessor. Porque, no último ano do reinado de FARAMUNDO, ÉCIO lhe tomou uma parte das possessões na GÁLIA.

Mas CLÓDIO, que FREDIGÁRIO apresenta como filho de TEODOMIRO, e que alguns chamam CLÓGIO, CLÓVIO ou CLÁUDIO, convocou um grande corpo de FRANCOS de além-RENO e recuperou tudo, estendendo as suas conquistas até o SOAME. Dividindo então as conquistas entre si, os FRANCOS constituíram novos reinos em COLÔNIA e em CAMBRAY, assim como em algumas outras cidades, todos conquistados depois por CLODOVEU, que também expulsou os GODOS da GÁLIA e fixou a sua capital em PARIS, onde permaneceu a partir de então. E essa foi a origem do atual reino da FRANÇA.

7. Foram estes os reis da BRETANHA: em 407 ou 408, MARCO, GRACIANO e CONSTANTINO, sucessivamente; em 425, VORTIGERNO; em 466, AURÉLIO AMBRÓSIO; em 498, UTHER PENDRACO; em 508, ARTUR; em 542, CONSTANTINO; em 545, AURÉLIO CUNANO; em 578, VORTIPOREU; em 581, MALGO; em 586, CARÉTICO; em 613, CADWAN; em 635, CADWALIN; em 676, CADWALLADER. Os três primeiros foram tiranos romanos que se haviam rebelado contra o império. ORÓSIO, PRÓSPERO e ZÓSIMO associam essa revolta à invasão bárbara na GÁLIA. PRÓSPERO, com quem concorda ZÓSIMO, a fixa no ano que se iniciou um dia depois dessa invasão. Calculo assim essa data: MARCOS não reinou muitos dias; GRACIANO, apenas quatro meses; e CONSTANTINO, três anos. Este foi morto no ano seguinte à tomada de ROMA, isto é, em 411, no dia 14 das calendas de outubro, enquanto a revolta ocorreu na primavera de 408. SOZOMENO fixa a expedição de CONSTANTINO à GÁLIA na época da morte de ARCÁDIO, ou pouco depois; e ARCÁDIO morreu a 1º de maio de 408. Entretanto, apesar de curtos, os reinados desses tiranos originaram o reino da BRETANHA. Assim, eles podem ser considerados os seus três primeiros reis, principalmente porque os descendentes de CONSTANTINO – seus filhos AURÉLIO AMBRÓSIO e UTHER PENDRACO, e seu neto ARTUR – reinaram depois. A partir da revolta desses tiranos, a BRETANHA passou a ser um reino distinto, isento de submissão ao império, pois o imperador não podia abrir mão de soldados para enviar para lá a fim de guardar a ilha, acabando por negligenciá-la, como lemos em registros dignos de fé. Diz PRÓSPERO: A.C. 410, VARIANE COS. Hac tempestate prae valetudine Romanorum, vires funditus attenuatae Britanniae.[15] E, juntando a isso o cerco de ROMA, diz SIGEBERTO: “Britannorum vires attenuatae, & substrahunt se a Romanorum dominatione.[16] E no livro 6, diz ZÓSIMO: Os bárbaros transrenanos invadiram todos os lugares, submeteram os habitantes da ilha da BRETANHA, bem como certos povos CÉLTICOS daquela

região, que se haviam subtraído ao Império ROMANO. Como não mais obedeciam às leis romanas, (grego: kat' heauton biateuein), viviam em grupos separados. Então, tomando armas, os BRETÕES se arriscaram pela própria segurança e livraram as suas cidades dos iminentes BÁRBAROS. Imitando os BRETÕES, todo o BRABANTE e algumas províncias dos GAULESES conquistaram a sua liberdade, expulsando os presidentes romanos e organizando-se numa espécie de comunidade. Esta rebelião de povos BRETÕES e CELTAS ocorreu quando CONSTANTINO usurpou o trono.

Também PROCÓPIO, falando do mesmo CONSTANTINO, assim se exprime em lib. I. Vandal.: Tendo sido vencido na batalha, CONSTANTINO foi morto com seus filhos. Mas os romanos nunca mais conseguiram reconquistar a BRETANHA, que ficou desde então sob o domínio de Tiranos. (grego: Bretannian men toi Rômaioi anasôsasthai ouketi echon; all' ousa hypo tyrannous ap' autou emene). Segundo BEDA, L. l. c. ii: Fracta est Roma a Gothis anno 1164 suae conditionis; ex quo tempore Romani in Britannia cessaverunt.[17] E Etevaldo: A tempore Romae a Gothis expugnatae, cessavit imperium Romanorum a Britannia insula, & ab aliis, quas sub jugo servitutis tenebant, multis terris.[18] No sermão nono, de curand. Graec. affect, por volta do ano de 424, TEODORETO reconhece os BRETÕES entre as nações que não estavam submetidas ao Império ROMANO. E SIGÔNIO assim se exprime: Ad annum 411, lmperium Romanorum post excessum Constantini in Britannia nullum Fuit.[19]

Entre a morte de CONSTANTINO e o reinado de VORTIGERNO, houve um interregno de cerca de catorze anos, nos quais os BRETÕES estiveram em guerra com os PICTOS e os ESCOTOS e por duas vezes obtiveram a ajuda de uma legião romana, que expulsou o inimigo mas que avisou, ao partir, que aquela tinha sido a última vez. Sobre o começo do reinado de VORTIGERNO, há um registro numa antiga crônica de NÊNIO, citada por CAMDEN e outros: Guortigernus tenuit imperium in Britannia, Theodosio & Valentiniano Coss. [viz. A. C. 4.25] & in quarto anno regni sui Saxones ad Britanniam venerunt, Felice & Tauro Coss. [viz. A. C. 428].[20] Essa vinda dos SAXÕES é relacionada por SIGEBERTO com o quarto ano de VALENTINIANO, que cai no ano de 428, conforme a crônica acima; e dois anos depois, os SAXÕES reunidos aos

PICTOS foram batidos pelos BRETÕES. No reinado de MARCIANO o Imperador, isto é, entre os anos 450 e 456, os SAXÕES, sob o comando de HEUGISTO, foram chamados pelos BRETÕES mas, depois de seis anos, sublevaramse contra os mesmos e os combateram com alguns sucessos, substituindo-os pouco a pouco. Mas os BRETÕES continuaram a ser um reino florescente até o reinado de CARÉTICO. E a guerra entre as duas nações continuou até o pontificado de SÉRGIO, no ano 688.[21]

8. Foram os seguintes os reis dos HUNOS: em 406, OCTAR e RUGILA; em 433, BLEDA e ÁTILA. OCTAR e RUGILA eram irmãos de MUNZUC, rei dos HUNOS na GÓTIA, além do DANÚBIO; BLEDA e ÁTILA eram seus filhos e MUNZUC era filho de BALAMIRO. Segundo JORNANO, os dois primeiros eram reis dos HUNOS, mas não de todos eles, e os dois últimos foram seus sucessores.

Situo o início do reinado dos HUNOS na PANÔNIA no momento em que os VÂNDALOS e os ALANOS lhes deixaram essa região, em 407. SIGÔNIO fixa esse início na ocasião em que os VISIGODOS abandonaram a PANÔNIA em 408. Diz ele: Constat quod Gothis ex Illyrico profectis, Hunni successerunt, atque imprimis Pannoniam tenuerunt. Neque enim Honorius viribus ad resistendum in tantis difficultatibus destitutus, prorsus eos prohibere potuit, sed meliore consilio, animo ad pacem converso, foedus cum eis, datis acceptisque obsidibus fecit; ex quibus qui dati sunt, Aetius, qui etiam Alarico tributus fuerat, praecipue memoratur.[22]

FREDIGÁRIO conta como ÉCIO foi refém dos GODOS e HUNOS. E, ao mencionar que TEODÓSIO, Imperador do ORIENTE, tinha mandado ordens severas a JOÃO que, depois da morte de HONÓRIO, havia usurpado a coroa do Império do OCIDENTE, acrescenta: Iis permotus Johannes, Aetium id tempus curam palatii gerentem cum ingenti auri pondere ad Chunnos trammissit notos sibi obsidiatus sui tempore & familiari amicitia devinctos.[23] E pouco adiante: Aetius tribus annis Alarici obses, dehinc Chunnorum, postea Carpilionis gener ex Comite domesticorum & Johannis curopalatae[24]. BUCHER mostra então que

ÉCIO foi refém de ALARICO até o ano de 410, quando este morreu; dos HUNOS, entre os anos de 411 e 415; tornou-se genro de CARPÍLIO por volta de 417 ou 418 e CUROPALATES (um ajudante pessoal) de JOÃO nos fins de 423. Por isso, é provável que tenha sido feito refém dos HUNOS entre 412 e 413, quando HONÓRIO fez aliança com quase todos os povos bárbaros e lhes concedeu terras. Mas prefiro dizer, como SIGÔNIO, que ÉCIO se tornou refém de ALARICO em 403. Fica claro em PRÓSPERO que os HUNOS tinham posse pacífica sobre a PANÔNIA em 432. No primeiro livro da Crônica de EUSÉBIO, escreve PRÓSPERO: Anno decimo post obitum Honorii, cum ad Chunnorum gentem cui tunc Rugila praeerat, post proelium cum Bonfacio se Aetius contulisset, impetrato auxilio ad Romanorum solum regreditur.[25] E no segundo livro: Aetio & Valerio Coss. Aetius deposita potestate profugus ad Hunos in Pannonia pervenit, quorum amicitia auxilio que usus, pacem principum interpellatae potestatis obtinuit.[26] Portanto, parece que nesse tempo, RUGILA ou, como o chama MÁXIMO, RECHILLA, reinava sobre os HUNOS na PANÔNIA; que esta não era considerada como solo do império, pois tinha sido outrora cedida aos HUNOS; que estes eram os mesmos HUNOS com quem, no tempo em que foi refém, ÉCIO fez amizade. Por isso, assim como em 424 solicitou para eles a ajuda do tirano JOÃO, agora lhes pedia para interceder por ele junto ao imperador. OCTAR morreu em 430 pois SÓCRATES nos diz que, tendo os BURGÚNDIOS sido novamente perturbados pelos HUNOS, quando souberam da morte de OCTAR e os viram sem um chefe, caíram de surpresa sobre eles, com tanto vigor que três mil BURGÚNDIOS mataram dez mil HUNOS.

Já falamos de RUGILA como rei da PANÔNIA. Ele morreu em 433 e foi sucedido por BLEDA, segundo relatam PRÓSPERO e MÁXIMO. BLEDA e o seu irmão ÁTILA tinham sido reis dos HUNOS do alto DANÚBIO e dividido entre si o reino do seu pai, MUNZUC. Então, reuniram aos seus reinos o reino da PANÔNIA. Por isso, PAULO DIÁCONO diz que regnum intra Pannoniam Daciamque gerere.[27] No ano de 441, começaram a invadir de novo o Império, reunindo às forças da PANÔNIA grandes exércitos da CÍTIA. Mas a guerra acabou e, tendo ÁTILA visto BLEDA inclinado à paz, assassinou-o em 444, herdou os seus domínios e voltou a invadir o império. Por fim, após várias guerras importantes contra os ROMANOS, ÁTILA morreu em 454. Seus filhos, disputando entre si os seus domínios, permitiram que os GÉPIDAS, OSTROGODOS e outros povos a eles submetidos se revoltassem e os

combatessem. No mesmo ano, os OSTROGODOS receberam terras na PANÔNIA dos imperadores MARCIANO e VALENTINIANO; e, com os ROMANOS, expulsaram os HUNOS logo após a morte de ÁTILA, no que concordam todos os historiadores. Tal expulsão se deu no reinado de AVITO como é mencionado em CHRONICUM BOIORUM e em SIDÔNIO, Carm. 7 in Avitum, que assim se refere ao Imperador:

Cujus solum amissas post saecula multa

Pannonias revocavit iter, jam credere promptum est

Quid faciet bellis.[28]

Quer dizer o poeta que, com a vinda de AVITO, os HUNOS se renderam mais facilmente aos GODOS. Isso foi escrito por SIDÔNIO no começo do reinado de AVITO, que começou no fim de 455 e não durou nem um ano.

Diz JORNANDES: Duodecimo anno regni Valiae, quando & Hunni post pene quinquaginta annos invasa Pannonia a Romanis & Gothis expulsi sunt.[29] Assim se exprime MARCELINO: Hierio & Ardaburio Coss. Pannoniae, quae per quinquaginta annos a Hunnis retinebantur, a Romanis receptae sunt.[30] Pode parecer que os HUNOS dominaram a PANÔNIA de 378 ou 379 até 427, quando foram expulsos. É puro engano. O certo é que o imperador TEODÓSIO deixou o império intacto e que, como já vimos em PRÓSPERO, em 432 os HUNOS estavam em posse pacífica da PANÔNIA. Naqueles dias, os VISIGODOS não tinham nada a ver com a PANÔNIA e os OSTROGODOS continuaram submetidos aos HUNOS até a morte de ÁTILA, em 454; e VÁLIA, rei dos VISIGODOS, não reinou doze anos: começou a reinar no fim de 415, reinou três anos e foi morto em 419, como se vê em IDÁCIO, em ISIDORO e no MANUSCRITO ESPANHOL, citado por GRÓCIO.

OLIMPIODORO, que leva a sua história somente até o ano 425, menciona a morte de VÁLIA, rei dos VISIGODOS, associando-a à de CONSTANTINO, ocorrida em 420. Assim, o VÁLIA a que se refere JORNANDES e que reinou pelo menos doze anos, é algum outro rei. Suspeito que tal nome tenha sido escrito por engano, em lugar de VALAMIR, rei dos ostrogodos, já que a ação relatada é a expulsão dos HUNOS da PANÔNIA, pelos ROMANOS e OSTROGODOS, depois da morte de ÁTILA. E não é provável que o historiador relacionasse a história dos OSTROGODOS aos anos dos reis VISIGODOS. Essa ação ocorreu no fim de 455, que considero como o décimo segundo de VALAMIR na PANÔNIA, quase cinqüenta anos depois de 406, quando os HUNOS ali sucederam aos VÂNDALOS e ALANOS.

Quando cessou a linhagem de HUNIMUNDO, filho de HERMANERICO, os OSTROGODOS passaram cerca de quarenta anos sem reis próprios, dominados pelos HUNOS. E quando ALARICO começou a guerrear os ROMANOS, no ano 444, fez VALAMIR e seus irmãos TEODOMIRO e VIDEMIR, netos de VINETHAR, capitães ou reis dos OSTROGODOS por ele dominados. No décimo segundo ano do reinado de VALAMIR, contando daquela época, os HUNOS foram expulsos da PANÔNIA.

Mesmo assim, os HUNOS ainda tiveram alguns combates com os ROMANOS, até que a cabeça de DENFIX, filho de ÁTILA, foi levada para CONSTANTINOPLA, em 469, no consulado de ZENO e de MARCIANO, conforme relata MARCELINO. Tanto não tinham ido embora totalmente que, além das suas relíquias na PANÔNIA, quando os Imperadores MARCIANO e VALENTINIANO concederam a PANÔNIA aos GODOS em 454, concederam parte da ILÍRIA a alguns HUNOS e SÁRMATAS – como nos conta SIGÔNIO. E no ano de 526, quando os LOMBARDOS entraram na PANÔNIA e começaram a combater os GÉPIDAS, os ÁVAROS, uma parte dos HUNOS que tinha adotado o nome de um dos seus reis, ajudaram os LOMBARDOS. Então, quando foram para a ITÁLIA, estes deixaram as suas terras na PANÔNIA para os ÁVAROS, em recompensa pela sua amizade.

A partir dessa época, os HUNOS se tornaram novamente muito poderosos. Os seus reis, a quem chamavam CHAGAN, causaram grandes perturbações ao império, durante os reinados de MAURÍCIO, FOCAS e HERÁCLIO. Essa é a origem do atual reino da HUNGRIA que, misturando os nomes HUNOS e ÁVAROS chamou-se HUN-AVARIA e, por contração, HUNGRIA.

9. Antes de ir para o DANÚBIO, os LOMBARDOS eram comandados por dois capitães: IBOR e AYON. Depois que estes morreram, tiveram os seguintes reis: AGILMUNDO, LAMISSO, LECHU, HILDEHOC, GUDEHOC, CLAFO, TATO, WACHO, WALTER, ANDOINO, ALBOIM, CLEOPIS e outros.

AGILMUNDO era filho de AYON e, segundo PRÓSPERO, tornouse rei no consulado de HONÓRIO e de TEODÓSIO, em 389, reinando 33 anos, conforme PAULO WARNEFRIDO, até ser morto pelos BÚLGAROS em combate. PRÓSPERO situa a sua morte no consulado de MARINIANO e de ASCLEPIODORO, em 423.

LAMISSO venceu os BÚLGAROS e reinou três anos, enquanto LECHU reinou quase quarenta.

GUDEHOC foi contemporâneo de ODOACRO, rei dos HÉRULOS na ITÁLIA. Ele levou o povo da PANÔNIA para a RÚGIA, região ao norte da NÓRICA, pouco acima do DANÚBIO. De lá, ODOACRO levou a sua gente para a ITÁLIA.

TATO venceu o rei dos HÉRULOS no além-Danúbio.

WACHO conquistou os SUEVOS, um reino que fazia limite a leste com a BAVÁRIA, a oeste com a FRANÇA e ao sul com a BURGÚNDIA.

ANDOINO voltou para a PANÔNIA em 526 e venceu os GÉPIDAS.

Em 511, ALBOIN submeteu o reino dos GÉPIDAS e matou o rei CHUNNIMUND. Em 563, ajudou o Imperador GREGO contra TOTILA, rei dos OSTROGODOS na ITÁLIA e, em 568, levou o seu povo da PANÔNIA para a LOMBARDIA, onde dominaram até o ano 774.

De acordo com PAULO DIÁCONO, os LOMBARDOS, como muitos outros povos GODOS, entraram no império, vindos do além-Danúbio, no reinado de ARCADIO e de HONÓRIO, isto é, entre os anos 395 e 408. Mas podem ter vindo um pouco antes: sabemos que, sob os capitães IBOR e AYON, os LOMBARDOS venceram os VÂNDALOS em combate e que PRÓSPERO situa essa vitória no consulado de AUSÔNIO e de OLÍBRIO, isto é, em 379. Antes dessa guerra, os VÂNDALOS tinham ficado em paz durante quarenta anos nas terras que lhes foram concedidas na PANÔNIA por CONSTANTINO o Grande. Então, se fossem os mesmos VÂNDALOS, a guerra deve ter acontecido na PANÔNIA e sua causa pode ter sido a chegada dos LOMBARDOS ao DANÚBIO, na PANÔNIA, um ou dois anos antes da batalha. E assim chegou ao fim uma calma de quarenta anos.

Depois de GRACIANO e TEODÓSIO terem pacificado os BÁRBAROS, estes podem ter atravessado o DANÚBIO ou convivido com a dominação romana até a morte de TEODÓSIO e, depois, invadido novamente o Império ou se sujeitado a ele. As suas guerras, primeiro contra os VÂNDALOS e depois contra os BÚLGAROS – uma nação CITA cujo nome vinha do VOLGA, de onde vieram – sugerem que já eram um reino nada desprezível.

10. Eliminados esses nove reinos, vamos agora considerar o resto do Império do Ocidente. Enquanto estava intacto, esse império era a própria besta, mas o que restou era apenas uma parte. Então, se essa parte for considerada como um chifre, o reinado desse chifre deve ter começado com a transferência da capital do império de ROMA para RAVENA, o que ocorreu em outubro de 408. Foi quando o Imperador HONÓRIO, temendo que ALARICO o cercasse em ROMA, se aí ficasse, retirou-se para MILÃO e depois para RAVENA. Com o cerco e o saque de ROMA, estabeleceu ali a sua residência e os seus sucessores a transformaram em seu lar. Segundo o que escreve MAQUIAVEL na história FLORENTINA, ao deixar ROMA, VALENTINIANO transferiu a capital para RAVENA.

A RÉCIA pertenceu aos Imperadores do OCIDENTE enquanto durou o Império; depois passou, com a ITÁLIA e o senado romano, para ODOACRO, rei dos HÉRULOS na ITÁLIA, e depois a TEODORICO, rei dos OSTROGODOS, e aos seus sucessores, por concessão dos imperadores GREGOS. Com a morte de VALENTINIANO II, os ALEMÃES e SUEVOS invadiram a RÉCIA em 455. Mas não devem ter se estabelecido lá porque em 457, quando ainda devastavam a RÉCIA, foram atacados e vencidos por BARTO, estribeiro-mor do rei MAIORANO – e nada mais se fala sobre essa invasão da RÉCIA. Por volta do ano 496, CLODOVEU, rei da FRANÇA, conquistou o reino dos ALEMÃES e matou o seu último rei, ERMERICO. Mas esse reino ficava na GERMÂNIA e só fazia limite com a RÉCIA: o seu povo fugiu de CLODOVEU para o reino vizinho dos OSTROGODOS durante o reinado de TEODOMIRO, que os recebeu como amigos e escreveu uma carta amigável a CLODOVEU em seu favor. Foi assim que se tornaram habitantes da RÉCIA, como súditos e sob o domínio dos OSTROGODOS.

Quando o imperador GREGO conquistou os OSTROGODOS, ele os sucedeu no reino de RAVENA, não só por direito de conquista mas também por direito de herança, já que o SENADO ROMANO continuou nesse reino. Portanto, podemos supor que esse reino continuou no EXARCADO DE RAVENA e no SENADO DE ROMA, pois o resto do império do OCIDENTE acompanhou o SENADO DE ROMA, pelo direito que o Senado ainda tinha, e que por fim exerceu, de escolher um novo imperador do OCIDENTE.

Enumerei, pois, os dez reinos em que se dividiu o império do OCIDENTE em sua primeira divisão, isto é, quando ROMA foi cercada e tomada pelos GODOS. Alguns desses reinos acabaram caindo, e outros se erigiram. Mas, sejam quantos forem eles, são ainda denominados os dez reis, de acordo com o seu número inicial.

NOTAS

1. No reinado de Honório, os hunos entraram na Panônia; os vândalos, suevos e godos, na Espanha; os alanos, burgúndios e godos, na França, com direito a certas habitações.

2. Alancônio, espécie de capital da comarca dos alanos.

3. Hoje as Gálias testemunham que os burgúndios são um exército muito poderoso e que, depois de as ocupar, aí se mantêm.

4. Alguns excertos históricos das velhas árvores genealógicas dos reis de França: Genobaldo, Marcomero, Suno e Teodemeris. Estes foram chefes ou régulos da nação dos francos em diversas ocasiões, desde o princípio. Mas os historiadores deixaram incerta a sua linha genealógica e de sucessão.

5. Faramundo. Sob o domínio desse primeiro rei, sujeitaram-se os francos às leis promulgadas pelos seus principais: Wisogasto, Atrogasto, Salegasto e Chochilo. Este atravessou o Reno, venceu os romanos na Floresta Carbonária e apoderou-se do Camaraco, que manteve, reinando durante vinte anos. Durante o

seu reinado, os francos fizeram muitos progressos.

6. Merovecho. Sob o domínio deste rei, os francos destroem Treves, incendiam Metz e chegam até Aureliano.

7. Extintos os chefes entre os francos, são novamente criados reis da mesma estirpe de antes. Ao mesmo tempo, Jovino toma as insígnias reais. Constantino foge para a Itália, mas é perseguido até o rio Mentio pelos emissários do príncipe Jovino e aí decapitado. Por ordem de Jovino, muitos nobres foram presos na Auvergne e impiedosamente trucidados pelos capitães de Honório. Pela ação de um dos senadores, chamado Lúcio, a cidade de Treves foi tomada pelos francos e incendiada. Castino, comes domesticorum, aceita a expedição contra os francos etc.

8. Procurando os francos escolher um rei, como anteriormente, que fosse da linhagem de Príamo, de Frígio e de Francion, elegeram Teodomiro, filho de Ricímero, que foi morto pelos romanos na batalha que acima referi.

9. Lemos nas consulares que Teodomiro, rei dos francos, filho de Ricímero, e sua mãe Aseila, foram mortos a espada.

10. Apud Bucherum, L. 14, c. 9, n. 8.

11. Como os gauleses foram os primeiros a se rebelar contra os romanos, os francos a eles se associaram e, juntos, escolheram para rei Faramundo, filho do capitão Suno.

12. No ano 250 de Honório, Faramundo reina na França.

13. E esse povo forte e poderoso sacudiu lutando o jugo duríssimo dos romanos etc.

14. Faramundo reina na França; Clódio reina na França; Meroveu reina na França.

15. Em 410 a.D., durante o consulado de Variano, pelo poder militar dos romanos, reduziram-se consideravelmente as forças da Bretanha.

16. Ficaram muito reduzidas as forças da Bretanha mas, mesmo assim, subtraíram-se ao domínio dos romanos.

17. Roma foi destruída pelos godos no ano 1164 da sua fundação. Desde então, os romanos deixaram de reinar na Bretanha.

18. Ao tempo da conquista de Roma pelos godos, cessou o domínio dos romanos na ilha da Bretanha, bem como em muitas outras regiões escravizadas ao seu jugo.

19. No ano 411, depois da retirada de Constantino, nulo foi na Bretanha o poder dos romanos.

20. Guortigerno ocupou o poder na Bretanha durante o consulado de Teodósio e de Valentiniano (425 a.D.) e, no quarto ano do seu reinado, chegaram os saxões à Bretanha, durante o consulado de Felix e de Tauro (428 a.D.).

21. Rolevinc Antiqua Saxonia, L. 2, c. 6.

22. Consta que quando os godos partiram da Ilíria, os hunos os sucederam, entraram na Panônia e a ocuparam. Como, em tantas dificuldades, Honório se encontrasse desprovido de forças para lhes resistir e forçá-los a retroceder, achou mais acertado tomar uma atitude pacífica, fazer aliança com eles, dar e receber reféns. Entre os que foram dados, destaca-se Écio, que já havia sido dado a Alarico.

23. Écio, que era então o administrador do palácio, foi enviado por João aos hunos, muito conhecidos ao tempo por suas ciladas, e que lhe eram ligados por amizade de família. Levou com ele uma grande quantidade de ouro.

24. Durante três anos, Écio foi prisioneiro de Alarico, depois dos hunos e finalmente genro de Carpilio, ex. comes domesticorum e administrador do palácio de João.

25. Dez anos depois da morte de Honório e após a batalha com Bonifácio, tendo Écio recorrido à proteção dos hunos, então governados por Rugila, e pedido auxílio, regressou ao solo dos romanos.

26. Durante o consulado de Écio e Valério, pondo de lado a autoridade, aquele expatriou-se entre os hunos na Panônia, de cuja amizade e auxílio se servira, e conseguiu a graça dos principais para a interrompida autoridade.

27. Governavam o reino entre a Panônia e a Dácia.

28. Já estava resolvido à guerra para reconquistar as Panônias, perdidas há muito séculos.

29. No décimo segundo ano do reinado de Vália, aos cinqüenta anos da invasão da Panônia pelos hunos, foram estes expulsos pelos romanos e godos.

30. Durante o consulado de Hiério e Ardabúrio, a Panônia, que durante cinqüenta anos estivera ocupada pelos hunos, foi reconquistada pelos romanos.

7

Do undécimo chifre da quarta besta

Diz DANIEL: Enquanto eu considerava esses chifres, notei que surgia entre eles ainda outro chifre pequeno, diante do qual foram arrancados três dos primeiros chifres pela raiz. E neste chifre havia olhos como olhos humanos, e uma boca que proferia palavras arrogantes [1]e cujo aspecto era mais majestoso que o dos outros chifres… e este chifre movia guerra aos santos e prevalecia sobre eles.[2] E um aproximou-se e deu a DANIEL a interpretação dessas coisas dizendo-lhe: Quanto aos dez chifres: são dez reis que surgirão desse reino, e outro se levantará depois deles; este será diferente dos primeiros e abaterá três reis; ele proferirá insultos contra o Altíssimo e porá à prova os santos do Altíssimo; ele tentará mudar os tempos e a Lei e os santos serão entregues em suas mãos por um tempo, dois tempos e metade de um tempo.[3]

Reis representam reinos, como já foi dito. Portanto, o pequeno chifre é um reino pequeno. Era um chifre da quarta besta e arrancou três dos seus primeiros chifres. Assim, temos que procurá-lo entre as nações do IMPÉRIO LATINO, depois do aparecimento dos dez chifres. Mas esse era um reino de um tipo diferente dos outros dez reinos, tendo uma vida ou alma que lhe era peculiar, com olhos e boca. Pelos olhos era um vidente e pela boca, que falava coisas grandes e mudava os tempos e as leis, era ao mesmo tempo um profeta e um rei. Tal vidente, profeta e rei é a IGREJA DE ROMA.

Um vidente [grego: episkopos] é um bispo no sentido literal da palavra e essa Igreja reivindica o bispado universal.

Pela boca, transmite leis a reis e nações, como um oráculo; arrogase a infalibilidade e pretende que os seus decretos sejam obrigatórios para o mundo inteiro, o que significa que é um profeta no mais alto grau.

No século VIII, erradicando e dominando o EXARCADO DE ROMA, o REINO DOS LOMBARDOS, o SENADO e o DUCADO DE ROMA, conquistou o PATRIMÔNIO DE PEDRO, tornando-se assim um príncipe ou rei temporal, ou corno da quarta besta.

Num livreto publicado em Paris em 1689, sob o título “AN HISTORICAL DISSERTATION UPON SOME COINS OF CHARLES THE GREAT, LUDOVICUS PIUS, LOTHARIUS AND THEIR SUCCESSORS STAMPED AT ROME”, lemos que, desde os dias do Papa LEÃO X, está em exposição no VATICANO uma inscrição em honra a PEPINO, pai de CARLOS MAGNO, nos seguintes termos: Pipinum pium, primum fuisse qui amplificandae Ecclesiae Romanae viam aperuerit, Exarchatu Ravennate, & plurimis aliis oblatis.[4] Ou seja: Pepino o piedoso foi o primeiro a abrir caminho à grandeza da Igreja de Roma, concedendo-lhe o EXARCADO DE RAVENA e muitas outras oferendas. Já antes dos reinados dos imperadores GRACIANO e TEODÓSIO, o BISPO DE ROMA vivia esplendidamente, mas graças às oferendas das senhoras romanas, segundo o relato de AMIANO. Depois desses reinados, a ITÁLIA foi invadida por nações estranhas e só se livrou de suas dificuldades depois da queda do REINO DA LOMBARDIA. Foi certamente pela vitória da SÉ DE ROMA sobre o IMPERADOR GREGO, o REI DA LOMBARDIA e o SENADO DE ROMA, que ela adquiriu o PATRIMÔNIO DE PEDRO e se levantou na sua grandeza. A doação de CONSTANTINO é uma ficção, como também o é a doação dos ALPES CÓTIOS ao Papa por ARIPERTO, rei dos LOMBARDOS, mesmo porque os ALPES CÓTIOS faziam parte do EXARCADO e, ao tempo de ARIPERTO, pertenciam ao IMPERADOR GREGO.

A invocação dos mortos e a veneração das suas imagens foram introduzidas gradativamente nos séculos IV, V, VI e VII. Contra a última declarou-se FILÍPICO, IMPERADOR GREGO, em 711 ou 712 a.D. Para pôr um fim nisso,

o Imperador LEÃO ISAURO convocou uma assembléia de conselheiros e bispos no seu palácio, em 726. Esta recomendou um édito contra a adoração das imagens e enviou uma carta ao Papa GREGÓRIO II, pedindo a convocação de um concílio em ROMA.[5] Mas o Papa convocou um concílio, confirmou a adoração das imagens, excomungou o IMPERADOR GREGO e livrou o povo da lealdade a ele, proibindo-o até de pagar tributo ou manifestar obediência ao imperador. Então o povo de ROMA, CAMPÂNIA, RAVENA e PENTÁPOLIS, com as cidades aí compreendidas, revoltou-se, atacou os magistrados, matou o exarca PAULO em RAVENA e depôs PEDRO, DUQUE DE ROMA, que havia ficado cego. E quando EXILERATO, DUQUE DA CAMPÂNIA, incitou o povo contra o Papa, os ROMANOS invadiram a CAMPÂNIA e o mataram, bem como a seu filho ADRIANO. Então, EUTÍQUIO, o novo exarca, chegou em NÁPOLES e mandou em segredo alguns homens para tirar a vida do Papa e dos nobres de ROMA. Mas a conspiração foi descoberta, os ROMANOS se revoltaram contra o IMPERADOR GREGO e juraram defender a vida do Papa e os seus estados, respeitando a sua autoridade em todas as coisas. Seguiu-se que ROMA, com o seu ducado, inclusive parte da TOSCANA e da CAMPÂNIA, revoltou-se no ano de 726, tornando-se um estado livre, governado pelo senado da cidade. Daí em diante, foi absoluta a autoridade do senado em assuntos civis, enquanto a autoridade do Papa se limitava aos negócios da Igreja.

Por esse tempo, os LOMBARDOS, entusiastas da adoração das imagens e dispostos a favorecer a causa do Papa, invadiram as cidades do exarcado. Por fim, em 752, tomaram RAVENA e acabaram com o exarcado.[6]

Esse foi o primeiro dos três reinos a cair diante do pequeno corno.

No ano de 751, o Papa ZACARIAS depôs QUILDERICO, preguiçoso e inútil REI DA FRANÇA,[7] o último da linhagem de MEROVEU. Desligando os seus súditos do juramento de fidelidade, deu o reino a PEPINO, mordomo do palácio, ganhando assim um novo e poderoso amigo. O seu sucessor,[8] Papa ESTEVÃO III, sabia tratar melhor com o IMPERADOR GREGO do que com os LOMBARDOS: no ano seguinte, procurou o rei dos lombardos para persuadi-lo

a devolver o EXARCADO ao imperador. Como não fosse bem-sucedido, foi até a FRANÇA e persuadiu PEPINO a tomar dos LOMBARDOS o EXARCADO e PENTÁPOLIS, a fim de dá-los a SÃO PEDRO. Em 754, PEPINO entrou com um exército na ITÁLIA e obrigou ASTOLFO, REI DOS LOMBARDOS, a prometer rendição. Mas, no ano seguinte, ASTOLFO cercou a cidade de ROMA para se vingar do Papa. Diante disso, o Papa escreveu a PEPINO, dizendo-lhe que se não fosse rapidamente para combater os LOMBARDOS, pro data sibi potentia, alienandum fore a regno Dei & vita aeterna,[9] seria excomungado. Temendo a revolta dos súditos e ainda se sentindo em dívida com a IGREJA DE ROMA, PEPINO reuniu um exército rapidamente e marchou sobre a ITÁLIA, levantou o cerco, sitiou os LOMBARDOS em PAVIA e os forçou a entregar ao Papa o EXARCADO e a região de PENTÁPOLIS, em posse perpétua.

Assim, o Papa tornou-se SENHOR DE RAVENA e do EXARCADO, com exceção de umas poucas cidades. E as chaves foram mandadas a ROMA e postas sobre a confissão de SÃO PEDRO, isto é, sobre o seu túmulo no altar-mor, in signum veri perpetuique dominii, sed pietate Regis gratuita,[10] como se lê na inscrição de uma moeda de PEPINO.

Isso aconteceu em 755 a.D. Daí em diante, os papas, como príncipes de poder temporal, deixaram de anotar nas suas epístolas e bulas os anos dos IMPERADORES GREGOS, como haviam feito até então.

Depois disso, os LOMBARDOS invadiram os domínios do Papa[11] e o Papa ADRIANO pediu a CARLOS MAGNO, filho e sucessor de PEPINO, que fosse em seu auxílio. Assim, CARLOS MAGNO entrou com um exército na ITÁLIA, invadiu a LOMBARDIA, acabou com os seus reinos, tornou-se o senhor das suas terras e devolveu ao Papa não só o que lhe fora tomado, mas ainda os restos do EXARCADO, que tinham prometido a PEPINO entregar ao Papa, mas não o fizeram. Deu-lhe ainda outras cidades lombardas. Em troca, tornou-se PATRÍCIO e ganhou autoridade para confirmar a eleição dos Papas. Essas coisas foram feitas nos anos de 773 e 774.

Esse REINO DOS LOMBARDOS foi o segundo a cair diante do pequeno corno. Mas ROMA, que seria a sede do seu reino, ainda não lhe pertencia.

Eleito papa em 796,[12] LEÃO III comunicou a sua eleição a CARLOS MAGNO por meio dos seus núncios, mandando-lhe de presente as chaves de ouro da CONFISSÃO DE PEDRO e a bandeira da cidade de ROMA: as primeiras como agradecimento pelas cidades do EXARCADO e da LOMBARDIA, legadas ao Papa por CARLOS MAGNO; a última como um sinal para ele submeter o senado e o povo de ROMA, como havia feito com o EXARCADO e com o REINO DOS LOMBARDOS. O Papa desejava que CARLOS MAGNO enviasse a ROMA alguns dos seus príncipes, a fim de submeter a ele o povo romano, obrigando-o a jurar fidelidade e submissão, in fide & subcjetione, conforme a citação de SIGÔNIO. Um poeta anônimo, publicado por BOECLERUS em ESTRASBURGO, assim se expressa:

Admonuitque piis precibus, qui mittere vellet

Ex propriis aliquos primoribus, ac sibi plebem

Subdere Romanam, servandaque foedera cogens

Hanc lidei sacramentis promittere magnis.[13]

Disso surgiu um desentendimento entre o Papa e a cidade: dois ou três anos depois, apoiados por alguns clérigos, os ROMANOS se levantaram com um tal tumulto contra o Papa, que se criou um novo estado de coisas em todo o OCIDENTE. Dois dos clérigos o acusaram de crimes; com uma força armada, os ROMANOS o capturaram, despiram-lhe os hábitos sacerdotais e o prenderam

num mosteiro. Mas, com a ajuda dos amigos, o Papa conseguiu fugir para a GERMÂNIA. Lá, queixou-se dos ROMANOS para CARLOS MAGNO, alegando que tinham agido contra ele com a pretensão de derrubar a autoridade da Igreja e reconquistar a antiga liberdade. Mas, na sua ausência, seus acusadores devastaram as possessões da Igreja e enviaram as acusações a CARLOS MAGNO que, antes do fim do ano, mandou o Papa de volta a ROMA com um grande séquito. Os nobres e bispos da FRANÇA que o acompanharam, interrogaram o chefe da acusação em ROMA e mandaram os acusadores para a FRANÇA sob custódia. Isso ocorreu em 799. No ano seguinte, o próprio CARLOS MAGNO foi a ROMA e, num dia prefixado, presidiu um concílio de BISPOS ITALIANOS e FRANCESES, para ouvir ambas as partes. Mas, quando os adversários do Papa esperavam ser ouvidos, o concilio declarou[14] que o Papa, juiz supremo de todos os homens, estava acima de qualquer julgamento, exceto o seu. Diante disso, o Papa fez uma declaração solene da sua inocência diante do povo, com o que foi considerado absolvido.

Pouco depois, pelo Natal, tendo eleito os seus bispos, o povo de ROMA reconheceu que tinha herdado, com o seu senado, os direitos do antigo povo de ROMA e do antigo SENADO. Elegeram, então, CARLOS MAGNO como o seu imperador, submetendo-se a ele tal qual o velho IMPÉRIO ROMANO e seu SENADO eram sujeitos aos IMPERADORES ROMANOS. O Papa o coroou e o ungiu com os santos óleos e prostrouse de joelhos, conforme o costume de adorar os antigos IMPERADORES ROMANOS. Segundo aquele citado poeta,

Post laudes igitur dictas & summus eundem

Praesul adoravit, sicut mos debitus olim

Principibus fuit antiquis.[15]

Por outro lado, o imperador fez ao Papa o seguinte juramento: In nomine Christi spondeo atque polliceor, Ego Carolus Imperator coram Deo & beato Petro Apostolo, me protectorem ac defensorem fore hujus sanctae Romanae Ecclesiae in omnibus utilitatibus, quatenus divino fultus fuero adjutorio, prout sciero poteroque.[16] O Imperador foi feito também CÔNSUL DE ROMA e o seu filho PEPINO coroado como REI DA ITÁLIA. Em vista disso, o Imperador passou a se chamar Carolus serenissimus, Augustus, a Deo coronatus, magnus, pacificus, Romae gubernans imperium, ou Imperator Romanorum. Passou-se a rezar para ele nas IGREJAS e a sua efígie foi cunhada nas moedas de ROMA.

Quanto aos inimigos do Papa, que eram cerca de trezentos ROMANOS e dois ou três clérigos, foram condenados à morte. Os trezentos ROMANOS foram degolados num mesmo dia nos campos de LATRÃO mas os clérigos, por intercessão do Papa, foram perdoados e desterrados para a FRANÇA. Assim, o título de IMPERADOR ROMANO, que até então pertencia aos IMPERADORES GREGOS, foi por esse ato transferido para o OCIDENTE, aos REIS DA FRANÇA.

Depois disso,[17] CARLOS MAGNO deu ao Papa a CIDADE E o DUCADO DE ROMA, que continuavam subordinados a ele como IMPERADOR DE ROMA. Passou o inverno organizando os negócios de ROMA e os da SÉ APOSTÓLICA, bem como os de toda a ITÁLIA, quer civis, quer eclesiásticos, para os quais fez novas leis. No verão seguinte, voltou para a FRANÇA, deixando a cidade governada pelo senado, ambos sob a autoridade do Papa e dele próprio. Mas ao saber que as novas leis não eram observadas nem pelos juízes que as deviam aplicar, nem pelo povo que as devia cumprir, e que homens importantes transformavam em servos homens livres, tirando-os até de igrejas e mosteiros para trabalhar em suas vinhas, campos, pastos e casas, continuando a lhes extorquir gado e vinho e a oprimir os que serviam nas igrejas, escreveu ao seu filho PEPINO, ordenando-lhe que pusesse fim a tais abusos, cuidasse da Igreja e vigiasse para que as leis fossem observadas.

Assim, considero o SENADO, o POVO E o PRINCIPADO DE ROMA como o

terceiro reino que o pequeno chifre derrubou e até como o mais importante dos três. Porque esse povo elegia o Papa e o imperador e agora, elegendo o imperador e fazendo-o cônsul, adquiriu o direito à mesma autoridade do velho SENADO e do POVO ROMANO. A cidade era a metrópole do velho IMPÉRIO ROMANO, representado em DANIEL pela quarta besta. Submetendo o SENADO, o POVO e o DUCADO, tornou-se a metrópole do pequeno chifre dessa besta e completou o patrimônio de PEDRO, que era o reino representado por esse chifre. Além disso, essa vitória teve mais conseqüências do que as dos outros dois reinos, pois fortaleceu o IMPÉRIO DO OCIDENTE, que continua até os nossos dias. Elevou o Papa acima da judicatura do SENADO ROMANO, do concílio dos BISPOS ITALIANOS E FRANCESES e até de qualquer judicatura humana. Entregou-lhe a supremacia sobre as IGREJAS DO OCIDENTE e sobre os seus concílios, dando-lhe um aspecto mais majestoso. Assim, quando a nova religião começou a se estabelecer na mente dos homens, ele se equiparou não apenas aos reis, mas ao próprio IMPERADOR DO OCIDENTE.

Vale mencionar que o hábito de beijar os pés do Papa, honra superior à tributada aos reis e imperadores, começou nessa época. Há alguns relatos do século IX: PLATINA diz que os pés do Papa LEÃO IV eram beijados, de acordo com o antigo costume, por todos os que chegavam à sua presença. Na opinião de outros, o hábito foi iniciado por LEÃO III, sob o pretexto de que a sua mão tinha sido contaminada pelo beijo de uma mulher. Por esse tempo, os papas começaram também a canonizar santos e a conceder indulgências e perdão. Para alguns, quem começou tais coisas foi LEÃO III.

Vale notar também que, entre os anos 775 e 796, CARLOS MAGNO conquistou toda a GERMÂNIA, do RENO e do DANÚBIO até o mar BÁLTICO ao norte e até o rio TISZA a leste. Estendeu também as suas conquistas à ESPANHA, até o rio EBRO. Com isso, estabeleceu o fundamento do novo império e, ao mesmo tempo, propagou a religião CATÓLICO-ROMANA pelos seus domínios, obrigando os pagãos, como os SAXÕES e os HUNOS, a aceitar a fé ROMANA. Além disso, distribuiu as terras conquistadas ao norte pelos bispados, garantindo ao clero a cobrança de dízimos e ao Papa a moeda de PEDRO. Com tudo isso, a IGREJA DE ROMA aumentou, enriqueceu, exaltou-se e se firmou.

Na já mencionada “dissertação sobre algumas moedas de CARLOS MAGNO, LUDOVICO PIO, e seus sucessores, estampadas em ROMA”, há um desenho de uma peça de MOSAICO que o Papa LEÃO III mandou fazer no seu palácio perto da Igreja de SÃO JOÃO DE LATRÃO, como recordação da bandeira da cidade de ROMA, curiosamente desenhada, que ele tinha enviado a CARLOS MAGNO. No mosaico, que continuava lá quando da publicação do mencionado livro, aparece PEDRO com três chaves no colo: com a mão direita, está estendendo o PÁLIO ao Papa e, com a esquerda, a bandeira da cidade a CARLOS MAGNO. Junto ao Papa, está a inscrição: SCISSIMUS D. N. LEO PP; perto do rei, lê-se: D. N. CARVLO REGI; sob os pés de PEDRO, lê-se o seguinte: BEATE PETRE. DONA VITAM LEONI PP. ET BICTORIAM CARVLO REGI DONA. Esse monumento dá o título de rei a CARLOS MAGNO e, portanto, foi erigido antes de ele ser Imperador. Foi feito quando PEDRO entregou o PÁLIO ao Papa e o Papa mandou a bandeira da cidade a CARLOS MAGNO, isto é, em 796. As palavras acima SANTISSIMUS DOMINUS NOSTER LEO PAPA, DOMINO NOSTRO CAROLO REGI se referem à mensagem e as palavras abaixo BEATE PETRE DONA VITAM LEONI PAPAE & VICTORIAM CAROLO REGI DONA são uma prece pedindo a Deus que preserve a vida do Papa e a vitória do rei sobre os ROMANOS. As três chaves no colo de PEDRO significam as chaves das três partes do seu patrimônio: ROMA com o seu DUCADO, que o Papa reclamava e estava conseguindo, RAVENA com o EXARCADO e os territórios tomados aos LOMBARDOS, então novamente conquistados. Esses são os três domínios, cujas chaves estavam no colo de SÃO PEDRO e cujas coroas eram agora usadas pelo Papa, uma conquista que fez dele o pequeno chifre da quarta besta. O fato de PEDRO entregar o PÁLIO ao Papa com a mão direita e a bandeira ao rei com a esquerda, e do nome do Papa aparecer antes do nome do rei na inscrição, pode ser entendido como uma indicação de que a dignidade do Papa era considerada superior à dos reis da terra.

Depois da morte de CARLOS MAGNO, o seu filho e sucessor LUDOVICO PIO confirmou, a pedido do Papa, a doação do seu avô e do seu pai à SÉ DE ROMA. Na confirmação, menciona primeiro ROMA com o seu Ducado[18] que se estende até TOSCANA e CAMPÂNIA, depois o EXARCADO DE RAVENA com PENTÁPOLIS e, em terceiro lugar, os territórios tomados aos LOMBARDOS.

São essas as três conquistas que ele devia manter para o uso da Igreja sub integritate, totalmente, sem que o imperador interferisse na jurisdição e no poder do Papa sobre elas, salvo em casos especiais em que fosse chamado. Essa ratificação do Imperador LUDOVICO foi feita sob juramento. E assim como o REI DOS OSTROGODOS que, em reconhecimento à autoridade do IMPERADOR GREGO, de quem recebera o REINO DA ITÁLIA, cunhava nas suas moedas a efígie do imperador no anverso e a própria no reverso, o mesmo fez o Papa, reconhecendo a autoridade do IMPERADOR DO OCIDENTE. Assim, o Papa começou a cunhar moedas que, por muito tempo, trouxeram a efígie dos Imperadores Carlos Magno, Ludovico Pio, Lotário e seus sucessores de um lado e, no reverso, a inscrição do Papa.

NOTAS

1. Dn 7,8.

2. Dn 7,20-21.

3. Dn 7,24-25.

4. Foi o piedoso Pepino o primeiro a abrir caminho à difusão da Igreja Romana, com o exarcado de Ravena e com muitas outras dádivas.

5. Sigonius, de Regno Italiae, ad Ann. 726.

6. Ibidem, ad Ann. 726, 752.

7. Ibidem, ad Ann. 750.

8. Ibidem, ad Ann. 753, 754, 755.

9. pelo poder que lhe havia sido dado, perderia o reino de Deus e a vida eterna.

10. em sinal de verdadeiro e perpétuo domínio, mas por benevolente piedade do rei.

11. Ibidem, ad Ann. 773.

12. Ibidem, ad Ann. 796.

13. E com súplicas piedosas o exortou a enviar alguns dos seus principais e a pôr o povo romano sob o seu domínio, comovendo-o a respeitar as alianças e os grandes juramentos de fidelidade.

14. Vide Anastasium.

15. Depois de proferidos os louvores, o sumo sacerdote o adorou, como antigamente era o costume devido aos príncipes.

16. Eu Carlos, Imperador, em nome de Cristo e diante de Deus e do bem-aventurado apóstolo Pedro, prometo defender a santa Igreja Romana em todas as ocasiões, enquanto receber o auxílio divino, como souber e puder.

17. Sigonius, de Regno Italiae.

18. Confirmationem recitat Sigonius, lib. 4. de Regno Italiae, ad Ann. 817.

8

Do poder do undécimo chifre de mudar os tempos e as leis

No reinado do IMPERADOR GREGO JUSTINIANO e, de novo, no reinado de FOCAS, os BISPOS DE ROMA obtiveram algum domínio sobre as IGREJAS GREGAS, mas não de longa duração. O seu domínio permanente foi apenas sobre as nações do IMPÉRIO DO OCIDENTE, representado pela quarta besta de DANIEL. Essa jurisdição foi estabelecida pelo seguinte edito dos IMPERADORES GRACIANO e VALENTINIANO:[1] Volumus ut quicunque judicio Damasi, quod ille cum Consilio quinque vel septem habuerit Episcoporum, vel eorom qui Catholici sunt judicio vel Consilio condemnatus fuerit, si juste voluerit Ecclesiam retentare, ut qui ad sacerdotale judicium per contumeliam non ivisset: ut ab ilustribus viris Proefectis Praetorio Galliae atque Italiae, authoritate adhibita, ad Episcopale judicium remittatur, sive a Consularibus vel Vicariis, ut ad Urbem Romam sub prosecutionem perveniat. Aut si in longinquioribus partibus alicujus ferocitas talis emerserit, omnis ejus causae edictio ad Metropolittae in eadem Provincia Episcopi deduceretur examen. Vel si ipse Metropolitanus est, Romam necessario, vel ad eos quos Romanus Episcopus judices dederit, sine delatione contendat. — Quod si vel Metropolitani Episcopi vel cujuscumque sacerdotis iniquitas est suspecta, aut gratia; ad Romanum Episcopum, vel ad Concilium quindecim finitimorum Episcoporum accersitum liceat provocare; modo ne post examen habitum, quod definitum fuerit, integretur.[2]

Esse édito, sem os nomes de VALENTE e de TEODÓSIO no cabeçalho, foi feito no período entre os seus reinados, isto é, no fim do ano 378 ou começo de 379. É dirigido aos PROEFECTIS PRAETORIO ITALIAE & GALLIAE, tendo assim caráter geral, pois o PROEFECTUS PRAETORIO ITALIAE governava a ITÁLIA, a ILÍRIA OCIDENTAL e a ÁFRICA, enquanto o PROEFECTUS

PRAETORIO GALLIAE governava a GÁLIA, a ESPANHA e a BRETANHA.

A concessão dessa jurisdição ao Papa deu a muitos bispos a ocasião de lhe escrever para resolver casos duvidosos, cartas que ele respondia com epístolas decretais. Assim, começou a legislar para as IGREJAS OCIDENTAIS por meio de tais epístolas.

Em certa ocasião, HIMÉRIO, Bispo de TARRAGONHA, capital de uma província da ESPANHA, escreveu ao Papa DÁMASO pedindo instruções sobre certos assuntos eclesiásticos. Mas a carta só chegou a ROMA depois da morte desse papa, em 384. O Papa SIRÍCIO, seu sucessor, respondeu com autoridade legislativa às consultas. Sobre a primeira, disse: Cum hoc fieri — missa ad Provincias a venerandae memoriae praedecessore meo Liberio generalia decreta, prohibeant.[3] E sobre a outra: “Noverint se ab omni eclesiastico honore, quo indigne usi sunt, Apostolicae Sedis auctoritate, dejectos.[4] E sobre uma terceira: Scituri post hac omnium Provinciarum summi Antistites, quod si ultro ad sacros ordines quemquam de talibus esse assumendum & de suo & de aliorum statu, quos contra Canones & interdicta nostra provexerint, congruam ab Apostolica Sede promendam esse sentemiam.[5]

E assim conclui a epístola: Explicuimus, ut arbitror, frater clarissime, universa quae digesta suni in querelam; & ad singulas causas, de quibus ad Romanam Ecclesiam, utpote ad caput tui corporis, retulisti; suffitientia, quantum opinor, responsa reddidimus. Nunc fraternitates tuae animum ad servandos canones, & tenenda decretalia constituta, magis ac magis incitamus: ad haec ad tua consulta rescripsimus in omnium Coepis coporum perferri facias notionem; & non solum corum, qui in tua sunt dioecesi constituti, sed etiam ad universos Carthaginenses ac Baeticos, Lusitanos atque Gallicos[6] vel eos qui vicinis tibi collimitant hinc inde Provinciis, haec quae a nobis sunt salubri ordinatione deposita, sub literarum tuarum prosecutione mittantur. Et quanquam statuta sedis Apostolicae vel Canonum venerabilia definita, nulli Sacerdotum Domini ignorare sit liberum: utilius tamen, atque pro antiquitate sacerdotii tui, dilectioni tuae esse admodum poterit gloriosum, si ea quae ad te speciali nomine generaliter scripta sunt, per

unanimitatis tuae sollicitudinem in universorum fratrum nostrorum notitiam perferantur; quatenus & quae a nobis non inconsulte sed provide sub nimia cautela & deliberatione sunt salubriter constituta, intemerata permaneant, & omnibus in posterum excusationibus aditus, qui jam nulli apud nos patere poterit, obstruatur. Dat. 3 Id. Febr. Arcadio & Bautone viris clarissimis Consulibus, A. C. 385.[7]

No reinado de JOVIANO ou de VALENTINIANO I, o Papa LIBÉRIO mandou decretos gerais às províncias, estipulando que os ARIANOS não poderiam ser rebatizados. E o fez de acordo com a resolução do Concílio de ALEXANDRIA, de que nada mais deveria ser exigido deles além da renúncia às suas opiniões. Diz-se que o Papa DÁMASO decretou, num concílio ROMANO, que impostos e dízimos deviam ser pagos sob pena de anátema e que, no fim dos salmos, era obrigatório dizer ou cantar Glória ao Pai etc.

Mas a primeira epístola decretal ainda existente é a de SIRÍCIO, pela qual o Papa o fez seu vigário sobre a Espanha para promulgar os seus decretos e cuidar que fossem observados. Os bispos de SEVILHA por vezes foram vigários do Papa, pois assim escreve SIMPLÍCIO ao Bispo ZENON: Talibus idcirco gloriantes indiciis, congruum duximus vicaria Sedis nostrae te auctoritate fulciri: cujus vigore munitus, Apostolicae institutionis Decreta, vel sanctorum terminos Patrum, nullatenus transcendi permittas.[8] E o Papa HORMISDA tornou o bispo de SEVILHA o seu vigário na BÉTICA e na LUSITÂNIA[9] – e o bispo de TARRAGONHA o seu vigário sobre todo o resto da ESPANHA, como se lê nas respectivas epístolas.

Em 404, na epístola decretal a VITRÍCIO, Bispo de RUÃO, na FRANÇA, o Papa INOCÊNCIO I baixou o seguinte decreto, em prosseguimento ao edito de GRACIANO: Si quae autem causae vel contentiones inter Clericos tam superiores ordinis quam etiam inferiores fuerint exortae, ut secundum, Synodum Niceenam congregatis ejusdem Provinciae Episcopis jurgium terminetur: nec alicui[10] Romanae Ecclesiae, cujus in omnibus causis debet reverentia custodiri, relictis his sacerdotibus, qui in eadem Provincia Dei Ecclesiam nutu Divino

gubernant, ad alias convolare Provincias. Quod siquis forte praesumpserit; & ab officio Clericatus summotus, & injuriarum reus judicetur. Si autem majores causae in medium fuerint devolutae, ad Sedem Apostolicam sicut Synodus statuit & beata consuetudo exigit, post judicium Episcopa1e referantur.[11]

Por essas cartas, parece-me que a GÁLIA já estava submetida ao Papa e que o bispo de RUÃO era então o seu vigário ou um deles, já que o Papa lhe diz para enviar as causas maiores à SÉ DE ROMA, de acordo com o costume. Mas, em 417, o bispo de ARLES tornou-se vigário do Papa para toda a GÁLIA já que o Papa ZÓSIMO, ao determinar que ninguém teria acesso a ele sem as credenciais dos seus vigários, conferiu a PATROCLO, Bispo de ARLES, tal autoridade para toda a GÁLIA, nos termos do seguinte decreto:

ZOSIMUS UNIVERSIS EPISCOPIS PER GALLIAS & SEPTEM

PROVINCIAS CONSTITUTIS.

Placuit Apostolicae Sedis, ut siquis ex qualibet Galliarum parte sub quolibet ecclesiastico gradu ad nos Romae venire contendit, vel alio terrarum ire disponit, non aliter proficiscatur nisi Metropolitani Episcopi Formatas acceperit, quibus sacerdotium suum vel locum ecclesiasticum quem habet, scriptorum ejus adstipulatione perdoceat: quod ex gratia statuimus quia, plures episcopi sive presbyteri sive ecclesiastici simulantes, quia nullum documentum Formatarum extat per quod valeant confutari, in nomen venerationis irrepunt, & indebitam reverentiam promerentur … Quisquis igitur, fratres clarissimi, praetermissa supradicta Formata, sive episcopus, sive presbyter, sive diaconus, aut deinceps inferiori gradu sit, ad nos venerit: sciat se omnino suscipi non posse. Quam auctoritatem ubique nos misisse manifestum est, ut cunctis regionibus innotescat id quod statuimus omnimodis esse servandum. Siquis autem haec salubriter constituta temerare tentaverit sponte sua, se a nostra noverit communione discretum. Hoc autem privilegium Formatarum sancto Patroclo fratri & coepiscopo nostro, meritorum ejus speciali contemplatione,

concessimus.[12]

Que o bispo de ARLES era por vezes o vigário do Papa em toda a FRANÇA é afirmado também por todos os bispos da diocese de ARLES na carta ao Papa LEÃO I. Cui id etiam honoris dignitatisque collatum est, dizem eles, ut non tantum has Provincias potestate propria gubernaret; verum etiam omnes Gallias sibi Apostolicae Sedis vice mandatas, sub omni ecclesiastica regula contineret.[13] Em 556, diz o Papa PELÁGIO I na epístola a SAPANDUS, Bispo de ARLES: Majorum nostrorum, operante Dei misericordia, cupientes inhaerere vestigiis & eorum actus divino examine in omnibus imitare: Charitati tuae per universam Galliam, sanctae Sedes Apostolicae, cui divina gratia praesidemus, vices injungimus.[14]

Por influência do mesmo edito imperial, não só a ESPANHA e a GÁLIA, mas ainda a ILÍRIA, sujeitaram-se ao Papa. DÁMASO nomeou ASCÓLIO ou ACHOLIUS, Bispo da TESSALÔNICA, metrópole da ILÍRIA ORIENTAL, o seu vigário auditor das causas; em 382, ASCÓLIO, notificado pelo Papa, foi a um concílio em ROMA. O Papa SIRÍCIO, seu sucessor, decretou que nenhum bispo da ILÍRIA poderia ser ordenado sem o consentimento de ANÍSIO, sucessor de ASCÓLIO. E os papas seguintes deram a RUFO, sucessor de ANÍSIO, o poder de convocar concílios provinciais, pois nas Coleções de HOLSTÊNIO há o relato de um Concílio de ROMA, convocado na gestão do Papa BONIFÁCIO II, em que foram exibidas cartas de DÁMASO, SIRÍCIO, INOCÊNCIO II, BONIFÁCIO I e CELESTINO, BISPOS DE ROMA, a ASCÓLIO e RUFO, BISPOS DA TESSALÔNICA, em que confiam a estes as causas da ILÍRIA, conforme concessão do Senhor e dos Santos Cânones à Sé Apostólica para toda aquela província. E o Papa SIRÍCIO diz em sua epístola a ANÍSIO: Etiam dudum, frater clarissime, per Candidianum Episcopum, qui nos praecessit ad Dominum, hujusmodi literas dederamus, ut nulla licentia esset, sine consensu tuo in Illyrico Episcopos ordinare praesumere, quae utrum ad te pervenerint scire non potuit. Multa enim gesta, sunt per contentionem ab Episcopis in ordinationibus faciendis, quod tua melius caritas novit.[15] E logo adiante: Ad omnem enim hujusmodi audaciam comprimendan vigilare debet instantia tua, Spiritu in te Sancto fervente: ut vel ipse, si potes, vel quos judicaveris Episcopos idoneos, cum literis dirigas, dato consensu qui possit, in

ejus locum qui defunctus vel depositus fuerit, Catholicum Episcopum vita & moribus probatum, secundum Nicaeanae Synodi statuta vel Ecclesiae Romanae, Clericum de Clero meritum ordinare.[16]

Na epístola a ANÍSIO, diz o papa INOCÊNCIO I: Cui [Anysio] etiam anteriores tanti ac tales viri praedecessores mei Episcopi, id est, sanctae memoriae Damasus, Siricius, atque supra memoratus vir ita detulerant; ut omnia quae in omnibus illis partibus gererentur cognoscenda.[17]

E na epístola a RUFO, sucessor de ANÍSIO: Ita longis intervallis disterminatis a me ecclesiis discat consulendum; ut prudentiae gravitatique tuae committtendam curam causasque, siquae exoriantur, per Achaiae, Thessaliae, Epiri veteris, Epiri novae, & Cretae, Daciae mediterraneae, Daciae ripensis, Moesiae, Dardaniae, & Proevali ecclesias. Christo Domino annuente, censeam. Vere enim ejus sacratissimis monitis lectissimae sinceritatis tuae providentiae & virtuti hanc injungimus sollicitudinem: non primitus haec statuentes, sed Praecessores nostros Apostolicos imitati, qui beatissimis Acholio & Anysio injungi pro meritis ista voluerunt.[18]

Na epístola decretal a RUFO e aos outros bispos da ILÍRIA, diz BONIFÁCIO I: Nullus, ut frequenter dixi, alicujus ordinationem citra ejus (Episcopi Thessaalonicensis) conscientiam celebrare praesumat: cui, ut supra dictum est, vice nostra cuncta committimus.[19]

E o Papa CELESTINO, na epístola decretal aos bispos da ILÍRIA assim se exprime: Vicem nostram per vestram Provinciam noveritis (Rufo) esse commissam ita ut ad cum, fratres carissimi, quicquid de causis agitur, referatur. Sine ejus consilio nullus ordinetur. Nullus usurpet, eodem inconscio, commissam illi Provinciam; colligere nisi cum ejus voluntate Episcopus non praesumat.[20]

E na causa de PERÍGENES, no título da epístola, assim estão enumeradas as províncias sujeitas àquele bispo: Rufo & coeteris Episcopis per Macedoniam, Achaiam, Thessaliam, Epirum veterem, Epirum novam, Praevalin & Daciam constitutis.[21]

Numa decretal aos mesmos bispos, assim diz o Papa XISTO: Illyricanae omnes Ecclesiae, ut a decessoribus nostris recepimus, & nos quoque fecimus, ad curam nunc pertinent Thessalonicensis Antistitis, ut sua sollicitudine, sinae inter fratres nascantur, ut assolent, actiones distinguat atque definiat; & ad cum, quicquid a singulis sacerdotibus agitur, referatur. Sit Concilium, quotiens causae fuerint, quotiens ille pro necessitatum emergentium ratione decreverit.[22]

Já na epístola decretal a ANASTÁCIO, Bispo de TESSALÔNICA, assim escreve o Papa LEÃO I: Singulis autem Metropolitanis sicut potestas ista committitur, ut in suis Provinciis jus habeant ordinandi; ita eos Metropolitanos a te volumus ordinari; maturo tamen & decocto judicio.[23]

A ILÍRIA OCIDENTAL compreendia as duas PANÔNIAS, a SÁVIA, a DALMÁCIA, a NÓRICA CENTRAL e a NÓRICA MARÍTIMA; a sua metrópole era SÍRMIO, até que ÁTILA a destruiu. Depois LAUREACUM tornou-se capital da NÓRICA e das duas PANÔNIAS e SALONA a capital da DALMÁCIA. Então,[24] os bispos de LAUREACUM e de SALONA recebiam o PÁLIO do Papa e ZÓSIMO, na carta decretal a HESÍQUIO, Bispo de SALONA, diz a ele para transmitir os decretos apostólicos não só aos bispos da sua circunscrição, como aos das províncias vizinhas.

Parece que a submissão dessas províncias à Sé de ROMA começou com ANÊMIO, ordenado Bispo de SÍRMIO por AMBRÓSIO, Bispo de MILÃO. No Concílio de AQUILÉIA, presidido pelo Papa DÁMASO em 381, ele proclamou a sua sentença nestes termos: Caput Illyrici non nisi civitas Sirmiensis: Ego igitur illius civitatis Episcopus sum. Eum qui non confitetur filium Dei aeternum, & coeternum patri, qui est sempiternus, anathema dico.[25]

No ano seguinte, ANÊMIO e AMBRÓSIO, com VALERIANO, Bispo de AQUILÉIA, ASCÓLIO, Bispo de TESSALÔNICA, e vários outros foram ao Concílio de ROMA, que se reuniu para vencer a IGREJA GREGA por maioria de votos e exaltar a autoridade da Sé Apostólica, como já fora tentado no Concílio de SÁRDICA.

AQUILÉIA era a segunda cidade do IMPÉRIO DO OCIDENTE, chamada por alguns de "segunda Roma". Era a metrópole da ÍSTRIA, do FORUM JULIUM e da VENÉCIA. A sua submissão à Sé de ROMA se revela na epístola decretal de LEÃO I, dirigida a NICETAS, seu bispo. Pois assim começa a epístola do Papa: Regressus ad nos filius meus Adeodatus Diaconus sedis nostrae, dilectionen tuam poposcisse memorat, ut de his a nobis authoritatem Apostolicae Sedis acciperes, quae quidem magnam difficultatem dijudicationis videntur afferre.[26] Então, responde a algumas perguntas de NICETAS e conclui: Hanc autem Epistolam nostram, quam ad consultationem tuae fraternitatis emissimus, ad omnes fratres & comprovinciales tuos Epiascopos facies pervenire, ut in omnium observantia, data prosit authoritas. Data 12 Kal. Apr. Majorano Augusto Cos. A. C. 458.[27]

Em 591, GREGÓRIO MAGNO convocou SEVERO, Bispo de AQUILÉIA, para vir à sua presença, para ser julgado por um concílio em ROMA.[28]

Os bispos de AQUILÉIA e de MILÃO ordenavam-se um ao outro e, assim, tinham a mesma autoridade e a mesma submissão à Sé de ROMA. Isso é comprovado em 557, pelo Papa PELÁGIO,[29] nas seguintes palavras: Mos antiquus fuit ut quia pro longinquitate vel difficultate itineris, ab Apostolico illis onerosum fuerit ordinari, ipsi se invicem Mediolanensis & Aquileiensis ordinare Episcopos debuissent.[30] Tais palavras sugerem que a ordenação desses dois bispos pertencia à Sé de ROMA. LOURENÇO, Bispo de MILÃO,[31] tinha excomungado MAGNO, um dos seus presbíteros. Mas, quando faleceu, o Papa GREGÓRIO MAGNO absolveu[32] o presbítero e mandou o PÁLIO a CONSTANTINO, recém-eleito bispo. No ano seguinte, repreendeu-o por

parcialidade no julgamento de FORTUNATO[33] e ordenou que este fosse a ROMA para ser julgado. Quatro anos depois, nomeou os bispos de MILÃO e RAVENA para ouvir a causa de MÁXIMO. Dois anos depois, em 601, do CONSTANTINO morreu e o povo de MILÃO elegeu DEUSDEDIT como seu sucessor,[34] mas os LOMBARDOS elegeram outro. Diante disso, GREGÓRIO escreveu ao notário, ao clérigo e ao povo de MILÃO dizendo que, pela autoridade das suas cartas, DEUSDEDIT seria ordenado e que aquele que os LOMBARDOS tinham ordenado era indigno como sucessor de AMBRÓSIO.

Isso me faz pensar que a igreja de MILÃO mantinha esse estado de subordinação à SÉ de ROMA desde os dias de AMBRÓSIO, pois o próprio AMBRÓSIO reconhecia a autoridade daquela SÉ. Ecclesia Romana, dizia ele,[35] hanc consuetudinem non habet, cujus typum in omnibus sequitur, & formam.[36] E pouco adiante: In omnibus cupio sequi Ecclesiam Romanam.[37]

Comentando o terceiro capítulo da Primeira Epístola a TIMÓTEO, diz ainda: Cum totus mundus Dei sit. tamem domus ejus Ecclesia dicitur, cujus rector est Damasus.[38] Na oração pela morte do seu irmão SÁTIRO, conta como ele, chegando a uma cidade na SARDENHA, advocavit Episcopum loci, percontatusque est ex eo utrum cum Episcopis Catholicis hoc est cum Romana Ecclesia conveniret?[39] Em 381, em conjunto com o SÍNODO DE AQUILÉIA, numa carta sinodal ao Imperador GRACIANO, diz ele: Totius orbis Romani caput Romanam Ecclesiam, atque illam sacrosanctam Apostolorum fidem ne turbari sineret, obsecranda fuit clementia vestra; inde enim in omnes venerandae communionis jura dimanant.[40]

Assim, as igrejas de AQUILÉIA e de MILÃO estavam subordinadas à SÉ de ROMA desde os dias do Imperador GRACIANO.

AUXÊNCIO, predecessor de AMBRÓSIO, não estava sujeito à SÉ de ROMA. Então, essa submissão da igreja de MILÃO teve início com AMBRÓSIO. A DIOCESE DE MILÃO compreendia a LIGÚRIA com a INSÚBRIA, os ALPES

CÓTIOS e a RÉCIA, e era separada da DIOCESE DE AQUILÉIA pelo rio ADDA. Em 844, o Bispo de MILÃO rompeu com a Sé de ROMA e essa separação durou duzentos anos, segundo o relato de SIGÔNIO:[41] Eodem anno Angillbertus Mediolanensis Archiepiscopus ab Ecclesia Romana parum comperta de causa descivit, tantumque exemplo in posterum valuit, ut non nisi post ducentos annos Ecclesia Mediolanensis ad Romanae obedientiam auctoritatemque redierit.[42]

O bispo de RAVENA, metrópole da FLAMÍNIA e da EMÍLIA, também estava subordinado ao Papa. Em 417, ZÓSIMO excomungou alguns presbíteros daquela igreja e escreveu uma epístola ao seu clero, como a um ramo da Igreja de ROMA. Diz ele: In sua, hoc est, in Ecclesia nostra Romana etc.[43] Quando o povo de RAVENA elegeu um novo bispo e deu a notícia ao Papa XISTO, este o pôs de lado, ordenando em seu lugar PEDRO CRISÓLOGO.[44] Na epístola a EUTÍQUIO, conservada nos ATOS do Concílio de CALCEDÔNIA, escreveu CRISÓLOGO: Nos pro studio pacis & fidei, extra consensum Romanae civitatis Episcopi, causas fidei audire non possumus.[45] Consultado por LEÃO, Bispo de RAVENA, sobre algumas questões, o Papa LEÃO I lhe respondeu por uma epístola decretal, em 451. E o Papa GREGÓRIO MAGNO, repreendendo JOÃO, Bispo de RAVENA, a respeito do uso do PÁLIO,[46] menciona um preceito de um de seus predecessores, o Papa JOÃO, segundo o qual todos os privilégios já concedidos ao bispo e à igreja de RAVENA deveriam ser conservados. A isso, JOÃO deu uma resposta submissa. Depois da sua morte, o Papa GREGÓRIO ordenou a visitação da igreja de RAVENA, confirmou os privilégios concedidos anteriormente e mandou o seu PÁLIO, conforme um antigo costume, ao novo Bispo MARINIANO. Essa igreja ainda se separou algumas vezes da de ROMA, mas sempre voltou à sua obediência.

O resto da ITÁLIA, com as ilhas adjacentes, contendo as regiões suburbanas, ou as dez províncias sob o poder temporal do vigário de ROMA – CAMPÂNIA; TOSCANA e ÚMBRIA; PICENUM SUBURBICARIUM; SICÍLIA; APÚLIA e CALÁBRIA; BRUTII e LUCÂNIA; SAMNIUM; SARDENHA; CÓRSEGA e VALÉRIA –, constituía a província do BISPO DE ROMA. Aliás, no seu quinto cânon, o CONCÍLIO DE NICE determinava a realização de concílios em todas as províncias, na primavera e no outono e, de acordo com esse cânon, os bispos

dessa província se encontravam em ROMA de seis em seis meses. Tanto que o Papa LEÃO I escreve o seguinte numa epístola decretal aos bispos da SICÍLIA: Alippio & Ardabure Coss, A. C. 447, diz: Quia saluberrime a sanctis patribus constitutum est, binos in annis singulis Episcoporum debere esse conventus, terni semper ex vobis ad diem tertium Kalendarum Octobrium Romam aeterno concilio sociandi occurrant; Et indissimulanter a vobis haec consuetudo servetur, quoniam adjuvante Dei gratia facilius poterit provideri, ut in Ecclessiis Christi nulla scandala, nulli nascuntur errores; cum coram Apostolo Petro semper in communione tractarum fuerit, ut omnia Canonum Decreta apud omnes Domini Sacerdotes inviolata permaneant.[47]

Assim, pois, a província de ROMA compreendia a SICÍLIA, parte da ITÁLIA e as ilhas circunvizinhas, pois anualmente mandavam os bispos aos concílios anuais de ROMA: mas não se estendia às províncias de RAVENA, AQUILÉIA, MILÃO, ARLES e outras. Estas tinham os seus próprios concílios.

Os bispos de cada província do IMPÉRIO ROMANO eram convocados pelo METROPOLITANO ou bispo da capital da província, o qual presidia o respectivo concílio. Mas o bispo de ROMA não só presidia o concílio dos bispos das regiões suburbanas: dava ainda ordens aos METROPOLITANOS de todas as outras províncias do IMPÉRIO DO OCIDENTE, como seu governador universal. Tudo isso se verifica nos exemplos seguintes.

Em 417, o Papa ZÓSIMO citou PRÓCULO, Bispo de MARSELHA, a comparecer a um concílio em ROMA, por causa de ordenações ilegítimas; e o condenou, como se pode ver em várias de suas epístolas. Em 419, à vista de uma representação do clero de VALÊNCIA contra o Bispo MÁXIMO, o Papa BONIFÁCIO I ordenou aos bispos de toda a GÁLIA e das sete províncias que reunissem um concílio contra aquele. E na sua epístola, diz que assim agiam os seus predecessores. O Papa LEÃO I convocou um Concílio Geral de todas as Províncias da ESPANHA, a se reunir na GALÍCIA, contra os MANIQUEUS e os PRICILIANOS, conforme disse na epístola decretal a TURÍBIO, um dos bispos espanhóis. Numa carta decretal a NICETAS, Bispo de AQUILÉIA,

ordenou-lhe a convocação de um concílio dos bispos daquela província contra os PELÁGIOS, que deveria ratificar os decretos sinodais já ratificados pela Sé de ROMA contra aquela heresia. E na carta decretal a ANASTÁCIO, Bispo de TESSALÔNICA, ordenou-lhe que reunisse anualmente dois concílios provinciais, mas que as causas mais difíceis fossem remetidas à Sé de ROMA; e que, se em momentos extraordinários fosse necessário convocar um concílio, que não importunasse demais os bispos subordinados a ele: que se contentasse com dois bispos de cada província e que não os detivesse por mais de quinze dias.

Na mesma epístola, ele define a forma de governo da Igreja então estabelecida como subordinação de todas as igrejas à Sé de ROMA: “De qua forma”, diz a epístola, Episcoporum quoque est orta distinctio & magna dispositione provisum est ne omnes sibi omnia vindicarent, sed essent in singulis Provinciis singuli quorum inter fratres haberetur prima sententia, & rursus quidam in majoribus urbibus constituti sollicitudinem sumerent ampliorem, per quos ad unam Petri Sedem universalis Ecclesiae cura conflueret, &: nihil usque a suo capite dissideret. Qui ergo scit se quibusdam, esse praepositum, non moleste ferat aliquem sibi esse praepositum; sed obedientiam quam exigit etiam ipse dependat; et sicut non vult gravis oneris sarcinam ferre, ita non audeat aliis importabile pondus imponere.[48]

Essas palavras mostram claramente a forma monárquica de governo então estabelecida nas igrejas do IMPÉRIO DO OCIDENTE sob o domínio do BISPO DE ROMA, por meio do decreto imperial de GRACIANO e dos apelos e epístolas decretais nele baseados.

Tendo o Papa LEÃO, num Concílio em ROMA, ao dar o seu parecer sobre a atuação de HILÁRIO, Bispo de ARLES, num concílio provincial na GÁLIA, aproveitou a ocasião para, baseado no seguinte édito de VALENTINIANO III, imperador do OCIDENTE, estabelecer a mais absoluta autoridade de sua SÉ sobre todas as outras do império do OCIDENTE.

Impp. Theodosius & Valentinianus AA. Aetio Viro illustri, Comiti & Magistro utriusque militiae & Patricio.

Certum est & nobis & imperio nostro unicum esse praesidium supernae Divinitatis favore, ad quem promerendum praecipue Christiana fides & veneranda nobis religio suffragantur. Cum igitur Sedis Apostolicae Primatum sancti Petri meritum, qui princeps est Episcopalia coronae & Romanae dignitas civitatis, sacrae etiam Synodi firmavit auctoritas: ne quid praeter auctoritatem Sedis istius illicitum praesumptio attemperare nitatur: tunc enim demum Ecclesiarum pax ubique servabitur, si Rectorem suum agnoscat Universitas. Haec cum hactenus inviolabiliter fuerint custodita, Hilarius Arelatensis, sicut venerabilis viri Leonis Romani Papae fideli relatione comperimus, contumaci ausu illicita quaedam praesumenda tentavit, & ideo Transalpinas Ecclesias abominabilis tumultus invasit, quod recens maxime testatur exemplum. Hilarius enim qui Episcopus Arelatensis vocatur, Ecclesiae Romanae urbis inconsulto Pontifice indebitas sibi ordinationes Episcoporum sola temeritate usurpans invasit. Nam alios incompetenter removit; indecenter alios, invitis & repugnatibus civibus, ordinavit. Qui quidem, quoniam non facile ab his qui non elegerant, recipiebantur, manum sibi contrahebat armatam, & claustra murorum in hostilem morem vel obsidione cingebat, vel aggressione reserabat, & ad sedem quietis pacem praedicaturus per bella ducebat. His talibus contra Imperii majestatem, & contra reverentiam Apostolicae Sedis admissis, per ordinem religiosi viri Urbis Papae cognitione discussis, certo in eum, ex his quos male ordinaverat, lata sententia est. Erat quidem ipsa sententia per Gallias etiam sine Imperiali Sanctione valitura: quid enim Pontificis auctoritate non liceret? Sed nostram quoque praecipitationem haec ratio provocavit. Nec ulterius vel Hilario, quem adhuc Episcopum nuncupare sola mansueta Praesulis permittit humanitas, nec cuiquam alteri ecclesiasticis rebus arma miscere, aut praeceptis Romani Antistitis liceat obviare: ausibus enim talibus fides & reverentia nostri violatur lmperii. Nec hoc solum, quod est maximi criminis, submovemus: verum ne levis saltem inter Ecclesias turba nascatur, vel in aliquo minui religionis disciplina videatur, hoc perenni sanctione discerminus; nequid tam Episcopis Gallicanis quam aliarum Provinciarum contra consuetudinem veterem liceat, sine viri venerabilis Papae Urbis aeternae auctoritate, tentare. Sed illis omnibusque pro lege sit, quicquid sanxit vel sanxerit Apostolicae Sedes auctoritas: ita ut quisquis Episcoporum ad judicium Romani Antistitis evocatus venire neglexerit, per Moderatorem ejusdem Provinciae adesse cogatur, per

omnia servatis quae Divi parentes nostri Romanaee Ecclesiae detulerunt, Aeti pater carissime Augusti. Unde illustris & praeclara magnificentia tua praesentis Edictalis Legis auctoritate faciet quae sunt superius statuta servari, decem librarum auri multa protinus exigenda ali unoquoque Judice qui passus fuerit praecepta nostra violari. Divinitas te servet per multos annos, parens carissime. Dat. viii. Id Jun. Romae, Valentiniano A. vi. Consule, A. C. 445.[49]

Por esse édito, o Imperador VALENTINIANO impõe a todas as igrejas do seu império, uma obediência absoluta ao bispo de ROMA. Declara que qualquer tentativa dos bispos no sentido de obter alguma coisa sem a autoridade do Papa é contrária ao antigo costume e que o bispo intimado a comparecer perante a sua judicatura deve aí ser levado pelo governador da província. Atribui tais privilégios da Sé de ROMA às concessões dos seus antepassados, mediante o édito de GRACIANO e de VALENTINIANO II, como já vimos. Assim, avalia que o domínio da Igreja de ROMA já durava 66 anos e acrescenta que, se esse tempo não fora suficiente para estabelecê-lo, o novo édito o firmava acima de qualquer dúvida no IMPÉRIO DO OCIDENTE.

Por isso, em 450, todos os bispos da província de ARLES pedem ao Papa LEÃO a restituição dos privilégios do seu metropolitano dizendo: Per beatum Petrum Apostolorum principem, sacrosancta Ecclesia Romana tenebat supra omnes totius mundi Ecclesias principatum.[50]

CERÁCIO, SOLÔNIO e VERANO, três bispos da GÁLIA, dizem numa epístola ao mesmo Papa: Magna praeterea & ineffabili quadam nos peculiares tui gratulatione succrescimus, quod illa specialis doctrinae vestrae pagina ita per omnium Ecclesiarum conventicula celebratur, ut vere consona omnium sententia declaretur; merito illic principatum Sedis Apostolicae constitutum, unde adhuc apostolici spiritus oracula referentur".[51]& [52]E o próprio LEÃO, na epístola aos bispos metropolitanos da ILÍRIA, diz: "Quia per omnes Ecclesias cura nostra distenditur, exigente hoc a nobis Domino, qui Apostolicae dignitatis beatissimo Apostolo Petro primatum, fidei sui remuneratione commisit, universalem Ecclesiam in fundamenti ipsius soliditate constituens.[53]

Embora essa dominação eclesiástica estivesse aumentando, as nações bárbaras invadiram o IMPÉRIO DO OCIDENTE e aí fundaram diversos reinos de religião diversa da Igreja ROMANA. Mas, pouco a pouco, esses reinos abraçaram a fé romana e foram se submetendo à autoridade do Papa. Os FRANCOS, na GÁLIA, submeteram-se no fim do século V; os GODOS, na ESPANHA, no fim do VI; e os LOMBARDOS, na ITÁLIA, foram conquistados por CARLOS MAGNO em 774. Entre os anos 775 e 794, o mesmo CARLOS MAGNO estendeu a autoridade do Papa sobre toda a GERMÂNIA e a HUNGRIA, até o rio TISZA e o Mar BÁLTICO. Então, elevou o Papa acima de qualquer judicatura humana e, ao mesmo tempo, ajudou-o a submeter a cidade e o ducado de ROMA.

Pela conversão dos dez reinos à religião romana, o Papa ampliou o seu domínio espiritual mas não se destacava ainda como um chifre da besta. Foi o seu poder temporal que o transformou num dos chifres. Esse poder foi adquirido na segunda metade do século VIII pela conquista de três daqueles chifres, como já vimos.

Então, alcançando o poder temporal e um domínio acima de qualquer judicatura humana, o seu aspecto se tornou mais majestoso do que o dos outros chifres.[54] Daí por diante, os tempos e as leis foram entregues nas suas mãos por um tempo, e dois tempos e metade dum tempo,[55] ou seja, três tempos e meio, isto é, por 1260 anos, desde que se considere como um tempo o ano calendário de 360 dias, e um dia como um ano solar. Depois disso o tribunal dará audiência e o domínio lhe será arrebatado,[56] não de uma vez, mas gradativamente, até que ele seja destruído e reduzido a nada até o fim. E o reino e o império e as grandezas dos reinos sob todos os céus serão entregues ao povo dos santos do Altíssimo. Seu império é um império eterno, e todos os impérios o servirão e lhe prestarão obediência.[57]

NOTAS

1. Vide Annals of Baronius, Anno 381, Sect. 6.

2. Segundo determinação de Dámaso, quem for condenado por um concílio de cinco ou de sete bispos, ou pela opinião de pessoas católicas, e estiver relutante em se apresentar ao juízo sacerdotal, será remetido ao juízo episcopal pelos ilustres prefeitos do Pretório da Gália e da Itália, pelos seus substitutos, ou ainda pelos cônsules ou vigários, e irão a Roma sob guarda. Caso se verifique crime de monta em lugares muito afastados, que o caso seja levado ao exame do metropolitano da mesma província do bispo. Mas se o criminoso for o próprio metropolitano, que seja levado sem demora a Roma ou aos juízes designados pelo bispo de Roma. Entretanto, em caso de suspeita de crime atribuído aos metropolitanos ou a quaisquer sacerdotes, deve-se recorrer ao bispo romano ou ao concílio de quinze bispos das vizinhanças. E o que for resolvido depois do exame deve ser respeitado.

3. Proibindo que tal se faça, pois os decretos gerais já haviam sido enviados às províncias pelo meu predecessor Libério, de veneranda memória.

4. Saibam estar despojados de todas as honras eclesiásticas, de que se tornaram indignos, pela autoridade da Sé Apostólica.

5. Saibam os sumos antístites de todas as províncias que se elevarem às ordens sacras do seu ou de outros estados, contra os cânones e contra as nossas interdições – que será lavrada competente sentença pela Sé Apostólica.

6. Os povos da GÁLIA.

7. Explicamos conforme pensamos, ilustríssimo irmão, todas as coisas que são referidas para quesito; e a cada uma das coisas que expões à Igreja Romana, assim como para a cabeça de teu corpo, demos a resposta que julgamos suficiente. Agora exortamos o teu espírito fraterno para que observes os cânones e cada vez mais guardes as decretais: por isso respondemos à tua consulta, para que dês conhecimento não só a todos os bispos da tua diocese, mas também a todos os cartagineses, béticos, lusitanos e gauleses, como àqueles cujas províncias te são vizinhas, às quais é de salutar efeito receber as nossas ordenações por meio das tuas letras. E ainda que nenhum sacerdote do Senhor deva ignorar quanto é estabelecido pela Sé Apostólica e pelos cânones veneráveis, é contudo conveniente, já pela antigüidade do teu sacerdócio, já para a tua própria glória, que aquilo que em geral te é escrito diretamente, por tua solicitude seja comunicado a todos os nossos irmãos; enquanto o que por nós é instituído, não irrefletidamente, mas com segurança e muita cautela, permaneça inviolável e que, para o futuro, seja fechada a porta a todas as escusas, para que nada fique exposto. Dado a 3 dos idos de fevereiro, sendo cônsules os ilustríssimos senhores Arcádio e Bautone, em 385 a.D.

8. Alegrando-nos, pois, com tais indícios, julgamos oportuno delegar-te a autoridade de vigário da nossa Sé, para que, revestido de tal poder, de modo algum permitas sejam transgredidos os decretos apostólicos nem as lições dos santos padres.

9. Hormisd. — Epist. 24, 26.

10. Parece que faltam as palavras: sine auctoritate.

11. Se, porém, surgirem contendas entre os clérigos, quer de ordens maiores, quer menores, que sejam resolvidas, de acordo com o Sínodo de Nicéia, pela congregação dos bispos da mesma província; e a ninguém da Igreja Romana, cujo respeito deve ser guardado em todas as coisas, seja lícito ir para outras províncias, deixando esses sacerdotes que na mesma província regem a Igreja de

Deus, pela vontade divina. E se o fizer, fica privado do ofício do clericato e será condenado à perda dos direitos. Desde, porém, que se trate de causas mais graves, sejam remetidos à Sé Apostólica, como prescreveu o Sínodo e exige o santo costume, após o pronunciamento da sentença episcopal.

12. Zósimo a todos os bispos constituídos na Gália e nas sete províncias. Assim decreta a Sé Apostólica que se alguém, de qualquer parte da Gália, de qualquer grau eclesiástico, pretende vir a nós em Roma, ou ir a qualquer outra parte, não o faça sem que os bispos metropolitanos hajam recebido as cartas, com as quais fique provado o seu sacerdócio e o lugar do seu exercício; o que estatuímos pelo fato de que muitos falsos bispos, presbíteros e eclesiásticos, não possuindo qualquer documento pelo que possam ser recusados, se insinuam à veneração e recebem indébita reverência. Qualquer, pois, ilustríssimo irmão, que se nos apresente sem as ditas cartas, seja bispo, presbítero, diácono ou de graus imediatamente inferiores, saiba que não será por nós recebido. É necessário tornar esta ordem conhecida em todas as regiões, para que seja observado aquilo que estatuímos. E se alguém, por sua própria vontade, a infringir temerariamente, saiba que fica privado da nossa comunhão. Mas esse privilégio das cartas nós o concedemos a Patroclo, nosso santo irmão e nosso bispo, em atenção aos seus méritos especiais.

13. A quem tanta honra e dignidade foram concedidas, não só para governar estas províncias com autoridade própria, mas também, por delegação da Sé Apostólica, manter as Gálias sob toda a regra eclesiástica.

14. Desejando, com o valioso favor de Deus, seguir as pegadas dos nossos antepassados e imitar todos os seus atos, impomos à tua caridade, para toda a Gália, a representação da Sé Apostólica, que presidimos pela graça divina.

15. Há tempos te escrevemos, ilustríssimo irmão, por intermédio do Bispo Candidiano, que nos precedeu na presença do Senhor, a respeito de não ser à Ilíria facultada a pretensão de se ordenarem bispos sem o teu consentimento:

carta que ele não pode saber se havia chegado às tuas mãos. Na verdade, muitas coisas foram feitas pelos bispos, no tocante às ordenações, com o espírito de luta, o que a tua caridade conhece melhor.

16. Para refreares toda a audácia dessa natureza, deves vigiar a tua solicitude, abrasando-te no amor do Espírito Santo, de modo que ou tu, se for possível, ou quem dos bispos julgares idôneo, com o teu consentimento escrito, possa ordenar, segundo os estatutos do Sínodo de Nicéia e da Igreja Romana, bispo católico de vida e costumes provados, a um clérigo digno do clero, para suceder ao falecido ou ao deposto.

17. A quem (Anísio) os bispos predecessores de tão egrégio varão, isto é, Dámaso, de santa memória, Sirício, como também o mencionado varão, mandaram que seja comunicado tudo quanto ocorrer em todas aquelas partes.

18. Assim, observados os intervalos por nós marcados às igrejas, aprende a consultar, a fim de que com prudência e seriedade possas cuidar das coisas que ocorrerem nas igrejas da Acaia, da Tessália, do Antigo Épiro, do Novo Épiro, de Creta, da Dácia Central, da Dácia Marítima, da Mésia, da Dardânia e da Provália. E se Cristo o aprovar, nós também o aprovamos. Realmente, devido aos seus sacratíssimos conselhos, recomendamos à tua preciosa sinceridade, prudência e virtude, este cuidado: não decretando isto de nossa iniciativa, senão imitando os nossos predecessores apostólicos, que confiaram este encargo aos felicíssimos Ascólio e Anísio, dados os seus méritos.

19. Como já disse reiteradamente, que ninguém ouse ordenar sem o seu conhecimento (do bispo de Tessalônica) pois, como acima foi dito, a ele delegamos a nossa autoridade.

20. Rufo é o nosso delegado para a vossa província; a ele, pois, caríssimos

irmãos, deveis levar quaisquer causas. Ninguém seja ordenado sem o seu conselho; sem o seu conhecimento ninguém ouse administrar a província; e sem a sua vontade, ninguém congregue os bispos.

21. A Rufo e aos demais bispos instituídos para a Macedônia, Acaia, Tessália, Velho Épiro, Novo Épiro, Prevália e Dácia.

22. Todas as igrejas da Ilíria, conforme as recebemos de nossos predecessores, e também nós o fizemos, estão atualmente sob os cuidados do bispo de Tessalônica, para que, por sua solicitude, haja unidade entre os irmãos e, como de costume, observe e ponha termo às ações; e a ele sejam referidas as ações de cada sacerdote. Haja concílio sempre que for o caso e toda vez que, à vista de urgente necessidade, seja determinado.

23. Mas, assim como a cada metropolitano é dado o poder de ordenar em suas províncias, também queremos que ordenes os metropolitanos, todavia com julgamento maduro e acabado.

24. Vide Caroli a S. Paulo – Geographiam sacram, p. 72, 73.

25. A capital da Ilíria não é senão a cidade de Sírmio. Eu, pois, sou o bispo daquela cidade. Declaro excomungado a quem negar que o Filho de Deus é eterno e coeterno ao Pai sempiterno.

26. Tendo regressado a nós o nosso filho Adeodato, diácono da nossa Sé, conta haver rogado à tua caridade que aceitasse de nós o poder da Sé Apostólica no que se refere a estas coisas que, certamente, parecem trazer grande dificuldade de julgamento.

27. Depois farás chegar esta nona carta, enviada para consulta à tua fraternidade, a todos os irmãos e aos bispos da tua província, para que a autoridade concedida seja útil na observância de todas as coisas.

28. Greg. M. Lib. 1, indic. 9, Epist. 16.

29. Apud Gratianum, de Mediolanensi & Aquileiensi Episcopis.

30. Era antigo costume que, não podendo tomar ordens do apostólico, devido à distância e dificuldades do caminho, os bispos de Milão e de Aquiléia se ordenassem reciprocamente.

31. Greg. M. Lib. 3. Epist. 26, & Lib. 4, Epist. 1.

32. Ibidem, Lib. 5, Epist. 4.

33. Ibidem, Lib. 9, Epist. 10 & 67.

34. Ibidem, Lib. 11, Epist. 3, 4.

35. Ambros. Lib. 3 - de sacramentis. C. 1.

36. Não tem a Igreja Romana este costume, cujo tipo e forma em tudo seguimos.

37. Desejo em tudo seguir a Igreja Romana.

38. Desde que o mundo inteiro é de Deus, diz-se que a sua casa é a Igreja, da qual Dámaso é hoje o chefe.

39. … chamou o bispo local e lhe perguntou, interessado, se estava de acordo com os bispos católicos, isto é, com a Igreja Romana.

40. Tivemos necessidade de rogar à vossa clemência que não permitisse ser perturbada a Igreja Romana, cabeça de todo o mundo romano e a sacrossanta fé dos apóstolos, de onde, com efeito, dimanam todos os direitos da veneranda comunhão.

41. Sigonius de Regno Italiae, Lib. 5.

42. No mesmo ano, Angilberto, Arcebispo de Milão, por motivo pouco averiguado, separou-se da Igreja Romana; e tanto influiu com esse exemplo que só depois de duzentos anos voltou a igreja milanesa à obediência e à autoridade da Romana.

43. Na sua, isto é, na nossa Igreja Romana etc.

44. Vide Baronius. Op. cit. Anno 433, sect. 24.

45. Por amor à paz e à lealdade, não podemos ouvir as causas da fé sem o consentimento do bispo da cidade de Roma.

46. Greg. M. Lib. 3. Epist. 56,67 & Lib. 5. Epist. 25, e 56.

47. No consulado de Alípio e de Ardabúrio, em 447 a.D. – Porque os santos padres salutarmente ordenaram que todos os anos houvesse duas reuniões em cada uma das províncias, três de vós devereis sempre acorrer a Roma três dias antes das Calendas de outubro. E tal prática vós a deveis observar sem refolhos, francamente, por isso que, com a ajuda da graça de Deus, mais serão evitados os escândalos e os erros na Igreja de Cristo, e porque da discussão conjunta na presença do apóstolo Pedro resultará que todos os decretos canônicos permaneçam inviolados por todos os sacerdotes do Senhor.

48. Dessa maneira também nasceu a distinção dos bispos e foi largamente previsto que nem todos se considerassem com autorização para todas as coisas; mas que em cada província houvesse alguém a quem coubesse a sentença de maior autoridade e que, nas cidades grandes, alguns que fossem designados tomassem um cuidado mais amplo e, por seu intermédio, chegasse tal cuidado à Sé de Pedro, única da Igreja universal; e que nada estivesse truncado da sua cabeça. Quem, pois, se vê colocado à frente de outros, não se melindre se alguém lhe for preposto; mas ele próprio preste a obediência que exige; e assim como não quer levar uma carga pesada, também não se atreva a impor aos outros um peso insuportável.

49. Teodósio e Valentiniano, imperadores augustos, ao ilustre senhor Écio, ajudante, mestre das duas milícias e patrício.

É certo que o nosso amparo e o do nosso império está unicamente no favor da suprema Divindade e para o merecer favorecemos, acima de tudo, à veneranda fé e à religião. Tendo, pois, a autoridade do sínodo consolidado o digno primado da Sé Apostólica de São Pedro, que é o príncipe da coroa episcopal e a dignidade da cidade de Roma, ninguém se atreva a cometer coisas ilícitas contra a autoridade dessa Sé, porque, finalmente, só será guardada a paz das igrejas em toda parte, quando o mundo conhecer o seu chefe. Quando essas coisas até aqui vinham sendo inviolavelmente observadas, Hilário de Arles, segundo um relato fiel do venerável Leão, papa romano, com obstinada ousadia, tentou coisas que se presumem ilícitas e, por isso, uma abominável confusão invadiu as igrejas transalpinas, como o prova principalmente o recente exemplo. Hilário, que se diz bispo de Arles, empreendeu temerariamente ordenações de bispos, que lhe não eram devidas sem consultar o Pontífice da Igreja Romana. Removeu uns sem motivo, ordenou outros indignos e contra a vontade dos cidadãos. E quando eles não eram facilmente recebidos por aqueles que os não haviam eleito, juntava força armada e punha cerco aos claustros de modo hostil ou os levava (aqueles bispos), por meio de guerras, para as suas sedes, onde pregava a tranqüilidade da paz. Praticadas essas coisas contra a majestade do Império e contra o respeito à Sé Apostólica; e discutidas com conhecimento por ordem do religioso varão, Papa da cidade, com razão foi dada sentença contra ele, por motivo dos que havia ordenado mal. E a mesma sentença havia de valer para as Gálias, mesmo sem a confirmação imperial. Pois há o que não possa a autoridade do Pontífice? Mas essa razão também provocou em nós uma deliberação violenta. Nem a Hilário, a quem a benigna autoridade do Bispo de Roma permite ainda nomear-se bispo, nem a outro qualquer, seja mais permitido misturar as armas com as coisas eclesiásticas ou oporse aos preceitos do Bispo de Roma, pois com tais abusos são ofendidas a fé e a reverência – do nosso Império. E não só fazemos retirar isso, que é grande pecado, como, para que não surja confusão, mesmo que leve, entre as igrejas, nem pareça diminuir em algo a disciplina da religião, com perene sanção decretamos não ser lícito aos bispos da Gália e de outras províncias tentar contra o antigo costume sem a autoridade do venerando varão, Papa da Cidade Eterna. Mas tenham por lei, eles e todos, tudo o que estabeleceu e venha a estabelecer a autoridade da Sé Apostólica, de tal maneira que se algum dos bispos, chamado ao tribunal do bispo romano, não comparecer, pelos governadores da mesma província seja forçado a estar presente. Guarde-se, pois, tudo quanto os nossos divinos genitores augustos concederam à Igreja Romana, ó Écio, pai caríssimo. Pelo que a tua ilustre e preclara magnificência, pela autoridade do presente Edital, fará guardar o que acima foi estabelecido e cobrar a nossa multa de dez libras-ouro de cada juiz que permitir a violação das nossas

ordens. Guarde-te Deus, caríssimo pai, por muitos anos. Dado em Roma no oitavo dia dos idos de Junho. – Por Valentiano, no ano 8º do consulado. Em 445 a.D.

50. Pelo bem-aventurado Pedro, príncipe dos apóstolos, a sacrossanta Igreja Romana tinha o principado sobre as igrejas de todo o mundo.

51. Epist. 25 apud Holstenium.

52. Sentimos crescer inefavelmente a satisfação, porque aquela página de vossa especial doutrina é festejada de tal maneira nas reuniões privadas de todas as igrejas que realmente pode ser declarada opinião uniforme de todos; ali vemos com razão estabelecido o principado da Sé Apostólica de onde serão tirados os oráculos do espírito apostólico.

53. Porque o nosso cuidado se estende por todas as igrejas, de nós exigindo isso o Senhor, que entregou ao bem-aventurado Pedro o primado da dignidade apostólica, como prêmio da sua fé, e coloca a Igreja Universal sobre a solidez desse fundamento.

54. Dn 7,20.

55. Dn 7,25.

56. Dn 7,26.

57. Dn 7,27.

9

Dos reinos representados em Daniel pelo carneiro e pelo bode

Osegundo e o terceiro impérios, representados pelo urso e pelo leopardo, são novamente representados pelo carneiro e pelo bode, mas com uma diferença: o carneiro representa os reinos da MÉDIA e da PÉRSIA desde o começo dos quatro impérios e o bode representa o REINO DOS GREGOS até o seu fim. Dessa maneira, e sob as alegorias do carneiro e do bode, são novamente descritos os tempos dos quatro impérios. Diz DANIEL: Levantando os olhos para ver, deparei com um carneiro, de pé diante da porta. Ele tinha dois chifres: os dois chifres eram altos, mas um era mais alto que o outro, e esse mais alto foi o que apareceu por último.[1]

Os dois chifres do carneiro são os reis da MÉDIA e da PÉRSIA: não duas pessoas, mas dois reinos – o da MÉDIA e o da PÉRSIA. Esse era o chifre maior, que surgiu por último. O reino da PÉRSIA surgiu quando CIRO, tendo conquistado a BABILÔNIA, revoltou-se contra DARIO, rei dos MEDOS, venceu-o em PASÁRGADA e elevou os PERSAS sobre os MEDOS. Foi esse o chifre que veio por último. O que veio primeiro era o reino dos MEDOS, da época em que CIÁXARES e NABUCODONOSOR derrubaram NÍNIVE e dividiram entre si o IMPÉRIO ASSÍRIO. Os IMPÉRIOS DA MÉDIA e da BABILÔNIA eram contemporâneos e surgiram juntos, com a queda do IMPÉRIO ASSÍRIO.

A profecia das quatro bestas começa com um deles e a do carneiro e do bode com o outro. Enquanto o carneiro representa os reinos da MÉDIA e da PÉRSIA desde o começo dos quatros impérios, o BODE representa o IMPÉRIO DOS GREGOS até o fim dessas monarquias. No reino do chifre maior e dos quatro

outros que o sucederam, ele representa esse império durante o reinado do leopardo. No reino do pequeno chifre, que surgiu nos últimos tempos do reinado dos quatro e que, com a queda destes, tornou-se poderoso, mas não pelo próprio poder, ele o representa durante o reinado da quarta besta.

Segundo DANIEL,[2] o Bode peludo é o rei de Javã, ou seja, o reino da Grécia; e o grande chifre, que havia entre os seus olhos é o primeiro rei – não o primeiro monarca, mas o primeiro reino, aquele que durou enquanto dominaram ALEXANDRE MAGNO, seu irmão ARIDEU e seus dois filhos ALEXANDRE e HÉRCULES. Quebrado este, os quatro chifres que surgiram em seu lugar são quatro reinos que saíram de sua nação, mas não terão a sua força.[3]

Os quatro chifres são, pois, quatro reinos. Assim, o primeiro grande chifre a que sucederam é o primeiro grande reino dos GREGOS, fundado por ALEXANDRE MAGNO, no ano 414 de NABONASSAR e que durou até a morte do seu filho HÉRCULES, no ano 441 de NABONASSAR. E os quatro são os de CASSANDRA, LISÍMACO, ANTÍGONO e PTOLOMEU.

E, no fim de seu reinado, quando chegarem ao cúmulo seus pecados, levantar-se-á um rei de olhar arrogante, capaz de penetrar enigmas. Seu poder crescerá em força, mas não por sua própria força (…) [4]

Esse reino era o último chifre do bode, que saiu de um dos quatro e ficou grande demais. O fim desse reino foi quando os ROMANOS começaram a conquistá-lo, isto é, quando submeteram PERSEU, rei da MACEDÔNIA, a parte fundamental do reino dos GREGOS. Então, os transgressores chegaram ao cúmulo: o sumo-sacerdócio foi arrematado em leilão e as alfaias do Templo foram vendidas para pagar a conta; o sumo sacerdote, com alguns JUDEUS, conseguiram uma licença de ANTÍOCO EPÍFANES para agir segundo as ordenações pagãs e abrir uma escola em JERUSALÉM, a fim de ensinar essas ordenações. Então ANTÍOCO tomou JERUSALÉM com uma força armada, matou quatro mil JUDEUS, fez muitos prisioneiros e os vendeu, saqueou o Templo, interditou a

adoração, mandou queimar a lei de MOISÉS e estabeleceu a adoração dos deuses pagãos em toda a JUDÉIA. No mesmo ano, isto é, no ano 580 de NABONASSAR, os ROMANOS conquistaram a MACEDÔNIA, o mais importante dos quatro reinos. Até então, o bode era poderoso pelo próprio poder, mas daí em diante passou a sê-lo sob o domínio ROMANO.

DANIEL distingue os tempos, descrevendo cuidadosamente as ações dos reis do norte e do sul, dois dos quatro chifres que tinham fronteiras com a JUDÉIA, até que os ROMANOS conquistaram a MACEDÔNIA. Daí em diante, refere-se apenas às principais revoluções ocorridas no âmbito das nações representadas pelo bode. Nesse período final, pequeno chifre se tornaria forte, mas não pela própria força.

As três primeiras bestas de DANIEL tinham perdido seus domínios, sempre no surgimento da besta seguinte; mas tiveram a vida prolongada, estando todas ainda vivas. A terceira besta – o leopardo – reinou em suas quatro cabeças, até o surgimento da quarta besta, o IMPÉRIO DOS LATINOS, tendo a vida prolongada sob o poder destes últimos. Reinando nas quatro cabeças, o leopardo tem o mesmo significado do bode com os seus quatro chifres. Assim, o bode reinou nos quatro chifres até o surgimento da quarta besta de DANIEL, isto é, o IMPÉRIO DOS LATINOS, sendo que a sua vida se prolonga sob o domínio destes. Os LATINOS não estão entre as nações representadas pelo bode nessa profecia: seu poder sobre os GREGOS é apenas mencionado para distinguir os tempos em que o bode era forte por si mesmo, dos tempos em que não o era pela própria força. Ele foi forte pela própria força até ser submetido pelos LATINOS. Depois disso, a sua vida foi prolongada sob o domínio destes e tal prolongamento se deu nos dias do último chifre: nos dias desse chifre, o bode se tornou forte, mas não pela própria força.

Então, como esse chifre era do bode, temos que procurá-lo entre as nações que compõem o corpo do bode. Dentre elas, ele se levantaria e se tornaria forte. De fato, de um deles saiu um pequeno chifre que depois cresceu muito, tanto na direção do sul como na do oriente como na do país do Esplendor (Israel).[5] Então,

ele surgiria no noroeste dessas nações e estenderia o seu domínio ao EGITO, à SÍRIA e à JUDÉIA. No último tempo do reino dos quatro chifres, ele surgiria de um deles e dominaria os restantes, mas não pela própria força. Seria assistido por uma força estranha, que lhe era superior e que tirou o domínio da terceira besta, ou seja, seria assistido pela força da quarta besta. Esse pequeno chifre foi o reino da MACEDÔNIA, desde que ficou sujeito aos ROMANOS. Pela vitória dos ROMANOS sobre PERSEU, rei da MACEDÔNIA, no ano 580 de NABONASSAR, esse reino deixou de ser um dos quatro chifres do bode, passando a ser um domínio de outro tipo: não um chifre da quarta besta, já que a MACEDÔNIA fazia parte do corpo da terceira, mas um novo tipo de chifre da terceira besta, um chifre do bode que se tornou forte, mas não pela própria força, um chifre que se ergueu e que ficou forte graças a uma força estrangeira, a força dos ROMANOS.

Pelo legado de ÁTALO, último rei de PÉRGAMO, os ROMANOS herdaram esse reino no ano 615 de NABONASSAR, inclusive toda a ÁSIA MENOR neste lado do Monte TAURUS. Em 684 e 685 de NABONASSAR conquistaram a ARMÊNIA, a SÍRIA e a JUDÉIA; em 118 de NABONASSAR submeteram o EGITO. Com essas conquistas, o pequeno chifre cresceu muito, tanto na direção do sul, como na do oriente como na do país do Esplendor. Ele ergueu-se até contra o exército dos céus, derrubando por terra parte do exército e das estrelas e calcando-as aos pés,[6] isto é, calcando aos pés o povo e os grandes homens dos JUDEUS. E chegou mesmo a exaltarse contra o Príncipe do exército, isto é, o MESSIAS, o Príncipe dos JUDEUS que levaram à morte no ano 780 de NABONASSAR, abolindo o sacrifício perpétuo e arrasando o lugar do seu Santuário,[7] isto é, nas guerras das nações de LESTE, sob o comando dos ROMANOS, contra a JUDÉIA, quando NERO e VESPASIANO eram imperadores (nos anos de 816, 817, 818 de NABONASSAR). E o exército foi-lhe entregue, além do sacrifício perpétuo, com a iniqüidade. E o chifre derrubou por terra a verdade, e teve êxito naquilo que empreendeu.[8] Essa iniqüidade é chamada nas palavras seguintes de desolação da iniqüidade; em DANIEL (Dn 11,31) é chamada de abominação da desolação e em MATEUS também, quando ele diz: (…) quando virdes a abominação da desolação, de que fala o profeta Daniel, instalada no lugar santo (…) (Mt 24,15). Talvez isso se refira principalmente à adoração de JÚPITER OLÍMPICO no seu templo, construído pelo Imperador ADRIANO no local do templo dos JUDEUS, à revolta dos JUDEUS sob o comando de BARCHOCHAB e à desolação da JUDÉIA, que se

seguiu. Os JUDEUS foram então banidos da JUDÉIA, sob pena de morte.

Continua DANIEL:⁹ Então ouvi um santo a falar. E outro santo disse àquele que falava: “Até quando irá a visão: o sacrifício perpétuo, desolação da iniqüidade, e santuário e exército calcados aos pés?” E ele respondeu-lhe: até duas mil e trezentas tardes e manhãs. Então será feita justiça ao Santuário.

Os dias de DANIEL representam anos, que podem ser contados a partir da destruição do templo pelos ROMANOS, no reinado de VESPASIANO, ou da contaminação do Santuário pela adoração de JÚPITER OLÍMPICO, ou da desolação da JUDÉIA, no fim da guerra judaica, quando os JUDEUS foram banidos do seu país, ou a partir de algum outro período que o tempo descobrirá.

Daí em diante, o último chifre do bode continuou forte sob a dominação romana, até o reinado de CONSTANTINO O GRANDE e dos seus filhos. Então, pela divisão do IMPÉRIO ROMANO entre os IMPERADORES GREGO e LATINO, ele se separou dos LATINOS, tornando-se apenas o IMPÉRIO GREGO, mas ainda sob o domínio de uma família romana. Então, tornou-se forte sob o domínio dos TURCOS.

Alguns acham que esse chifre representa ANTÍOCO EPÍFANES, mas não com muito acerto. O chifre de uma besta nunca representa uma única pessoa: representa sempre um novo reino e o reino de ANTÍOCO era velho. ANTÍOCO reinou sobre um dos quatro chifres e o pequeno chifre era um quinto que tinha os próprios reis. Esse chifre era pequeno mas depois cresceu até ficar muito grande, o que não foi o caso de ANTÍOCO. É dito até que se tornou maior do que os outros, o que não aconteceu com esse monarca: seu reino era fraco e tributário dos ROMANOS, e ele não o ampliou. O chifre era um rei de olhar arrogante (…) e prosperará em suas empresas, arruinando a poderosos e ao próprio povo dos santos, isto é, que prosperava em suas práticas contra o povo eleito. Mas ANTÍOCO foi enxotado do EGITO por uma simples mensagem dos ROMANOS e logo depois derrotado e desfeiteado pelos JUDEUS. O chifre era

forte graças ao poder de outro, mas ANTÍOCO agia por conta própria. O chifre se ergueu contra o Príncipe do exército dos céus, o Príncipe dos Príncipes, o que caracteriza o ANTICRISTO e não ANTÍOCO. O chifre derrubou o Santuário, coisa que ANTÍOCO não fez: ele o deixou de pé. O Santuário e o exército foram calcados aos pés durante 2.300 dias mas, nas profecias de DANIEL, os dias representam anos e, no reinado de ANTÍOCO, a profanação do Templo não durou tantos dias naturais. Deveria durar até o fim, até o extremo da indignação contra os JUDEUS e essa indignação ainda não chegara ao fim. Deveria durar enquanto o Santuário derrubado não fosse purificado: e o Santuário ainda não fora purificado.

A profecia do carneiro e do bode se repete na última profecia de DANIEL. Aí, o Anjo diz a DANIEL:[10] E agora, vou anunciar-te a verdade. Surgirão ainda três reis na Pérsia" (isto é, Ciro, Cambises e Dário Hystaspis). Depois, o quarto (Xerxes) acumulará mais riquezas que todos eles. E quando se tiver tornado poderoso por suas riquezas, levantar-se-á contra todos os reinos de Javã (da Grécia). Isso se refere ao carneiro, cujos dois chifres representam os reinos da MÉDIA e da PÉRSIA. Ele continua descrevendo os chifres do bode, dizendo: Surgirá então um rei guerreiro, o qual dominará um vasto império e fará o que bem lhe aprouver.[11] Seu reino será dividido em quatro menores, que não passarão à sua posteridade. Depois, descreve as ações de dois desses reinos, que confinam com a JUDÉIA, a saber, o EGITO e a SÍRIA, que chama de reis do SUL e do NORTE, tendo como referência a JUDÉIA. Continua a descrição até o fim do reino dos quatro e até o reinado de ANTÍOCO EPÍFANES, quando os transgressores chegariam ao cúmulo.

No oitavo ano de ANTÍOCO, ano em que este profanou o Templo e estabeleceu na JUDÉIA os deuses pagãos – e em que os ROMANOS conquistaram o reino da MACEDÔNIA – o Anjo da profecia deixa de falar dos negócios dos reis do SUL e do NORTE e começa a descrever os dos GREGOS sob o domínio dos ROMANOS. Usa ele as seguintes palavras: Tropas enviadas por ele virão profanar o Santuário-cidadela e abolirão o sacrifício perpétuo, ali introduzindo a abominação da desolação.[12] e* Os ROMANOS conquistaram a ILÍRIA, o ÉPIRO e a MACEDÔNIA no ano 580 de NABONASSAR; 35 anos depois, pelo testamento de ÁTALO, último rei de PÉRGAMO, herdaram esse rico e

florescente reino, isto é, a ÁSIA deste lado do Monte TAURUS; e 69 anos mais tarde, conquistaram o reino da SÍRIA, reduzindo-o a uma província. Trinta e quatro anos depois, o mesmo foi feito ao EGITO. Por meio dessas ações, as armas ROMANAS acabaram por subjugar os GREGOS. Noventa e cinco anos depois, numa guerra contra os JUDEUS, aboliram o sacrifício perpétuo e arrasaram o lugar do seu Santuário. Depois, instalaram em seu lugar a abominação da desolação.

Mas essa abominação foi ali instalada depois dos dias de CRISTO, como se lê em MATEUS (Mt 24, 15). No décimo sexto ano do Imperador ADRIANO, ou seja em 132 a.D., eles instalaram essa abominação construindo o Templo para JÚPITER CAPITOLINO no lugar onde estivera o Templo de Deus em JERUSALÉM. Por isso, os JUDEUS, chefiados por BARCHOCHAB, pegaram em armas contra os ROMANOS, numa guerra em que foram destruídas cinqüenta cidades, 985 das suas melhores vilas e 580 mil homens foram passados a fio de espada. No fim da guerra, em 136 a.D., foram todos banidos da JUDÉIA sob pena de morte. E a terra ficou desolada dos seus antigos habitantes.

Agora que o Anjo da profecia passa dos quatro reinos dos GREGOS aos ROMANOS que reinam sobre os gregos, fica confirmado que ele descreve a seguir a situação dos CRISTÃOS até o tempo do fim: Os homens esclarecidos dentre o povo darão a compreensão a muitos; mas serão prostrados pela espada e pelo fogo, pelo cativeiro e a pilhagem – durante longos dias. Ao serem oprimidos, pequeno será o auxílio que de fato receberão (isto é, no reinado de CONSTANTINO o Grande); muitos, porém, pretenderão associar-se a eles por intrigas. Entre esses homens esclarecidos alguns serão prostrados a fim de que entre eles haja os que sejam acrisolados, purificados e alvejados – até o tempo do Fim, porque o tempo marcado ainda está por vir.[13] E um pouco adiante diz que até o fim haverá um tempo, mais tempos e metade de um tempo, o que se refere à duração do reino do último chifre da quarta besta de DANIEL, e da MULHER e sua BESTA, no APOCALIPSE.

NOTAS

1. Dn 8,3.

2. Dn 8,21.

3. Dn 8,22.

4. Dn 8,23-24.

5. Dn 8,9.

6. Dn 8,9-10.

7. Dn 8,11.

8. Dn 8,12.

9. Dn 8,13-14.

10. Dn 11,1-2.

11. Dn 11,3.

12. Dn 11,31.

13. Dn 11,33-35.

* Newton observa que, nas profecias de DANIEL – na tradução inglesa que ele usa, provavelmente baseada numa tradução grega –, ocorre muitas vezes a palavra braço, no sentido de poder militar de um reino: braços que se erguem quando conquistam e se tornam poderosos. Mas outras traduções não usam essa figura, como é o caso da Bíblia de Jerusalém (N. do E.).

10

Da profecia das setenta semanas

Avisão da estátua feita de quatro metais foi transmitida primeiro a NABUCODONOSOR e depois a DANIEL, num sonho: e DANIEL começou então a ser celebrado por revelar segredos, como se lê em EZEQUIEL (Ez 28,3). A visão das quatro bestas e a do Filho do homem vindo nas nuvens também lhe foi transmitida em sonho. Já a do carneiro e do bode lhe apareceu em pleno dia, quando estava às margens do rio ULAI, e lhe foi explicada por GABRIEL, o Anjo da profecia. Ela diz respeito ao PRÍNCIPE DO EXÉRCITO e ao PRÍNCIPE DOS PRÍNCIPES. No primeiro ano do reinado de DARIO, o MEDO, sobre a BABILÔNIA, o Anjo da profecia tornou a aparecer a DANIEL e lhe explicou o significado de FILHO DO HOMEM, PRÍNCIPE DO EXÉRCITO e PRÍNCIPE DOS PRÍNCIPES. A profecia do FILHO DO HOMEM vindo nas nuvens refere-se à segunda vinda do CRISTO; a do PRÍNCIPE DO EXÉRCITO, à sua primeira vinda, e a profecia do MESSIAS se refere a ambas e determina o seu tempo. Essa profecia, como aliás todas as outras de DANIEL, divide-se em duas partes: uma profecia introdutória e a sua explicação. Assim, eu a interpreto como um todo.

Setenta semanas foram fixadas(a) para o teu povo e a tua cidade santa para fazer cessar a transgressão e (b) lacrar os pecados, para expiar a iniqüidade e instaurar uma justiça eterna, para sigilar visão (c) e profecia e para ungir o Santo dos Santos. Fica sabendo, pois, isto, e compreende isto: Desde a promulgação do decreto "sobre o retorno e a reconstrução de Jerusalém" até (d) um Príncipe Ungido, haverá sete semanas. Durante sessenta e duas semanas (e) serão novamente construídas as praças e muralhas, embora em tempos calamitosos. Depois das sessenta e duas semanas um Ungido será eliminado, embora ele não tenha… (e) E a cidade e o Santuário serão destruídos por um

príncipe que virá. Seu fim será no cataclismo e, até o fim, a guerra e as desolações decretadas. Ele confirmará uma aliança com muitos durante uma semana; e pelo tempo de meia semana fará cessar o sacrifício e a oblação. E sobre a nave do Templo estará a abominação da desolação até o fim, até o termo fixado para o desolador.[1]

Setenta semanas foram fixadas para o teu povo e a tua cidade santa para fazer cessar a transgressão etc. Aqui, substituindo uma semana por sete anos, temos um período de 490 anos que vai do tempo em que os JUDEUS dispersos seriam reincorporados[2] *em um povo e uma cidade santa até a morte e a ressurreição de CRISTO; pelo que a transgressão cessaria, os pecados seriam lacrados, a iniqüidade seria expiada, a justiça eterna seria instaurada, essa visão seria cumprida e seria morto o Profeta, aquele mesmo Profeta que os JUDEUS esperavam; pelo que seria ungido o SANTO DOS SANTOS, o mesmo que também é chamado o UNGIDO, isto é, o MESSIAS ou o CRISTO. Assim, juntando a realização da visão com a expiação dos pecados, os 490 anos terminam com a morte do CRISTO. Mas os JUDEUS dispersos se tornaram um povo e uma cidade quando pela primeira vez se constituíram num corpo político, o que se deu no sétimo ano de ARTAXERXES LONGIMANO, quando ESDRAS voltou do cativeiro com uma leva de JUDEUS e reviveu o culto judaico. E, por ordem do rei, estabeleceu escribas e juízes em toda parte, para que administrassem a justiça para todo o povo de acordo com as leis de Deus e do Rei, como se lê em ESDRAS (Esd 7, 25-26).*

Houve apenas duas voltas do cativeiro: a de ZOROBABEL e a de ESDRAS. Na primeira, tiveram permissão apenas para construir o Templo. Na de ESDRAS, primeiro se tornaram um organismo político ou uma cidade, com governo próprio.

Os anos de ARTAXERXES começaram dois ou três meses depois do solstício de verão e o seu sétimo ano coincidiu com o terceiro ano da 80ª OLIMPÍADA. A segunda metade deste, quando Esdras chegou a JERUSALÉM, coincide com o ano 4257 do PERÍODO JULIANO. Dessa data até a morte do CRISTO passam-

se exatamente 490 anos. Se contarmos em anos judaicos começando no outono, partindo do primeiro outono após a chegada de ESDRAS a JERUSALÉM, quando pôs em execução o decreto do rei, a morte do CRISTO cairá no ano 4747 do PERÍODO JULIANO, ANNO DOMINI 34. As semanas são semanas judaicas, terminando com anos sabáticos, o que tomo como certo. Mas, quem prefere situar a morte do CRISTO um ano antes, como se faz comumente, pode incluir o ano da viagem de ESDRAS no cálculo.

Fica sabendo, pois, e compreende isto: Desde a promulgação do decreto "sobre o retorno e a reconstrução de Jerusalém" até um Príncipe Ungido haverá sete semanas. Durante sessenta e duas semanas (…). A primeira parte da profecia se refere à primeira vinda do CRISTO, sendo datada para sua vinda como profeta; a data da sua vinda como Príncipe ou Rei parece se referir à segunda vinda. Lá, o Profeta foi consumado e o Santo dos Santos ungido; aqui, o que foi ungido vem para ser Príncipe e reinar.

As profecias de DANIEL alcançam o fim do mundo, e quase não há no Velho Testamento profecias referentes ao CRISTO que, de algum modo, não se refiram à sua segunda vinda. Se alguns antigos, como IRINEU,f JÚLIO AFRICANO,g HIPÓLITO mártir e APOLINÁRIO, bispo de LAODICÉIA, relacionam a meia semana aos tempos do ANTICRISTO, porque não podemos, com a mesma liberdade de interpretação, relacionar as sete semanas ao tempo em que o ANTICRISTO será destruído pelo brilho da chegada do CRISTO?

Nos dias dos antigos profetas, quando as dez tribos estavam no cativeiro, os ISRAELITAS esperavam uma dupla volta: na primeira, os JUDEUS construiriam um novo Templo, inferior ao de SALOMÃO, até que o tempo daquela era se completasse; depois, voltariam de todos os lugares em que estivessem cativos para construir JERUSALÉM e o Templo gloriosamente.[3] E para exprimir a glória e a excelência dessa cidade, diz-se figuradamente que será construída com pedras preciosas,[4] e é chamada a NOVA JERUSALÉM, a JERUSALÉM CELESTE, a CIDADE SANTA, a ESPOSA DO CORDEIRO, a CIDADE DO GRANDE REI, A CIDADE ONDE OS REIS DA TERRA

TRARÃO A SUA GLÓRIA E A SUA HONRA.

Mas, já que essa volta do cativeiro era o anseio de ISRAEL, mesmo antes dos tempos de DANIEL, não sei por que este a haveria de omitir na profecia. Não tendo se realizado ainda essa parte da profecia, não tentarei interpretá-la, mas observarei apenas que as setenta semanas, bem como as sessenta e duas, eram semanas judaicas, terminando com anos sabáticos. Assim, as sete semanas são o período de um Jubileu, começando e terminando com ações próprias de um Jubileu, da mais alta natureza possível para celebrar um jubileu. Fora isso, como a ordem para voltar e reconstruir JERUSALÉM precede o MESSIAS ou PRÍNCIPE em 49 anos, talvez não venha dos próprios judeus mas de algum reino amigo, precedendo a sua volta do cativeiro e criando a ocasião para ela. Por fim, que a reconstrução de JERUSALÉM e de outros lugares devastados de JUDÁ está predita em MIQUÉIAS (Mq 7,11); em AMÓS (Am 9,11.14); em EZEQUIEL (Ez 36,33.35-36.38); em ISAÍAS (Is 54,11-12; 55,12; 61,4; 65,18.21-22) e em TOBIAS (Tb 14,5). E que a volta do cativeiro e a vinda do MESSIAS e seu reino são descritas em DANIEL (Dn 7); ATOS (At 1); MATEUS (Mt 24); JOEL (Jl 3); EZEQUIEL (Ez 36-37); ISAÍAS (Is 60; 62-63; 65-66), além de muitas outras passagens das Escrituras. Como, não sei. Que o tempo seja o intérprete.

Durante sessenta e duas semanas serão novamente construídas praças e muralhas, embora em tempos calamitosos. Depois das sessenta e duas semanas um UNGIDO será eliminado, embora ele não tenha… E a cidade e o Santuário serão destruídos por um príncipe que virá etc. Tendo predito as duas vindas do CRISTO e datado a última a partir da volta e da reconstrução de JERUSALÉM, a fim de evitar a confusão com a reconstrução de JERUSALÉM por NEEMIAS, ele distingue esta daquela, dizendo que daquele período até o UNGIDO haverá não sete semanas, mas sessenta e duas semanas, um tempo que não será próspero, mas calamitoso. No fim dessas semanas, o MESSIAS não será o PRÍNCIPE DOS JUDEUS, mas será eliminado; e JERUSALÉM não será dele, pois a cidade e o santuário serão destruídos.

Ora, NEEMIAS foi a JERUSALÉM no vigésimo ano do reinado do mesmo ARTAXERXES, quando ESDRAS ainda estava lá (Ne 12, 36) e achou a cidade devastada e a muralha desmoronada (Ne 2,17). A muralha foi reconstruída e ficou pronta (Ne 6, 15) no dia 25 do mês de ELUL, no vigésimo oitavo ano do rei, isto é, em setembro de 4278 do PERÍODO JULIANO. Contando sessenta e duas semanas a partir dessa data, ou 434 anos, o nascimento de CRISTO cai no mês de setembro do ano 4712 do PERÍODO JULIANO, com o que concordam CLEMENTE de ALEXANDRIA, IRINEU, EUSÉBIO, EPIFÂNIO, JERÔNIMO, CASSIODORO e outros antigos. Essa foi a opinião geral até que DIONÍSIO O EXÍGUO inventou a era vulgar, situando o nascimento do CRISTO dois anos mais tarde. Se, como fazem alguns, situarmos o nascimento do CRISTO três ou quatro anos antes do cálculo da era vulgar, o fato ocorrerá ainda dentro da última parte da última semana, o que já é suficiente.

É bem sabido como CRISTO foi eliminado e a cidade e o santuário destruídos pelos ROMANOS, depois dessas semanas.

Ele confirmará uma aliança com muitos durante uma semana. E isso ele cumpriu apesar da sua morte, até a expulsão dos JUDEUS e a vinda de CORNÉLIO e dos gentios, no sétimo ano depois da sua Paixão. … e pelo tempo de meia semana fará cessar o sacrifício e a oblação, isto é, pela guerra dos ROMANOS contra os JUDEUS. Essa guerra, depois de algumas comoções, começou no décimo terceiro ano de NERO, isto é, na primavera de 67 a.D., quando VESPASIANO invadiu a JUDÉIA com um exército; e terminou no segundo ano de VESPASIANO, ou seja em 70 a.D., no outono, a 7 de setembro, quando TITO tomou a cidade, tendo incendiado o Templo 27 dias antes. Assim, a guerra durou três anos e meio.

E sobre a nave do Templo (“asa de abominações”, em algumas traduções) estará a abominação da desolação até o fim, até o termo fixado para o desolador.(h) Ao representar os reinos por bestas e aves, os profetas usam por vezes a figura das asas que se estendem sobre um país para indicar um exército enviado para dominar esse país. Então, uma “asa de abominações” sugere um*

exército de falsos deuses, já que nas Escrituras, uma "abominação" muitas vezes simboliza um falso Deus: CAMOS, por exemplo, é denominado a abominação de MOAB e MOLOC a de AMON.[5] Seja como for, a significação é que o povo de um Príncipe que há de vir destruirá o santuário e abolirá a adoração do verdadeiro Deus, espalhando falsos deuses (ou um exército de falsos deuses) sobre a região. Instaurando sua adoração e domínio, causará a desolação dos JUDEUS, até que se complete a época dos GENTIOS. Pois o próprio CRISTO nos diz que a abominação da desolação, a que se refere DANIEL, se instalaria nos dias do IMPÉRIO ROMANO (Mt 24,15).

Temos assim, nesta curta profecia, a predição dos principais períodos relacionados com a vinda do MESSIAS: a data do seu nascimento, a da sua morte, a da rejeição dos JUDEUS, a duração da guerra judaica, que ocasionou a destruição da cidade e do santuário, e a data da sua segunda vinda. Assim, a interpretação é aqui mais extensa e completa, e mais adequada ao nosso desígnio, do que se nos restringíssemos à sua primeira vinda, como geralmente fazem os intérpretes. Evitamos ainda violentar a linguagem de DANIEL, tomando as sete semanas e as sessenta e duas semanas como um número. Se DANIEL tivesse tal intenção, teria dito sessenta e nove semanas e não sete semanas e sessenta e duas semanas, modo de contar que nenhum povo adota.

No nosso cálculo, os anos são anos judaicos lunissolares,[6] como provavelmente eram. As setenta semanas de anos são semanas judaicas, terminando em anos sabáticos, o que é bastante digno de nota. Porque terminam ou no ano do nascimento do CRISTO, dois anos antes da era vulgar, ou no ano da sua morte ou ainda sete anos depois: são todos anos sabáticos. Outros usam anos lunares ou semanas não-judaicas; e, o que é pior, baseiam a sua interpretação numa cronologia errada, com a exceção de FUNCCIUS, que tem acerca das setenta semanas uma opinião que coincide com a nossa. Eles situam ESDRAS e NEEMIAS no reinado de ARTAXERXES MNEMON e a construção do Templo no reinado de DARIO NOTHUS, datando as semanas de DANIEL a partir desses dois reinados.

Vamos agora estabelecer as bases da cronologia aqui seguida, o que farei o mais rapidamente possível.

A guerra do PELOPONESO começou na primavera do primeiro ano da OLIMPÍADA 87. Com isso concordam DIODORO, EUSÉBIO e todos os outros. Começou dois meses antes de PITODORO deixar de ser arconte, como diz TUCÍDIDES, dois meses antes do fim do ano olímpico, ou seja, em abril. Mas os anos dessa guerra são determinados com mais precisão pela distância de cinqüenta anos entre o seu primeiro ano e a passagem de XERXES inclusive, conforme TUCÍDIDES, livro segundo; ou de 48 anos exclusive, de acordo com ERATÓSTENES, citado por CLEMENTE DE ALEXANDRIA; pela distância de 69 anos entre o seu fim, no seu 27º ano, e o começo do reinado de ALEXANDRE na GRÉCIA; pela realização dos jogos olímpicos no seu 4º e no seu 12º anos, como nos diz TUCÍDIDES no livro quinto; e pelos três eclipses do Sol e um da Lua, mencionados por TUCÍDIDES e por XENOFONTE.

TUCÍDIDES, testemunha insuspeita, nos diz que a notícia da morte de ARTAXERXES LONGIMANO foi levada a ÉFESO e daí levada para ATENAS por alguns atenienses, no sétimo ano da guerra do Peloponeso, durante o inverno. Portanto, ele morreu no ano 4 da Olimpíada 88, no fim do ano 4289 do PERÍODO JULIANO, um ou dois meses antes do meio do inverno, para dar tempo de a notícia chegar. Ora, ARTAXERXES LONGIMANO reinou quarenta anos, conforme DIODORO, EUSÉBIO, JERÔNIMO e SULPÍCIO; ou 41 anos, de acordo com PTOLOMEU, citado por CLEMENTE DE ALEXANDRIA, ALEXANDRE ABULFARAGO e NICÉFORO, incluindo aí o reinado dos seus sucessores XERXES e SOGDIANO, segundo o mesmo ABULFARAGO. Depois de ARTAXERXES, reinaram o seu filho XERXES por dois meses e SOGDIANO por sete meses. Mas esses dois reinados não são contados separadamente quando se conta os anos dos reis: são incluídos nos quarenta ou 41 anos do reinado de ARTAXERXES. Excluindo esses nove meses, o domínio de ARTAXERXES será de 39 anos e três meses. Então, já que o seu reinado terminou no começo do inverno de 4289 do PERÍODO JULIANO, seu começo deve ter sido entre a metade do verão e o outono de 4250.

Chego ao mesmo resultado por outro caminho. CAMBISES começou o seu reinado na primavera de 4185 do PERÍODO JULIANO e reinou oito anos, incluindo os cinco meses de SMERDIS. Então, DARIO HYSTASPIS começou o seu reinado na primavera de 4193 do PERÍODO JULIANO e reinou 36 anos, com o que concordam todos os cronologistas. Os reinados desses dois reis são marcados por três eclipses da Lua, observados na BABILÔNIA e registados por PTOLOMEU. Assim, não pode haver dúvidas. Um foi no sétimo ano de CAMBISES, no dia 16 de julho de 4191, PERÍODO JULIANO, às 23h; outro foi no vigésimo ano de DARIO, no dia 19 de novembro de 4212, às 23h45; o terceiro, no trigésimo primeiro ano de DARIO, a 25 de abril de 4223, às 23h30. Por esses eclipses e pela comparação das profecias de AGEU e de ZACARIAS, fica claro que os seus anos de reinado começaram depois do dia 24 do undécimo mês judaico e antes de 25 de abril e, portanto, por volta de março. Então, XERXES começou a reinar na primavera de 4229 do PERÍODO JULIANO, pois DARIO morreu no quinto ano depois da batalha de MARATONA, de acordo com HERÓDOTO, livro 7, e PLUTARCO. Essa batalha foi em outubro de 4224 do PERÍODO JULIANO, dez anos antes da batalha de SALAMINA. Portanto, XERXES começou a reinar menos de um ano depois de outubro de 4228, PERÍODO JULIANO, talvez na primavera seguinte, já que passou os seus primeiros cinco anos e alguns meses preparando a expedição contra os GREGOS. Essa expedição foi feita no tempo dos jogos olímpicos do ano I da OLIMPÍADA 75, sendo CALÍADE o arconte de ATENAS, 28 anos depois do Regifúgio e do Consulado do primeiro cônsul JUNIO BRUTO, no ano 273 da fundação de Roma, sendo então cônsules FÁBIO e FÚRIO. A passagem do exército de XERXES pelo HELESPONTO começou no fim do quarto ano da OLIMPÍADA 74, isto é, em junho de 4234 do PERÍODO JULIANO e levou um mês. No outono, isto é, três meses depois, na Lua cheia, no dia 16 do mês de MUNYCHION, deu-se a batalha de SALAMINA, pouco depois de um eclipse do Sol que, pelos cálculos, ocorreu em 2 de outubro.

Assim, o seu sexto ano começou um pouco antes de junho, talvez na primavera de 4234 do PERÍODO JULIANO e, portanto, o seu primeiro ano teve início na primavera de 4229 do PERÍODO JULIANO. Ora, de acordo com todos os escritores, ele reinou quase 21 anos. Somem-se a isso os sete meses do reinado de ARTABANO e teremos 21 anos e quatro ou cinco meses, que terminam entre o meio do verão e o outono de 4250 do PERÍODO JULIANO. É então que começa o período do seu sucessor, ARTAXERXES, como queríamos

demonstrar.

O mesmo confirma JÚLIO AFRICANO: com base em outros escritores, ele nos informa que o vigésimo ano de ARTAXERXES era o 115 a contar do começo do reinado de CIRO na PÉRSIA, e caía no ano 4 da Olimpíada 83. Começou, portanto, com o ano olímpico, logo depois do Solstício de verão de 4269 do PERÍODO JULIANO. Subtraindo dezenove anos, vemos que o seu primeiro ano começa na mesma época do ano, no ano 4250 do PERÍODO JULIANO, como vimos acima.

Seu sétimo ano, portanto, começou depois da metade do verão do ano 4256 do PERÍODO JULIANO. A viagem de ESDRAS para JERUSALÉM, na primavera seguinte, foi no começo do ano 4257 do PERÍODO JULIANO, como foi dito acima.

NOTAS

(a) Em hebraico: “setenta semanas foram cortadas”, da prática de marcar valores fazendo entalhes.

(b) Em hebraico: “seja selado”, isto é, seja consumado; é metáfora tomada no sentido de selar aquilo que está concluído. Assim, os JUDEUS contam ab obsignatum Misna, ad obsignatum Talmud, isto é, ad absolutum.

(c) Em hebraico: o profeta, não a profecia.

(d) Em hebraico, o Messias; em grego, o Cristo; em inglês, o Ungido. Emprego a forma inglesa para que melhor se destaque a relação desta cláusula com a anterior.

(e) JERUSALÉM.

1. Dn 9,24-27.

2. Is 23,13.

(f) IRINEU, L. 5. Haer. c. 25.

(g) Apud HIERON. in h. 1.

3. Tb 14,4-6.

4. Tb 13,16-18; Is 54,11-12.

(h) Dn 9,27.

5. 1Rs 11,7.

6. O antigo ano solar das nações orientais é composto de doze meses de trinta dias; daí veio a divisão do círculo em 360 graus. Parece que esse sistema foi usado por Moisés na sua história do dilúvio e por JOÃO no APOCALIPSE, onde um tempo, tempos e meio tempo, ou 42 meses, ou ainda 1.260 dias, se equivalem. Mas, quando se calcula vários desses anos, é preciso levar em conta os restos que terão de ser adicionados ao seu final, pois os EGÍPCIOS somavam cinco dias ao fim desses anos; o mesmo faziam os CALDEUS muito antes de DANIEL, como se vê na ERA DE NABONASSAR; os MAGOS PERSAS usavam o mesmo ano de 365, até o IMPÉRIO ÁRABE. Os antigos GREGOS também usavam o mesmo ano solar de doze meses iguais ou 360 dias mas, de dois em dois anos, intercalavam um mês de dez e de onze dias, alternadamente.

O ano dos JUDEUS, já desde sua saída do EGITO, era lunissolar. Era solar porque a colheita vinha sempre depois da Páscoa e os frutos da terra eram sempre colhidos antes da festa dos Tabernáculos, como se vê em Lv 23. Mas os meses eram lunares, pois MOISÉS mandava que, no começo de cada mês, o povo tocasse trombetas sobre os seus holocaustos e libações, como se vê em Nm 10,10; 28,11.14. Essa solenidade ocorria na Lua nova, como rezam Sl 81,3-5; 1Cr 23,31. Esses meses eram por MOISÉS chamados primeiro, segundo, terceiro, quarto etc. e o primeiro mês também era chamado ABIB, o segundo ZIF, o sétimo, ETANIM; o oitavo, BUL, como se lê em Ex 13,4; 1Rs 6,37-38; 8,2. Mas no cativeiro da BABILÔNIA, os JUDEUS usaram os nomes dos meses caldeus, pelos quais compreendiam os meses de seu próprio ano. De modo que os meses judaicos perderam os seus antigos nomes, substituídos pelos nomes caldeus.

Os JUDEUS começavam o ano civil a partir do equinócio do outono e o ano sagrado a partir do equinócio da primavera; e o primeiro dia do primeiro mês era na Lua nova visível mais próxima do equinócio.

Se DANIEL usava o ano caldeu ou judaico não é muito importante, pois a diferença é apenas de seis horas por ano ou quatro meses em 480 anos. Mas penso que eram anos judaicos, primeiro porque DANIEL era JUDEU e, mesmo

usando os nomes caldeus nos meses, os JUDEUS designavam os meses do seu próprio ano; em segundo lugar, porque essa profecia está baseada na de JEREMIAS, relativa aos setenta anos de cativeiro, e tem portanto que ser entendida como referindo-se ao mesmo tipo de anos; estes eram judaicos, já que a profecia foi feita na JUDÉIA e antes do cativeiro; finalmente, porque DANIEL toma as semanas de anos, o que é uma maneira de contar os anos característica entre os judeus. Pois desde que seus dias eram contados por sete e o último dia de cada sete era um sábado, os anos também se contavam por sete e o último de cada sete era um ano sabático; e sete dessas semanas de anos fazem um jubileu.

* A expressão “asa de abominações” é usada na tradução inglesa desse versículo. Em português, na tradução de João Ferreira de Almeida, a expressão também é usada, mas não na Bíblia de Jerusalém (N. do E.).

11

Da época do nascimento e da paixão de Cristo

As datas do nascimento e da paixão de CRISTO, ainda mais com toda essa precisão, mereceram pouca atenção dos primeiros cristãos por não constituírem assunto para a religião. Os que primeiro começaram a celebrá-las, as situaram nos períodos cardeais do ano: a anunciação da Virgem Maria em 25 de março que, com a reformulação que JÚLIO CÉSAR fez no calendário, marcava o equinócio vernal; a festa de JOÃO BATISTA em 24 de junho, o solstício de verão; a festa de SÃO MIGUEL em 29 de setembro, o equinócio de outono; o nascimento do CRISTO no solstício de inverno, a 25 de dezembro, com as festas de SANTO ESTÊVÃO, SÃO JOÃO e dos INOCENTES o mais perto possível dessa data. Como a data do solstício foi recuando de 25 de dezembro para 24, 23, 22 e ainda mais, nos séculos seguintes alguns chegaram a situar o Natal do CRISTO em 23 de dezembro e, por fim, no dia 20. Parece que, pelas mesmas razões, a festa de SÃO TOMÉ foi fixada no dia 21 de dezembro e a de SÃO MATEUS em 21 de setembro.

Do mesmo modo, a entrada do Sol em cada signo do zodíaco no Calendário Juliano serviu para situar a festa de outros santos: a conversão de PAULO em 25 de janeiro, quando o Sol entrava em AQUÁRIO; DE SÃO MATIAS em 25 de fevereiro, quando o Sol entrava em PEIXES; SÃO MARCOS em 25 de abril, quando entrava em TOURO; CORPUS CHRISTI em 26 de maio, quando entrava em GÊMEOS; SÃO TIAGO em 25 de julho, quando entrava em CÂNCER; SÃO BARTOLOMEU em 24 de agosto, quando entrava em VIRGEM; SIMÃO e JUDAS em 28 de outubro, quando entrava em ESCORPIÃO.

E qualquer outro dia notável no calendário juliano recebia a festa de um santo: SÃO BARNABÉ em 11 de julho, onde Ovídio parece situar a festa de VESTA e FORTUNA e da deusa MATUTA; SÃO FELIPE e SÃO TIAGO em 1º de maio, dia dedicado à BONA DEA ou MAGNA MATER e também à deusa FLORA, ainda celebrado com os seus ritos.

Tudo isso mostra que essas datas foram fixadas por matemáticos, nos primeiros calendários cristãos, sem qualquer base na tradição, e que depois os cristãos adotaram o que encontraram nos calendários.

Também não havia uma tradição segura a respeito dos anos do CRISTO. Pois os cristãos que começaram a estudar esses assuntos, como CLEMENTE DE ALEXANDRIA, ORÍGENES, TERTULIANO, JÚLIO AFRICANO, LACTÂNCIO, JERÔNIMO, SANTO AGOSTINHO, SULPÍCIO, SEVERO, PRÓSPERO e tantos outros que situam a morte do CRISTO nos anos 15 ou 16 de TIBÉRIO, dizem que a pregação de CRISTO não durou mais de um ano, no máximo dois. Depois, EUSÉBIO descobriu quatro Páscoas sucessivas no Evangelho de JOÃO e lançou a idéia de que Ele pregou durante três anos e meio; assim, teria morrido no ano 19 de TIBÉRIO. Outros, achando que a hipótese de ele ter morrido no equinócio, em 25 de março, está mais de acordo com as datas da Páscoa judaica dos anos 17 e 20, situaram-na num desses dois anos.

Também não há muita certeza nas teorias relativas à data do seu nascimento. Os primeiros cristãos situavam o batismo de Jesus no início do ano 15 de TIBÉRIO. Então, contando trinta anos para trás, situavam o seu nascimento no ano juliano 43, no ano 42 de AUGUSTO e no ano 28 da vitória da batalha de ÁCIO. Essa foi a opinião dominante nos primeiros tempos. Mas DIONÍSIO EXÍGUO, situando o batismo de CRISTO no ano 16 de TIBÉRIO e interpretando erradamente o texto de LUCAS (Lc 3,23), como se Jesus tivesse acabado de fazer 30 anos ao ser batizado, inventou a era vulgar, em que o seu nascimento é situado dois anos mais tarde.

Assim, como não há uma tradição confiável a respeito dessas coisas, vamos deixar tudo de lado e examinar o que se pode apurar a partir de relatos fidedignos.

O ano 15 de TIBÉRIO começou em 28 de agosto de 4727 do PERÍODO JULIANO. Logo que o inverno acabou e a temperatura começou a ficar mais quente, JOÃO deve ter começado a batizar e, antes do inverno seguinte, a sua fama já teria chegado a outras terras, fazendo com que todo mundo acorresse ao seu batismo, inclusive JESUS. Assim, a primeira Páscoa depois do batismo de JESUS, mencionada por JOÃO (Jo 2,13), foi no ano 16 de TIBÉRIO. Depois dessa festa, JESUS foi para as terras da JUDÉIA, onde começou a batizar, enquanto JOÃO fazia o mesmo em ENON (Jo 3,22-23). Mas, quando soube que JOÃO fora preso, ficou com receio e partiu para a GALILÉIA,[1] já que os fariseus sabiam que ele batizava mais discípulos do que JOÃO.[2] No caminho, passou pela SAMARIA quatro meses antes da colheita,[3] ou seja, por volta do solstício de inverno, pois lá a colheita acontecia entre a Páscoa e o domingo de Pentecostes, começando cerca de um mês depois do equinócio vernal. Nessa ocasião, ele observou: Não dizeis vós: “Ainda quatro meses e chegará a colheita?” Pois bem, eu vos digo: Erguei vossos olhos e vede os campos: estão brancos para a colheita,[4] querendo dizer que no campo o povo estava preparado para o evangelho, como revelam suas palavras seguintes.[5]

Portanto, JOÃO foi preso por volta de novembro do ano 17 de TIBÉRIO e, então, CRISTO foi da JUDÉIA para CANÁ da GALILÉIA em dezembro, onde foi recebido pelos GALILEUS, que tinham visto tudo o que ele fizera durante a PÁSCOA em JERUSALÉM. Um nobre de CAFARNAUM, ao saber da sua volta para a GALILÉIA, procurou-o e pediu que lhe curasse o filho. Mas ele não seguiu para lá, dizendo apenas: “Vai, o teu filho vive.” (…) Ele já descia, quando seus servos vieram-lhe ao encontro, dizendo que o seu filho vivia. Perguntou, então, a que horas ele se sentira melhor. “Ontem, à hora sétima, a febre o deixou.” Reconheceu, então, o pai ser precisamente aquela a hora em que Jesus lhe dissera: “O teu filho vive”, e acreditou, ele e todos os da sua casa.[6] Esse foi o começo dos seus milagres na GALILÉIA. JOÃO é completo e claro ao relatar as ações nesse primeiro ano, omitidas pelos outros evangelistas. Mas o resto da sua história é descrita mais completamente pelos outros evangelistas do que por

JOÃO, pois o que aqueles relatam, este omite.

Daí em diante, JESUS passou a ensinar aos sábados nas sinagogas da GALILÉIA, sendo aplaudido por todos. E indo à sua própria cidade, NAZARÉ, aí pregou na sinagoga. Mas, diante das suas palavras, (…) todos na sinagoga se enfureceram. E, levantando-se, expulsaram-no para fora da cidade e o conduziram até um cimo da colina sobre a qual a cidade estava construída, com a intenção de precipitá-lo de lá.

Ele, porém, passando pelo meio deles, prosseguia seu caminho … Desceu então a CAFARNAUM, cidade da Galiléia, e ensinava-os aos sábados.[7] *Podemos supor que isso foi logo depois da Páscoa ou que ela se aproximava.*

MATEUS cobre esse período com poucas palavras e só então começa a relatar a pregação e os milagres do CRISTO. Diz ele: Ao ouvir que João tinha sido preso, ele voltou para a Galiléia e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, à beira-mar, nos confins de Zabulon e Neftali. (…) A partir desse momento, começou Jesus a pregar e a dizer: "Convertei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus."[8] Depois disso, chamou os discípulos PEDRO, ANDRÉ, TIAGO e JOÃO,[9] e percorria toda a Galiléia, ensinando em suas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença ou enfermidade do povo. O seu renome espalhou-se por toda a Síria, de modo que lhe traziam todos os que eram acometidos por doenças diversas e atormentados por enfermidades, bem como endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curava. Seguiam-no multidões numerosas vindas da Galiléia, da Decápole, de Jerusalém, da Judéia e da região além do Jordão.[10]

Tudo isso foi feito antes do Sermão da Montanha e, portanto, podemos supor que a segunda Páscoa foi antes desse sermão. O fato de multidões o seguirem de JERUSALÉM e da JUDÉIA demonstra que ele tinha estado ali recentemente, durante a festa. O Sermão da Montanha foi feito quando a ele vinham multidões de toda parte, seguindo-o pelos campos abertos, o que é um argumento a favor

da estação do verão. Nesse sermão, apontou os lírios do campo, então em flor diante dos olhos do público. E disse: E com a vossa roupa, por que andais preocupados? Aprendei dos lírios do campo, como crescem, e não trabalham e nem fiam. E, no entanto, eu vos asseguro que nem Salomão, em todo o seu esplendor, se vestiu como um deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã será lançada ao forno, não fará ele muito mais por vós, homens fracos na fé?[11] Portanto, as ervas do campo estavam em flor, indicando que o mês de março, com a Páscoa, tinha terminado.

Vejamos então como o resto das festas decorre na ordem no Evangelho de MATEUS: ele foi testemunha ocular do que relata e conta as coisas em ordem cronológica, ao contrário de Marcos e Lucas.

Algum tempo depois do Sermão da Montanha, quando chegou o momento em que devia ser recebido, isto é, quando chegou a data de uma festa em que os JUDEUS o deviam receber, preparou-se ele para ir a JERUSALÉM. A caminho com os discípulos, tendo os samaritanos lhe negado hospedagem ao atravessar a SAMARIA, disse-lhe um escriba: “Mestre, eu te seguirei, para onde quer que vás.” Ao que Jesus respondeu: “As raposas têm tocas, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.” [12] O Escriba disse a CRISTO que lhe faria companhia na jornada e este lhe respondeu que queria alojamento. Penso que essa festa era a festa dos Tabernáculos porque, logo depois, encontramos CRISTO e os seus apóstolos no mar de TIBERÍADES, em tão grande tempestade que o barco era lavado pelas águas e ameaçava virar, até que CRISTO conjurou severamente os ventos e o mar. [13] Ora, essa tempestade mostra que havia chegado o inverno.

Depois disso, Jesus percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas e pregando o evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades.[14] Chamou os doze discípulos e deu-lhes autoridade de expulsar os espíritos imundos e de curar toda a sorte de males e enfermidades.[15] Então, quando recebeu uma mensagem de JOÃO e lhe respondeu, disse às multidões: Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência dos

que querem entrar, e violentos se apoderam dele.[16] E começou a censurar as cidades onde havia feito a maior parte dos seus milagres, CORAZIN, BETSAIDA e CAFARNAUM, por não terem se arrependido.[17] Como se pode ver em muitas passagens, havia decorrido muito tempo desde a prisão de JOÃO: o inverno tinha passado e a nova Páscoa se aproximava. Tanto que, logo a seguir, diz MATEUS: Por esse tempo, Jesus passou, num sábado, pelas plantações. Os seus discípulos estavam com fome, puseram-se a colher espigas e a comê-las.[18] Na expressão de LUCAS (Lc 6, 1), debulhando-as com as mãos. Portanto, o trigo já tinha soltado as espigas e estas já estavam maduras, indicando que a Páscoa, quando os primeiros frutos eram sempre oferecidos antes da colheita, chegara ou já tinha passado.

LUCAS chama esse sábado [grego: deuteroprôton] de “sábado segundo-primeiro”,* isto é, a segunda das duas grandes festas da Páscoa. Assim como chamamos de Pasquela a oitava da Páscoa, LUCAS chama a festa do sétimo dia dos pães ázimos de segundo dos dois primeiros sábados.

Num dos sábados seguintes, foi ele à sinagoga e curou um homem que tinha uma das mãos atrofiada.[19] Então os fariseus, saindo dali, tramaram contra ele, como o matariam. Ao saber disso, Jesus afastou-se dali. Muitos o seguiram, e ele os curou a todos. E os proibia severamente de torná-lo manifesto (…)[20] Depois disso, estando num barco, enquanto a multidão estava na praia, contou-lhes três parábolas do semeador,[21] o que sugere que estavam na época da semeadura e, portanto, já se fora a festa dos tabernáculos. Depois disso, dirigindo-se para a sua pátria, pôs-se a ensinar as pessoas que estavam na sinagoga (…)[22] Mas não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.[23]

Então, tendo estado viajando por um ano, os doze voltaram e disseram a JESUS tudo quanto haviam feito. Nessa mesma ocasião, HERODES mandou degolar JOÃO na prisão e os discípulos deste vieram comunicar o fato a JESUS. Ao receber a notícia, ele reuniu os doze e partiu secretamente de barco para uma região deserta, pertencente a BETSAIDA. Quando o povo soube, seguiu a pé das cidades vizinhas. Então, o inverno tinha passado. Curou os doentes e, no deserto,

alimentou cinco mil homens com suas mulheres e filhos, com apenas cinco pães e dois peixes.[24] Quando isso se deu, estava próxima a Páscoa dos JUDEUS.[25]

Mas JESUS não foi a essa festa. Depois dessas coisas, andou pela GALILÉIA, já que na Páscoa anterior os JUDEUS tinham tramado destruílo e ainda queriam matá-lo.[26] É visto então na costa de TIRO e de SIDON, depois no mar da GALILÉIA, a seguir na costa da CESARÉIA DE FELIPE e finalmente em CAFARNAUM.[27]

Mais tarde, quando se aproximava a festa dos Tabernáculos, seus irmãos o censuraram por andar escondido e insistiram para que fosse à festa. Mas ele não foi até que fossem embora, e então foi secretamente;[28] e quando os JUDEUS tentaram apedrejá-lo, ocultou-se e saiu do templo.[29] Depois disso, foi à festa da Dedicação, no inverno[30] e, quando procuraram novamente prendê-lo, escapou para além do JORDÃO,[31] onde se demorou até a morte de LÁZARO, quando foi para BETÂNIA, perto de JERUSALÉM, e o ressuscitou.[32]

Então, a partir desse dia, resolveram matá-lo. Jesus, por isso, não andava em público, entre os judeus, mas retirou-se para a região próxima do deserto, para a cidade de Efraim e aí permaneceu com seus discípulos,[33] até a última Páscoa, quando os JUDEUS o levaram à morte.

Temos assim, comparando os Evangelhos de MATEUS e de JOÃO, a história da ação de JESUS de modo contínuo, durante cinco Páscoas. JOÃO é mais preciso no começo e no fim; MATEUS, no meio. Aquilo que um omite, o outro registra.

A primeira Páscoa decorreu entre o batismo do CRISTO e a prisão de JOÃO.[34] A segunda, cerca de quatro meses após a prisão de JOÃO e o começo da pregação de CRISTO na GALILÉIA.[35] Portanto, essa festa foi ou aquela a que JESUS também compareceu, quando o escriba queria segui-lo,[36] ou a festa anterior. A

terceira foi aquela em que o trigo estava soltando as espigas, que já estavam maduras.[37] A quarta estava próxima quando CRISTO operou a multiplicação dos pães[38] e a quinta foi aquela em que o CRISTO sofreu.[39]

Entre a primeira e a segunda Páscoa, JOÃO e CRISTO batizaram juntos, até a prisão do primeiro, o que se deu quatro meses antes da segunda. Então, CRISTO começou a pregar e a escolher seus discípulos. Depois de os haver instruído durante um ano, mandou-os pregar nas cidades dos JUDEUS. Ao mesmo tempo, ouvindo falar da fama de Cristo, JOÃO mandou perguntar quem ele era. Na terceira, o sumo sacerdote começou a deliberar sobre a morte de CRISTO. Um pouco antes da quarta Páscoa, os doze voltaram à sua presença, depois de terem pregado durante um ano em todas as cidades. Ao mesmo tempo, HERODES mandou degolar JOÃO na prisão, onde se achava havia dois anos e três meses. Por isso, temendo HERODES, o CRISTO foi para o deserto. Na quarta, não foi a JERUSALÉM porque os JUDEUS, na Páscoa anterior, tinham tramado a sua morte e também porque o seu tempo ainda não era chegado. Então, até a festa dos Tabernáculos, andou secretamente pela GALILÉIA, com receio de HERODES. Depois da festa dos Tabernáculos, não mais voltou à GALILÉIA. No entanto, foi algumas vezes a JERUSALÉM, retirou-se outras vezes para além do JORDÃO ou para a cidade de EFRAIM, próxima ao deserto – até a Páscoa em que foi acusado, preso e crucificado.

Portanto, JOÃO batizou durante dois verões e CRISTO pregou durante três. No primeiro verão, JOÃO pregou para se tornar conhecido e para dar testemunho de CRISTO. Depois de CRISTO ter vindo para ser batizado e se dar a conhecer, ele batizou durante outro verão, para tornar CRISTO conhecido por meio do seu testemunho. CRISTO também batizou durante esse mesmo verão, para se tornar mais conhecido. Graças ao testemunho de JOÃO, ia mais gente ao batismo do CRISTO do que ao de JOÃO. No inverno seguinte, JOÃO foi preso, chegando ao final do seu caminho. CRISTO assumiu então a sua própria tarefa, começando a pregar nas cidades. No começo da pregação, completou o número de doze apóstolos e instruiu-os no primeiro ano, para enviá-los a outras terras. Antes do fim desse ano, a sua fama, pela pregação e pelos milagres, tinha se espalhado de tal modo por toda parte que, na Páscoa seguinte, os JUDEUS deliberaram como matá-lo. No segundo ano da sua pregação, sentindo que não

era seguro falar abertamente na JUDÉIA, mandou os doze pregar em todas as suas cidades: no fim do ano, os apóstolos voltaram e lhe contaram o que haviam feito. Durante o último ano, os doze continuaram com ele, recebendo instruções mais aperfeiçoadas, a fim de poderem pregar em todas as nações após a sua morte.

Com a notícia da morte de JOÃO, e temendo HERODES assim como os JUDEUS, moveu-se mais secretamente do que antes: freqüentou desertos e passou a segunda metade do ano na JUDÉIA, fora dos domínios de HERODES.

Temos assim, nos Evangelhos de MATEUS e de JOÃO, todas as coisas contadas na devida ordem, desde o começo da pregação de JOÃO até a morte de CRISTO. E os anos são de tal modo diferenciados uns dos outros por suas características essenciais, que não pode haver engano. A segunda Páscoa se diferencia da primeira pela interposição da prisão de JOÃO. A terceira se diferencia da segunda por uma dupla característica: primeiro, pela interposição da festa a que CRISTO compareceu;[40] em segundo lugar, pelo espaço de tempo entre o início das pregações. Ou seja: a segunda foi no começo da sua pregação e a terceira tanto tempo depois que, antes dela, CRISTO disse: Desde os dias de João Batista até agora (…) E censurou as cidades da GALILÉIA por não se arrependerem diante da sua pregação e dos milagres realizados durante todo aquele tempo. A quarta se distingue da terceira pela missão, que CRISTO deu aos doze, de pregar nas cidades da JUDÉIA durante esse intervalo. A quinta se distingue de todas as anteriores porque os doze voltaram da pregação e continuaram junto a CRISTO durante todo o intervalo entre a quarta e a quinta, assim como pela Paixão e outras características decisivas.

Então, já que o primeiro verão em que JOÃO batizou caiu no 15º ano do Imperador TIBÉRIO, a primeira dessas cinco Páscoas caiu no 16º ano. Então, a última delas, em que JESUS sofreu, caiu no 20º ano do mesmo imperador, no consulado de FÁBIO e VITÉLIO, no ano 79 do PERÍODO JULIANO ou 34 de CRISTO, o ano sabático dos JUDEUS. E que assim foi, confirmarei pelos argumentos que se seguem.

Tomo como certo que a Paixão foi na sexta-feira, dia 14 do mês de Nisan, a grande festa da Páscoa no sábado, dia 15 do mesmo mês, e a Ressurreição no dia seguinte. O dia 14 de Nisan caía sempre na Lua cheia seguinte ao equinócio vernal e o mês começava na Lua nova anterior: não na verdadeira conjunção, mas na primeira aparição da Lua nova, pois os JUDEUS referiam todo o tempo da Lua silenciosa, como a chamavam, isto é, o desaparecimento da Lua, à Lua velha. E como a primeira aparição seria normalmente cerca de dezoito horas depois da verdadeira conjunção, iniciavam o seu mês na sexta hora da tarde, ou seja, no pôr-do-sol, logo depois da décima oitava hora a partir da conjunção. E a essa regra chamavam [hebraico: YH] Jah, designando-a pelas letras [hebraico: Y] e [hebraico: H], e pelo número 18.

Bem sei que EPIFÂNIO nos diz, se as suas palavras foram corretamente interpretadas, que os JUDEUS usavam um ciclo vicioso, antecipando as Luas novas legais em dois dias. Mas não disse isso como autoridade, já que não entendia de Astronomia e nem tinha conhecimento rabínico: trata-se apenas de um argumento que parte da sua hipótese errada sobre a época da Paixão.

Na verdade, os JUDEUS não antecipavam, mas atrasavam os seus meses: pensavam que era legítimo iniciar o mês um dia depois da primeira aparição da Lua nova, já que esta continuava por mais de um dia, mas nunca um dia antes, a menos que celebrassem a Lua nova antes de ela existir. E os JUDEUS ainda mantêm nos livros a tradição de que o Sinédrio definia cuidadosamente a Lua nova pela sua visualização: enviava observadores a lugares montanhosos e inquiria-os sobre a aparição da Lua, transferindo a Lua nova da data relatada para um dia antes sempre que os observadores viessem de regiões distantes, tendo visto a Lua nova um dia antes de ela ser vista em JERUSALÉM. De acordo com isso, JOSEFO,[41] um dos sacerdotes JUDEUS que ensinavam no Templo, diz que a Páscoa foi celebrada no dia 14 de Nisan [grego: kata selênêm] de acordo com a Lua, quando o Sol estava em ÁRIES. Isso é confirmado por dois casos, registrados por ele, que derrubam totalmente a hipótese de que os JUDEUS usavam um ciclo defeituoso. Diz ele que, no ano em que JERUSALÉM foi tomada e destruída, a Páscoa foi no dia 14 do mês de Xanticus

que, segundo JOSEFO, corresponde ao nosso mês de abril, e que cinco anos antes havia caído no 8º dia do mesmo mês. Essas duas ocorrências concordam com o curso da Lua.

Portanto, calculando as Luas novas do primeiro mês, de acordo com o curso da Lua e a regra Jah, e contando quatorze dias a partir daí, vemos que o 14º dia desse mês, no ano 31 de CRISTO, caiu na terça-feira, 27 de março; no ano 32, no domingo, 13 de abril; no ano 33, na sexta-feira, 3 de abril; no ano 34, na quarta-feira, 24 de março ou então, para evitar o equinócio, que caía no mesmo dia e para ter um tempo mais conveniente para a ceifa, na quinta-feira, 22 de abril; no ano 35, na terça-feira, 12 de abril; no ano 36, no sábado, 31 de março.

Mas o 15º e o 21º dias de Nisan, um dia ou dois de Pentecostes e o 10º, o 15º e o 22º dias de Tisri eram sempre dias sabáticos ou dias de descanso, e como era inconveniente não poder enterrar os mortos em dois sábados seguidos, e nem poder preparar a carne fresca numa região tão quente que a carne se alterava em dois dias, os JUDEUS contornavam esses e outros inconvenientes atrasando os seus meses em um dia, sempre que o primeiro dia do mês de Tisri ou, o que dá no mesmo, o terceiro do mês de Nisan caísse num domingo, quarta ou sexta-feira. A essa regra chamavam Adu [hebraico: ‘DW], representada pelas letras [hebraico: W, D, ‘] que significam os números 1, 4 e 6, ou seja, o primeiro, o quarto e o sexto dia da semana, que chamamos de domingo, quarta e sexta-feira.

Assim, atrasando por essa regra os meses acima, o 14º dia do mês de Nisan, no ano 31 de CRISTO, cairá numa quarta-feira, 28 de março; no ano 32, numa segunda-feira, 14 de abril; no ano 33, numa sexta-feira, 3 de abril; no ano 34, numa sexta-feira, 23 de abril; no ano 35, numa quarta-feira, 13 de abril; no ano 36, num sábado, 31 de março.

Portanto, segundo esse cálculo, o ano 32 fica absolutamente excluído, já que a Paixão não poderia cair numa sexta-feira, a menos que a situássemos cinco dias depois ou dois dias antes da Lua cheia. Mas ela tem que cair na Lua cheia ou no

dia seguinte. Pelos mesmos motivos, ficam excluídos os anos 31 e 35, porque neles a Paixão não cairia numa sextafeira, a menos que esse dia viesse três dias depois ou quatro dias antes da Lua cheia. Erros tão grandes seriam muito perceptíveis no céu, mesmo para pessoas comuns. O ano 36 não é aceito por quase ninguém. Assim, tanto este como o ano 35 podem ser postos fora de discussão.

No começo do seu reinado, TIBÉRIO nomeou VALÉRIO GRATO governador da JUDÉIA e, depois de onze anos, substituiu-o PÔNCIO PILATOS, que governou durante dez anos. Então VITÉLIO, que havia sido nomeado governador da SÍRIA, despojou-o da sua honra, substituiu-o por MARCELO e acabou por enviá-lo a ROMA. Mas, em conseqüência de atrasos, PILATOS lá chegou somente depois da morte de TIBÉRIO. Nesse meio tempo, depois de haver deposto PILATOS, VITÉLIO foi a JERUSALÉM durante a Páscoa, em visita àquela e outras províncias, no início de seu mandato; e no lugar de CAIFÁS, então sumo sacerdote, colocou JÔNATAS, filho de ANANUS ou ANÁS, como é chamado nas Escrituras. Depois disso, quando foi enviado de volta à ANTIOQUIA, VITÉLIO recebeu cartas de TIBÉRIO, determinando que fizesse a paz com ARTABANO, rei dos PARTAS. Ao mesmo tempo, e a pedido de TIBÉRIO, os ALANOS invadiram o reino de ARTABANO e os seus súditos, pela intervenção de VITÉLIO, pouco depois se rebelaram. TIBÉRIO pensava que, premido pelas dificuldades, ARTABANO aceitaria mais facilmente as condições de paz. Mas organizando então um grande exército, ARTABANO dominou os rebeldes e, encontrando VITÉLIO no EUFRATES, fez uma aliança com os ROMANOS. Depois disso, TIBÉRIO ordenou que VITÉLIO guerreasse ARETAS, rei da ARÁBIA. Assim, conduzindo o seu exército contra ARETAS, VITÉLIO foi junto com HERODES a JERUSALÉM para oferecer sacrifícios nas festas públicas que então eram celebradas. Tendo sido recebido com muitas honras, ali permaneceu três dias e, nessa ocasião, transferiu o sumo-sacerdócio de JÔNATAS para o seu irmão TEÓFILO. No quarto dia, tendo recebido a notícia da morte de TIBÉRIO, fez o povo jurar fidelidade a CAIO, o novo imperador, e levou a tropa de volta aos seus quartéis. Tudo isso é relatado por JOSEFO (Antig., Lib. 18, c. 6, 7).

Ora, TIBÉRIO reinou 22 anos e sete meses e morreu em 16 de março, no

começo do ano 37 de CRISTO, e a festa da Páscoa caiu no dia 20 de abril. Então, a notícia da morte levou 36 ou 38 dias para ir de ROMA a VITÉLIO, em JERUSALÉM. Sendo esse um prazo razoável para a mensagem chegar, podemos supor que a festa a que VITÉLIO e HERODES compareceram era a Páscoa: se tivesse sido a de Pentecostes, como geralmente se pensa, VITÉLIO teria passado mais três meses sem saber da morte do Imperador, o que é muito improvável. Entretanto, as coisas que aconteceram entre essa festa e a Páscoa à qual VITÉLIO esteve presente – o início de uma sedição na PÁRTIA, a dominação desse movimento, a realização posterior de uma aliança com os PARTAS, o envio de notícias dessa aliança a ROMA, o recebimento de novas instruções para guerrear os ÁRABES e a execução dessas ordens – exigiriam muito mais tempo do que cinqüenta dias, entre a Páscoa e o Pentecostes do mesmo ano, o que indica que a Páscoa a que VITÉLIO compareceu foi a do ano anterior. Então, PILATOS foi deposto antes da Páscoa de 36 a.D. e a Paixão de CRISTO ocorreu antes dessa Páscoa: porque o seu sofrimento não foi durante a gestão de VITÉLIO, nem na gestão de VITÉLIO e PILATOS, mas na de PILATOS sozinho.

Vale observar também que o sumo-sacerdócio se tornara nesse tempo uma função anual e que era durante a Páscoa que se fazia a nomeação do novo sumo sacerdote. Como diz JOSEFO, GRATO, antecessor de PILATOS, fez ISMAEL sumo sacerdote depois de ANÁS e, provavelmente depois de um ano, o substituiu por ELEAZAR, depois de um ano por SIMÃO e no ano seguinte por CAIFÁS. Então, deu lugar a PILATOS. Assim, numa Páscoa, VITÉLIO nomeou JÔNATAS como sucessor de CAIFÁS, e na seguinte TEÓFILO, como sucessor de JÔNATAS. Por isso, LUCAS diz que no 15º ano de TIBÉRIO, ANÁS e CAIFÁS eram sumo sacerdotes, isto é, CAIFÁS até a Páscoa e ANÁS logo a seguir. Concordando com isso, JOÃO fala do sumo-sacerdócio como um cargo anual, pois nos diz repetidamente que, no último ano da pregação de CRISTO, CAIFÁS era o sumo sacerdote.[42] No ano seguinte, diz LUCAS,[43] o sumo sacerdote era ANÁS.

Assim, portanto, TEÓFILO foi sumo sacerdote no primeiro ano de CAIO, JONAS no 22º ano de TIBÉRIO e CAIFÁS no 21º ano do mesmo imperador. Portanto, considerando o período de um ano para cada um, a Paixão, ao tempo

em que ANÁS substituiu CAIFÁS, não pode ter sido depois do 20º ano de TIBÉRIO, ou 34 a.D.

Assim restam apenas o anos 33 e 34 a ser considerados, e excluo o 33 com o argumento que se segue.

Foi na penúltima Páscoa antes da Paixão que CRISTO passou pelas searas e seus discípulos apanharam espigas e as esfregaram com as mãos e as comeram. Ora, o fato de elas estarem maduras mostra que naquele ano a Páscoa foi tardia, como a do ano 32, que foi em 14 de abril, enquanto a do ano 31 foi mais cedo, em 28 de março. Portanto, não foi dois anos depois de 31, mas depois de 32, que se deu a Paixão de CRISTO.

Assim, todas as características da Paixão coincidem com as do ano 34: e é esse o único ano em que todas elas coincidem.

NOTAS

1. Mt 4,12.

2. Jo 4,1.

3. Jo 4,35.

4. Jo 4,36.

5. Observo que o CRISTO e seu precursor JOÃO tinham por hábito, em suas parábolas, aludir a coisas presentes. Quando os antigos profetas queriam descrever as coisas enfaticamente, construíam suas parábolas com as coisas com que deparavam, como por exemplo, o rasgão de uma capa, 1Sm 15; o ano sabático, Is 37; os vasos de um oleiro, Jr 18 etc. Mas também, quando faltam os objetos adequados, eles o fornecem, rasgando a capa 1Rs 11; lançando flechas, 2Rs 13; despindo seu corpo, Is 20; dando nomes expressivos aos seus filhos, Is 8; escondendo um cinto nas barrancas do EUFRATES, Jr 13: quebrando uma bilha de barro, Jr 19, criando grilhões e cadeias, Jr 27; prendendo um livro a uma pedra e os lançando no EUFRATES, Jr 51; sitiando uma cidade gravada num tijolo, Ez 4; dividindo o cabelo em três partes, Ez 5; fazendo uma cadeia, Ez 7; carregando a bagagem, atemorizado, para o exílio, Ez 12 etc. Dessa maneira gostavam de falar os profetas. E tendo o CRISTO um espírito profético mais nobre do que os outros, a todos excedeu na maneira de falar, não se referindo às próprias ações, o que seria menos solene e elegante, mas transformando em parábolas as coisas tais quais se apresentavam. Quando a colheita se aproximava, advertia mais uma vez os discípulos quanto à colheita espiritual, Jo 4,35; Mt 9,37. Vendo os lírios do campo, admoesta os discípulos acerca das roupagens bonitas, Mt 6, 28. Aludindo à chegada da colheita, lembra a eles que os homens devem ser conhecidos por suas obras, Mt. 7,16. Por ocasião da Páscoa, quando as árvores estão cheias de folhas, ensina aos discípulos: Aprendei pois a parábola da figueira: quando seu ramo se torna tenro e suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo. Mt 24,32; Lc 21,29. No mesmo dia, aludindo tanto à estação do ano quanto à sua paixão próxima, que aconteceria dois dias depois, criou a parábola da aproximação da colheita e do assassínio do herdeiro Mt. 21,33; ao mesmo tempo, aludindo aos cambistas, que recentemente expulsara do Templo e à sua paixão próxima, contou a parábola do nobre que foi a terras distantes para receber um reino e confiou os seus bens aos servos e, de volta, condenou o servo preguiçoso que não havia feito render o seu dinheiro Mt 25,14; Lc 19,12. Quando estava próximo do Templo, onde muitos carneiros ficavam presos para serem vendidos para os sacrifícios, falou parabolicamente de muitas coisas a respeito de carneiros, pastores e a porta do aprisco, e esclareceu que se referia aos apriscos que se alugavam no mercado, dizendo que nos mesmos um ladrão não poderia passar pela cancela, nem o pastor abri-la, mas que o porteiro a abria para o pastor. Jo 10,1.3. Como o MONTE DAS OLIVEIRAS era um lugar muito fértil, onde não poderiam faltar parreiras, falou sobre muitas coisas misticamente, como o

esposo, a vinha e seus ramos, Jo 15. Encontrando um cego, advertiu sobre a cegueira espiritual, Jo 9,39. Ao ver criancinhas, descreveu mais uma vez a inocência dos escolhidos, Mt. 18,2; 19,13. Ouvindo que LÁZARO havia morrido e podia ser ressuscitado, discorreu sobre a ressurreição e a vida eterna, Jo 11,25.26. Ouvindo falar de um massacre ordenado por PILATOS, advertiu sobre a morte eterna. Lc 13,1. Aos seus pescadores, falou em pescadores de homens, Mt. 4,10 e criou uma outra parábola relativa aos peixes. Mt 13,47. Achando-se no Templo, falou do templo do seu corpo, Jo 11,19. Durante a ceia, falou por parábola sobre a ceia mística no Reino dos Céus. Lc 14. No momento da alimentação material, chamou a atenção dos discípulos para o alimento espiritual e, misticamente, para o alimento da sua carne e a bebida do seu sangue Jo 6,27.53. Quando os seus discípulos se esqueceram de levar o pão, advertiu-os contra o fermento dos FARISEUS Mt 16,6. Convidado para comer, respondeu que tinha para comer, um alimento que não conheceis Jo 4,31. No grande dia da festa dos Tabernáculos, quando os JUDEUS, segundo a tradição, levaram muita água do rio SHILOAH para o Templo, CRISTO levantou-se e disse: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, de seu seio correrão rios de água viva. Jo 7,37-38. No dia seguinte, referindo-se aos servos que eram libertados por motivo do ano sabático, disse que a verdade libertaria aqueles que guardassem as suas palavras. Os JUDEUS interpretaram isso literalmente, como se dissesse respeito à libertação dos escravos, e lhe responderam: Somos a posteridade de Abraão, e jamais fomos escravos de alguém. Como podes dizer: ‘Tornar-vos-ei livres?’ Jo 8,33. Sustentavam a sua liberdade com um duplo argumento: primeiro porque eram descendentes de ABRAÃO e, portanto, se fossem novamente libertados já teriam sido escravos; mas nunca tinham sido escravos. Na última Páscoa, quando HERODES passara com o seu exército através da JUDÉIA contra ARETAS, rei da ARÁBIA, por ser Aretas um agressor e mais forte militarmente, como os fatos pareciam indicar, aludindo a esse estado de coisas, CRISTO compôs a parábola do rei fraco conduzindo o seu exército contra outro mais forte que lhe fez guerra. Lc 14,31. Não duvido que outras parábolas tivessem sido construídas sobre outras ocorrências cujas histórias não conhecemos.

6. Jo 4,50-53.

7. Lc 4,28-31.

8. Mt 4,12-13.17.

9. Mt 4,18-21.

10. Mt 4,23-25.

11. Mt 6,28-31.

12. Mt 8,19; Lc 9,57-58.

13. Mt 8,23-26.

14. Mt 9,35.

15. Mt 10,1.

16. Mt 11,12.

17. Mt 11,20-21.

18. Mt 12,1.

19. Mt 12,9-10.13; Lc 6,6.

20. Mt 12,14-16.

21. Mt 13.

22. Mt 13,54.

23. Mt 13,58.

24. Mt 14; Lc 9.

25. Jo 6,4.

26. Jo 7,1.

27. Mt 15,21.29; 16,13; 17,34.

28. Jo 7,2.

29. Jo 8,59.

30. Jo 10,22.

31. Jo 10,39-40; Mt 19,1.

32. Jo 11,7.18.

33. Jo 11,53-54.

34. Jo 11,13.

35. Jo 4,35.

36. Mt 8,19; Lc 9,51.57.

37. Mt 12,1; Lc 6,1.

38. Mt 14,15; Jo 6,4-5.

39. Mt 20,17; Jo 12,1.

40. Mt 8,9; Lc 9,57.

41. Josefo. Antig. lib. 3 c.10.

42. Jo, 11,49; 18,13.

43. At 4,6.

* Em inglês, second prime sabbath, em que Newton baseia o seu comentário. Na tradução de João Ferreira de Almeida, é sábado segundo-primeiro. Mas, na Bíblia de Jerusalém, é simplesmente sábado (N. do E.).

12

Da profecia da escritura da verdade

Os reinos representados pela segunda e terceira bestas, ou seja, o urso e o leopardo, são novamente descritos por DANIEL na última profecia, escrita no terceiro ano do reinado de CIRO sobre a BABILÔNIA, ano em que ele conquistou a PÉRSIA, pois essa profecia é um comentário sobre a visão do carneiro e do bode.

Diz ele: E agora vou anunciar-te a verdade. Surgirão ainda três reis na Pérsia (Ciro, Cambises e Dário Histaspes), e o quarto acumulará mais riquezas que todos eles. E, quando se tiver tornado poderoso por suas riquezas, levantar-se-á contra todos os reinos de Javã [GRÉCIA]. Surgirá então um rei guerreiro [ALEXANDRE, o Grande], o qual dominará um vasto império e fará o que bem lhe aprouver. Logo, porém, que se tiver estabelecido, seu reino será destroçado e dividido entre os quatro ventos do céu, e não em proveito de sua descendência [mas depois de sua morte]. E não será mais governado como ele o havia feito, porque seu reino será extirpado e entregue a outros que não os seus descendentes [com exceção daqueles quatro mencionados reinos].[1] Tendo conquistado todo o IMPÉRIO PERSA e parte da ÍNDIA, ALEXANDRE o Grande morreu na BABILÔNIA, um mês antes do solstício de verão, no ano 425 de NABONASSAR. Seus capitães deram a monarquia a seu irmão bastardo FILIPE ARIDEUS, criatura desequilibrada, e nomearam PÉRDICAS administrador do reino. Com o consentimento deles, PÉRDICAS nomeou MELEAGRO chefe do exército, SELEUCO estribeiro-mor, CRATERUS tesoureiro do reino, ANTÍPATROS governador da MACEDÔNIA e da GRÉCIA, PTOLOMEU governador do EGITO; ANTÍGONO governador da PANFÍLIA, LÍCIA, LICÂNIA e FRÍGIA MAIOR; LISÍMACO governador da TRÁCIA e outros capitães governadores de outras províncias, tantas quantas tinham sido nos dias

de ALEXANDRE o Grande.

Então, os BABILÔNICOS começaram a contar uma nova era, que chamaram Era de Filipe, a partir do ano 425 de NABONASSAR, que foi o primeiro ano de FILIPE. ROXANA, mulher de ALEXANDRE, estava grávida e, três ou quatro meses depois, deu à luz um menino. Eles o chamaram de ALEXANDRE, saudaram-no como rei e ligado a FILIPE, a quem já tinham posto no trono. FILIPE reinou três anos sob a administração de PÉRDICAS, dois sob a de ANTÍPATROS e mais um sob a de POLIPERCO: ao todo seis anos e quatro meses. Foi então assassinado, com a rainha EURÍDICE, em setembro, por ordem de OLÍMPIA, mãe de ALEXANDRE o Grande. Os GREGOS, cansados das crueldades de Olímpia, revoltaram-se e recorreram a CASSANDRO, filho e sucessor de ANTÍPATROS. CASSANDRO assassinou OLÍMPIA e, pouco depois, confinou o jovem rei e sua mãe ROXANA no Castelo de ANFÍPOLIS, sob a guarda de GLÁUCIAS, no ano 432 de NABONASSAR.

No ano seguinte PTOLOMEU, CASSANDRO e LISÍMACO, por meio de SELEUCO, formaram uma aliança contra ANTÍGONO e, depois de algumas lutas, foi assinada a paz, no ano 438 de NABONASSAR, sob as seguintes condições: CASSANDRO comandaria as forças da EUROPA até a maioridade de ALEXANDRE, filho de ROXANA; LISÍMACO governaria a TRÁCIA; PTOLOMEU, o EGITO e a LÍBIA; ANTÍGONO governaria toda a ÁSIA. SELEUCO reservara para si a MESOPOTÂMIA, a BABILÔNIA, a SUSIANA e a MÉDIA, desde o ano anterior. Cerca de três anos depois da morte de ALEXANDRE, ele fora nomeado governador da BABILÔNIA por ANTÍPATROS, sendo depois expulso por ANTÍGONO. Mas agora recobrava e estendia o seu governo sobre uma grande parte do ORIENTE, dando lugar a uma nova era, que se chamou período dos selêucidas. Não muito tempo depois de fazer a paz com ANTÍGONO, no mesmo ano olímpico segundo DIODORO, e vendo que ALEXANDRE, o filho de ROXANA, estava crescendo e que, como era voz corrente em toda a MACEDÔNIA, era hora de libertá-lo para que assumisse o reino do seu pai, CASSANDRO ordenou a GLÁUCIAS, governador do Castelo, que matasse em segredo ROXANA e o jovem rei. Então, POLIPERCO declarou rei HÉRCULES, filho de ALEXANDRE o Grande e de BARSINE. Mas logo mandou assassiná-lo, a pedido de CASSANDRO. Então,

depois de uma grande vitória de DEMÉTRIO, filho de ANTÍGONO, numa batalha naval contra PTOLOMEU, ANTÍGONO tomou para si o título de rei e deu o mesmo título ao filho. Isso ocorreu no ano de 441 de NABONASSAR. Seguindo o exemplo, SELEUCO, LISÍMACO e PTOLOMEU também assumiram o título e a dignidade reais, já que tinham se privado de tal honra enquanto havia descendentes de ALEXANDRE com direito à coroa. Assim, por falta de um herdeiro, a monarquia dos GREGOS partiu-se em vários reinos, quatro dos quais, situados nos quatro ventos do céu, foram muito importantes. PTOLOMEU reinou sobre o EGITO, a LÍBIA e a ETIÓPIA; ANTÍGONO sobre a SÍRIA e a ÁSIA MENOR; LISÍMACO sobre a TRÁCIA; CASSANDRO sobre a MACEDÔNIA, a GRÉCIA e o ÉPIRO, como já foi dito.

Nessa época, SELEUCO reinava sobre as nações de além EUFRATES, pertencentes ao corpo das duas primeiras bestas. Mas, depois de seis anos, derrotou ANTÍGONO, ficando assim de posse de um dos quatro reinos. Mas CASSANDRO, temeroso do poder de ANTÍGONO, fez uma aliança com LISÍMACO, PTOLOMEU e SELEUCO contra ele. Assim, enquanto LISÍMACO invadia as regiões da ÁSIA na altura de HELESPONTO, PTOLOMEU submetia a FENÍCIA e a CELESÍRIA, com a costa marítima da ÁSIA.

SELEUCO foi com um poderoso exército para a CAPADÓCIA, onde se reuniu às forças confederadas, venceu e matou ANTÍGONO na FRÍGIA e apoderou-se do seu reino no ano 447 de NABONASSAR. Depois disso, SELEUCO construiu ANTIOQUIA, LAODICÉIA, APAMÉIA, BERRÉIA [Alepo], EDESSA e outras cidades na SÍRIA e na ÁSIA, onde concedeu aos JUDEUS privilégios iguais aos dos GREGOS.

DEMÉTRIO, filho de ANTÍGONO, conservou apenas uma pequena parte dos domínios paternos e, por fim, perdeu CHIPRE para PTOLOMEU. Mas depois do assassinato de ALEXANDRE, filho e sucessor de CASSANDRO, rei da MACEDÔNIA, apoderou-se desse reino no ano 454 de NABONASSAR. Algum tempo depois, quando preparava um grande exército para reconquistar os

domínios do pai, SELEUCO, PTOLOMEU, LISÍMACO e PIRRO, rei do ÉPIRO, uniram-se contra ele. PIRRO invadiu então a MACEDÔNIA, corrompeu o exército de DEMÉTRIO, expulsou-o, apoderou-se do reino e o dividiu com LISÍMACO. Sete meses depois, LISÍMACO venceu PIRRO, tomou-lhe a MACEDÔNIA e a manteve durante cinco anos e meio, unindo-a ao reino da TRÁCIA. Nas guerras contra ANTÍGONO e DEMÉTRIO, LISÍMACO lhes havia tomado a CÁRIA, a LÍDIA e a FRÍGIA. Além disso, tinha um tesouro em PÉRGAMO e um castelo no topo de uma colina cônica na FRÍGIA, perto do rio CAICUS, cuja guarda havia confiado a um certo FILÁTERO, que a princípio lhe foi fiel, mas revoltou-se no último ano do seu reinado. Isso porque LISÍMACO, instigado por sua mulher ARSINOÉ, assassinou primeiro o seu próprio filho, AGÁTOCLES, e depois diversos dos que o choravam. A viúva de AGÁTOCLES fugiu com os filhos, os irmãos e alguns amigos, e pediu a SELEUCO que guerreasse contra LISÍMACO. Então, FILÁTERO, que também lamentava a morte de AGÁTOCLES e era acusado por ARSINOÉ, levantou-se em armas ao lado de SELEUCO. Nessa ocasião, SELEUCO e LISÍMACO travaram uma batalha na FRÍGIA. LISÍMACO morreu nessa batalha e SELEUCO tomou o seu reino no ano 465 de NABONASSAR.

Assim, o IMPÉRIO DOS GREGOS, que inicialmente se havia dividido em quatro, reduziu-se novamente a dois importantes reinos, chamados por DANIEL de reinos do SUL e do NORTE. PTOLOMEU reinava então sobre o EGITO, a LÍBIA, a ETIÓPIA, a ARÁBIA, a FENÍCIA, a CELESÍRIA e CHIPRE. SELEUCO, tendo unido três dos quatro reinos, tinha um domínio pouco inferior ao do IMPÉRIO PERSA, conquistado por ALEXANDRE o Grande.

Tudo isso é assim representado por DANIEL:[2] O rei do sul tornar-se-á poderoso [Ptolomeu]. Mas um de seus príncipes o ultrapassará em poder [Seleuco, um dos príncipes de Alexandre] e seu império será maior que o dele.

SELEUCO reinou durante sete meses sobre a MACEDÔNIA, a GRÉCIA, a TRÁCIA, a ÁSIA, a BABILÔNIA, a MÉDIA e todo o ORIENTE até a ÍNDIA. Então, PTOLOMEU CERAUNOS, irmão mais moço de PTOLOMEU

FILADELFO, rei do EGITO, matou-o à traição e se apoderou dos seus domínios na EUROPA. Enquanto isto, ANTÍOCO SOTER, filho de SELEUCO, sucedeu ao seu pai na ÁSIA, na SÍRIA e na maior parte do ORIENTE. Depois de dezenove ou vinte anos, sucedeu-o o seu filho ANTÍOCO TEUS que, depois de travar uma guerra interminável com PTOLOMEU FILADELFO, acabou compondo com ele por meio de um casamento com BERENICE, filha de FILADELFO. Mas, depois de um reinado de quinze anos, sua primeira esposa, LAODICE, o envenenou e pôs no trono o seu filho SELEUCO CALÍNICO. No princípio do seu reinado, impelido pela mãe, CALÍNICO cercou BERENICE em DAFNE, perto de ANTIOQUIA e a matou, juntamente com o filho e muitas das suas damas. Por isso, PTOLOMEU EUERGETES, filho e sucessor de FILADELFO, declarou guerra a CALÍNICO, tomou-lhe a FENÍCIA, a SÍRIA, a CILÍCIA, a MESOPOTÂMIA, a BABILÔNIA, a SUSIANA e outras regiões, levando de volta ao EGITO 40 mil talentos de prata e duas mil e quinhentas imagens de deuses, entre as quais as dos deuses do EGITO, levadas por CAMBISES. No começo, ANTÍOCO HIERAX ajudou o seu irmão CALÍNICO, mas depois lutou com ele pela posse da ÁSIA. Nesse meio-tempo EUMENES, governador de PÉRGAMO, derrotou ANTÍOCO e tomou a parte da ÁSIA que fica a oeste do Monte TAURUS. Isso se deu no quinto ano de CALÍNICO que, depois de um inglório reinado de vinte anos, foi sucedido por seu filho SELEUCO CERAUNOS. Quatro anos depois, em 527 de NABONASSAR, EUERGETES foi sucedido pelo filho, PTOLOMEU FILOPATOR.

Tudo isso é assim expresso por DANIEL:[3] Alguns anos mais tarde, eles [os reis do sul e do norte] celebrarão uma aliança, e a filha do rei do sul [Berenice] irá para junto do rei do norte [como sua esposa], para se ratificarem seus acordos. Mas a força do seu braço não a sustentará, nem a sua descendência subsistirá; ela será entregue [à morte], ela com os da sua comitiva e o seu filho [que a tinham defendido no cerco de DAFNE]. A seu tempo, um rebento de suas raízes [seu irmão EUERGETES], se levantará em seu lugar. Ele marchará contra o exército, e penetrará na fortaleza do rei do norte; e, agindo contra eles, os vencerá. Até seus deuses, suas estátuas, e seus objetos preciosos de ouro e prata, serão o espólio que ele arrebatará para o Egito. Depois, por alguns anos manterá distância do rei do norte.

Ao herdar o que restava do reino do pai e pensando em recuperar o que perdera, SELEUCO CERAUNO levantou um grande exército contra o governador de PÉRGAMO, então feito rei, mas morreu no terceiro ano de reinado. Continuando a guerra, o seu irmão e sucessor, ANTÍOCO MAGNO, tomou do rei de PÉRGAMO quase toda a ÁSIA MENOR e recuperou, dos governadores que tinham se revoltado, as províncias da MÉDIA, da PÉRSIA e da BABILÔNIA. No quinto ano de reinado, invadiu a CELESÍRIA e se apoderou da maior parte dela, depois de fraca resistência. No ano seguinte, voltou a invadir o que restava da CELESÍRIA e da FENÍCIA, derrotando o exército de PTOLOMEU FILOPATOR perto de BEIRUTE. Em seguida invadiu a PALESTINA e as regiões vizinhas à ARÁBIA, voltando no terceiro ano com um exército de 78 mil homens. Mas PTOLOMEU, saindo do EGITO com 75 mil soldados, lutou com ele e o fez fugir para RÁFIA, perto de GAZA, entre a PALESTINA e o EGITO, recuperando a FENÍCIA e a CELESÍRIA no ano 532 de NABONASSAR. Envaidecido por essa vitória, passou a viver com todos os luxos. Os EGÍPCIOS se rebelaram e lutaram contra ele, mas foram dominados e, nos tumultos, sessenta mil JUDEUS EGÍPCIOS foram mortos.

Tudo isso assim está descrito na profecia de DANIEL:[4] Seus filhos [Seleuco Cerauno e Antíoco Magno, filhos de Calínico] levantar-se-ão e reunirão uma multidão de forças poderosas, e um deles [Antíoco Magno] avançará, desdobrar-se-á e passará [no ano seguinte] e levará o ataque até a sua fortaleza. Então o rei do sul, exasperado, partirá em guerra contra o rei do norte, o qual recrutará imensa multidão; mas a multidão será entregue em suas mãos. Sendo aniquilada essa multidão, seu coração se exaltará: ele fará cair dezenas de milhares, mas não crescerá em força. O rei do norte voltará, etc.

Cerca de doze anos depois da batalha entre FILOPATOR e ANTÍOCO, FILOPATOR morreu, deixando o reino para o filho, PTOLOMEU EPIFÂNIO, uma criança de 5 anos. Então ANTÍOCO MAGNO aliou-se a FILIPE, rei da MACEDÔNIA: cada um deles invadiria os domínios de EPIFÂNIO que lhe estivessem mais próximos. Travou-se uma guerra entre ANTÍOCO e EPIFÂNIO, cada um deles ocupando alternadamente a FENÍCIA e a CELESÍRIA. Com isso, essas regiões foram muito judiadas por ambos os lados. Primeiro, foram ocupadas por ANTÍOCO, depois um certo SCOPAS, que

comandava o exército egípcio, as recuperou. No ano seguinte, em 550 de NABONASSAR, ANTÍOCO derrotou SCOPAS perto das nascentes do JORDÃO, cercou-o em SIDON, tomou a cidade e reconquistou a SÍRIA e a FENÍCIA que estavam em poder do EGITO. Nessa ocasião, os JUDEUS foram a ele voluntariamente. Mas, cerca de três anos depois, preparando-se para uma guerra contra os ROMANOS, ele foi para RÁFIA, na fronteira com o EGITO, fez a paz com EPIFÂNIO e lhe deu a sua filha CLEÓPATRA. No outono seguinte, atravessou o HELESPONTO para invadir as cidades da GRÉCIA que estavam sob a proteção ROMANA, e tomou algumas delas. Mas foi derrotado pelos ROMANOS no verão seguinte e forçado a recuar para a ÁSIA com o seu exército. Antes do fim do ano, a frota de ANTÍOCO foi derrotada pela dos ROMANOS perto de FOCÉIA. Então, EPIFÂNIO e CLEÓPATRA enviaram uma embaixada a ROMA para felicitar os ROMANOS pela vitória contra ANTÍOCO, pai de CLEÓPATRA, e para exortá-los a continuar a guerra contra ele na ÁSIA. Os ROMANOS derrotaram novamente ANTÍOCO no mar, perto de ÉFESO, atravessaram o HELESPONTO com o seu exército, obtiveram uma grande vitória por terra e tomaram toda a ÁSIA ao oeste do monte TAURUS. Deram então essa região ao rei de PÉRGAMO, que os havia auxiliado na guerra, e impuseram um grande tributo a ANTÍOCO. Assim, o rei de PÉRGAMO, graças ao poder dos ROMANOS, recobrou aquilo que lhe havia sido tomado. Retirando-se para o que restava do seu reino, ANTÍOCO foi assassinado dois anos mais tarde pelos PERSAS, quando saqueava o templo de JUPITER BELUS, em ELIMAIS, a fim de levantar dinheiro para os ROMANOS.

Tudo isso é assim descrito por DANIEL:[5] O rei do norte [Antíoco] voltará, depois de recrutar multidões mais numerosas que as primeiras: após alguns anos ele irromperá com um grande exército e abundante equipamento. Nesses tempos, muitos se insurgirão contra o rei do sul [principalmente os macedônios], e os violentos dentre o teu povo [samaritanos, etc.] se levantarão para cumprirem a visão, mas eles hão de cair. Virá então o rei do norte, o qual construirá terraplenos e se apoderará da cidade fortificada. As forças do sul não o deterão, e nem mesmo a elite do seu povo [ou as forças do rei] terá a força de resistir-lhe. O invasor [Antíoco] fará o que bem quiser, pois ninguém poderá detê-lo; e se estabelecerá no país do Esplendor [da Judéia], levando em mãos a sua destruição. Ele terá em mente [em Ráfia] conquistar todo o seu reino: fará um pacto com ele e lhe oferecerá uma de suas filhas [Cleópatra] para arruiná-lo, mas isso não dará resultado e ele não o conseguirá. Então se voltará para as ilhas e

conquistará diversas delas. Mas um magistrado porá fim à sua arrogância, sem que ele possa revidar-lhe o ultraje. Ele voltará ainda seus olhares para as cidades fortificadas do seu próprio país, mas vacilará, cairá e não mais será encontrado.

SELEUCO FILOPATOR sucedeu a seu pai ANTÍOCO no ano 561 de NABONASSAR e reinou doze anos, mas nada fez de notável: era preguiçoso e só pensava em levantar dinheiro para os ROMANOS, de quem era tributário. Foi assassinado por HELIODORO, que ele tinha mandado saquear o templo de JERUSALÉM. Assim descreve DANIEL[6] o seu reinado: Em seu lugar surgirá um outro, o qual fará passar um exator pelo Esplendor do seu reino: em poucos dias ele será eliminado, mas não à vista de todos nem na guerra.

Um pouco antes da morte de FILOPATOR, seu filho DEMÉTRIO foi enviado a ROMA como refém no lugar de ANTÍOCO EPÍFANES, irmão do seu pai. ANTÍOCO estava em ATENAS, voltando de ROMA, quando morreu FILOPATOR. Por isso, HELIODORO, tesoureiro do reino, subiu ao trono. Mas ANTÍOCO manejou os negócios de tal modo que os ROMANOS retiveram DEMÉTRIO em ROMA e o rei de PÉRGAMO, aliado deles, derrubou HELIODORO e pôs ANTÍOCO no trono, enquanto DEMÉTRIO, o herdeiro de direito, continuava em ROMA como refém. Tendo se tornado rei graças à amizade do rei de PÉRGAMO, ANTÍOCO reinou poderosamente sobre a SÍRIA e as nações vizinhas. Só que ele se comportava muito abaixo da sua dignidade: roubava quando saía do palácio, perambulava disfarçado pela cidade com alguns amigos, tagarelava e bebia com gente da mais baixa classe, forasteiros e desconhecidos, freqüentava reuniões de gente dissoluta, onde se divertia, vestindo-se como as autoridades e os oficiais romanos, representava papéis cômicos e, nas festas públicas, dançava e se divertia com servos e pessoas libertinas, expondo-se ao ridículo. Sua conduta fez com que alguns o tomassem por louco e o chamassem de ANTÍOCO [grego: Epimenés].

No primeiro ano de governo, depôs o sumo sacerdote ONIAS e vendeu o sumo-sacerdócio a JASÃO, irmão mais moço de ONIAS: JASÃO havia lhe prometido 440 talentos de prata pelo cargo e mais 150 por uma licença para a construção de

um lugar onde os jovens fossem treinados nas maneiras pagãs. Essa licença foi concedida pelo rei e executada por JASÃO. Tendo o rei enviado um certo APOLÔNIO ao EGITO, para a coroação de PTOLOMEU FILOMETOR, filho de FILOMETOR e de CLEÓPATRA, soube que FILOMETOR não via com bons olhos os seus negócios na FENÍCIA. Então, para garantir a própria segurança nessas partes, ele foi para JOPE e para JERUSALÉM, onde foi recebido com muitas honras. Depois, percorreu as cidades da FENÍCIA com o seu pequeno exército para se firmar contra o EGITO, cortejando o povo e distribuindo favores extraordinários.

Tudo isso é assim descrito[7] por DANIEL: Em seu lugar [de Filometor] levantar-se-á um miserável, a quem não se dariam as honras da realeza [pois os SÍRIOS haviam elevado HELIODORO]. Mas ele se insinuará sorrateiramente e, à força de intrigas [envolvendo principalmente o rei de PÉRGAMO] apossar-se-á do reino. As forças de guerra [que a favor de HELIODORO a ele se opuseram] serão dispersadas diante dele e até aniquiladas, o mesmo sucedendo a um príncipe da aliança [o sumo sacerdote ONIAS]. A despeito de pactos firmados [com o rei do EGITO, pelo envio de Apolônio à coroação], ele agirá com perfídia [contra o rei do EGITO]. E irá crescendo [na FENÍCIA], embora com poucos partidários. Sorrateiramente penetrará nas regiões mais férteis da província (da FENÍCIA) e [para agradar os JUDEUS da FENÍCIA e do EGITO e os seus amigos] fará o que não haviam feito seus pais nem os pais de seus pais: distribuirá despojos, lucros e riquezas entre os seus [tomados de outros lugares], maquinando planos contra as cidades fortificadas [do EGITO], mas isso até certo tempo.

Essas coisas aconteceram no primeiro ano do seu reinado, em 573 de NABONASSAR. Depois disso, ele traçou seus planos contra o poder do EGITO, até o sexto ano. Três anos depois, ou seja no quarto ano do seu reinado, MENELAU comprou de JASÃO o sumo sacerdócio e, como não pagou o preço ajustado, o rei mandou chamá-lo. Mas, antes de julgar a causa, o rei foi a CILÍCIA, para apaziguar uma sedição, deixando ANDRÔNICO como seu representante em ANTIOQUIA. Nesse meiotempo, o irmão de MENELAU subtraiu diversas alfaias do Templo a fim de fazer dinheiro, vendeu algumas em TIRO e mandou outras a ANDRÔNICO. Tendo sido censurado por ONIAS,

MENELAU, induziu ANDRÔNICO a assassiná-lo. Por isso, ao regressar da CILÍCIA, o rei mandou matar ANDRÔNICO. Então, ANTÍOCO preparou a sua segunda expedição contra o EGITO, que se realizou no sexto ano do seu reinado, em 578 de NABONASSAR. Nessa ocasião, com a morte de CLEÓPATRA, os governadores do jovem rei do EGITO, seu filho, reclamavam a devolução da FENÍCIA e da CELESÍRIA, que consideravam como parte do dote da rainha, e para tanto tinham reunido um grande exército.[8] Considerando ANTÍOCO que o seu pai não tinha renunciado à posse desses países, negou que fizessem aparte do dote da rainha e, com outro grande exército, enfrentou os EGÍPCIOS nas fronteiras desse país, entre PELÚSIO e o monte CASIO. Derrotou-os e teria destruído todo o seu exército, se não tivesse ordenado aos seus soldados que não matassem os egípcios, mas os prendessem. Com esse ato de humanidade, conquistou o PELÚSIO e pouco depois o EGITO inteiro, onde entrou com enorme tropa de infantaria, carros, elefantes, cavaleiros e uma grande frota. Depois, conquistando as cidades do EGITO como amigo, marchou para MÊNFIS, jogou a culpa pela guerra em EULEUS, governador do rei, fez abertamente amizade com o jovem soberano e assumiu os negócios do reino. Enquanto ANTÍOCO se ocupava com isso, espalhou-se na FENÍCIA o boato de que ele havia morrido. Então, para reconquistar o sumo-sacerdócio, JASÃO atacou JERUSALÉM com mais de mil homens e tomou a cidade. Diante disso, supondo que a JUDÉIA se tivesse sublevado, o rei saiu em fúria do EGITO, reconquistou a cidade, matou quarenta mil pessoas, fez outros tantos prisioneiros e os vendeu para fazer dinheiro. Depois saqueou o Templo: pegou tesouros, ornamentos, utensílios e alfaias de ouro e prata, no valor de 1.800 talentos – e levou tudo para a ANTIOQUIA. Isso se passou no ano 578 de NABONASSAR e é assim descrito por DANIEL:[9] Dirigirá então a sua força e o seu coração contra o rei do sul com um grande exército. O rei do sul, por sua vez, entrará na guerra com um exército extremamente grande e poderoso, mas não poderá resistir, porque se urdirão [Antíoco e seus amigos] conjurações contra ele. Os que comem à sua mesa o arruinarão; seu exército será destroçado e muitos cairão mortalmente feridos. Ambos esses reis, com o coração voltado para o mal [como amigos] falarão mentirosamente à mesma mesa [contra os judeus e contra a santa aliança]. Mas nada conseguirão, porque ainda há um prazo antes do tempo marcado [por Deus, para a própria abominação da desolação]. Ele voltará para o seu país com grandes riquezas, tendo no coração más intenções contra a aliança sagrada [do Senhor]. Ele as realizará, e então retornará à sua terra.

Vendo FILOMETOR, inicialmente educado no luxo pelo eunuco Eulreus e agora nas mãos de ANTÍOCO, os EGÍPCIOS de ALEXANDRIA deram o reino a EUERGETES, o irmão mais moço do soberano. Sob o pretexto de restaurar FILOMETOR, ANTÍOCO fez guerra a EUERGETES, derrotou-o no mar e o encurralou em ALEXANDRIA, junto com a sua irmã CLEÓPATRA. Os príncipes então apelaram a ROMA, implorando a assistência do Senado. ANTÍOCO, achando-se incapaz de tomar a cidade naquele ano, retornou à SÍRIA, deixando FILOMETOR em MÊNFIS, para governar o EGITO na sua ausência. Mas, durante o inverno, FILOMETOR fez as pazes com o irmão. Na primavera do ano 580 de NABONASSAR, quando voltava para sitiar os dois irmãos em ALEXANDRIA, ANTÍOCO encontrou no caminho os embaixadores romanos POMPÍLIO LENA, C. DÉCIMO e C. HOSTÍLIO. Estendeu a mão para ser beijada mas POMPÍLIO lhe entregou as tábuas com a mensagem do Senado, pedindolhe que primeiro a lesse. Depois de ler, ANTÍOCO disse que iria deliberar com os amigos o que mais convinha fazer. Mas POMPÍLIO riscou um círculo em torno dele e o intimou a responder antes de sair do mesmo. Espantado com essa ordem rude e inesperada, ANTÍOCO respondeu que faria o que os ROMANOS quisessem. E então POMPÍLIO estendeu a mão para que o rei a beijasse e este não mais seguiu para o EGITO. No mesmo ano, seus capitães, sob suas ordens, assolaram e trucidaram os JUDEUS, profanaram o Templo, estabeleceram o culto de deuses pagãos em toda a JUDÉIA e começaram a perseguir os que não os adoravam. Assim estão descritas essas ações em DANIEL:[10] No tempo fixado determinado voltará em campanha contra o sul, mas o fim não será como o começo. Pois os navios do Cetim [romanos] virão contra ele, tirando-lhe a coragem. Por isso, ao voltar ele enfurecer-se-á contra a aliança sagrada e, de novo, agirá de acordo com os que abandonam a aliança sagrada.

No ano em que ANTÍOCO se retirou do EGITO por ordem dos ROMANOS e estabeleceu o culto dos GREGOS na JUDÉIA, os ROMANOS conquistaram a MACEDÔNIA, o reino fundamental do IMPÉRIO GREGO, e a reduziram a uma província. Assim, começaram a pôr fim ao reino da terceira besta. Isso é assim expresso por DANIEL: Tropas enviadas por ele, isto é, os romanos, virão profanar o Santuário-cidadela (…) Até aqui, DANIEL descrevia as ações dos reis do norte e do sul. Mas, com a conquista da MACEDÔNIA pelos ROMANOS, deixou de descrever as ações dos GREGOS e começou a descrever as dos ROMANOS na GRÉCIA. Eles conquistaram a MACEDÔNIA, a ILÍRIA

e o ÉPIRO no ano 580 de NABONASSAR. Então, 35 anos depois, de acordo com o testamento de ATALO, o último rei de PÉRGAMO, eles herdaram esse rico e florescente reino, ou seja, a ÁSIA a oeste do monte TAURUS; 69 anos depois conquistaram o reino da SÍRIA, que reduziram à condição de província: 34 anos depois fizeram o mesmo com o EGITO. Mediante essas ações, as armas ROMANAS acabaram por subjugar os GREGOS. Depois de mais 95 anos, ao guerrear contra os JUDEUS, profanaram o santuário-cidadela, aboliram o sacrifício perpétuo e ali introduziram a abominação da desolação, pois essa abominação foi instalada depois dos dias de CRISTO, como se lê em MATEUS (Mt 24,15). No 16º ano do Imperador ADRIANO, 132 a.D., a abominação foi instalada com a construção de um templo dedicado a JÚPITER CAPITOLINO no local onde fora o TEMPLO DE DEUS, em JERUSALÉM. Por isso os JUDEUS se revoltaram, chefiados por BARCHOCHAB, e pegaram em armas contra os ROMANOS, numa guerra em que foram destruídas cinqüenta cidades, 985 das suas melhores vilas e passados a fio de espada 580 mil homens. No fim da guerra, no ano 136 a.D., os JUDEUS foram expulsos sob pena de morte. E a terra ficou desolada dos antigos habitantes.

No começo da guerra judaica, durante o reinado de NERO, os apóstolos fugiram da JUDÉIA com seus rebanhos: alguns para além do JORDÃO, para PELLA e outros lugares, alguns para o Egito, a Síria, a Mesopotâmia e outras partes. PEDRO e JOÃO foram para a ÁSIA e PEDRO foi para ROMA, via CORINTO. Mas JOÃO ficou na ÁSIA, tendo sido banido pelos ROMANOS para PATMOS, como chefe de um partido de JUDEUS, cuja nação se achava em guerra com os ROMANOS. Por essa dispersão dos judeus-cristãos, a religião cristã, que já se propagava para oeste até ROMA, espalhou-se rapidamente em todo o IMPÉRIO ROMANO e sofreu muitas perseguições, até os dias de CONSTANTINO o Grande e de seus filhos. Tudo isso está descrito em DANIEL:[11] Os que transgridem a aliança, ele os perverterá com suas lisonjas [os que estabelecem a abominação e adoram os deuses pagãos]; mas o povo dos que conhecem o seu Deus agirá com firmeza [procederá segundo a Lei]. Os homens esclarecidos dentre o povo darão a compreensão a muitos; mas serão prostrados pela espada e pelo fogo, pelo cativeiro e a pilhagem – durante longos dias. Ao serem oprimidos, pequeno será o auxílio que de fato receberão [no reinado de CONSTANTINO o Grande); muitos, porém, pretenderão associar-se a eles por intrigas [devido ao seu desenvolvimento]. Entre esses homens esclarecidos alguns serão prostrados a fim de que entre eles haja os que sejam acrisolados,

purificados e alvejados – até o tempo do Fim, porque o tempo marcado ainda está por vir.

Até aqui, o IMPÉRIO ROMANO continuava intacto. Sob o seu domínio, o pequeno chifre do bode continuava forte, mas não por suas próprias forças. Então, com a construção de CONSTANTINOPLA, dotada de um senado e de outros privilégios semelhantes aos de ROMA; e pela divisão do IMPÉRIO ROMANO em dois, o dos GREGOS e dos LATINOS, sediados nessas duas cidades, começa um novo estado de coisas, quando um rei (o IMPÉRIO DOS GREGOS) agirá a seu bel-prazer, [estabelecendo suas próprias leis acima das leis de Deus] exaltando-se e engrandecendo-se acima de todos os deuses. Ele proferirá coisas inauditas contra o Deus dos deuses e no entanto prosperará, até que a cólera chegue a seu cúmulo – porque o que está decretado se cumprirá. Sem consideração para com os deuses dos seus pais, sem consideração para com o favorito das mulheres ou para com qualquer outro deus, é a si mesmo que ele exaltará acima de tudo. Mas cultuará em seu lugar o rei das fortalezas [isto é, guardas fortes e almas dos mortos]; cultuará com ouro e prata, pedras preciosas e jóias, um deus que seus pais não conheceram.[12] Tudo isso se refere à disseminação de monges e freiras no IMPÉRIO GREGO, reduzindo a santidade à abstinência do matrimônio, à invocação de santos, à veneração de suas relíquias e outras superstições, que esses homens introduziram nos séculos IV e V. No tempo do Fim, entrará em luta com ele o rei do sul [os sarracenos], contra o qual o rei do norte [os turcos] se lançará com seus carros de guerra, seus cavaleiros e seus numerosos navios. Ele entrará em suas terras e, transbordando, as atravessará. E penetrará no país do Esplendor [a JUDÉIA] onde muitos cairão. Estes, porém, hão de escapar de suas mãos: Edom, Moabe e os sobreviventes dos filhos de Amon [isto é, aquelas a quem suas caravanas pagam tributo]. Ele continuará a estender a mão sobre outras terras, e a terra do Egito não lhe escapará. Ele se tornará dono dos tesouros de ouro e prata e de todas as preciosidades do Egito, e os líbios e cuchitas por-se-ão a seus pés.[13] Todas essas nações compõem o IMPÉRIO TURCO, que deve aqui ser entendido como o Rei do NORTE. Compõem também o corpo do bode e, portanto, o bode ainda reina no seu último chifre, mas não pela própria força.

NOTAS

1. Dn 11,2-4.

2. Dn 11,5.

3. Dn 11,6-8.

4. Dn 11,10-13.

5. Dn 11,13-19.

6. Dn 11,20.

7. Dn 11,21-24.

8. 2Mc 3,5.8; 4,4.

9. Dn 11,25-28.

10. Dn 11,29-30.

11. Dn 11,32-35.

12. Dn 11,36-38.

13. Dn 11,39-43.

13

Do rei que agiu ao seu bel-prazer, exaltando-se e engrandecendo-se acima de todos os deuses, venceu os maozins e mostrou-se indiferente ao favorito das mulheres

Nos primeiros tempos do cristianismo, os cristãos de cada cidade eram governados por um concílio de presbíteros, sob a presidência do bispo da cidade. Os bispos e presbíteros não se intrometiam nos negócios das outras cidades, a não ser em mensagens e cartas admonitórias. Além disso, os bispos das várias cidades não se reuniam em concílio antes do reinado do Imperador CÔMODO, já que não podiam se reunir sem licença dos governadores romanos das províncias. Mas, nos dias desse imperador, começaram a se reunir em concílios provinciais, com a permissão dos governadores: primeiro na ÁSIA, em oposição à heresia catafrígia, e depois em outros lugares e por outros motivos. Em geral, o concílio era presidido pelo bispo da principal cidade, ou metrópole da província romana: vem daí a autoridade dos bispos metropolitanos sobre os outros bispos da mesma província. Foi também por isso que, nos dias de CIPRIANO, o bispo de ROMA passou a se chamar BISPO DOS BISPOS. Logo que o império se tornou cristão, os imperadores ROMANOS começaram a convocar concílios em todas as províncias. Como determinavam os pontos a serem discutidos e tinham enorme influência e poder, aprovavam o que mais lhes agradava.

Foi assim que o IMPÉRIO GREGO, com a divisão do IMPÉRIO ROMANO em GREGO e LATINO, tornou- se o rei que, em matéria religiosa, agirá a seu bel-prazer, exaltando-se e engrandecendo-se acima de todos os deuses ao legislar. Por fim, no sétimo Concílio Geral, estabelecerá o culto das imagens e da alma dos mortos chamados MAOZINS.

O mesmo rei santificou a abstinência do casamento. Diz-nos EUSÉBIO, na HISTÓRIA ECLESIÁSTICA,[1] que MUSANO escreveu um tratado contra os que tinham aderido à então recente heresia dos ENCRATITAS, introduzindo erros perniciosos; que TACIANO, discípulo de JUSTINO, era o seu autor; e que, no primeiro livro contra as heresias, assim se exprime IRINEU a respeito de TACIANO e sua heresia:

A Saturnino & Marcione profecti qui vocantur Continentes, docuerunt non contrahendum esse matrimonium; reprobantes scilicet primitivum illud opificium Dei, & tacite accusantes Deum que masculum & faeminam condidit ad procreationem generis humani. Induxerunt etiam abstinentiam ab esu eorum quae animalia appelllant, ingratos se exhibentes erga eum que universa creavit Deum. Negant etiam primi hominis salutem. Atque hoc nuper apud illos excogitatum est, Tatiano quodam omnium primo hujus impietatis auctore: qui Justino auditor, quandiu cum illo versatus est, nihil ejusmodi protulit. Post martyrium autem illius, ab Ecclesia se abrumpens, doctoris arrogantia elatus ac tumidus, tanquam praestantior caeteris, novam quandam formam doctrinae conflavit: .Aennes invisibilcs commentus perinde ac Valentinus asserens quoque cum Saturnino & Marcione, matrimonium nihil aliud esse quam corruptionem ac stuprum: nova praeterea argumenta ad subvertendam: Adami salutem excogitans. Haec Irenaeus de Haeresi quae tunc viguit Encratitarum.[2]

Até aqui chega EUSÉBIO.

Mas, conquanto os partidários de TACIANO fossem inicialmente considerados heréticos, sob a denominação de encratitas ou continentes, seus princípios não foram totalmente condenados, já que MONTANO refinou suas teorias, taxando de ilegal apenas o segundo casamento. Fora isso, introduziu jejuns freqüentes e os dias de jejum anual, a observação da Páscoa e a alimentação com carnes secas. Os apostólicos que, em meados do século III, condenaram o casamento, eram um ramo dos discípulos de TACIANO. No fim desse mesmo século, os HIEROCITAS do EGITO também condenaram o casamento. PAULO O EREMITA fugiu para o deserto, subtraindo-se às perseguições de DÉCIO e aí

viveu vida solitária até o reinado de CONSTANTINO o Grande, mas não fez discípulos. O mesmo fez ANTÃO, durante a perseguição de DEOCLECIANO ou um pouco antes, e teve discípulos. Em pouco tempo, muitos outros lhe seguiram o exemplo.

Até então, os princípios dos encratitas haviam sido rejeitados pelas igrejas. Mas então, refinados pelos monges e impostos apenas aos que assumiam voluntariamente a vida monástica, começaram a ser admirados e a penetrar primeiro a igreja GREGA e por fim a LATINA, como uma torrente. Diz EUSÉBIO[3] que CONSTANTINO o Grande tinha grande veneração por esses homens, que se haviam dedicado inteiramente à filosofia divina. E que tinha quase igual veneração pela santa companhia das virgens perpetuamente devotadas a Deus, pois estava certo de que o Deus a quem ele próprio tinha se consagrado vivia na mente delas. No seu tempo e no tempo dos seus filhos, a prática desse modo de vida solitário foi difundida no EGITO por ANTÃO e na SÍRIA por HILÁRIO. E espalhouse tão rapidamente que, pouco depois de JULIANO o Apóstata, a terça parte da população do EGITO vivia nos desertos. Inicialmente em celas isoladas, depois reunidos em cenóbias ou conventos e, por fim, reuniramse nas cidades, enchendo as igrejas de bispos, presbíteros e diáconos.

Nos dias da sua mocidade, ATANÁSIO derramava água nas mãos do seu mestre ANTÃO e, vendo que os monges lhe eram fiéis, elevou muitos a bispos e presbíteros no EGITO. Esses bispos erigiram novos mosteiros, de onde escolhiam presbíteros para as próprias cidades e bispos para outras.

O mesmo se fazia na SÍRIA, onde a superstição se propagou rapidamente a partir do EGITO, graças a HILÁRIO, discípulo de ANTÃO. ESPIRIDIÃO e EPIFÂNIO de CHIPRE, TIAGO de NISA, CIRILO de JERUSALÉM, EUSTÁQUIO de SEBÁSTIA na ARMÊNIA, EUSÉBIO DE EMISA, TITO de BOSTRA, BASÍLIO de ANCIRA, ACÁCIO de CESARÉIA na PALESTINA, ELPÍDIO de LAODICÉIA, MELÍCIO e FLAVIANO de ANTIOQUIA, TEODORO de TIRO, PROTÓGENES de CARRA, ACÁCIO de BERÉIA,

TEODOTO de HIERÁPOLIS, EUSÉBIO de CALCEDÔNIA, ANFILÓQUIO de ICÔNIO, GREGÓRIO NAZIANZENO, GREGÓRIO DE NISSA e JOÃO CRISÓSTOMO de CONSTANTINOPLA foram todos bispos e monges do século IV.

EUSTÁCIO, GREGÓRIO NAZIANZENO, GREGÓRIO DE NISSA, BASÍLIO e outros tinham mosteiros de clérigos nas suas cidades, de onde saíram bispos para outras. Estes, por sua vez. criaram mosteiros nessas outras cidades, onde as igrejas locais se abasteciam de bispos.

Por isso, numa carta escrita por volta do ano 385,[4] assim JERÔNIMO se refere ao clero: Quasi & ipsi aliud, sint quam Monachi, & non quicquid in Monachos dicitur redundet in Clericos qui patres sunt Monachorum. Detrimentum pecoris pastoris igonominia est.[5] E, no livro contra VIGILÂNCIO, lê-se: Quid faciunt Orientis Ecclesiae? Quae aut Virgines Clericos accipiunt, aut Continentes, aut si uxores habuerint mariti esse desistunt.[6]

Não muito tempo depois, os imperadores passaram a ordenar que as igrejas escolhessem clérigos nos mosteiros, de acordo com a seguinte lei:[7]

Impp. Arcad. & Honor. AA. Caesario PF. P.

Si quos forte Episcopi deesse sibi Clericos arbitrantur, ex monachorum numero rectibus ordinabunt: non obnoxios publicis privatisque rationibus cum invidia teneant, sed habeant jam probatos. Dat. vii Kal. Aug. Honorio A. iv & Eutychianio Coss. A.C. 398.[8]

Como o império GREGO se achava nas mãos dos encratitas, pelos quais tinha

grande admiração, DANIEL acentua como característica do rei que agirá ao seu bel-prazer a indiferença para com o (deus) favorito das mulheres (…) (Dn 11,37).

Assim, a seita dos ENCRATITAS foi firmada pelos GNÓSTICOS e propagada por TACIANO e MONTANO lá para os fins do século II; foi condenada pelas igrejas nesse e no século seguinte e refinada por seus seguidores; espalhou-se pelas igrejas do ORIENTE durante o século IV e, antes que este terminasse, começou a se espalhar pelo OCIDENTE. Daí em diante, as igrejas cristãs, que tinham uma forma de religiosidade mas negavam a sua força, caíram nas mãos dos ENCRATITAS. Os pagãos, que durante o século IV tinham se juntado aos cristãos em grandes números, adotaram mais rapidamente essa forma de cristianismo, que tinha mais afinidade com as suas velhas superstições do que a dos cristãos sinceros, que, com as lâmpadas das SETE IGREJAS DA ÁSIA – e não com as dos mosteiros – tinham iluminado a Igreja Católica durante os três primeiros séculos.

Os CATAFRÍGIOS também introduziram algumas superstições, como a DOUTRINA DOS ESPÍRITOS e do castigo no Purgatório, mitigado por meio de preces e oblações, como se lê em TERTULIANO, nos livros DE ANIMA e DE MONOGAMIA. Usavam também o sinal-da-cruz, como se fosse um amuleto. Em outro livro, DE CORONA MILITIS, diz o mesmo autor: Ad omnem progressum atque promotum, ad omnem aditum & exitum, ad vestitum, ad calceatum, ad lavacra, ad mensas, ad lumina, ad cubilia, ad sedi1ia, quacumque nos conversatio exercet, frontem crucis signaculo terimus.[9]

Todas essas superstições são referidas[10] pelo apóstolo, quando diz: O Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas e espíritos adorados pelos pagãos por causa da hipocrisia dos mentirosos, que mentem sobre suas aparições, milagres e relíquias e sobre o sinal-da-cruz, e que têm a própria consciência como que marcada por ferro quente; eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para serem recebidos,

com ação de graças, pelos que têm fé e conhecem a verdade.

Esses princípios e práticas dos CATAFRÍGIOS passaram à posteridade. Pois o mistério da impiedade já está agindo (…) nos dias dos apóstolos nos GNÓSTICOS, continuando o seu trabalho muito intensamente na sua linhagem de TACIANISTAS e CATAFRÍGIOS. Então, aparecerá o ímpio (…). Ora, a vinda do ímpio será assinalada pela atividade de Satanás, com toda a sorte de portentos, milagres, prodígios mentirosos, e por todas as seduções da injustiça (…), disfarçados com a forma de religiosidade cristã, mas sem o seu poder.[11]

O cristianismo catafrígio foi coibido até certo ponto pelos concílios provinciais, até o século IV. Mas, os Imperadores ROMANOS foram se tornando cristãos e, com eles, grandes massas de pagãos, que acharam o cristianismo catafrígio mais adaptável aos seus velhos princípios – segundo os quais a religião consistia em cerimônias e formas exteriores, dias santos e doutrinas de espíritos – do que na religião dos cristãos sinceros. Assim, logo se puseram ao lado dos cristãos catafrígios e estabeleceram essa forma de cristianismo antes do fim do século IV. Por isso, os esclarecidos foram perseguidos pelos imperadores pagãos nos três primeiros séculos. E, apesar da pequena ajuda que tiveram com a conversão de CONSTANTINO o Grande e dos seus filhos, caíram sob novas perseguições, para que alguns fossem acrisolados, purificados e alvejados – até o tempo do Fim (…)

NOTAS

1. Lib. 4. C. 28, 29.

2. Derivados de Saturnino e de Márcio, os chamados continentes ensinavam que não se deve contrair matrimônio, reprovando a primitiva oficina de Deus e acusando-o implicitamente por ter feito o homem e a mulher para a procriação

do gênero humano. Introduziram também a abstinência do uso de coisas que chamam animais, mostrando-se ingratos contra aquele Deus que criou todas as coisas. Negam também a salvação do primeiro homem. Recentemente, isso foi excogitado entre eles, por um tal Taciano, destacado entre todos como autor dessa impiedade. Este, durante todo o tempo em que foi discípulo de Justino, nada inventou nesse gênero. Mas, após o seu martírio, separando-se da Igreja, enaltecido e temido por sua arrogância de doutor, como se fosse melhor que os outros, introduziu uma nova forma de doutrina. A mesma incrível inverdade também sustenta Valentino, juntamente com Saturnino e Márcio, afirmando que o matrimônio não passa de uma corrupção e de um estupro, meditando, além disso, novos argumentos para destruir a salvação de Adão. Esta, diz Irineu, é a heresia que então houve dos encratitas.

3. In Vita Constantini, L. 4. C. 28.

4. Epist. 10.

5. Como eles próprios não são mais que monges, que tudo quanto se diz contra eles não recaia sobre os clérigos, que são os pais dos monges. Aquilo que prejudica o rebanho é uma vergonha para o pastor.

6. Que farão as igrejas do Oriente? Estas recebem clérigos virgens ou continentes ou que, tendo esposas, desistem de ser maridos.

7. L. 32, de Episcopis.

8. Os imperadores Arcádio e Honório Augustos, a Cesário P. F. Procônsul. Se por acaso os bispos pensam que lhes minguam os clérigos, é mais justo que os

ordenem de entre os monges: que não os vejam com maus olhos ou como inimigos, por motivos públicos ou privados, mas que os considerem como aprovados. Dado aos 7 dias das Calendas de agosto, por Honório A. IV e Eutiquiano, cônsules no ano 398 a.D.

9. Faz-se na fronte o sinal-da-cruz para qualquer movimento: para entrar, para sair, para vestir-se, calçar-se, lavar-se ou sentar-se à mesa, para acender a luz, ao deitar-se ou ao sentar-se para qualquer palestra.

10. 1Tm 4,1-3.

11. 2Ts 2,7-10.

14

Dos maozins, venerados pelo rei que age ao seu bel-prazer

As Escrituras nos dizem que alguns confiam em Deus e que outros confiam em ídolos – e que Deus é o nosso refúgio, a nossa força e a nossa defesa. Nesse sentido, Deus é a rocha de seu povo, enquanto os falsos deuses são a rocha dos que neles buscam refúgio.[1] Ainda no mesmo sentido, os deuses do rei que agirá ao seu bel-prazer são chamados MAOZINS, munições, fortalezas, protetores, guardiães ou defensores. Diz DANIEL:[2] Mas cultuará em seu lugar o deus das fortalezas; cultuará com ouro e prata, pedras preciosas e jóias, um deus que seus pais não conheceram. Como defensores das fortalezas tomará o povo desse deus estrangeiro(…) conferindo-lhes autoridade sobre a multidão e concedendo-lhes a terra em arrendamento.

Ora, isso aconteceu por etapas, do seguinte modo.

Conta-nos GREGÓRIO DE NISSA[3] que, depois da perseguição do Imperador DÉCIO, GREGÓRIO, Bispo de NEOCESARÉIA, no PONTO, instituiu entre todo o povo, como adição ou corolário de devoção para com Deus, que fossem celebradas festas àqueles que haviam lutado pela fé, ou seja, os mártires. E assim se justifica o autor: quando se observa que a multidão simples e inábil, por força dos prazeres corporais, permanecia no erro dos ídolos; que o que havia de mais importante entre eles deveria ser corrigido, isto é, que em lugar de seu culto vão deveriam voltar suas vistas para Deus; era permitido que, em memória dos santos mártires, aqueles se alegrassem, se deleitassem e se dissolvessem de prazer.

Deleitavam-se os pagãos com os festivais dos seus deuses e não estavam dispostos a renunciar àqueles deleites. Assim, no propósito de lhes facilitar a conversão, GREGÓRIO instituiu festas anuais aos SANTOS e aos MÁRTIRES. Eis porque, para enfraquecer as festas pagãs, as principais festas cristãs tomaram o seu lugar: assim, a comemoração do Natal com comes e bebes, jogos e esportes, tomou o lugar das Bacchanalia e das Saturnalia; a celebração com flores do Primeiro de Maio substituiu as festas Floralia; as festividades da VIRGEM MARIA, de JOÃO BATISTA e de diversos apóstolos substituíram as solenidades da entrada do Sol nos signos do ZODÍACO, segundo o calendário juliano. Durante a perseguição de DÉCIO, CIPRIANO ordenou que as paixões dos MÁRTIRES na ÁFRICA fossem registradas, para celebrar anualmente a sua memória, com oblações e sacrifícios.

E pouco depois, FÉLIX, Bispo de ROMA, no dizer de PLATINA, martyrum gloriae consulens, constituit ut quotannis sacrificia nomine celebrarentur, isto é, consultando a glória dos mártires, ordenou que se celebrassem sacrifícios anuais em sua honra. Com os prazeres dessas festas, os cristãos cresceram muito em número mas diminuíram proporcionalmente em virtude, até que fossem acrisolados e alvejados pela perseguição de DEOCLECIANO. Foi esse o primeiro passo da religião cristã em direção à veneração dos MÁRTIRES. Embora ainda não fosse uma adoração ilegal, predispôs os cristãos à veneração dos mortos, o que em pouco tempo se transformou em invocação dos santos.

O passo seguinte foi começar a rezar abertamente no sepulcro dos MÁRTIRES, prática iniciada durante a perseguição de DEOCLECIANO.

No terceiro ou quarto ano dessa perseguição, reuniu-se o Concílio de ELIBERIS, na ESPANHA, em 305 a.D. Há, entre os cânones desse concílio, o seguinte, de número 34: Cereos per diem placuit in Coemeterio non incendi: inquietandi enim spiritus sanctorum non sunt. Qui haec non observarint, arceantur ab Ecclesis communios.[4] E o de número 35: Placuit prohiberi ne faeminae in Coemeterio pervigilent, eò quod saepe sub obetentu orationis letenter scelera committant.[5]

Então, após essa perseguição, supostamente por volta de 314 a.D., o Concílio de LAODICÉIA, na FRÍGIA, reunido para restaurar a decaída disciplina da Igreja, estabeleceu os seguintes cânones. Cânone 9: Os que pertencem à Igreja não têm licença de ir aos cemitérios ou martírios dos heréticos, como são chamados, com o fim de orar ou de recuperar a saúde; os que o fizerem, sendo fiéis, serão excomungados por algum tempo. Cânone 34: Um cristão não deve deixar os MÁRTIRES de CRISTO para ir a um falso mártir, isto é, um mártir dos heréticos; pois esses são estranhos a Deus: portanto, seja anátema aqueles que vão aos mesmos. Cânone 51: Os natalícios dos MÁRTIRES não devem ser celebrados com jejuns; sua comemoração deve ser feita nos sábados e nos dias do Senhor.

O Concílio de PAFLAGÔNIA, celebrado em 324, estabeleceu este cânon: Se algum for arrogante e abominar a congregação dos MÁRTIRES, ou as liturgias a eles referentes, ou a memória dos MÁRTIRES, que seja anátema.

Por tudo isso, é manifesto que, no tempo da perseguição de DEOCLECIANO, os cristãos costumavam orar nos cemitérios e sepulcros dos mortos, para evitar o perigo das perseguições e por falta de igrejas, que tinham sido todas destruídas. Mesmo depois de cessada a perseguição, essa prática em honra dos MÁRTIRES continuou, até que novas igrejas fossem edificadas. Era até considerada favorável à devoção e à restauração da saúde dos doentes. Além disso, parece que nesses lugares de sepultamento, os MÁRTIRES eram comemorados anualmente em dias que lhes eram dedicados. Tais práticas eram consideradas piedosas e de caráter religioso, sendo anatematizado quem tivesse a arrogância de ser contra elas ou de orar nos martírios dos heréticos. Além disso, acendiam velas para os MÁRTIRES em pleno dia, como faziam os pagãos aos seus deuses. Esse costume era muito difundido no OCIDENTE antes do final do século IV. Borrifavam os devotos dos MÁRTIRES com água benta, como faziam os pagãos com os devotos dos seus deuses, e iam em peregrinação a JERUSALÉM e outros lugares santos, como se tais lugares conferissem santidade aos visitantes.

Do costume de orar nos CEMITÉRIOS e MARTÍRIOS veio o costume de transladar os corpos dos SANTOS e MÁRTIRES para as igrejas recém-construídas. O Imperador CONSTÂNCIO iniciou essa prática por volta de 359, ao ordenar que o corpo de ANDRÉ o apóstolo, LUCAS e TIMÓTEO fossem transferidos para uma nova igreja em CONSTANTINOPLA. Antes desse ato de CONSTÂNCIO, os EGÍPCIOS não enterravam os corpos dos MÁRTIRES e dos SANTOS, que eram mantidos em casas particulares, e contavam histórias de almas que apareciam depois da morte e subiam ao céu, como relata ATANÁSIO, na Vida de Santo ANTÃO.

Tudo isso levou o Imperador JULIANO, segundo o relato de CIRILO, a acusar os cristãos da seguinte maneira: Quem teria palavras para expressar como é abominável a vossa prática de acrescentar novos mortos ao antigo morto Jesus? Vós enchestes todos os lugares com sepulcros e monumentos, apesar de não serdes chamados para vos prostrar diante de sepulcros e para lhes render respeito oficiosamente. E logo depois: Desde que Jesus disse que os sepulcros estão cheios de imundície, como podeis aí invocar a DEUS? Em outra passagem, diz que se os cristãos tivessem adotado os costumes judaicos, teriam adorado um só Deus em vez de muitos e não um homem ou, antes, vários homens infelizes. E que adoravam o lenho da cruz, cujo sinal faziam no rosto e em frente às suas casas.

Assim, os sepulcros dos SANTOS e dos MÁRTIRES se converteram em lugares de adoração, como os templos dos pagãos, as igrejas se converteram em sepulcros, foi atribuída uma espécie de santidade aos cadáveres dos SANTOS e dos MÁRTIRES aí enterrados e lhes havia festas anuais com sacrifícios oferecidos a DEUS em seu nome. O passo seguinte nessa invocação foi atribuir ao corpo, aos ossos e a outras relíquias dos SANTOS o poder de operar milagres por meio das suas almas, que supostamente sabem o que fazemos ou dizemos e podem nos fazer o bem e o mal.

Era exatamente essa a noção dos pagãos a respeito das almas individuais dos antigos reis e heróis, a quem adoravam sob os nomes de SATURNO, RÉIA,

JÚPITER, JUNO, MARTE, VÊNUS, BACO, CERES, OSIRIS, ISIS, APOLO, DIANA e o resto dos seus deuses. Como esses deuses eram homem e mulher, marido e mulher, filho e filha, irmão e irmã, concluiu-se que tinham sido homens e mulheres da antiguidade.

Ora, a primeira etapa da invocação dos SANTOS ocorreu durante a perseguição de DÉCIO e a segunda na de DEOCLECIANO. Parece, pois, que a terceira decorreu das medidas de CONSTÂNCIO e de JULIANO, o Apóstata. Quando este começou a restabelecer o culto pagão e a aviltar os SANTOS e MÁRTIRES, parece que os cristãos da SÍRIA e do EGITO fizeram um estardalhaço acerca dos milagres praticados pelas relíquias dos SANTOS e MÁRTIRES cristãos, em oposição aos poderes atribuídos por JULIANO e pelos pagãos aos seus ídolos. Segundo SOZEMENO e RUFINO, quando abriu os templos pagãos, JULIANO consultou o Oráculo de APOLO, em DELFOS, nos subúrbios de ANTIOQUIA, oferecendo inúmeros sacrifícios em troca de uma resposta. Por fim, o Oráculo lhe disse que os ossos do MÁRTIR BABILAS, ali enterrados, o impediam de falar.

Essa resposta sugere que algum cristão tinha tomado o lugar onde ficavam os sacerdotes pagãos para dar as respostas do Oráculo através de um longo tubo. Antes disso, HILÁRIO, no livro que escreveu contra CONSTÂNCIO no último ano do seu reinado, faz a seguinte menção ao que se passava no Oriente, onde ele estava: Sine martyrio persequeris. Plus crudelitate vestre NERO, DECI, MAXIMIANE, debemus. Diabolum enim per vos vicimus; SANCTUS ubique beatorum martyrum sanguis exceptus est, dum in his Daemones mugiunt, dum aegritudines depelluntur, dum miraculorum opera cernuntur, elevari sine laqueis corpora, & dispensis pede faeminis vestes non defluere in faciem, uri sine ignibus spiritus, confiteri sinc interrogantis incremento fides.[6]

Na sua primeira Oração contra o Imperador JULIANO, que reinava então, assim se exprime GREGÓRIO NAZIANZENO: MARTYRES non extimuisti quibus praeclari honores & festa constituta, a quibus Daeemones propelluntur & morbi curantur; quorum sunt apparitiones & praeditiones; quorum vel sola corpora

idem possunt quod animae sanctae, sive manibus contrectentur, sive honorentur; quorum vel solae sanguinis guttae atque exigua passionis signa idem possunt quod corpora. Haec non colis sed contemnis & aspernaris.[7]

Essas coisas levaram os pagãos da FENÍCIA a demolir o sepulcro de JOÃO BATISTA e a queimar os seus ossos, durante o reinado desse imperador. Então, alguns cristãos se misturaram aos pagãos, pegaram alguns dos restos de JOÃO e os remeteram a ATANÁSIO, que os escondeu na parede de uma igreja, prevendo, graças a um espírito profético, que os mesmos seriam de utilidade para as gerações futuras – como nos informa RUFINO.

Uma vez posta em movimento, a voga desses milagres continuou por muitos anos, crescendo e se generalizando cada vez mais. Na segunda Oração sobre SÃO BABILAS, vinte anos depois do Oráculo de Delfos ter sido silenciado, isto é, em 382, diz CRISÓSTOMO, ao falar dos milagres dos santos e suas relíquias: Nulla est nostri hujus Orbis seu regio, seu gens, seu urbis, ubi nova & inopinata miracula haec non decantentur; quae quidem si sigmenta fuissent, prorsus in tantam hominum admirationem non venissent.[8] E pouco adiante: Abunde orationi nostrae fidem faciunt quae quotidiana a martyribus miracula eduntur, magna affatim ad illa hominum multitudine affluente.[9]

Descrevendo, em sua 66ª homilia, como os demônios eram atormentados e expulsos pelos ossos dos MÁRTIRES, acrescenta: Ob eam causam multi plerumque Reges peregre profecti sunt, ut hoc spectaculo fruerentur. Siquidem sanctorum martyrum templa futuri judicii vestigia & signa exhibent, dum nimirum Daemones flagris caeduntur, hominesque torquentur & liberantur. Vide quae Sanctorum vita e functorum vis sit?[10] e[11]

No epitáfio de PAULA, JERÔNIMO fala das mesmas coisas: PAULA vidit Samariam: ibi siti sunt ELISAEUS & ABDIAS prophetae, & JOANNES BAPTISTA, ubi multis intremuit consternata miraculis. Nam cernebat variis daemones rugire cruciatibus, & ante sepulchra sanctorum ululare, homines more

luporum, vocibus latrare canum, fremere leonum, sibilare serpentum, mugire taurorum, alios rotare caput & post tergum terram vertice tangere, suspensisque pede faeminis vestes non defluere in faciem.[12]

Isso foi por volta de 384. Na Oração aos MÁRTIRES EGÍPCIOS, parece que CRISÓSTOMO considera o EGITO o líder nessas questões, pois diz: Benedictus DEUS quandoquidem ex AEGYPTO prodeunt martyres, ex AEGYPTO illa cum Deo pugnante ac insanissima, & unde impia ora, unde linguae blasphemae; ex AEGYPTO MARTYRES habentur; non in AEGYPTO tantum, nec in finitima vicinaque regione, sed UBIQUE TERRARUM. Et quemadmodum in annonae summa ubertate, cum viderunt urbium incolae majorem quam usus habitatorum postulat esse proventum, ad peregrinas etiam urbes transmittunt: cum & suam comitatem & liberalitatem ostendant, tum ut praeter horum abundantiam cum facilitate res quibus indigent rursus ab illis sibi comparent: sic & AEGYPTII. quod attinet ad religionis athletas, fecerunt. Cum apud se multam eorum DEI benignitate copiam cernerent, nequaquam ingens DEI munus sua civitate concluserunt, sed in OMNES TERRAE PARTES bonorum thesauros effuderunt: cum ut suum in fratres amorem ostenderent, tum ut communem omnium dominum honore afficerent, ac civitati suae gloriam apud ommes compararent, totiusque terrarum ORBIS esse METROPOLIN declararent. – Sanctorum enim illorum corpora quovis adamantino & inexpugnabili muro tutius nobis urbem communiunt, & tanquam excelsi quidam scopuli undique prominentes, non horum qui sub sensus cadunt & oculis cernuntur hostium impetus propulsant tantum, sed etiam invisibilium daemonum insidias, omnesque diaboli fraudes subvertunt ac dissipant. – Neque vero tantum adversus hominum insidias aut adversus fallacias daemonum utilis nobis est haec possessio, sed si nobis communis dominus ob peccatorum multidinem irascatur, his objectis, corpooribus continuo poterimus eum propitium reddere civitati.[13]

Essa oração foi escrita na ANTIOQUIA, quando ALEXANDRIA ainda era a metrópole do ORIENTE, isto é, antes de 381, ano em que CONSTANTINOPLA se tornou a metrópole. E os egípcios devem ter levado alguns anos para distribuir por todo o mundo as relíquias milagrosas dos seus MÁRTIRES, como já o faziam antes desse ano. Abundavam no Egito as relíquias dos SANTOS e MÁRTIRES, que os EGÍPCIOS conservavam embalsamados nas próprias casas.

ALEXANDRIA tinha posição proeminente entre as demais cidades como distribuidora dessas relíquias, sendo assim glorificada por todos e considerada a metrópole do mundo. A ANTIOQUIA seguiu o exemplo do EGITO, espalhando relíquias dos quarenta MÁRTIRES. E o exemplo do EGITO e da SÍRIA logo foi seguido pelo resto do mundo.

As relíquias dos quarenta mártires da ANTIOQUIA foram distribuídas entre as igrejas antes de 373, pois ATANÁSIO, que morreu nesse ano, escreveu sobre elas uma Oração. Essa Oração não foi publicada, mas GERARD VOSSIUS a viu em manuscrito na Biblioteca do Cardeal ASCÂNIO, na ITÁLIA, conforme declara no comentário sobre a Oração de EFRAIM SIRO dedicada aos quarenta MÁRTIRES. Então, como os monges de ALEXANDRIA mandaram as relíquias dos MÁRTIRES do EGITO para todas as partes do mundo, conquistando assim a glória para a sua cidade e proclamando-a metrópole do mundo nesse quesito, podemos supor que, antes de receber as relíquias dos quarenta mártires da ANTIOQUIA, ALEXANDRIA já distribuía relíquias dos seus próprios MÁRTIRES, dando o exemplo para outras cidades.

Assim, o costume partiu do EGITO alguns anos antes da morte de ATANÁSIO, quando os ossos milagrosos de JOÃO BATISTA foram levados para lá e escondidos na parede de uma igreja para que pudessem ser de utilidade às gerações futuras. Restringiu-se no reinado de JULIANO o Apóstata e depois se espalhou do EGITO para todo o império já que, segundo CRISÓSTOMO, ALEXANDRIA era a metrópole do mundo quanto a propagar essa espécie de devoção, sendo o seu exemplo seguido pela ANTIOQUIA e por outras cidades.

A propagação dessas superstições foi liderada pelos monges, encabeçados por ANTÃO. Como relata ATANÁSIO, as últimas palavras de ANTÃO, dirigidas aos discípulos, foram as seguintes: Tenham o cuidado de se apegarem ao Cristo em primeiro lugar, depois aos santos, para que, depois da morte, eles os recebam como amigos e parentes nos tabernáculos eternos. Pensem nessas coisas, procurem entendê-las e, se têm consideração por mim, lembrem de mim como um pai. Essas palavras, pronunciadas por ANTÃO na hora da morte, em 365

a.D., não poderiam deixar de inflamar os monges na devoção aos SANTOS: o caminho mais rápido para serem recebidos por eles nos tabernáculos eternos, depois da morte. Daí a celeuma acerca dos milagres feitos pelas relíquias dos SANTOS no tempo de CONSTÂNCIO, bem como a distribuição de relíquias milagrosas por todo o Império. ALEXANDRIA deu o exemplo e se tornou notável entre as demais cidades.

Vem daí que, em 362 a.D., nos dias de JULIANO, Atanásio, com espírito profético, como nos conta RUFINO, escondeu dos pagãos os ossos de JOÃO BATISTA. Não no chão para serem esquecidos, mas na parede oca de uma igreja e diante de testemunhas, para serem de utilidade às futuras gerações. Vem daí também a prática de invocar os SANTOS para que façam milagres, para que ajudem os homens em suas devoções e para que sejam intermediários entre eles e DEUS. ATANÁSIO, já na juventude, via os MÁRTIRES e os SANTOS como intermediários para as nossas preces. Numa Epístola a MARCELINO, escrita nos dias de CONSTANTINO o Grande, ele diz que as palavras dos salmos não devem ser alteradas de maneira nenhuma, mas recitadas ou cantadas sem qualquer artifício, para que os homens santos que as deram, sabendo que são as suas próprias palavras, possam orar conosco. Ou antes, que o ESPÍRITO SANTO, que falou aos homens santos, reconhecendo as palavras com que os inspirou, possa a eles se juntar e nos dar assistência.

No Egito, havia mais monges do que em qualquer outro país e, lá, a veneração aos SANTOS começou mais cedo e se espalhou mais rapidamente do que em outros lugares. PALÁDIO foi ao Egito em 388 para visitar mosteiros e o sepulcro de APOLÔNIO e outros MÁRTIRES da TEBAIDA, que tinham sofrido sob o domínio de MAXIMINO. Diz ele: Iis omnibus Christiani fecerunt aedem unam, ubi nuno multae virtutes perguntur. Tanta autem fuit viri gratia, ut de iis quae esset precatus statim exaudiretur eum sic honorante servatore: quem etiam nos in martyrio precati vidimus, cum iis qui cum ipso fuerunt martyrio affecti: & Deum adorantes, eorum corpora salutavimus.[14]

EUNÁPIO, apesar de pagão, era uma testemunha competente do que acontecia

no seu tempo. Relatando como os soldados entregaram aos monges os templos egípcios, em 389, ele ataca os MÁRTIRES, que estavam tomando o lugar dos antigos deuses do EGITO: Illi ipsi, milites, Monachos Coenobi quoque collocarunt, ut pro Diis qui animo cernuntur, servos & quidem flagitiosos divinis honoribus percolerent, hominum mentibus ad cultum ceremoniasque obligatis. Ii namque condita & salita eorum capita, qui ob scelerum multitudinem a judicibus extremo judicio fuerant affecti, pro Divis ostentabant; iis genua submittebant, eos in Deorum numerum receptabant, ad illorum sepulchra pulvere sordibusque conspurcati. MARTYRES igitur vocabantur, & ministri quidim & legati arbitrique precum apud Deos; cum fuerint servilia infida & flagris pessime subacta, quae cicatrices scelerum ac nequitiae vestigia corporibus circumferunt; ejusmodi tamen Deos fert tellus.[15]

Por tais exemplos, podemos ver que a invocação dos SANTOS no EGITO já estava estabelecida e que, de modo geral, era recebida e praticada pelo povo.

BASÍLIO, um monge que foi feito Bispo de CESARÉIA em 369 e que faleceu em 378, diz na sua Oração ao MÁRTIR MAMAS: Pensai no MÁRTIR: vós que o conhecestes em sonhos ou que neste lugar tivestes a sua assistência por meio da prece; vós que, invocando a sua presença, tivestes a sua assistência em vosso trabalho ou fostes afastados de caminhos incertos; vós que recuperastes a saúde ou tivestes filhos mortos ressuscitados ou, ainda, a vida por ele prolongada.

Um pouco mais adiante, assim expressa a universalidade dessa superstição nas regiões da CAPADÓCIA e da BITÍNIA: À lembrança do MÁRTIR, toda a região se comove. Em sua festa, toda a cidade é arrebatada pela alegria. A gente rica não visita os túmulos de seus ancestrais, mas os lugares de devoção. E, no fim da homilia, pede a Deus que preserve a Igreja, assim fortificada com as grandes torres dos MÁRTIRES.

Na Oração aos Quarenta MÁRTIRES, ele diz: Eis aqueles que, conquistando o nosso país, como certas torres nos oferecem segurança contra os nossos

inimigos. Não estão confinados a um só lugar: distribuídos, são enviados a muitos países e adornam muitos lugares. – Muitas vezes vos esforçastes, muitas vezes procurastes alguém que possa orar por vós: aqui estão quarenta, emitindo vozes de preces. – Os que estiverem em aflição, corram para cá; os que se regozijam têm socorro aqui: os primeiros para se livrarem da desgraça, os últimos para que continuem felizes. Aqui é ouvida a mulher que ora por seu filho: ela alcança o regresso feliz do marido e a saúde para aquele que está doente. – Ó vós, protetores da humanidade, os melhores companheiros dos nossos cuidados, sufragâneos e coadjutores das nossas preces, poderosos embaixadores de Deus etc.

Tudo isso revela que, antes de 378, as orações e sermões sobre os SANTOS iam muito além de simples figuras de retórica e que, no ORIENTE, as pessoas comuns já tinham sido corrompidas pelos monges com a adoração dos SANTOS.

GREGÓRIO NAZIANZENO, que foi monge e depois bispo de SÁSIMA, diz na Sexta Oração, escrita em 373: Purifiquemo-nos para os MÁRTIRES, ou antes, para o DEUS dos MÁRTIRES. Um pouco mais adiante, chama-os de mediadores da conquista da ascensão ou da divindade.

No mesmo ano, no fim da Oração a ATANÁSIO, recém-falecido, assim o invoca: Olha piedosamente para nós aqui embaixo e governa este povo, como perfeitos adoradores da perfeita Trindade, que é contemplada e adorada no PAI, no FILHO e no ESPÍRITO SANTO: e se houver paz, preserva-me e comigo alimenta o meu rebanho; mas se houver guerra, traze-me para casa, coloca-me junto a ti e daqueles que são como tu, por maior que seja a minha súplica.

No final da Oração fúnebre a BASÍLIO, escrita em 378, assim se dirige ao mesmo: Mas tu, ó divina e sagrada cabeça, olha-nos daí do céu; e por tuas preces arranca-nos esse espinho da carne, que nos é dado por DEUS para o exercício, ou faz que possamos suportá-lo com coragem e dirigir toda a nossa vida para

aquilo que melhor nos convém. Quando partirmos desta vida, recebe-nos no vosso Tabernáculo para que, vivendo juntos e vendo a santa e abençoada Trindade mais pura e perfeitamente, da qual não temos agora senão uma visão imperfeita, possamos atingir o fim dos nossos desejos e receber a recompensa das lutas e sofrimentos que houvermos suportado.

É da mesma maneira que ele invoca CIPRIANO, não o bispo de CÁRTAGO, mas um bispo GREGO, e nos conta também como uma piedosa virgem, chamada JUSTINA, foi protegida pela invocação da VIRGEM MARIA. Fala ainda dos milagres feitos pelas cinzas de CIPRIANO.

GREGÓRIO DE NISSA, outro monge notável que também foi bispo, conta como um certo homem, voltando de um país distante, viu-se em grande perigo, pois todos os caminhos estavam interceptados por tropas de nações bárbaras. Mas, com uma invocação ao nome de EFRAIM – “Santo EFRAIM, assiste-me!” –, ele se livrou do perigo, perdeu o medo de morrer e, apesar de já ter perdido a esperança de voltar para casa, acabou voltando são e salvo. No fim dessa Oração, ele se dirige a EFRAIM nos seguintes termos: Mas tu, EFRAIM, que assistes agora no altar divino, e ofereces sacrifícios ao Príncipe da Vida e à Santíssima Trindade, juntamente com os ANJOS, lembra-te de todos nós e alcança o perdão de nossos pecados, a fim de que possamos gozar a felicidade eterna no reino dos céus.

Na Oração ao MÁRTIR TEODORO, escrita em 381, o mesmo GREGÓRIO assim descreve o poder desse MÁRTIR e a atitude do povo: No último ano, esse MÁRTIR apaziguou uma tempestade de bárbaros e pôs um ponto final na terrível guerra dos temíveis e cruéis citas. – Se a alguém é permitido levar a poeira que cobre o túmulo onde repousam os restos do MÁRTIR, a poeira é aceita como uma dádiva e guardada como coisa de alto valor. Que grande mercê é tocar as relíquias, se tão grande graça chegar um dia a ser alcançada, o que só é possível por meio de preces fervorosas, como sabem os que a alcançaram. Como um corpo vivo e florido, os que as vêem as envolvem, aplicando-lhes os olhos, a boca, os ouvidos e todos os órgãos dos sentidos: e então afetuosamente

derramam lágrimas sobre o MÁRTIR, como se ele estivesse intacto à sua frente. Oferecem-lhe preces e suplicam que interceda por eles como advogado, orando para ele como a um ajudante de DEUS e invocando-o, como se recebessem dádivas sempre que ele os atende.

GREGÓRIO conclui a Oração com esta prece: Ó TEODORO! Queremos muitas bênçãos. Intercede por teu país perante o nosso REI e SENHOR. O país do MÁRTIR é o lugar da sua paixão e eles são cidadãos, irmãos e parentes que o adoram e o honram. Tememos aflições e esperamos perigos: não estão longe os citas perversos, prontos a nos guerrear. Luta por nós como um soldado! Usa a liberdade de falar por teus servos! Ora pela paz, para que estas reuniões públicas nunca cessem, para que os bárbaros furiosos e cruéis não se voltem contra os templos e altares, para que os profanos e ímpios não tripudiem sobre as coisas santas. Estamos preservados, seguros e inteiros – e isso é para nós um benefício recebido. Oramos para nos livrar dos perigos que nos ameaçam. E se houver necessidade de maior intercessão e deprecação, chama o coro dos teus irmãos MÁRTIRES e, em conjunto com eles, intercede por nós! Que as preces de tantos justos reparem os pecados das multidões e do povo. Exorta PEDRO, incite PAULO e JOÃO, o divino e amado discípulo, para que sejam solícitos para com as igrejas que erigiram, pelas quais foram acorrentados, pelas quais sofreram perigos e morte. Para que a adoração dos ídolos não levante a sua cabeça contra nós, para que as heresias não surjam como espinhos na vinha, para que o joio não abafe o trigo, para que a ilusão das riquezas não seja uma pedra de tropeço e nem arran-que a raiz do frutífero poder da palavra. Mas, pelo poder das tuas preces e as dos seus companheiros, ó criatura admirável e eminente no meio dos MÁRTIRES, a comunidade dos cristãos se torne um campo de trigo.

No mesmo ano de 381, no sermão feito em CONSTANTINOPLA, perante todos os bispos do ORIENTE reunidos no Segundo Concílio Geral, por ocasião dos funerais de MELÉCIO, Bispo de ANTIOQUIA, assim falou o mesmo GREGÓRIO DE NISSA: O noivo não se afastou de nós: está entre nós, posto que não o vejamos. É um sacerdote nos lugares mais interiores e, face a face, intercede a DEUS por nós e pelos pecados do povo.

Isso não era floreio de retórica, mas a verdadeira opinião de GREGÓRIO, como se pode depreender das citações a respeito de EFRAIM e TEODORO. E como GREGÓRIO a sustentou diante do Concílio de CONSTANTINOPLA,[16] podemos supor, diz BARÔNIO, que a mesma coincide com a opinião do Concílio e, portanto, de todas as igrejas daquela região: que os SANTOS do céu oram a DEUS por nós.

Outro monge eminente, EFRAIM SIRO, contemporâneo de BASÍLIO e morto no mesmo ano, faz a seguinte invocação no final da Oração ou Encômio a BASÍLIO por sua morte recente: Intercede por mim, criatura muito miserável que sou, e chama-me por tua intercessão, ó Pai; tu que és forte, ora por mim que sou fraco; tu que és aplicado, ora por mim que sou preguiçoso; tu que és animoso, ora por mim que sou desanimado; tu que és sábio, ora por mim que sou ignorante… Tu, que juntaste um tesouro de todas as virtudes, sê um guia para mim, que sou vazio de boas obras.

No início do Encômio aos Quarenta MÁRTIRES, escrito na mesma época, invoca-os desta maneira: Ajudai-me pois, ó SANTOS, com a vossa intercessão; e vós, ó amados, com as vossas santas preces; para que, com a sua graça, CRISTO possa dirigir a minha língua, etc. Depois de se referir à mãe de um desses quarenta MÁRTIRES, conclui a Oração com a seguinte prece: Rogo-te, ó SANTA, fiel e abençoada senhora, que ores por mim aos SANTOS, dizendo: “Intercedei vós para que o pequenino e miserável EFRAIM triunfe em CRISTO, para que o mesmo encontre misericórdia e pela graça do CRISTO possa ser salvo.”

E, numa segunda Oração, celebrando os SANTOS MÁRTIRES de CRISTO, assim se expressa: Nós vos rogamos, MÁRTIRES santíssimos, que intercedeis junto ao SENHOR por nós, miseráveis pecadores, revestidos com as imundícies da negligência, para que derrame a divina graça sobre nós. E, mais adiante, já no fim do sermão: Agora vós, santíssimos homens e gloriosos MÁRTIRES de DEUS, ajudai-me a mim, pecador miserável, com as vossas orações, para que eu encontre misericórdia naquela hora terrível, em que se tornam manifestos os

segredos de todos os corações. Sou hoje para vós, santíssimos MÁRTIRES de CRISTO, como que um inútil e inábil copeiro: pois servi aos filhos e irmãos da vossa fé uma taça do excelente vinho da vossa luta, com a excelente mesa da vossa vitória repleta de toda sorte de iguarias. Esforcei-me com toda a afeição e a energia da minha mente para deleitar-vos a vós, pais, irmãos, amigos e parentes, que freqüentais diariamente essa mesa. Olhai como cantam e exultam e se rejubilam, glorificando a DEUS, que coroou vossas virtudes, pondo em vossas sacratíssimas cabeças as coroas incorruptíveis e celestiais. Com imensa alegria, aproximaram-se das sagradas relíquias do vosso martírio, desejosos de uma bênção e de levar daqui santos remédios para o corpo e para a mente. Como bons discípulos e fiéis ministros do nosso benigno SENHOR e SALVADOR, outorgai, pois, a vossa bênção sobre todos: e também sobre mim, fraco e débil criatura, que recebi a força por vossos méritos e vossa intercessão e que, com toda a devoção do meu espírito, cantai um hino em vosso louvor e vossa glória, perante as vossas santas relíquias. Por isso vos rogo que à frente do trono da divina Majestade vos coloqueis por mim, EFRAIM, vil e miserável pecador, para que por vossas preces eu possa obter a salvação, a fim de convosco gozar a eterna felicidade, pela graça, bondade e misericórdia de NOSSO SENHOR E SALVADOR JESUS CRISTO, a quem, juntamente com o PAI e o ESPÍRITO SANTO, sejam dados louvor e honra para todo o sempre. Amém.

Pelo que foi citado de BASÍLIO, dos dois GREGÓRIOS e de EFRAIM, podemos concluir que a adoração dos SANTOS foi estabelecida entre os monges e seus admiradores – no EGITO, FENÍCIA, SÍRIA e CAPADÓCIA – antes de 378, ano em que EFRAIM e BASÍLIO morreram. CRISÓSTOMO não vem muito depois: pregou em ANTIOQUIA durante quase todo o reinado de TEODÓSIO o GRANDE e, nos seus sermões, há muitas exortações a essa espécie de superstição, como se pode ver no fim das Orações a SANTA JÚLIA, a SANTA PELÁGIA, ao MÁRTIR INÁCIO e aos MÁRTIRES do EGITO, assim como nos sermões sobre destino e providência, sobre os mártires em geral, sobre Santa Berenice, sobre Santa Prosdoce, sobre Juventino e Máximo, sobre o nome cemitério etc.

Assim, diz ele no sermão sobre BERENICE e PROSDOCE: Talvez estejais inflamados de um amor não menos intenso por esses MÁRTIRES. Assim, com

esse ardor, prostremo-nos diante das suas relíquias e abracemos os seus ataúdes. Pois os ataúdes dos MÁRTIRES têm grande virtude, do mesmo modo que os seus ossos têm um grande poder. Não só no dia da sua festa, mas também nos outros dias, vamos pedir a eles, invocá-los e suplicar que sejam os nossos patronos, pois têm grande poder e eficácia, não só quando vivos, mas também depois de mortos; e muito mais depois de mortos do que antes. Porque agora eles têm as marcas ou estigmas de CRISTO e, quando mostram essas marcas, tudo obtêm do REI. Vendo, pois, que são de muita eficácia e a ele têm tão grande amizade, nós que, visitando-os e servindo-os continuamente, nos insinuamos em sua familiaridade, podemos também, por seu intermédio, obter a misericórdia de DEUS.

CONSTANTINOPLA estava livre de tais superstições até a chegada de GREGÓRIO NAZIANZENO, em 879. Mas, em poucos anos, também foi inflamada por elas. Diz RUFINO[17] que, quando o Imperador TEODÓSIO lutava contra o tirano EUGÊNIO, o que se deu em 894, foi com os sacerdotes e o povo a quase todos os lugares de oração. Prostrava-se, vestido de saco, ante as urnas dos MÁRTIRES e dos APÓSTOLOS e orava, pedindo assistência por intermédio dos SANTOS. Acrescenta SOZOMEN[18] que, estando a sete milhas de CONSTANTINOPLA, marchando contra EUGÊNIO, o Imperador entrou numa igreja que construíra para JOÃO BATISTA e pediu, por invocação, a assistência deste. Diz CRISÓSTOMO:[19]e[20] O que está vestido de púrpura aproxima-se para beijar esses sepulcros; e, pondo de lado a sua dignidade, suplica aos SANTOS a sua intercessão junto a DEUS;[21] e o que vai coroado com um diadema oferece as suas orações ao tecelão e ao pescador, seus protetores.[22] E noutro lugar: As cidades acorrem aos sepulcros dos MÁRTIRES e o povo se inflama de amor por eles.[23]

Essa prática de enviar relíquias de um lugar a outro para operar milagres e, assim, despertar a devoção das nações pelos SANTOS mortos e suas relíquias, e instituir a invocação das suas almas, durou até meados do reinado de TEODÓSIO o Grande, que a proibiu pelo seguinte edito: Humatum corpus, nemo ad alterum locum transferati; nemo Martyrem distrahat, nemo mercetur: Habeant vero in potestate, si quolibet in loco sanctorum est aliquis conditus, pro ejus veneratione, quod Mariyrium vocandum sit, addant quod voluerint

fabricarum. Dat. IV. Kal. Mart. Constantinopoli, Honorio nob. puero & Evodio Coss. A.C. 386.[24]

Depois disso, os campos e as estradas ficaram cheios de altares erguidos aos MÁRTIRES, supostamente descobertos por meio de sonhos e revelações. Isso ocasionou a promulgação do 14º cânon do Quinto Concílio de CÁRTAGO, em 398: Item placuit, ut altaria, quae passim per agros aut vias, tanquam memoriae Martyrum constituuntur, in quibus nullum corpus aut reliquiae Martyrum conditae probantur, ab Episcopis, qui illis locis praesunt, si fieri potest, evertantur. Si autem hoc propter tumultus populares non finitur, plebes tamen admoneantur, ne illa loca frequentent, ut qui recte sapiunt, nulla ibi superstitione devincti teneantur. Et omnino nulla memoria Martyrum probabiliter accepptetur, nisi aut ibi corpus aut aliquae certae reliquiae sint, aut ubi origo alicujus habitationes, vel possessionis, vel passionis fidelissima origine traditur. Nam quae persomnia, & per inanes quasi revelationes quorumlibet hominum ubique constituuntur altaria, omnimode reprobentur.[25]

Serviam tais altares para a invocação dos SANTOS ou MÁRTIRES enterrados ou supostamente enterrados no local. Primeiro, encheram as igrejas em toda parte com relíquias ou supostas relíquias de MÁRTIRES, cuja invocação era feita nessas igrejas. Depois, encheram os campos e as estradas de altares, para os invocar onde quer que fosse.

Essa nova religião foi estabelecida pelos monges em todo o império GREGO antes da expedição do Imperador TEODÓSIO contra EUGÊNIO e, segundo penso, antes do supra mencionado edito, no ano 386 a.D.

A mesma religião ou culto dos MAOZINS espalhou-se também, e rapidamente, pelo império do OCIDENTE. Mas, nessa profecia, DANIEL descreve principalmente as coisas feitas entre as nações compreendidas no corpo da terceira besta.

NOTAS

1. Dt 32,4.15.18.30.37.

2. Dn 11,38-39.

3. Orat. de vita Greg. Taumaturgo T. 3, p. 574.

4. Concordou que não se acendesse velas durante o dia nos cemitérios: de fato, as almas dos santos não devem ser perturbadas. Aqueles que não observarem essas coisas serão afastados da comunhão da Igreja.

5. Resolveu proibir que as mulheres passassem a noite nos cemitérios porque, muitas vezes, sob pretexto de oração, cometem crimes ocultamente.

6. Perseguirás sem martírio. Muito devemos à vossa crueldade, ó Nero, ó Décio, ó Maximiano! De fato, por vosso intermédio vencemos o diabo. Em todos os lugares, é aceito o sangue dos santos mártires, enquanto os demônios mugem e as angústias são afastadas, enquanto são notadas as obras dos milagres: os corpos se levantam sem laços; as vestes não caem na face das mulheres suspensas pelos pés; os espíritos ardem sem fogo e confessam sem a intervenção do interpelante.

7. Não temeste os mártires a quem foram decretadas honras e festas e pelos

quais são repelidos os demônios e curados os doentes; que aparecem e fazem predições; cujos corpos por si mesmos têm o mesmo poder das almas santas, tanto pelo toque das mãos quanto pelas honras; cujas gotas de sangue, por si mesmas como por pequenos sinais da sua paixão, têm o mesmo poder que os corpos. Essas coisas tu não veneras: antes descuidas e desprezas.

8. Nenhum lugar existe neste nosso mundo, nem povos, nem cidades, onde esses novos e imprevistos milagres não sejam celebrados. Se fossem pequenos, por certo não teriam logo chegado à admiração dos homens.

9. Do que dizemos dão prova abundante os milagres que diariamente fazem os mártires, aos quais concorre uma grande multidão de criaturas.

10. Por esse motivo, muita gente, e algumas vezes até reis, vêm de longe apreciar esse espetáculo. Na verdade, os templos dos santos mártires mostram vestígios e sinais de juízo futuro, enquanto os demônios são realmente açoitados e os homens atormentados e libertados. Vês que força é a vida dos santos mortos?

11. Epist. 27 ad Eustochium.

12. Paula viu Samaria, onde estremeceu, comovida por tantos milagres. Ali estão os profetas Eliseu e Abdias e João Batista. De fato, ela viu os demônios rugindo sob vários suplícios, uivando diante dos túmulos dos santos, homens uivando como se fossem lobos, rugindo como leões, silvando como serpentes, mugindo como touros, outro torcendo a cabeça para trás até tocar o chão e mulheres suspensas pelos pés, sem que as vestes lhe caíssem no rosto.

13. Bendito seja Deus, porque do Egito provêm os mártires; do Egito provém aquela boca ímpia e inimiga de Deus, de onde saem blasfêmias; no Egito temos os mártires e não apenas lá, mas nas regiões vizinhas e mais próximas, como em toda parte. E, como na suma abundância de alimentos, quando os homens a vêem superar as necessidades da população, a remetem ainda a outras cidades, mostrando sua cortesia e generosidade para que depois, além da abundância dessas coisas, também deles recebam ainda outras de que necessitam. Assim fizeram os egípcios com o que pertence aos atletas da religião. Vendo-se possuidores de muitas riquezas pela benevolência e Deus, não fecharam inutilmente nas suas cidades os grandes presentes de Deus, mas transmitiram a toda parte os tesouros dos bens, quer para mostrar o próprio amor para com os seus irmãos, quer para honrar o Senhor comum e proporcionar à sua cidade a glória de todas as outras e declarar que ela era a metrópole de todo o mundo. – De fato, os seus corpos fortificam-nos a cidade mais seguramente do que um muro adamantino e insuperável; e, qual rochedos altíssimos a dominar de todos os lados, não apenas repelem os assaltos dos inimigos que são percebidos pelos sentidos, mas também as insídias dos demônios invisíveis, inutilizando e destruindo todas as fraudes do diabo. – Na verdade, essa posse não nos é útil apenas contra as insídias dos homens ou os enganos do demônio; mas, se o Senhor comum ficar irado contra nós pela grande quantidade de pecados, poderemos torná-lo favorável à cidade, apresentando logo esses corpos.

14. A esses todos, os cristãos erigiram um único templo, onde agora são operados muitos prodígios. Tanta era a graça do homem, que logo foi ouvido nas coisas que pedia. Nós também os vimos no martírio enquanto rezávamos com os que tinham sofrido o mesmo martírio; e, adorando a Deus, saudávamos os seus corpos.

15. Aqueles soldados também instalaram os monges do Cenóbio para que, em lugar dos Deuses que espiritualmente eram adorados, fossem venerados, com honras divinas, escravos e até criminosos, constrangendo as mentes humanas ao culto e às cerimônias. Pois eles (os monges) mostravam como deuses as cabeças embalsamadas dos que, pela multidão dos seus crimes, tinham sido condenados pelos juízes à pena máxima; diante deles dobravam os joelhos, consideravam-nos no número dos deuses e sujavam-se no pó e na imundície junto aos seus

túmulos. Entretanto, eram chamados mártires, ministros, intérpretes e árbitros de preces junto a Deus; na realidade, eram restos de escravos sem fé, submetidos às piores torturas, a levar em volta as cicatrizes dos crimes e da iniqüidade; e, contudo, a terra suporta deuses desse jaez.

16. Ad. ano 381, Sect. 41.

17. Hist. Eccl. L. 2, C. 23.

18. L.4, C.24.

19. Hom. 66 ad populum, circa finem.

20. Hom. 8, 27, in Mt.

21. Hom. 42, 43 in Gn.

22. Hom. I, in I Ts.

23. Exposit. in Sl 114, sub finem.

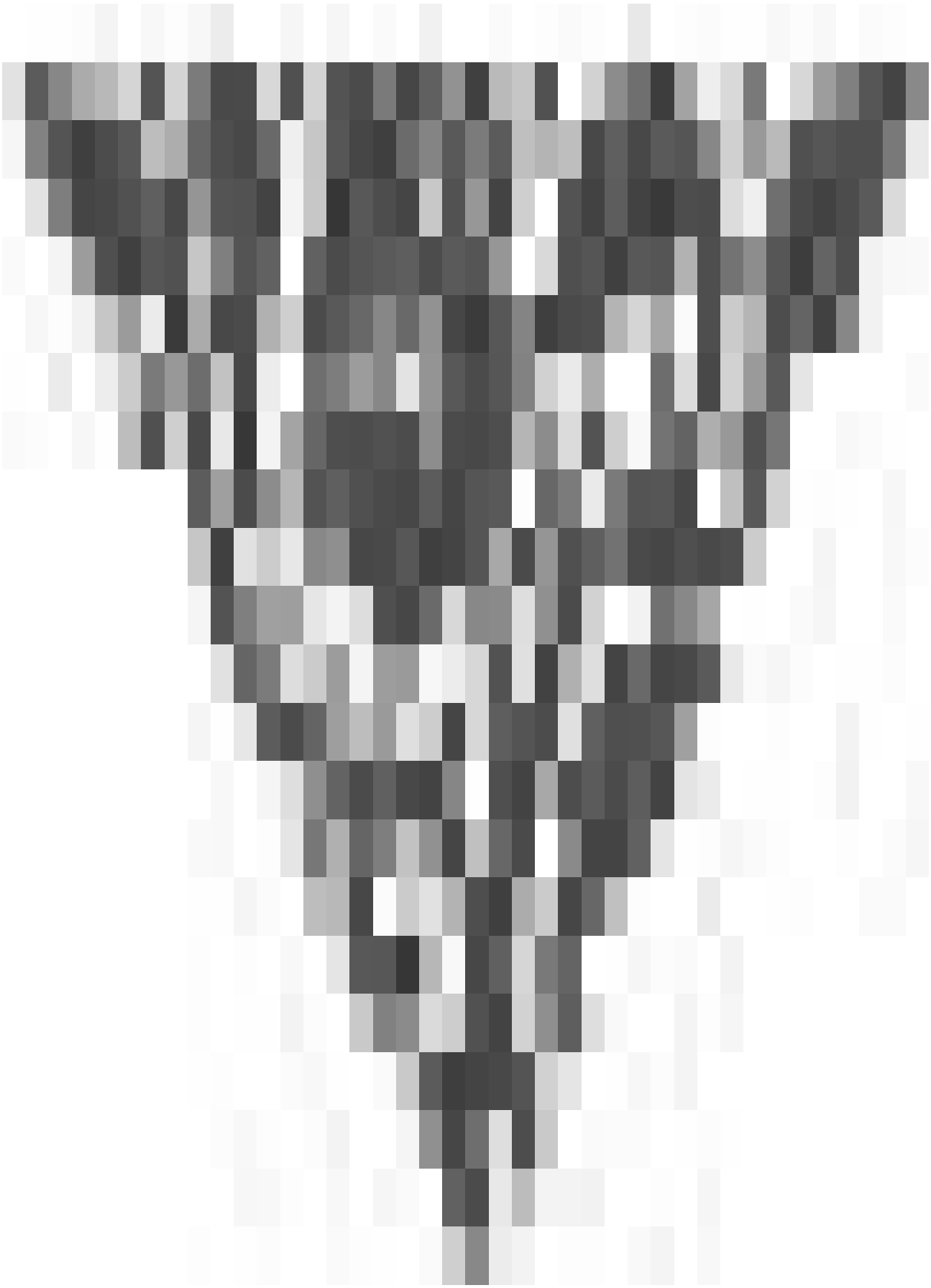
24. Ninguém transporte para outro lugar um corpo sepultado; ninguém dilacere um mártir, ninguém o mercadeje. Se em qualquer lugar estiver sepultado algum

mártir, tenham-no de fato no seu poder e, para a sua veneração, anexem os edifícios que quiserem, o que se chamará Martírio (templo dos Mártires). Dado aos 4 dias das Calendas de março, por Honório, sendo Cônsul Evódio, em 386 a.D.

25. Convém igualmente que os altares, aqui e ali construídos nos campos e nas estradas, em memória dos mártires, e nos quais não haja provas da existência dos corpos ou das suas relíquias, sejam destruídos pelos bispos que governam aquelas regiões, se possível. Mas se, pelos tumultos populares isso não puder ser realizado, deve o povo ser avisado para não freqüentar esses lugares, a fim de que os que pensam retamente não sejam constrangidos por nenhuma superstição. E que não seja absolutamente aceita nenhuma memória de mártires como provável, desde que aí não estejam o corpo ou algumas relíquias verdadeiras, ou onde não seja transmitida a origem de alguma habitação, ou a posse ou a paixão muito fielmente desde a origem. De fato, devem ser condenados de qualquer maneira os altares construídos por causa de sonhos ou revelações sem fundamento.

Parte Dois

OBSERVAÇÕES SOBRE O APOCALIPSE DE SÃO JOÃO



1

Época em que foi escrito o Apocalipse

IRINEU introduziu a opinião de que o APOCALIPSE foi escrito na época de Domiciano. Mas ele pospôs também a data de outros livros sagrados e situou o APOCALIPSE depois deles. É possível que tenha ouvido o seu mestre POLICARPO dizer que recebera esse livro do próprio JOÃO, mais ou menos nos dias da morte de DOMICIANO. É possível também que, por aquela época, JOÃO tenha feito ele mesmo uma nova publicação, tendo IRINEU imaginado que se tratava de um livro recém-escrito.

Eusébio, na CRÔNICA e na HISTÓRIA ECLESIÁSTICA, imita IRINEU. Mas depois,[1] nas DEMONSTRAÇÕES EVANGÉLICAS, associa o banimento de JOÃO em PATMOS à morte de PEDRO e de PAULO. E assim fazem também[2] TERTULIANO e o Pseudo-PRÓCORO, assim como o primeiro autor, fosse ele quem fosse, dessa fábula muito antiga, segundo a qual JOÃO foi posto por NERO num tacho de óleo fervente e, tendo saído incólume, foi banido por ele para PATMOS. Embora essa história não passe de ficção, uma tradição das primeiras igrejas reza que JOÃO foi banido para PATMOS nos dias de NERO.

EPIFÂNIO sugere que o EVANGELHO DE JOÃO pode ter sido escrito no tempo de DOMICIANO e o APOCALIPSE antes dos dias de NERO.[3] No começo do seu comentário, ARETAS cita a opinião de IRINEU por meio de EUSÉBIO, mas não a aceita: ele afirma mais adiante que o APOCALIPSE foi escrito antes da destruição de JERUSALÉM e que antigos comentadores tinham mencionado o sexto selo dessa destruição.

Com a opinião dos primeiros comentaristas concorda a tradição das igrejas da SÍRIA, preservada até os nossos dias graças à versão siríaca do APOCALIPSE, cujo título é: “A REVELAÇÃO QUE FOI FEITA POR DEUS A JOÃO EVANGELISTA NA ILHA DE PATMOS, PARA ONDE FORA BANIDO POR NERO, O CÉSAR.” O mesmo é confirmado por uma história contada por EUSÉBIO,[4] por CLEMENTE DE ALEXANDRIA e também por outros antigos autores, referente a um jovem que JOÃO, algum tempo depois de voltar de PATMOS, entregou aos cuidados do bispo de uma certa cidade. O bispo o educou, o instruiu e também o batizou. Mas, escapando aos seus cuidados, o jovem arrumou más companhias e, em estágios, primeiro se tornou rebelde e vicioso, depois começou a insultar e a roubar os que encontrava à noite e, por fim, tornou-se tão atrevido que os seus companheiros, formando uma quadrilha de salteadores, o nomearam capitão. Segundo CRISÓSTOMO[5], ele foi por muito tempo o capitão do bando. Voltando à cidade, JOÃO teve notícia dessas coisas e correu a procurar o ladrão. Por reverência ao antigo mestre, ele fugiu, mas JOÃO foi-lhe ao encalço e o reconquistou para a Igreja.

Essa é uma história em que se passam muitos anos, indicando que JOÃO voltou de PATMOS por ocasião da morte de NERO e não da morte de DOMICIANO, pois entre a deste e a de JOÃO decorreram apenas dois anos e meio. E, na velhice, JOÃO estava tão enfermo que ia carregado para a igreja.[6] Morreu com mais de 90 anos e, portanto, não poderia ter saído atrás do ladrão.

Essa opinião é confirmada pelas alusões feitas no APOCALIPSE ao Templo, ao altar e à cidade santa, então existentes; e também aos gentios que, pouco depois, calcariam aos pés a cidade santa e o átrio externo. Isso é confirmado também pelo próprio estilo do APOCALIPSE, mais cheio de hebraísmos do que o Evangelho.

De tudo isso depreende-se que o mesmo foi escrito logo que JOÃO deixou a JUDÉIA, onde estava acostumado à língua siríaca, e que só escreveu o Evangelho depois que uma longa convivência com os gregos asiáticos o fez abandonar a maior parte dos hebraísmos. Isso é confirmado também por vários

falsos APOCALIPSES, como os de PEDRO, PAULO, TOMÉ, ESTEVÃO, ELIAS e CERINTO, escritos como imitação do verdadeiro. Assim como os muitos falsos Evangelhos, falsos Atos e falsas Epístolas vieram das obras verdadeiras, o fato de muitos apocalipses falsos terem sido escritos e atribuídos a apóstolos e profetas indica que havia um verdadeiro e apostólico, muito procurado entre os primeiros cristãos. Então, é de se supor que o verdadeiro tenha sido escrito um pouco mais cedo, permitindo que, no período apostólico, aparecessem as versões falsas, atribuídas a PEDRO, PAULO, TOMÉ e outros, que morreram antes de JOÃO. CAIO, que foi contemporâneo de TERTULIANO,[7] nos diz que CERINTO escreveu as suas Revelações como um grande apóstolo e, simulando que anjos tinham lhe mostrado visões, falava de um milênio de prazeres carnais em JERUSALÉM, depois da ressurreição. Assim, o seu APOCALIPSE procurava em tudo imitar o de JOÃO e, no entanto, ele viveu tão cedo que[8] resistiu aos apóstolos em JERUSALÉM no primeiro ano de CLÁUDIO ou um pouco antes, isto é, 26 anos antes da morte de NERO,[9] e morreu antes de JOÃO.

Essas razões devem ser suficientes para determinar a época. No entanto, há ainda mais uma que, para homens ponderados, deve ser uma boa razão, embora não o seja para os demais. Apresento-a e deixo-a ao julgamento de cada um. Parece que há uma alusão ao APOCALIPSE na Epístola de PEDRO e na Epístola aos HEBREUS: logo, ele deve ter sido escrito antes delas. Tais alusões, na Epístola aos HEBREUS, suponho que sejam os discursos sobre o sumo sacerdote no Tabernáculo celeste, que era ao mesmo tempo Sacerdote e Rei, como o era MELQUISEDEQUE; e outras sobre a palavra de Deus, com a afiada espada de dois gumes, o [grego: sabatismo] repouso milenar, a terra cujo fim é ser queimada supostamente pelo lago de fogo, o julgamento e a indignação ardente que devorará os adversários, a cidade celeste que tem alicerces cujo construtor é Deus, a nuvem de testemunhos, o monte Sião, a Jerusalém celeste, a grande assembléia, os espíritos dos justos tornados perfeitos, a saber, pela ressurreição, e o abalo do céu e da terra e sua mudança, para que um novo céu, uma nova terra e um novo reino, que não pode ser abalado, possa ser estabelecido.

Na primeira Epístola de PEDRO, há estas alusões: a revelação de JESUS CRISTO, repetida duas ou três vezes;[10] o sangue de CRISTO como o do

Cordeiro que foi imolado, desde o princípio do mundo;[11] a construção espiritual no céu;[12] uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós, os que, mediante a fé, fostes guardados pelo poder de Deus para a salvação, prestes a revelar-se no tempo do fim;[13] um reino de sacerdotes;[14] o santo sacerdócio;[15] o começo do julgamento na casa de Deus;[16] a Igreja da Babilônia.[17]

Essas alusões são mais obscuras, mas a Segunda Epístola, do versículo 19 do primeiro capítulo até o fim, parece um comentário contínuo sobre o APOCALIPSE. Escrevendo às Igrejas da ÁSIA, às quais JOÃO foi guiado a enviar essa profecia, diz Pedro: Temos, também, por mais firme a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em recorrer como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d'alva em nossos corações, isto é, até que possamos entendê-la. Porque, diz ele, antes de mais nada sabei isto: nenhuma profecia da escritura resulta de uma interpretação particular, pois que a profecia jamais veio por vontade humana, mas os homens impelidos pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus. O próprio DANIEL confessa[18] que não entendia as suas profecias. Então, as igrejas não deviam esperar do profeta JOÃO a interpretação das próprias profecias, mas estudá-las. Essa é a substância do que PEDRO diz no primeiro capítulo. No segundo, passa a descrever, conforme a palavra mais firme dos profetas, como na Igreja haveria falsos profetas ou falsos mestres, chamados coletivamente no APOCALIPSE pelo nome de falsos profetas, que trarão heresias perniciosas, negando o Senhor que os resgatou, o que é a característica do Anticristo. E muitos, diz ele, seguirão as suas doutrinas dissolutas.[19] Os que habitam a terra[20] serão enganados pelo falso profeta e embriagados pelo vinho da fornicação da Prostituta, razão pela qual o caminho da verdade cairá em desgraça, pois[21] a besta está cheia de blasfêmias. Por avareza, procurarão, com discursos fingidos, fazer de vós objeto de negócios, pois serão esses tais os negociantes da terra que negociarão com a grande Prostituta, sendo as suas mercadorias[22] coisas de alto preço, com o corpo e a alma dos homens: mas seu julgamento há muito está em ação e a sua destruição não tarda, [23] mas virá seguramente e de surpresa no último dia, como um dilúvio sobre o mundo antigo e como fogo e enxofre sobre SODOMA e GOMORRA, quando o justo será libertado como LÓ,[24] porque Deus sabe libertar os piedosos da tentação e reservar os injustos sob castigo à espera do dia do Juízo, sobretudo aqueles que seguem a carne, entregando-se a paixões imundas(…) [25] e se embriagando com o vinho da fornicação da Prostituta (…) e

desprezam a autoridade do Senhor. Atrevidos e presunçosos, não hesitam em blasfemar contra as dignidades celetes,[26] pois a besta abriu a boca contra Deus para blasfemar o seu nome e o seu tabernáculo e os que estão no céu. Como animais irracionais, a besta de dez cornos e a de dois, ou o falso profeta, foram tomados e lançados no lago de fogo, por injuriarem aquilo que ignoram. Eles julgam uma delícia o prazer do dia; homens impuros e pervertidos, deleitam-se na sua volúpia, quando se banqueteiam convosco.[27] Têm os olhos cheios de adultério e insaciáveis de pecado:[28] porque ela [a grande Prostituta] embriagou as nações com o vinho do furor da sua prostituição. Deixando o caminho reto, desviaram-se e seguiram o caminho de BALAÃO, filho de BOSOR, o qual se deixou levar por uma recompensa injusta. O falso profeta ensinava BALAC a lançar uma pedra de tropeço aos filhos de ISRAEL.[29] Esses homens não são como fontes de água viva, mas como fontes sem água; não como as nuvens de SANTOS, nas quais subiram as duas testemunhas, mas como nuvens levadas por um vento tempestuoso, etc.

Assim, o autor da Epístola usa todo o segundo capítulo para descrever as qualidades das bestas apocalípticas e do falso profeta. Então, no terceiro capítulo, faz uma descrição mais completa da sua destruição, bem como do futuro reino. Diz que, como a vinda de CRISTO será postergada, eles escarnecerão, perguntando: Em que ficou a promessa da sua vinda? Fala então da súbita vinda do dia do SENHOR, que vem como um ladrão, que é a expressão do APOCALIPSE; e do milênio, ou mil anos, que são para o SENHOR como um dia; diz também que os céus se desfarão com estrondo, os elementos, devorados pela chama, se dissolverão e a terra (…) será consumida; e que esperamos novos céus e uma nova terra, onde habitará a justiça.

Vendo que PEDRO e JOÃO eram apóstolos da circuncisão, pareceme que ficaram com as suas igrejas na JUDÉIA e na SÍRIA, até que os ROMANOS levaram a guerra à sua nação, isto é, até o décimo segundo ano de NERO; que eles seguiram então o corpo principal das suas igrejas em fuga para a ÁSIA e que PEDRO foi para ROMA, via CORINTO; que o IMPÉRIO ROMANO considerava essas igrejas como inimigas, por serem judaicas na origem. Então, para evitar insurreições, prenderam os seus chefes e baniram JOÃO para PATMOS. Parece-me também provável que o APOCALIPSE tenha sido

composto aí e que a Epístola para os HEBREUS e as de PEDRO tenham sido escritas logo depois para essas igrejas, referindo-se a essa profecia como o que os preocupava especialmente. Pois parece que essas Epístolas foram escritas em tempos de aflição e tribulação sob os pagãos, ou seja, quando o império guerreou os JUDEUS, já que até então os pagãos viviam em paz com os JUDEUS CRISTÃOS e com o resto.

A Epístola aos HEBREUS, que menciona uma ligação entre esses hebreus e TIMÓTEO, deve ter sido escrita depois que eles fugiram para a ÁSIA, onde TIMÓTEO era bispo e, portanto, depois de começada a guerra, já que os HEBREUS da JUDÉIA eram estranhos a TIMÓTEO. Parece também que PEDRO chama ROMA de BABILÔNIA, tanto com relação à guerra feita contra a JUDÉIA e ao cativeiro iminente, semelhante ao cativeiro sob a antiga BABILÔNIA, quanto com relação a esse nome no APOCALIPSE. E, escrevendo aos estrangeiros dispersos pelo PONTO, GALÁCIA, CAPADÓCIA, ÁSIA e BITÍNIA, parece insinuar que eles eram os estrangeiros recentemente dispersados pelas guerras romanas, já que eram os únicos estrangeiros nessa situação que tinham interesse para ele.

Essa interpretação das coisas concorda melhor com a História, desde que devidamente retificada. JUSTINO[30] e IRINEU[31] dizem que Simão, o mago, foi a ROMA no reinado de CLÁUDIO e aí praticou as suas habilidades. O Pseudo CLEMENTE acrescenta que ele tentava levitar quando caiu e quebrou o pescoço, graças às preces de PEDRO. Por isso EUSÉBIO,[32] ou seu interpolador JEROME, registrou a vinda de PEDRO a ROMA no segundo ano de CLÁUDIO. Mas CIRILO, Bispo de JERUSALÉM,[33] FILÁSTRIO, SULPÍCIO, PRÓSPERO, MÁXIMO TAURINENSE e HEGÉSIPO situam essa vitória de PEDRO no tempo de NERO. De fato, segundo a tradição mais antiga, PEDRO teria ido para ROMA nos dias desse imperador, como se lê em LACTÂNCIO.[34] CRISÓSTOMO[35] diz que os apóstolos continuaram durante muito tempo na JUDÉIA e que então, tendo sido expulsos pelos JUDEUS, foram para junto dos GENTIOS. Essa dispersão teria acontecido no primeiro ano da guerra judaica, quando os JUDEUS, segundo relata JOSEFO, começaram a se tornar tumultuosos e violentos em toda parte. Todos concordam que os apóstolos foram dispersados para várias regiões ao mesmo tempo. ORÍGENES[36] fixou a data

dizendo que, no começo da guerra judaica, os apóstolos e os discípulos de NOSSO SENHOR foram espalhados por todas as nações: TOMÉ foi para a PÁRTIA, ANDRÉ para a CÍTIA, JOÃO para a ÁSIA e PEDRO para a ÁSIA, onde pregou a essa gente dispersa, e depois para a ITÁLIA. Diz DIONÍSIO CORÍNTIO que PEDRO veio da ÁSIA para ROMA via CORINTO, e toda a Antigüidade concorda que PEDRO e PAULO foram aí martirizados no fim do reinado de NERO. MARCOS foi com TIMÓTEO para ROMA (2Tm 4,11 e Cl 4,10). SILVANO era assistente de PAULO e, pelos companheiros de PEDRO, mencionados na primeira Epístola, ficamos sabendo que a escreveu de ROMA; e os antigos em geral concordam que nessa Epístola ele entendia Roma como BABILÔNIA. A sua segunda Epístola foi escrita aos mesmos estrangeiros dispersos (2Pd 3,1) e nela diz que Paulo também tinha escrito sobre essas coisas em todas as suas cartas (2Pd 3,15-16).

Como não há outra epístola de PAULO a esses estrangeiros além da epístola dirigida aos HEBREUS, aí encontramos (Hb 10,11-12), de um modo geral, tudo aquilo de que falava PEDRO, especialmente o desaparecimento do antigo céu e da antiga terra e o reino inabalável como herança, com uma exortação à graça porque, para os maus, Deus é um fogo abrasador (Hb 12,25-26.28-29).

Tendo assim estabelecido a época em que deve ter sido escrito o APOCALIPSE, não preciso falar muito da sua autenticidade, já que estava tão em voga nos primeiros tempos que muitos tentaram imitá-lo, forjando apocalipses sob o nome dos apóstolos. E os próprios apóstolos, como já mostrei, o estudavam e citavam as suas frases. É por isso que o estilo da Epístola aos HEBREUS é mais místico do que o de outras Epístolas de PAULO e o do Evangelho de JOÃO, mais figurado e majestático do que os outros Evangelhos.

Percebo que CRISTO nunca foi chamado de verbo de DEUS em nenhum livro do NOVO TESTAMENTO escrito antes do APOCALIPSE. Por isso, sou da opinião de que a expressão foi tomada dessa profecia, assim como muitas outras expressões desse Evangelho, que se referem a CRISTO como a luz que ilumina o mundo, o Cordeiro de DEUS que tira os pecados do mundo, o noivo, o que dá

testemunho, o que desceu do Céu, o Filho de Deus etc.

JUSTINO MÁRTIR, que se tornou cristão cerca de trinta anos depois da morte de JOÃO, escreve expressamente que um certo homem entre os CRISTÃOS, cujo nome era JOÃO, um dos doze apóstolos de CRISTO, na REVELAÇÃO que lhe foi mostrada, profetiza que aqueles que acreditam em CRISTO viverão um milênio em JERUSALÉM. E, poucas linhas antes, diz: Mas eu, como muitos que são CRISTÃOS, os quais têm um juízo certo sobre todas as coisas, tanto acredito que haverá uma ressurreição da carne quanto um milênio de vida em JERUSALÉM, reconstituída, aumentada e embelezada. Isso equivale a dizer que todos os verdadeiros CRISTÃOS daqueles primeiros tempos tinham aceitado essa profecia já que, em todas as épocas, todos quantos acreditavam nos mil anos, aceitaram o APOCALIPSE como fundamento das suas opiniões. E não conheço nenhum caso em contrário.

PAPIAS, Bispo de HIERÓPOLIS, homem do período apostólico e um dos discípulos de JOÃO, não só ensinava a doutrina dos mil anos mas[38] afirmava que o APOCALIPSE foi escrito por inspiração divina. MELITO, que brilhou pouco depois de JUSTINO,[39] escreveu um comentário sobre essa profecia e, como bispo de SARDES, uma das sete igrejas, não podia ignorar a tradição e nem enganar os outros a esse respeito. IRINEU, que foi contemporâneo de MELITO, escreveu bastante sobre o assunto e disse que o número 666 era encontrado em todas as cópias antigas e dignas de fé; e que isso lhe era também confirmado por aqueles que tinham visto JOÃO frente a frente – o seu mestre POLICARPO entre eles. Ao mesmo tempo, TEÓFILO,[40] Bispo de ANTIOQUIA, o confirma, bem como TERTULIANO, CLEMENTE de ALEXANDRIA e, pouco depois, ORÍGENES. E seu contemporâneo HIPÓLITO MÁRTIR, metropolitano dos ÁRABES,[41] escreveu um comentário a respeito.

Todos esses foram homens antigos que floresceram cerca de 120 anos depois da morte de JOÃO e tiveram muito destaque nas igrejas daqueles tempos.

Pouco depois, VITORINO PICTAVIENSE escreveu outro comentário sobre a matéria. E ele viveu no tempo de DEOCLECIANO.

Isso deve bastar para mostrar como o APOCALIPSE era aceito e estudado naqueles primeiros tempos. Na verdade, não encontro outro livro do NOVO TESTAMENTO que logo de início tenha sido tão fartamente atestado ou comentado quanto esse. Diz a profecia: Feliz o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia, se observarem o que nela está escrito. Isso animou os primeiros cristãos a estudá-lo, até que as dificuldades os fizeram esmorecer e comentar de preferência os outros livros do NOVO TESTAMENTO. Essa era a posição do APOCALIPSE, até que a incompreensão a respeito dos mil anos trouxe um preconceito contra ele. DIONÍSIO de ALEXANDRIA, verificando como ele era rico em barbarismos, ou seja em hebraísmos, promoveu tanto esse preconceito que muitos GREGOS do século IV acabaram por duvidar do livro. Entretanto, como os LATINOS e uma grande parte dos GREGOS conservaram sempre o APOCALIPSE e o resto duvidava apenas por preconceito, isso em nada fere a sua autoridade.

Essa profecia é chamada a REVELAÇÃO,[42] com referência ao Livro da Verdade, que DANIEL teve ordem de lacrar até o tempo do Fim. Assim, DANIEL a selou até o tempo do Fim e, até que chegue esse tempo, o CORDEIRO rompe os selos: e as duas testemunhas profetizam a partir dela por muito tempo, vestidas de saco, antes de subirem ao céu numa nuvem. Tudo isso parece dizer que as profecias de DANIEL e de JOÃO não seriam entendidas antes do tempo do Fim. Mas que alguns poderiam profetizar a partir delas por um longo tempo, mas num estado de aflição e tristeza e de modo obscuro, de modo a converter apenas uns poucos. Já bem no fim, a profecia seria interpretada e muitos seriam convencidos. É dito a DANIEL que, antes disso, muitos andarão errantes e a iniqüidade aumentará (Dn 12,4). Porque o evangelho deve ser pregado em todas as nações antes da grande tribulação e do fim do mundo.

A multidão que sai dessa grande tribulação, segurando palmas nas mãos, não

pode ser incontável em todas as nações, a menos que assim se torne pela pregação do evangelho. Deve haver uma pedra, cortada de uma montanha sem o auxílio de mãos, antes de cair sobre os artelhos da estátua e se tornar um grande monte que enche a terra. Um anjo deve voar pelos céus com o evangelho eterno e pregá-lo a todas as nações, antes que caia a BABILÔNIA e que o Filho do homem ceife a sua seara. Os dois profetas devem subir ao céu numa nuvem, antes que os reinos deste mundo se transformem em reinos do CRISTO.

Faz parte dessa profecia não ser entendida antes dos últimos tempos do mundo. Assim, o fato de ela não ter sido entendida aumenta o seu crédito. Mas se os últimos tempos, o tempo de abrir essas coisas, estão agora se aproximando, como parece pelo êxito dos últimos intérpretes, sentimo-nos mais encorajados do que nunca a penetrar nessas coisas.

Se a pregação geral do evangelho está se aproximando, é a nós e à nossa posteridade que as seguintes palavras pertencem: (…) todos os maus ficarão sem compreender. Os que são esclarecidos, porém, compreenderão.[43] Feliz o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia, se observarem o que nela está escrito.[44]

A insensatez dos intérpretes tem sido predizer tempos e coisas por essa profecia, como se DEUS os tivesse feito profetas. Por essa precipitação, não só se expuseram, mas atraíram o desprezo para a profecia. O desígnio de DEUS era muito diferente. Ele inspirou esta e as profecias do VELHO TESTAMENTO, não para satisfazer a curiosidade humana, permitindo-lhe um prévio conhecimento das coisas, mas para que, depois de cumpridas, fossem interpretadas por meio do acontecimento e para que a sua Providência, e não os intérpretes, fosse com isso revelada ao mundo. Pois a realização de coisas preditas com grande antecedência será um argumento convincente de que o mundo é governado pela Providência.

Porque, assim como as poucas e obscuras profecias a respeito da primeira vinda de CRISTO serviram para estabelecer a religião cristã – que desde então todas as

nações têm corrompido – assim as muitas e claras profecias a respeito das coisas que devem ser feitas para a segunda vinda de CRISTO não servem apenas para prever, mas para recuperar e restabelecer a verdade há muito tempo perdida e para instituir um reino em que habite a justiça.

O acontecimento comprovará o APOCALIPSE e essa profecia, assim comprovada e compreendida, abrirá os velhos profetas, e todos juntos darão a conhecer a verdadeira religião e a estabelecerão. Porque aquele que entende os velhos profetas deve começar com isso, mas ainda não chegou o tempo de entendê-los perfeitamente. A principal revolução nelas profetizada ainda não se passou. Nos dias em que se ouvir o sétimo anjo, quando ele tocar a trombeta, então o mistério de DEUS estará consumado, conforme ele o anunciou aos seus servos, os profetas.[45] E então: A realeza do mundo passou agora para nosso Senhor e seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos.[46]

Como já foi cumprida uma boa parte da profecia, todos os que se derem ao trabalho de estudá-la verão exemplos suficientes da providência de Deus. Mas então, as revoluções usadas como sinais, previstas por todos os santos profetas, imediatamente desviarão o olhar dos homens para considerar as predições e interpretá-las abertamente. Até lá, temos que nos contentar com a interpretação daquilo que já foi realizado.

Entre os intérpretes dos últimos tempos, poucos não fizeram alguma descoberta que valha a pena conhecer e, então, me parece que Deus está prestes a abrir esses mistérios. O êxito de outros leva-me a pensar. E se fiz algo de útil aos escritores do futuro, cumpri o meu propósito.

NOTAS

1. Dem. Evang. L. 3.

2. Vide Pamelium in Notis e Tertull. de Praescriptionibus, n. 215 e Hieron. L. I Contra Jovinianum, C. 14, Edit. Erasmi.

3. Aret. C. 18, 19.

4. Hist. Ecl. L. 8, C. 23.

5. Crisóstomo Ad Theodorum lapsum.

6. Heron. In Epist. ad Gal. L. 3, C. 6.

7. Apud Euseb. Hist. Ecl. L. 3, C. 28. Edit. Valesii.

8. Epiphan. Haeres, 28.

9. Hieron. adv. Lucif.

10. 1 Pd 1,7.13; 4,13; 5,1.

11. Ap 13,8.

12. Ap 21

13. 1 Pd 1, 4-5.

14. Ap 1,6; 5,10.

15. Ap 20,6.

16. Ap 20,4.12.

17. Ap 17.

18. Dn 8,15-16.27; 12,8-9.

19. agelseias – nos melhores manuscritos.

20. Ap 13,7.12.

21. Ap 13,1.5-6.

22. Ap 18,12-13.

23. Ap 19,20.

24. Ap 21,3-4.

25. Ap 9,21; 17,2.

26. Ap 13,6.

27. Ap 18,3.7.9.

28. moichalidos

29. Ap 2,14.

30. Ap. Ad Antonin. Pium.

31. Haeres, L. I, C. 20 . Vide etiam Tertullianum, Apol. C. 13.

32. Eusébio Chron.

33. Cyril, Catech. 6 – Philastr. de Haeves. C. 30 – Sulp. Hist. L. 2. Prosper de promiss. dimid. temp. c. 13 – Maximus, serm. 5, in Natal. – Apost. Hegisp. L. 2, c. 2.

34. Lactant. de mortib. Perfect. C. 2.

35. Hom. 70 in Mt 22.

36. Apud. Euseb. Ecl. Hist. L. 2, c. 25.

38. Aretas in Proaem, coment. In Ap.

39. Euseb. Hist. L. 4, c.26. Hieron.

40. Euseb. Hist. L. 4, c. 24.

41. Hieron.

42. Dn 10,21; 12,4.9.

43. Dn 12,10.

44. Ap 1,3

45. Ap 10,7.

46. Ap 10,15.

2

Das relações entre o Apocalipse e o livro da lei de Moisés e o culto de Deus do templo

OAPOCALIPSE de JOÃO foi escrito no mesmo estilo e na mesma linguagem das profecias de DANIEL e tem com elas a mesma relação que elas têm entre si, formando todas uma única profecia completa. Da mesma maneira, consiste em duas partes, uma profecia introdutória e a sua interpretação.

A profecia se divide em sete partes sucessivas, pela abertura dos sete selos do livro que DANIEL teve ordem de lacrar: por isso é denominada APOCALIPSE ou REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO. O tempo do sétimo selo é subdividido em oito partes sucessivas, pelo silêncio de meia hora no céu e pelo soar sucessivo de sete trombetas. E a sétima trombeta anuncia a batalha do grande dia do DEUS ONIPOTENTE, quando os reinos deste mundo se tornam o reino do SENHOR e do seu CRISTO e são destruídos os que destruíram a terra.

A interpretação começa com as palavras (Ap 11,19) o templo de Deus que está no céu se abriu, e apareceu no templo a arca da sua aliança e vai até o fim da profecia. O templo é o cenário das visões e as visões no Templo dizem respeito à festa do sétimo mês: as festas dos JUDEUS eram em geral de coisas ainda por vir. A Páscoa judaica se reporta à primeira vinda de CRISTO e as festas do sétimo mês à sua segunda vinda. Como a primeira vinda ocorreu muito tempo antes dessa profecia ter sido feita, há aqui apenas alusões às festas do sétimo mês.

No primeiro dia desse mês, pela manhã, o sumo sacerdote arrumava as lâmpadas: numa alusão a isso, essa profecia começa com a visão de alguém como o Filho do homem, vestido como sumo sacerdote, que surge como se estivesse no meio de sete candelabros de ouro, arrumando as lâmpadas, que pareciam uma haste de estrelas em sua mão direita, representando os sete anjos ou bispos das sete igrejas da ÁSIA, a quem são enviadas as epístolas – e que, nos primeiros tempos, iluminaram o Templo ou Igreja Católica. Essas epístolas contêm advertências contra a apostasia iminente, referindo-se, portanto, aos tempos em que a apostasia começava a se desenvolver com mais força, mas antes que tivesse prevalecido. Ela começou a se desenvolver nos dias dos apóstolos e continuaria a se desenvolver até que o homem do pecado fosse revelado. Começou a se desenvolver entre os discípulos de SIMÃO, MENANDRO, CARPOCRATES, CERINTO e outros homens que tinham absorvido a filosofia metafísica dos GENTIOS e dos JUDEUS cabalistas, pelo que foram chamados GNÓSTICOS. JOÃO os chama de anticristos e diz que, nos seus dias, havia muitos anticristos. Mas estes, tendo sido condenados pelos apóstolos e pelos seus discípulos imediatos, não ofereceram perigo às igrejas durante a abertura dos primeiros quatro selos.

Durante a abertura desses selos, as visões se referem exclusivamente a questões civis do IMPÉRIO ROMANO pagão. Enquanto prevaleceram, as tradições apostólicas preservaram a Igreja em sua pureza e, assim, as questões da Igreja só começaram a ser consideradas nessa profecia quando da abertura do quinto selo. Então, ela começou a declinar, precisando de advertências. Por isso, é advertida pelas epístolas, até que a apostasia prevaleceu e se realizou, o que se deu quando da abertura do sétimo selo. Portanto, nessas epístolas, as advertências se referem ao estado da Igreja no tempo do quinto e do sexto selos. Na abertura do quinto selo, a Igreja é expurgada dos hipócritas por uma grande perseguição. Na abertura do sexto, o que restava é posto fora do caminho, a saber, o IMPÉRIO ROMANO pagão. Na abertura do sétimo, revela-se o homem do pecado. As sete epístolas referem-se a esses tempos.

Os sete anjos, aos quais essas epístolas eram dirigidas, correspondem aos sete Amarc-holim, que eram sacerdotes e oficiais superiores do Templo e tinham, em conjunto, as chaves do portão do Templo e as do Tesouro, além de arcarem com

a direção, a secretaria e a superintendência de todos os negócios do Templo.

Arrumadas as lâmpadas, JOÃO viu abrir-se a porta do Templo e, pela voz que era como uma trombeta, foi chamado para a porta leste do grande átrio, para ver as visões (Ap 4,2): viu que havia um trono no céu, isto é, viu o propiciatório sobre a Arca da Aliança, que os JUDEUS respeitavam como o trono de DEUS entre os QUERUBINS (Êx 25,20; Sl 99,1). O que estava sentado no trono tinha o aspecto de uma pedra de jaspe e cornalina (Ap 4,3), isto é, cor de oliva, que é a cor do povo da JUDÉIA. E, estando o Sol a leste, havia em volta do trono um arco-íris, emblema da glória. Ao redor desse trono estavam dispostos vinte e quatro tronos (Ap 4,4), correspondendo às câmaras dos vinte e quatro Príncipes dos Sacerdotes, doze ao norte e doze ao sul do átrio dos sacerdotes. E nesses tronos assentavam-se vinte e quatro anciãos vestidos de branco e com coroas de ouro sobre a cabeça (Ap 4,4), representando os príncipes das vinte e quatro classes de sacerdotes vestidos de linho. Do trono, saíam relâmpagos, vozes e trovões (Ap 4,5), isto é, os clarões do fogo sobre o altar no sacrifício matinal e as vozes trovejantes dos que tocavam as trombetas e cantavam à porta leste do átrio dos sacerdotes. Como estes estavam entre JOÃO e o trono, as vozes pareciam vir do trono. E diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo: são os sete espíritos de DEUS (Ap 4,5) ou anjos das sete igrejas, representados no princípio da profecia por sete estrelas. À frente do trono havia um mar vítreo, semelhante ao cristal (Ap 4,6), a piscina de bronze entre o pórtico do Templo e o altar, cheia de água cristalina. No meio do trono e ao seu redor estavam quatro animais, cheios de olhos pela frente e por trás (Ap 4,6), isto é, uma besta na frente do trono e outra atrás, parecendo a JOÃO como se estivessem no meio do trono e uma a cada lado no círculo ao seu redor, representando, pela multidão de olhos, o povo nos quatro lados do átrio do povo. E o primeiro animal é semelhante a um leão; o segundo animal a um touro; o terceiro tem a face como a de homem; o quarto animal é semelhante a uma águia em vôo (Ap 4,7). No deserto, o povo de ISRAEL acampava ao redor do Tabernáculo; a leste ficavam três tribos, sob o estandarte de JUDÁ, a oeste outras três, sob o de EFRAIM; ao sul mais três, sob o de RUBEM e, por fim, ao norte, as três restantes, sob o estandarte de DAN (Nm 2). Ora, o estandarte de JUDÁ era um leão, o de EFRAIM, um touro, o de RUBEM, um homem e o de DAN uma ÁGUIA, segundo afirmam os JUDEUS. Daí foram tirados os hieróglifos de QUERUBINS e SERAFINS, representativos do povo de ISRAEL. Um QUERUBIM tinha um corpo com quatro faces: as faces de um leão, de um touro, de um homem e de uma águia, olhando para os

quatro cantos do céu, sem se voltarem, como na visão de EZEQUIEL no primeiro capítulo (Ez 1). E quatro SERAFINS tinham as mesmas quatro faces com quatro corpos: uma face para cada corpo. As quatro bestas são, pois, quatro SERAFINS nos quatro lados do átrio do povo: o primeiro, no lado leste, com a cabeça de leão; o segundo, no oeste, com a cabeça de touro; o terceiro, no lado sul, com a cabeça de homem; e o quarto, no lado norte, com a cabeça de águia.

Os quatros representam, em conjunto, as doze tribos de ISRAEL, dentre as quais 144 mil foram marcados (Ap 7,4). E os quatro animais têm cada um seis asas (Ap 4,8), duas para cada tribo, ao todo vinte e quatro asas, correspondendo às vinte e quatro posições do povo. Estão cheios de olhos ao redor e por dentro. E, dia e noite sem parar (nos sacrifícios de manhã e de noite) proclamam: Santo, Santo, Santo, SENHOR, DEUS todo-poderoso, Aquele-que-era, Aquele-que-é e Aquele-que-vem (Ap 4,8). Esses animais são, pois, os SERAFINS, que apareceram a ISAÍAS numa visão como essa do APOCALIPSE. Pois aí também o SENHOR se sentava num trono no Templo e os SERAFINS, tendo cada um seis asas, exclamavam: Santo, santo, santo é IAHWEH dos Exércitos (Is 6,3). E, a cada vez que os animais derem glória, honra e ação de graças àquele que está sentado no trono e que vive pelos séculos dos séculos, os vinte e quatro anciãos se prostrarão diante daquele que está sentado no trono, para adorar aquele que vive pelos séculos dos séculos, depondo suas coroas diante do trono e proclamando: “Digno é tu, SENHOR e DEUS nosso, de receber a glória, a honra e o poder, pois tu criaste todas as coisas; por tua vontade elas existiram e foram criadas.” (Ap 4, 9-11)

Nas cerimônias da manhã e da tarde, assim que o sacrifício era posto sobre o altar e a oferenda de bebida era derramada, soavam as trombetas e os LEVITAS cantavam três vezes – e cada vez que soavam as trombetas, o povo caía de joelhos em adoração. Três vezes, portanto, o povo adorava; para expressar esse número, os animais exclamavam: santo, santo, santo. Terminado o canto, o povo orava em pé, até terminar a solenidade. Enquanto isso, os sacerdotes entravam no Templo e prostravam-se diante daquele que se sentava no trono e o adoravam.

Vi depois, diz JOÃO (Ap 5,1), na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora selado com sete selos, isto é, o livro que DANIEL tinha tido ordem de selar e que aqui é representado pelo livro profético da Lei, posto ao lado direito da Arca, como se estivesse na mão direita daquele que estava sentado no trono: pois as festas e cerimônias da Lei, prescritos ao povo nesse livro, prenunciavam as coisas que foram preditas no livro de DANIEL; e o fato de o livro estar escrito por dentro e por fora se refere às profecias sincrônicas. E ninguém foi capaz de abrir o livro, exceto o Cordeiro de DEUS (Ap 5,3.6.8-10). Com efeito, entre o trono com os quatro animais e os anciãos, isto é, ao pé do altar, vi um Cordeiro de pé, como que imolado (o sacrifício matinal). Tinha sete chifres, que são as sete igrejas, e sete olhos, que são os sete ESPÍRITOS de DEUS, enviados por toda a terra (…) Ao receber o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, cada um com uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, cantando um canto novo: "Digno és tu de receber o livro e de abrir seus selos; pois foste imolado e, por teu sangue, resgataste para DEUS homens de toda tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste, para nosso DEUS, um reino de sacerdotes, e eles reinarão sobre a terra."

Então os animais e os anciãos representavam os primitivos CRISTÃOS de todas as nações. A adoração desses CRISTÃOS em suas igrejas é aqui representada pela adoração a DEUS e ao CORDEIRO no TEMPLO: DEUS pela sua benevolência ao criar todas as coisas e o CORDEIRO pela benevolência de nos redimir com o seu sangue. DEUS, sentado no trono e vivendo eternamente, o CORDEIRO, exaltado acima de tudo pelos méritos da sua morte.

Diz JOÃO (Ap 5,11-14): Em minha visão ouvi ainda o clamor de uma multidão de anjos que circundavam o trono, os animais e os anciãos – seu número era de milhões de milhões e milhares de milhares – proclamando, em alta voz: "Digno é o Cordeiro imolado de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória, e o louvor." E ouvi toda criatura no céu, na terra, sob a terra, no mar, e todos os seres que neles vivem, proclamarem: "Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro pertencem o louvor, a honra, e glória e o domínio pelos séculos dos séculos!" Os quatro animais diziam: "Amém!"; e os anciãos se prostraram e adoraram.

Era esse o culto dos primitivos CRISTÃOS.

Sete dias antes do jejum do sétimo mês, costumava o sumo sacerdote ficar continuamente no Templo, estudando o livro da Lei, para que nele estivesse perfeito no dia da expiação. Nesse dia, o serviço, variado e complexo, tinha que ser executado por ele, sendo que parte desse serviço era a leitura da Lei para o povo. Para promover o seu estudo, o Sinédrio nomeava alguns sacerdotes, que ficavam com ele, durante esses sete dias, numa das suas câmaras do Templo. Aí discutiam a Lei, liam-na para ele e o motivavam a estudá-la.

Essa abertura e leitura da Lei nesses sete dias é referida na abertura dos selos pelo Cordeiro.

É de se supor que aqueles sete dias começavam na tarde anterior de cada dia, já que os JUDEUS começavam o seu dia à tarde, e que a solenidade do jejum começava na manhã do sétimo dia.

Então o sétimo selo era aberto no dia da expiação e (Ap 8,2) houve no céu um silêncio durante cerca de meia hora. Um outro anjo (o sumo sacerdote) foi postar-se junto ao altar, com um turíbulo de ouro. Deram-lhe uma grande quantidade de incenso para que oferecesse em favor das orações de todos os santos, sobre o altar de outro que está diante do trono (Ap 8,3). Nos outros dias, costumava um dos sacerdotes tirar fogo do grande altar num turíbulo de prata; mas naquele dia era o sumo sacerdote que pegava o fogo do altar-mor, num turíbulo de ouro. Ao descer do altar-mor, um dos sacerdotes lhe entregava o incenso, que ele levava ao altar de ouro. Enquanto oferecia o incenso, o povo orava em silêncio, o que corresponde ao silêncio no céu, quase por meia hora. Depois de incensar o altar, o sumo sacerdote levava o turíbulo fumegante ao lugar muito santo, diante da arca. E, da mão do anjo, a fumaça do incenso pelas orações dos santos subiu diante de DEUS (Ap 8,4).

Nos outros dias, havia uma certa medida de incenso para o altar de ouro, mas naquele havia uma quantidade maior, tanto para o altar quanto para o lugar muito santo. E por isso se diz uma grande quantidade de incenso. (Ap 8,5) O anjo tomou depois o turíbulo, encheu-o com o fogo do altar e o atirou à terra. Ou seja: pelas mãos dos sacerdotes que pertencem ao seu corpo místico, ele o atira à terra fora do Templo para queimar o bode que coube ao SENHOR. E, neste e em outros sacrifícios concomitantes, até que se terminasse o sacrifício da tarde, houve (Ap 8,5) trovões, clamores, relâmpagos e um terremoto, isto é, a voz do sumo sacerdote, lendo a Lei ao povo, outras vozes e o troar das trombetas e da música do Templo, durante o sacrifício – e os clarões do fogo do altar.

Terminada a solenidade do dia da expiação, os sete anjos soam as suas trombetas durante os grandes sacrifícios dos sete dias da festa dos Tabernáculos. Nos mesmos sacrifícios, os sete trovões fazem soar as suas vozes, que são a música do Templo e o canto dos levitas, entremeados pelo som das trombetas – e os sete anjos derramam as taças do furor de Deus, que são as oferendas de bebida nesses sacrifícios.

Quando seis dos selos estavam abertos, diz JOÃO (Ap 7,1-3): Depois disso (isto é, depois das visões do sexto selo) vi quatro Anjos, postados nos quatro cantos da terra, segurando os quatro ventos da terra, para que o vento não soprasse sobre a terra, sobre o mar ou por alguma árvore. Vi também outro anjo que subia do Oriente com o selo do DEUS vivo. Este clamou em alta voz aos quatro anjos que haviam sido encarregados de fazer mal à terra e ao mar: “Não danifiqueis a terra, o mar e as árvores, até que tenhamos marcado a fronte dos servos do nosso DEUS.”

Esse sinal é uma alusão a uma tradição judaica: no dia da expiação, todos os judeus terão seus nomes marcados nos livros da vida ou da morte. No TALMUDE (Buxtorf in De Synagoga Judaica, C. 18 e 21), dizem os JUDEUS que, no começo de cada novo ano, no sétimo mês do ano sagrado, três livros são abertos em julgamento: o livro da vida, onde estão escritos os nomes dos que são

perfeitamente justos; o livro da morte, onde estão escritos os nomes dos que são ateus ou muito perversos; e um terceiro livro, com os nomes daqueles cujo julgamento ficou suspenso até o dia da expiação e que só então terão os seus nomes escritos no livro da vida ou no da morte.

Os primeiros dez dias desse mês são chamados dias de penitência. Em todos, eles jejuam, oram e são muito devotos, a fim de que no décimo dia seus pecados sejam perdoados e seus nomes sejam escritos no livro da vida. É por isso que esse dia é denominado dia da expiação. No décimo dia, voltando da sinagoga para casa, eles dizem uns aos outros: Deus vos marque para um bom ano novo, entendendo que os livros estão agora selados e que a sentença de DEUS fica imutável até o fim do ano. A mesma coisa é expressa pelos dois bodes. Todos os anos, no dia da expiação, o sumo sacerdote põe uma inscrição na cabeça de cada um: uma diz PARA DEUS e a outra, PARA AZAZEL. O que cabe a DEUS representa as pessoas marcadas na testa com o nome de DEUS; o que toca a AZAZEL é enviado para o deserto, representando aqueles que recebem o sinal e o nome da besta e vão para o deserto com a grande prostituta.

Como os servos de DEUS eram marcados no dia da expiação, podemos supor que esse sinal coincide com as visões que aparecem quando é aberto o sétimo selo e que, depois de ter aberto seis dos selos e visto as visões relativas ao interior do sexto, o Cordeiro olhou então o verso da sétima folha e viu os quatro anjos segurando os quatro ventos da terra e outro anjo que subia do Oriente com o selo do DEUS vivo. Podemos supor também que os anjos que seguravam os quatro ventos são os primeiros quatro dos sete anjos que, depois de abrir o sétimo selo, foram vistos de pé diante de DEUS; e que, ao segurarem os ventos, houve no céu um silêncio durante cerca de meia hora (Ap 8,1); e que, enquanto eram marcados os servos de DEUS, o anjo com o turíbulo de ouro oferecia as suas preces com incenso no altar de ouro e lia a Lei; e que, assim que foram marcados, os ventos açoitaram a terra ao soar da primeira trombeta, e o mar ao soar da segunda. Esses ventos significam as guerras, marcadas pelo toque das quatro primeiras trombetas. Porque, assim como os quatro primeiros selos se distinguem dos três últimos pelo aparecimento de quatro cavaleiros na direção dos quatro ventos do céu, as guerras das quatro primeiras trombetas se distinguem das três últimas porque umas são representadas pelos quatro ventos e

as outras pelas três grandes aflições.

Numa das visões de EZEQUIEL, quando se aproximava o cativeiro da BABILÔNIA, apareceram seis homens que (…) vinham do caminho do pórtico superior, o qual dá para o norte, cada um com a sua arma de destruição na mão. Entre eles estava um homem vestido de linho, o qual trazia um estojo de escriba na cintura (…) e Iahweh lhe disse: “Percorre a cidade, a saber, JERUSALÉM, e assinala com uma cruz a testa dos homens que estão gemendo e chorando por causa de todas as abominações que se fazem no meio dela.” (Ez 9, 1-2.4)

Então os seis homens, como os anjos das seis primeiras trombetas, recebem ordem de matar todos aqueles que não estiverem marcados. Supomos então que os 144 mil estão marcados para serem preservados contra as pragas das seis primeiras trombetas e que, pela pregação do evangelho eterno, eles se tornarão uma grande multidão, que ninguém poderá contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. E que, ao soar a sétima trombeta, sairão da grande tribulação com palmas nas mãos: pela guerra anunciada por essa trombeta, os reinos deste mundo se tornarão o reino de DEUS e do seu CRISTO. Pois a solenidade do grande Hosana era realizada pelos JUDEUS no sétimo e último dia da festa dos Tabernáculos. Naquele dia, os JUDEUS levavam palmas nas mãos, cantando Hosana. (Ap 7,9; Jo 12,13)

Depois que os seis anjos, correspondentes aos seis homens com instrumentos de morte, tinham tocado suas trombetas, apareceu o Cordeiro, sob a forma de um outro anjo, forte, descendo do céu: trajava-se com uma nuvem e sobre sua cabeça estava o arco-íris; seu rosto era como o sol, as pernas pareciam colunas de fogo (Ap 10,1), como o CRISTO apareceu no começo da profecia; e na mão segurava um livrinho aberto (Ap 10,2), aquele que tinha aberto recentemente, pois que recebera apenas um livro daquele que estava sentado no trono e só ele era digno de abrir e olhar o livro. Colocou o pé direito sobre o mar, o esquerdo sobre a terra: e emitiu um forte grito, como um leão quando ruge (Ap 10,3-4). Costumava o sumo sacerdote, no dia da expiação, ficar de pé num lugar elevado, no átrio do povo, na porta oriental do átrio dos sacerdotes e ler a Lei ao povo,

enquanto a novilha e o bode que cabiam ao SENHOR, eram queimados fora do Templo. Podemos, pois, supor que ele ficasse em pé de tal maneira que o seu pé direito parecesse a JOÃO estar sobre o mar de cristal e o esquerdo sobre o piso da casa; e que clamasse em voz alta, lendo a Lei no dia da expiação. Ao gritar, os sete trovões ribombam a sua voz (Ap 10,3). O trovão é a voz de uma nuvem e uma nuvem significa uma multidão que, aqui, pode ser de levitas cantando com vozes trovejantes e tocando instrumentos durante os grandes sacrifícios, no sétimo dia da festa dos Tabernáculos, ocasião em que também soam as trombetas. Pois as trombetas soavam e os levitas cantavam alternadamente, três vezes em cada sacrifício.

Assim, a profecia dos sete trovões nada mais é do que a repetição da profecia das sete trombetas, sob uma outra forma. (Ap 10,5-6-7) Nisto, o anjo que eu vira de pé sobre o mar e a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos (…) “Já não haverá mais tempo! Pelo contrário, nos dias em que se ouvir o sétimo anjo, quando ele tocar a trombeta, então o mistério de DEUS estará consumado, conforme ele anunciou aos seus servos, os profetas.” Portanto, as vozes dos trovões durarão até o fim deste mundo, o mesmo se dando com o som das trombetas.

A (Ap 10,8.10-11) voz do céu que eu tinha ouvido tornou então a falar-me: “Vai, toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e a terra.” Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei: na boca era doce como mel; quando o engoli, porém, meu estômago se tornou amargo. Disseram-me então: “É necessário que continues ainda a profetizar contra muitos povos, nações, línguas e reis.”

Isso é uma introdução a uma nova profecia, e uma repetição da profecia do livro inteiro. Faz alusão a EZEQUIEL, que comeu um rolo ou um livro, aberto à sua frente, escrito por dentro e por fora, cheio de lamentações, choro e desolação, mas doce na sua boca. Ora, comer e beber significa aquisição e posse: comer o livro é ficar inspirado pela profecia nele contida. Implica ficar inspirado de maneira vigorosa e extraordinária pela profecia do livro inteiro e, portanto,

significa uma vívida repetição da profecia inteira por meio da interpretação; e não começa enquanto a primeira delas, isto é, a dos selos e das trombetas, não estiver concluída. Como o livro era doce na boca de JOÃO, ele não começa com a amarga profecia do cativeiro da BABILÔNIA ou dos GENTIOS no átrio externo do Templo, calcando a seus pés a cidade santa. E nem com a profecia das duas testemunhas vestidas de saco, flagelando a terra com todas as pragas e sendo mortas pela besta. Mas assim que termina a profecia das trombetas, começa a doce profecia da gloriosa mulher no céu e da vitória de MIGUEL sobre o DRAGÃO. Depois disso, vem o amargo no estômago de JOÃO, com a longa descrição dos tempos da apostasia.

E o anjo ficou em pé sobre o mar e a terra e foi-me dito: (Ap 11,1) Levanta-te e mede o templo de DEUS, o altar e os que nele adoram, ou seja, seus átrios com os edifícios que há neles: o átrio quadrado do Templo, chamado lugar separado, o átrio quadrado do altar, chamado átrio dos sacerdotes, e o átrio daqueles que adoram no Templo, chamado átrio novo. (Ap 11,2) Quanto ao átrio externo do Templo, deixa-o de lado e não o meças, pois ele foi entregue às nações que durante quarenta e dois meses calcarão aos pés a cidade santa.

Essa medição faz referência à medição do Templo de SALOMÃO por EZEQUIEL: lá, o Templo inteiro foi medido, inclusive o átrio exterior, indicando que deveria ser reconstruído posteriormente. Aqui, só os átrios do Templo e do altar – e aqueles que aí adoram – são medidos, indicando a construção de um segundo Templo para os que forem marcados de entre as doze tribos de ISRAEL e que adoram no átrio interno da sinceridade e da verdade. Mas JOÃO recebe ordens para deixar o átrio externo, isto é, a forma externa da religião e o governo da Igreja, porque este é dado aos GENTIOS BABILÔNICOS. Pois a gloriosa mulher no céu, cujos descendentes restantes guardaram os mandamentos de DEUS e o testemunho de JESUS, continuou externamente a mesma mulher depois de fugir para o deserto, mas perdeu a sua primitiva sinceridade e a sua piedade, tornando-se a grande prostituta. Perdeu a castidade mas guardou as formas e atitudes exteriores. E enquanto os GENTIOS calcam aos pés a cidade santa e adoram no átrio externo, as duas testemunhas, representadas talvez pelos dois pés do anjo, apoiados no mar e na terra, profetizam contra eles e, como ELIAS e MOISÉS (Ap 11,6) têm poder de fechar

o céu para que não caia nenhuma chuva durante os dias da sua missão profética. Têm, ainda, o poder de transformar as águas em sangue, e de ferir a terra com todo tipo de flagelos, todas as vezes que o quiserem, isto é, com as pragas das trombetas e das taças do furor de Deus. Por fim, são mortas, levantam-se de entre os mortos e sobem aos céus numa nuvem. Então a sétima trombeta anuncia o dia do juízo.

Terminada a profecia, JOÃO é novamente inspirado pelo livro que comeu e começa a interpretá-lo com estas palavras (Ap 11,19): O templo de DEUS que está no céu se abriu, e apareceu a arca da sua aliança. Pela arca devemos entender o primeiro Templo, pois o segundo não tinha arca. E continua o versículo: Houve relâmpagos, vozes, terremotos e uma grande tempestade de granizo. Isso corresponde às guerras no IMPÉRIO ROMANO, durante o reinado dos quatro cavaleiros que apareceram quando da abertura dos quatro primeiros selos. Então, um sinal grandioso apareceu no céu: uma mulher vestida com o Sol (Ap 12,1).

Na profecia, as questões da Igreja começam a ser consideradas com a abertura do quinto selo. E na interpretação também, com a visão da Igreja sob a forma de uma mulher no céu: lá, ela é perseguida e, aqui, clama com as dores do parto. A interpretação continua, primeiro até a marcação dos servos de DEUS e a marcação do resto com o sinal da besta, e depois até o dia do juízo, representado pela ceifa e pela vindima. Então, volta ao tempo da abertura do sétimo selo e interpreta a profecia das sete trombetas por meio das sete taças espalhadas. Os anjos que as espalham saem do Templo do Tabernáculo, isto é, do segundo Templo, uma vez que o Tabernáculo não tinha átrio externo. Então, ela volta ao momento da medição do Templo e do altar, dos GENTIOS adorando no átrio externo e da besta matando as duas testemunhas nas ruas da grande cidade. E interpreta essas coisas pela visão de uma mulher sobre uma besta, embriagada com o sangue dos santos. E continua a interpretação até a queda da grande cidade e o dia de juízo.

A profecia completa do livro, representada pelo livro da Lei é, pois, repetida e

interpretada nas visões que se seguem ao toque da sétima trombeta e começa com a do Templo de DEUS, aberto no céu. Só as coisas expressas pelos trovões não foram escritas e, portanto, não foram interpretadas.

3

Da relação entre as profecias de João e de Daniel. O assunto da profecia.

Ocenário da sagrada profecia é composto de três partes principais: as regiões além do EUFRATES, representadas pelas duas primeiras bestas de DANIEL; o IMPÉRIO GREGO, aquém do EUFRATES, representado pelo leopardo e pelo bode; e o IMPÉRIO LATINO, aquém da GRÉCIA, representado pela besta com dez chifres. É a essas três partes que se referem as palavras: a terça parte da terra, o mar, os rios, as árvores, os navios, o sol e a lua. Situo o corpo da quarta besta deste lado da GRÉCIA porque as três primeiras bestas tiveram a vida prolongada depois que lhes foi tirado o poder: portanto, não pertencem ao corpo da quarta. Esta apenas as calcou aos pés.

Para os JUDEUS, a Terra era o grande continente da ÁSIA e da ÁFRICA, a que tinham acesso por terra. E as Ilhas do Mar eram os lugares a que chegavam por mar, especialmente a EUROPA. Assim, nessa profecia, a terra e o mar representam as nações do IMPÉRIO GREGO e do ROMANO.

A terceira e a quarta besta de DANIEL equivalem ao dragão e à besta de dez Chifres de JOÃO, mas com uma diferença: para JOÃO, o dragão representa o IMPÉRIO ROMANO ainda inteiro, como era no momento em que foi feita a Profecia – a besta não é considerada até que o IMPÉRIO seja dividido. E então, o dragão passa a representar o IMPÉRIO DOS GREGOS e a besta o IMPÉRIO DOS LATINOS.

É por isso que o dragão e a besta têm cabeças e chifres em comum. Mas o dragão só tem diademas sobre as cabeças, enquanto a besta só os tem sobre os chifres. É que a besta e seus chifres só reinarão quando se separarem do dragão: e quando o dragão passar o trono para a besta, os dez chifres receberão autoridade como Reis (…) juntamente com a besta. As cabeças são sete reis sucessivos, quatro dos quais eram os quatro cavaleiros que apareceram quando da abertura dos quatro primeiros selos. No final do tempo da sexta cabeça, ou sexto selo, considerado como presente nas visões, é dito que, dos sete reis (Ap 17,10-11), cinco já caíram, um existe e o outro ainda não veio (…) A besta que existia e não existe mais será mortalmente ferida a espada e é ela própria o oitavo e também um dos sete(…): é portanto uma parte colateral do sétimo. Os chifres são os mesmos que os da quarta besta de DANIEL, já descritos.

Os quatro cavaleiros que aparecem enquanto são abertos os quatro primeiros selos foram bem explicados por MEDE. Entretanto, prefiro fazer o terceiro continuar até o reinado dos três GORDIANOS e de FILIPE, o ÁRABE, que eram reis do SUL, e começar o quarto com o reinado de DÉCIO, continuando-o até o de DEOCLECIANO. (Ap 6,8) Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu montador chamava-se “a Morte” e o Hades o acompanhava. Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra, para que exterminasse pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra, ou exércitos de invasores e rebeldes. E tais eram os tempos durante todo esse intervalo.

Até aqui o IMPÉRIO ROMANO continuava numa forma monárquica indivisa, salvo pelas rebeliões. E, como tal, é representado pelos quatro cavaleiros. Mas DEOCLECIANO o dividiu com MAXIMIANO em 285 a.D. Essa divisão continuou até a vitória de CONSTANTINO, o Grande, sobre LICÍNIO, em 323 a.D., quando foi posto um fim às perseguições pagãs, desencadeadas por DEOCLECIANO e MAXIMIANO e descritas na abertura do quinto selo.

Mas tal divisão do IMPÉRIO era imperfeita, já que o império inteiro ainda se achava sob um e o mesmo SENADO. A vitória de CONSTANTINO sobre LICÍNIO, um perseguidor pagão, iniciou a derrubada do IMPÉRIO PAGÃO,

descrita na abertura do sexto selo. E as visões desse selo continuam até depois do reinado de JULIANO, o Apóstata, que era um IMPERADOR PAGÃO e reinava sobre todo o IMPÉRIO ROMANO.

As questões da Igreja começam a ser consideradas quando é aberto o quinto selo, como já foi dito. Aí, ela é representada por uma mulher (Ap 12,1) vestida com o sol da retidão e, conforme as cerimônias judaicas, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas, símbolo dos doze apóstolos e das doze tribos de ISRAEL. Quando (Ap 12,6-7) a mulher fugiu para o deserto, deixou no Templo o resto dos seus descendentes, os que observam os mandamentos de DEUS e mantêm o testemunho de JESUS.

Assim, antes de fugir, ela representava a primitiva e verdadeira IGREJA DE DEUS, mas depois degenerou como OOLA e OOLIBA (Ez 23,4). Na perseguição de DEOCLECIANO, ela (Ap 12,2) estava grávida e gritava, atormentada pelas dores do parto. No fim da perseguição, com a vitória de CONSTANTINO sobre MAXÊNCIO, em 312 a.D., (Ap 12,5) ela deu à luz um filho, um varão, que irá reger todas as nações com um cetro de ferro, um IMPÉRIO CRISTÃO. Seu filho, porém, foi arrebatado para junto de Deus e de seu trono, com a vitória de CONSTANTINO sobre LICÍNIO em 323 a.D. Com a divisão do IMPÉRIO ROMANO em Império GREGO e Império LATINO, a mulher fugiu para o deserto (Ap 12,6), o espiritualmente estéril IMPÉRIO LATINO. É no deserto que a encontramos, sentada sobre a besta e sobre os sete montes: é então chamada a grande cidade que reina sobre os reis da terra, isto é, sobre os dez reis que dão seus reinos àquela besta.

Mas, antes da sua fuga, houve uma batalha no céu (Ap 12,7-17): MIGUEL e seus Anjos guerrearam contra o DRAGÃO, isto é, o CRISTIANISMO guerreou contra as religiões pagãs. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, o chamado diabo ou SATANÁS, sedutor de toda a terra habitada – foi expulso para a terra, e seus anjos foram expulsos com ele. E JOÃO ouviu uma voz forte no céu, proclamando: “Agora atuou a salvação, o poder e a realeza do nosso DEUS, e a autoridade do seu CRISTO; porque foi expulso (do céu) o acusador dos

nossos irmãos (…) Eles, porém, o venceram pelo (mérito do) sangue do Cordeiro e pela palavra que testemunharam, pois desprezaram a própria vida até a morte (por CRISTO). Por isso, a1egrai-vos, ó céu, e vós os que o habitais. Ai da terra e do mar, isto é, o povo do IMPÉRIO GREGO e do LATINO, porque o Diabo desceu para junto de vós cheio de grande furor, sabendo que lhe resta pouco tempo."

Ao ver que fora expulso para a terra, isto é, do trono ROMANO, para onde fora arrebatado o menino, o dragão pôs-se a perseguir a mulher que dera à luz o filho varão. Com a divisão do IMPÉRIO ROMANO entre as cidades de ROMA e CONSTANTINOPLA, em 330 a.D., foram dadas à mulher duas asas da grande águia, símbolo do IMPÉRIO ROMANO, para voar do primeiro Templo ao deserto da ARÁBIA, para o seu lugar na misticamente chamada BABILÔNIA. Com a divisão desse IMPÉRIO entre os filhos de CONSTANTINO o Grande, em 337 a.D., a serpente vomitou água (das perseguições) como um rio, o IMPÉRIO DO OCIDENTE, atrás da mulher, a fim de submergi-la. A mulher, porém, foi socorrida pela terra, o IMPÉRIO GREGO, que abriu a sua boca e engoliu o rio que o DRAGÃO vomitara com a vitória de CONSTANTINO sobre MAXÊNCIO em 353 a.D.

Assim a besta foi mortalmente ferida à espada. O DRAGÃO ficou enfurecido por causa da mulher no reinado de JULIANO, o Apóstata, em 861, a.D. Então, com a nova divisão do IMPÉRIO entre VALENTINIANO e VALENTE, em 364 a.D., o dragão deixou a mulher, entrou no IMPÉRIO DO ORIENTE e foi então guerrear contra o resto dos seus descendentes, que ela tinha deixado para trás quando fugiu. Assim reviveu a besta.

Em 379 a.D., com o IMPÉRIO dividido entre GRACIANO e TEODÓSIO, (Ap 13,1.11), subiu do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e outra besta saiu da terra: tinha dois chifres como um Cordeiro (…) Com a última divisão em 395 a.D., entre os filhos de TEODÓSIO, (Ap 13,2) o dragão lhe entregou seu poder, seu trono e uma grande autoridade. E os dez chifres receberam poder como se fossem reis, juntamente com a besta (Ap 17,12).

Por fim, a mulher chega ao lugar do seu predomínio, assim temporal como espiritual, montada na besta. Aí (Ap 12,14), longe da serpente, é alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo. Ela é alimentada pelos mercadores da terra durante três tempos e meio ou três anos e meio. Isto é, durante 42 meses ou 1.260 dias. Nessa profecia, os dias representam anos.

Durante todo esse tempo, a besta agia e a mulher estava sentada sobre ela, isto é, reinava sobre ela e sobre os dez reis que entregam o seu poder e a sua autoridade, em outras palavras, seus reinos, à besta. E a mulher estava embriagada com o sangue dos santos (Ap 13,1; 17,6).

Por todas essas coisas, ela corresponde ao undécimo chifre da quarta besta de DANIEL, que (Dn 7,20) tinha olhos e uma boca que proferia palavras arrogantes, e cujo olhar era mais majestoso que o dos outros chifres… Era de uma espécie diferente dos demais e tinha olhos e boca, como a mulher. (Ap 13,7) Deram-lhe permissão para guerrear contra os santos e vencê-los e ele (Dn 7,25) (…) porá à prova os santos do Altíssimo; ele tentará mudar os tempos e a Lei, e os santos serão entregues em suas mãos por um (ano ou) tempo, dois (anos ou) tempos e metade de um (ano ou) tempo. Essas características da mulher e do pequeno chifre da besta concordam perfeitamente. Quanto ao domínio temporal, ela foi um chifre da besta; quanto ao domínio espiritual, montou sobre ela em forma de mulher, era a sua Igreja e cometeu abominações com os dez reis.

A segunda besta (Ap 13,11) que saiu da terra era a Igreja do IMPÉRIO GREGO, que tinha dois chifres como um cordeiro, sendo assim a sua Igreja, mas falava como um dragão, isto é, era de sua religião. E como ela saiu da terra, pertencia ao reino por esta representado. Também era chamada o falso profeta, que operava as maravilhas que lhe foi concedido realizar a serviço da besta (Ap 13,14), com que enganava àqueles que recebiam o seu sinal e adoravam a sua imagem. Quando o dragão deixou a mulher para (Ap 12,17) guerrear contra o resto dos seus descendentes, os que observam os mandamentos de Deus, essa besta que saiu da terra auxiliou nessa guerra e (Ap 13,14) seduziu os habitantes

da terra, incitando-os a fazer uma imagem em honra da besta que tinha sido ferida pela espada mas voltou à vida. Ora, fazer uma imagem em honra da besta significa reunir um corpo de homens como ela no que diz respeito à religião.

Tinha ela também o poder de (Ap 13,15) infundir espírito à imagem da besta, de modo que a imagem pudesse falar e fazer com que morressem (misticamente) todos os que não adorassem a imagem da besta. (Ap 13,16-17) Faz também com que todos (…) recebam uma marca na mão direita ou na fronte; para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca, ou o nome da besta ou o número do seu nome. Os restantes seriam excomungados pela besta de dois cornos.

Essa marca são as três cruzes †††; o seu nome [grego: LATEINOS]; e o número do seu nome, 666.

Assim, depois de mortalmente ferida com uma espada e revivida, a besta foi divinizada, como os pagãos costumavam divinizar os seus reis depois de mortos, e uma imagem lhe foi erigida. Seus adoradores foram iniciados nessa nova religião, recebendo os sinais ou o nome desse novo Deus, ou o número do seu nome. Pela morte de todos os que não adoravam esse novo Deus ou a sua imagem, foi destruído o primeiro Templo, iluminado pelas lâmpadas das sete igrejas. Um novo Templo foi construído para aqueles que não o adoram. E o átrio externo desse novo Templo, ou a forma exterior de uma igreja, é dada aos GENTIOS, que adoram a besta e a sua imagem.

Quanto aos que não o adoram, estes são marcados na fronte com o nome de DEUS e levados para o átrio interno do novo Templo. São eles os 144 mil marcados de entre as doze tribos de ISRAEL e denominados as duas Testemunhas, procedendo das duas asas da mulher, quando esta fugiu para o deserto, e representados por dois dos sete candelabros. Estes aparecem a JOÃO no átrio interno do segundo Templo, de pé no Monte SIÃO com o Cordeiro, e como que sobre o mar vítreo. Estes são os Santos do Altíssimo, os exércitos dos

céus e o povo dos santos, de que fala DANIEL, expulsos, calcados aos pés e destruídos posteriormente pelo pequeno chifre da quarta besta e pelo bode.

Quando os GENTIOS calcam aos pés a cidade santa, DEUS permite que as suas duas testemunhas profetizem, vestidas de saco, durante mil duzentos e sessenta dias (Ap 11,3). Elas são chamadas as duas oliveiras, numa alusão às duas oliveiras da visão de ZACARIAS (Zc 4), que ficavam uma de cada lado do lampadário de ouro para fornecer óleo às lâmpadas. E ainda, de acordo com o apóstolo PAULO, as duas oliveiras representam igrejas (Rm 11). E fornecem óleo às lâmpadas, mantendo professores. São também chamadas os dois candelabros, o que na profecia significa igrejas: as sete igrejas da ÁSIA são representadas pelos sete candelabros.

Cinco dessas igrejas foram consideradas imperfeitas e ameaçadas, caso não se arrependessem. As outras duas não tinham falhas e, assim, os seus candelabros serviam para serem colocados no segundo Templo. Eram elas as igrejas de ESMIRNA e de FILADÉLFIA. Estavam sofrendo tribulações e perseguições, sendo das sete as únicas em tal situação. Assim, só os seus candelabros serviam para representar as igrejas em aflição nos tempos do segundo Templo e, das sete, as únicas que se mantinham em ordem.

As duas testemunhas não são igrejas novas: são a posteridade da Igreja primitiva, a posteridade das duas asas da mulher e, assim, são adequadamente representadas pelos dois primitivos candelabros.

Podemos então supor que, quando o primeiro Templo foi destruído e foi construído um novo para os que adoram no átrio interior, dois dos sete candelabros foram postos nesse novo Templo.

As questões da Igreja não são consideradas durante a abertura dos quatro

primeiros selos. Só começam a ser consideradas quando é aberto o quinto selo, como já ficou dito. Quando é aberto o sexto selo, são revistas. E o sétimo contém os tempos da grande apostasia. Por isso, refiro as epístolas às sete igrejas no tempo do quinto e do sexto selos, pois os mesmos se referem à Igreja quando esta começou a declinar e contêm admoestações contra a grande apostasia que se aproximava.

Quando, na sua História Eclesiástica, EUSÉBIO chega ao reinado de DEOCLECIANO, assim descreve o estado da Igreja: Qualem quantamque gloriam simul ac libertatem doctrina verae erga supremum Deum pietatis à Christo primum hominibus annunciata, apud omnes GRAECOS pariter & barbaros ante persecutionem nostrâ memóriâ excitatam, consecuta sit, nos certè pro merito explicare non possumus. Argumento esse possit Imperatorum benignitas erga nostros: quibus regendas etiam provincias committebant, omni sacrificandi metu eos liberantes ob singularem, qua in religionem nostram aftecti erant, benevolentiam.[1]

E, pouco adiante: Jam vero quis innumnerabilem hominum quotidiè ad fidem Christi confugientium turbam, quis numerum ecclesiarum in singulis urbibus, quis illustres populorum concursus in aedibus sacris, cumulatè possit describere? Quo factum est, ut priscis aedificiis jam non contenti, in singulis urbibus spatiosas ab ipsis fundamentis exstruerent eccelesias. Atque haec progressu temporis increscentia. & quotidiè in majus & melius proficiscentia, nec livor ullus atterere, nec malignitas daemonis fascinare nec hominum insidiae prohibere unquam potuerunt, quamdiu omnipotentis Dei dextra populum suum, utpote tali dignum praesidio, texit atque custodiit. Sed cum ex nimia libertate in negligentiam ac desidiam prolapsi essemus; cum alter alteri invidere atque obtrectare caepisset; cum inter nos quasi nulla intestina gereremus, verbis, tanquam armis quibusdam hastisque nos mutuò vulnerantes; com Antistites adversus Antistites, populi in populos collisi, jurgia ac tumultus agitarent; denique cum fraus & simulatio ad summum malitiae culmen adolevisset: tum divina ultio, levi brachio ut solet, integro adhuc ecclesiae statu, & fidelium turbis liberè convenientibus, sensim ac moderatè in nos caepit animadvertere: orsà primùm persecutione ab iis qui militabant. Cum verò sensu omni destituti ne placando Dei numine ne cogitaremus quidem; quin potius instar impiorum

quorundam res humanas nullâ providentiâ gubernari rati, alia quotidiè crimina aliis adjiceremus: cum Pastores nostri spretâ religionis regulâ, mutuis inter se contentionibus decertarent, nihil aliud quam jurgia, minas, aemulationem, odia, ac mutuas inimicitias amplificare studentes; principatum quasi tyrannidem quandam contentissimè sibi vindicantes: tunc demùm juxta dictum Hieremiae, obscuravit Dominus in ira sua filiam Sion, & dejecit de caelo gloriam Israel, – per Ecclesiarum scilicet subversionem, &c.[2]

Esse era o estado da Igreja logo antes da subversão das igrejas, no princípio da perseguição de DEOCLECIANO. E esse estado da Igreja está de acordo com a primeira das sete epístolas ao anjo das sete igrejas: a epístola à igreja de ÉFESO. CRISTO diz ao anjo dessa igreja (Ap 2,4-6): Devo reprovar-te, contudo, por teres abandonado teu primeiro amor. Recorda-te, pois, (do estado) de onde caíste, converte-te e retoma a conduta de outrora. Do contrário, virei a ti e, caso não te convertas, removerei teu candelabro de sua posição. Tens de bom, contudo, o detestares a conduta dos NICOLAÍTAS, que eu também detesto.

Os NICOLAÍTAS são os continentes, já descritos, que tomaram como religião a abstinência do casamento, abandonando as esposas, quando as tinham. São aqui chamados NICOLAÍTAS do nome de NICOLAU, um dos sete diáconos da primitiva Igreja de JERUSALÉM. Tinha ele uma linda esposa. Taxado, porém, de ser por demais submisso a ela, abandonou-a e permitiu que se casasse com quem quisesse, dizendo que precisamos nos desabituar da carne. Depois disso, viveu sozinho em continência, assim como os seus filhos. Os continentes adotaram depois a doutrina de aeons e espíritos masculinos e femininos – e foram evitados pelas Igrejas até o século IV. E a igreja de ÉFESO é aqui elogiada porque odiava tais práticas.

As perseguições de DEOCLECIANO começaram em 302 da era cristã e duraram dez anos no IMPÉRIO DO ORIENTE e dois no DO OCIDENTE. Essa situação da Igreja está de acordo com a segunda epístola dirigida à Igreja de ESMIRNA. Diz CRISTO: (Ap 2, 9-10) Conheço tua tribulação, tua indigência – és rico, porém! (em graça e santidade) – e as blasfêmias de alguns dos que se

afirmam JUDEUS mas não o são – pelo contrário, são uma sinagoga de Satanás! – Não tenhas medo do que irás sofrer. Eis que o diabo vai lançar alguns dentre vós na prisão, para serdes postos à prova. Tereis uma tribulação de dez dias. Mostra-te fiel até à morte, e eu te darei a coroa da vida. A tribulação de dez dias (ou anos) está de acordo apenas com a perseguição de DEOCLECIANO, de vez que é essa a única que teve uma duração de dez anos. Pela blasfêmia daqueles que se afirmam JUDEUS mas não o são – ao contrário, são uma sinagoga de Satanás – compreendemos a idolatria dos NICOLAÍTAS, que falsamente se diziam CRISTÃOS.

Na terceira epístola, os NICOLAÍTAS são acusados também de seguir (Ap 2,14) a doutrina de BALAÃO, o qual ensinava BALAQ a lançar uma pedra de tropeço aos filhos de ISRAEL, para que comessem das carnes sacrificadas aos ídolos e se prostituíssem. Pois os MOABITAS e os MIDIANITAS, instruídos por BALAÃO (Nm 25,1-2.18; 31,16) tentaram e convidaram a ISRAEL, por intermédio das suas mulheres, para a prática de abominações e para participarem com eles dos sacrifícios aos seus deuses. Assim, pois, o DRAGÃO começou a se manifestar entre os habitantes da terra e do mar.

Na quarta epístola, há também uma acusação aos NICOLAÍTAS, sob o nome da mulher JEZABEL (Ap 2,20), que se afirma profetisa: ela ensina e seduz meus servos a se prostituírem, comendo das carnes sacrificadas aos ídolos.

É então que a mulher começa a fugir para o deserto.

A partir da vitória sobre LICÍNIO, o reinado de CONSTANTINO o Grande, uma monarquia, estendeu-se sobre todo o IMPÉRIO ROMANO. Então, o império se dividiu entre os filhos de CONSTANTINO e depois se uniu novamente sob o poder de CONSTÂNCIO, depois de sua vitória sobre MAGNÊNCIO.

Parece que a terceira, quarta e quinta epístolas, dirigidas respectivamente aos anjos das igrejas de PÉRGAMO, de TIATIRA e de SARDES, se referem às questões da Igreja durante esses três períodos sucessivos. O imperador seguinte foi JULIANO, o Apóstata.

Na sexta epístola, ao anjo da igreja de FILADÉLFIA, diz CRISTO (Ap 3,10.12): Visto que guardaste minha palavra de perseverança (no reinado do imperador pagão JULIANO), também eu te guardarei da hora de tentação que virá sobre o mundo inteiro (com a fuga da mulher para o deserto, com a guerra do DRAGÃO ao resto da sua descendência e com a matança de todos os que não adorarem a imagem da besta), para colocar à prova os habitantes da terra – e para os distinguir, marcando a testa de um com o nome de DEUS e a de outro com o nome da besta. Quanto ao vencedor, farei dele uma coluna no templo do meu DEUS, e daí nunca mais sairá. Escreverei sobre ele o nome do meu Deus (…)

Assim os CRISTÃOS da igreja de FILADÉLFIA, tantos quantos forem os vencedores, serão marcados com o selo de DEUS e colocados no segundo Templo, de onde não mais sairão. O mesmo vale para a igreja de ESMIRNA, que também guardou a palavra da paciência de DEUS e foi achada sem falta. Essas duas igrejas, com a sua posteridade, são as duas colunas e os dois candelabros ou as duas testemunhas no segundo Templo.

Depois do reinado do Imperador JULIANO e do seu sucessor JOVIANO, que reinou apenas cinco meses, o IMPÉRIO foi novamente dividido, agora entre VALENTINIANO e VALENTE.

Então, na epístola ao anjo da igreja de LAODICÉIA, a Igreja Católica é taxada de morna e (Ap 3,16-17) ameaçada de ser vomitada da boca de CRISTO. Pois dizes: sou rico, enriqueci-me e de nada mais preciso, pois está em prosperidade exterior. Não sabes, porém, que és tu o infeliz: miserável, pobre, cego e nu! Ela é, portanto, vomitada da boca de CRISTO quando da abertura do sétimo selo. E isso põe um fim aos tempos do primeiro Templo.

Cerca de metade da população do IMPÉRIO ROMANO tornou-se cristã durante o reinado de CONSTANTINO o Grande e dos seus filhos. Depois que JULIANO abriu os Templos e restaurou o culto pagão, os Imperadores VALENTINIANO e VALENTE o toleraram durante todo o seu reinado. Assim, a profecia do sexto selo não se realizou completamente antes do reinado do GRACIANO, seu sucessor.

Os sacerdotes pagãos costumavam oferecer a cada soberano, no começo do reinado, o cargo honorífico de PONTIFEX MAXIMUS, que até então todos os imperadores tinham aceito. Mas GRACIANO não só o rejeitou, como derrubou os ídolos, interditou os sacrifícios e acabou com o salário e a autoridade dos sacerdotes. TEODÓSIO o Grande seguiu-lhe o exemplo. Daí em diante, o paganismo não mais se recobrou, mas decresceu tão rapidamente que, cerca de dez anos depois da morte de TEODÓSIO, PRUDÊNCIO disse a respeito dos pagãos: vix pauca ingenia & pars hominum rarissima.[3]

Assim sendo, as questões do sexto selo terminaram com o reinado de VALENTE, ou antes, no começo do reinado de TEODÓSIO, quando este, como o seu predecessor GRACIANO, rejeitou o cargo de PONTIFEX MAXIMUS.

Assim, os ROMANOS foram muito mais infestados por invasões de nações estrangeiras nos reinados de VALENTINIANO e de VALENTE. Diz AMIANO: Hoc tempore velut per universum orbem Romanum bellicis canentibus buccinis, excitae gentes saevissimae limites sibi proximos persultabant: Gallias Rhaetiasque simul Alemanni populabantur: Sarmatae Pannonias & Quadi: Picti, Saxones, & Scoti & Attaeoti Britannos aerumnis vexavere continuis: Austorianni, Mauricaeque aliae gentes Africam solito acriùs incursabant: Thracias diripiebant praedatorii globi Gotthorum: Persarum Rex manus Armeniis injectabat.[4]

Enquanto os imperadores estavam ocupados em repelir esses inimigos, os HUNOS, os ALANOS e os GODOS foram ao DANÚBIO em dois corpos, venceram e mataram VALENTE e fizeram tão grande chacina no exército romano, que assim se expressa AMIANOL: Nec ulla Annalibus praeter Cannensem ita ad internecionem res legitur gesta.[5]

Essas guerras só tiveram fim no começo do reinado de TEODÓSIO, em 379 e 380 a.D. Daí em diante, o IMPÉRIO ficou livre dos exércitos inimigos até a morte desse imperador, em 395 a.D. Durante esse tempo os quatro ventos foram contidos: e durante esse tempo houve silêncio no céu.

O sétimo selo foi aberto quando esse silêncio começou.

A explicação de MEDE sobre a profecia das seis primeiras trombetas não é muito errada. Mas se ele tivesse observado que a profecia das taças do furor de Deus que são espalhadas é sincrônica com a profecia do soar das trombetas, a sua explicação teria sido mais completa.

O nome “ais” é dado às guerras prenunciadas pelo toque das três últimas trombetas, para as distinguir das guerras das quatro primeiras. Os sacrifícios nos quatro primeiros dias da festa dos Tabernáculos – quando tocam as quatro primeiras trombetas e as quatro primeiras taças do furor de Deus são espalhadas – são massacres ocorridos em quatro grandes guerras, representadas por quatro ventos dos quatro cantos da terra. O primeiro foi um vento leste; o segundo, um vento oeste; o terceiro, um vento sul; e o quarto, um vento norte, sempre com relação à cidade de ROMA, metrópole do IMPÉRIO ROMANO. Essas quatro pragas caíram sobre um terço da terra, do mar, dos rios, do Sol, da Lua e das estrelas. Ou seja: sobre a terra, o mar, os rios, o Sol, a Lua e as estrelas da terça parte do cenário total das Profecias de DANIEL e de JOÃO.

A praga do vento leste (Ap 8,7), ao toque da primeira trombeta, cairia sobre a Terra, isto é, sobre as nações do IMPÉRIO GREGO. Assim, então, depois da morte de TEODÓSIO o Grande, os GODOS, SÁRMATAS, HUNOS, ISAURIANOS e MOUROS AUSTORIANOS invadiram e devastaram terrivelmente a GRÉCIA, a TRÁCIA, a ÁSIA MENOR, a ARMÊNIA, a SÍRIA, o EGITO, a LÍBIA E a ILÍRIA, durante dez ou doze anos.

A praga do vento do oeste, ao toque da segunda trombeta (Ap 8,8), cairia sobre o mar, ou IMPÉRIO DO OCIDENTE: algo como uma grande montanha incandescente foi lançada no mar: uma terça parte do mar se converteu em sangue. Assim, no ano de 407, o IMPÉRIO começou a ser invadido pelos VISIGODOS, VÂNDALOS, ALANOS, SUEVOS, BURGÚNDIOS, OSTROGODOS, HÉRULOS, QUADES e GÉPIDAS. Com essas guerras, fracionou-se em dez reinos e foi terrivelmente devastado. E a própria ROMA, a montanha incandescente, foi sitiada e tomada pelos OSTROGODOS, no início desses flagelos.

Ao toque da terceira trombeta, veio a terceira praga (Ap 8,10): caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha. E caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes – sobre o IMPÉRIO DO OCIDENTE, então dividido em muitos reinos – transformando a água em absinto e tornandoa amarga. Assim, GENSERICO, rei dos VÂNDALOS e dos ALANOS da ESPANHA, entrou na ÁFRICA em 427 a.D., com um exército de oitenta mil homens. Lá, invadiu os MOUROS e guerreou os ROMANOS, na África e nas praias da EUROPA, durante cerca de cinqüenta anos ininterruptos. Tomou HIPONA em 431 a.D. e CARTAGO, a capital da ÁFRICA, em 439. Em 455, com uma frota numerosa e um exército de trezentos mil VÂNDALOS e MOUROS, invadiu a ITÁLIA, tomou e saqueou ROMA, NÁPOLES e CÁPUA, além de muitas outras cidades, carregando para a ÁFRICA, além das suas riquezas, a flor da sua gente. No ano seguinte, em 456, separou a ÁFRICA do IMPÉRIO, expulsando totalmente os ROMANOS. Então, os VÂNDALOS invadiram e conquistaram as ILHAS do MEDITERRÂNEO – SICÍLIA, SARDENHA, CÓRSEGA, IVIÇA, MAIORCA, MINORCA etc. – e RICÍMERO sitiou o Imperador ANTÊMIO em ROMA, tomou a cidade e permitiu que os soldados a saqueassem, no ano 472.

Por essa época, os VISIGODOS expulsaram os ROMANOS da ESPANHA. Então o IMPERADOR DO OCIDENTE, a grande estrela que caiu do céu, ardendo como uma tocha, tendo perdido gradativamente nessas guerras quase todos os seus domínios, foi invadido e conquistado por ODOACRO, Rei dos HÉRULOS, em 476 a.D. No ano seguinte, os MOUROS se revoltaram, enfraqueceram os VÂNDALOS com várias guerras e lhes tomaram à MAURITÂNIA. Essas guerras continuaram até que os VÂNDALOS foram conquistados por BELISÁRIO em 534 a.D. Com tantas guerras, a ÁFRICA ficou quase despovoada, como registra PROCÓPIO, que avalia em mais de cinco milhões o número de homens que nelas pereceram. Quando os VÂNDALOS invadiram a ÁFRICA pela primeira vez, essa região era muito populosa, consistindo em cerca de setecentos bispados, mais do que a FRANÇA, a ESPANHA e a ITÁLIA reunidas. Mas essas guerras entre VÂNDALOS, ROMANOS e MOUROS de tal modo a despovoaram que, segundo PROCÓPIO, era quase um milagre um viajante ver alguém.

Ao ser espalhada a terceira taça, o anjo das águas diz (Ap 16,5-6): “Justo és, ‘Aquele-que-é e Aquele-que-era’, ó Santo, porque julgaste estas coisas; pois estes derramaram sangue de santos e profetas, e tu lhe deste sangue para beber. Eles o merecem!” Vemos como derramaram o sangue dos SANTOS neste edito do Imperador HONÓRIO, obtido por quatro bispos que lhe foram enviados por um concílio de bispos AFRICANOS, reunidos em CARTAGO a 14 de Junho de 410 a.D.

Impp. Honor. & Theod. A. A. Heracliano Com. Afric.

Oraculo penitus remoto, quod ad ritus suos haereticae superstitiones obrepserant sciant omnes sanctus legis inimici, plectendos se poena & proscriptiones & sanguinis, si ultra convenire per publicum, exercendi sceleris sui temeritate temptaverint. Dat. viii. Kal. Sep. Varano V. C. Cons. A. C. 410.[6]

Esse edito foi reforçado, cinco anos mais tarde, por este outro:

Impp. Honor. & Theod. A. A. Heracliano Com. Afric.

Sciant cuncti qui ad ritus suos haeresis superstitionibus obrepserant sacrosanctae legis inimicis, plectendos se poena & proscriptionis & sanguinis, si ultra convenire per publicum exercendi sceleris sui temeritate temptaverint: ne Qua vera reverentia contagione tenerctur. Dat. Viii. Kal. Sept. Honorio X & Theod. vi AA. Coss. A.C. 415.[7]

Como esses editos eram dirigidos ao governador da ÁFRICA, estendiam-se apenas aos AFRICANOS. Antes deles, houve muitos outros, e bem severos, contra os DONATISTAS, mas não chegavam ao derramamento de sangue. Estes dois foram os primeiros que tornaram capital a sua reunião e a reunião de todos os dissidentes. Porque aí, a expressão heréticos abrange todos os dissidentes, como fica claro neste edito contra EURÉSIO, um bispo luciferano:

Impp. Arcad. & Honor. A.A. Aureliano Proc. Africae.

Haereticorum vocabulo continentur, & latis adversus eos sanctionibus debent succumbere, qui vel levi argumento a judicio Catholicae religionis & tramite detecti feurint deviare: ideoque experientia tua Euresium haerectum esse cognoscat. Dat. viii. Non Sept. Constantinop. Olybrio & Probino Coss. A.C. 395.[8]

O Imperador GREGO ZENO adotou TEODERICO, rei dos OSTROGODOS, como filho: tornou-o estribeiro-mor, patrício e cônsul de CONSTANTINOPLA. Confiando-lhe o Senado e o povo ROMANO, deulhe o IMPÉRIO DO

OCIDENTE e o mandou para a ITÁLIA combater ODOACRO, rei dos hérulos. Assim, Teodorico conduziu a sua nação para a Itália, venceu Odoacro e reinou sobre a ITÁLIA, a SICÍLIA, a RÉCIA, a NÓRICA, a DALMÁCIA, a LIBÚRNIA, a ÍSTRIA e parte da SUÉVIA, a PANÔNIA e a GÁLIA.

Diz ENÓDIO, num panegírico a TEODERICO: Ad limitem suum Romana regna remeasse.[9] TEODERICO reinou com grande prudência, moderação e felicidade. Tratou os ROMANOS com singular benevolência, governou-os com as suas próprias leis e restaurou o seu governo por meio do Senado e dos cônsules, ocupando ele próprio o lugar de imperador sem, entretanto, assumir o título. Diz PROCÓPIO: Ita sibi parentibus praefuit, ut vere Imperatori conveniens decus nullum ipsi absset: Justitias magnus ei cultus, legumque diligens custodia: terras a vicinis barbaris servavit intactas. &c[10]

Por tudo isso, não incluo o reinado desse soberano entre as pragas dos quatro ventos.

Quando se abateu a praga do vento norte (Ap 8,12), um terço do Sol, um terço da Lua e um terço das estrelas, isto é, o rei, o reino e os príncipes do IMPÉRIO DO OCIDENTE, foram atingidos, de modo que uma terça parte deles se ofuscou: o dia perdeu um terço da sua luz, bem como a noite. Assim, BELISÁRIO, tendo conquistado os VÂNDALOS, invadiu a ITÁLIA em 535 e passou vinte anos guerreando os OSTROGODOS na DALMÁCIA, na LIBÚRNIA, na VENÉCIA, na LOMBARDIA, na TOSCANA e em outras regiões ao norte de ROMA. Nessa guerra, muitas cidades foram tomadas e retomadas. Ao retomar MILÃO dos ROMANOS, os OSTROGODOS mataram todos os homens, jovens e velhos, num total de trezentos mil nos cálculos de PROCÓPIO, e mandaram as mulheres como escravas aos BURGÚNDIOS, seus aliados. A própria ROMA foi tomada e retomada várias vezes, com o que o povo se rarefez. O antigo governo por meio do Senado cessou, os nobres ficaram arruinados e toda a glória da cidade foi extinta. Em 552 a.D., após uma guerra de dezessete anos, caiu o reino dos OSTROGODOS. Ainda assim, os ostrogodos restantes e um exército de GERMANOS, chamados em seu auxílio, continuaram

a guerra por mais três ou quatro anos.

Seguiu-se então a guerra dos HÉRULOS que, no dizer de ANASTÁSIO, perimebant cunctam Italiam, devastaram toda a ITÁLIA. Essa guerra foi seguida pela dos LOMBARDOS, os mais ferozes de todos os BÁRBAROS. Começou em 568 e durou ao todo 38 anos. Como diz ANASTÁSIO: Facta tali clade qualem a saeculo nullus meminit.[11] Ela terminou no papado de SABINIANO, em 605 a.D., com uma paz celebrada com os LOMBARDOS. Três anos antes de terminar essa guerra, assim falava GREGÓRIO o Grande, então Bispo de ROMA: Qualiter enim quotidianis gladdis & quantis Longobardorum incursionibus, ecce jam per triginta quinque annorum longitudinem premimur: nullis explere vocibus suggestionis valemus.[12] Em um dos seus sermões ao povo, assim exprime GREGÓRIO o extermínio dos ROMANOS em tais guerras: Ex illa plebe innumerabili quanti remanseritis aspicitis, &: tamen adhuc quotidie flagella urgent, repentini casus opprimunt, novae res & improvisae clades affligent.[13]

Em outro sermão, assim descreve a desolação: Destructae urbes, eversa sunt castra, depopulati agri, in solitudinem terra redacta est. Nullus in agris incola, penè nullus in urbibus habitator remansit. Et tamen ipsae parvae generis humani reliquae adhuc quotidie & sine cessatione feriuntur, & finem non habent flagella caelestis justitiae. Ipsa autem quae aliquando mundi Domina essa videbatur, qualis remansit Roma conspicimus innumeris doloribus multipliciter attrita, desolatione civium, impressione hostium, frequentia ruinarum. – Ecce jam de illa omnes hujus saeculi potentes ablati sunt. – Ecce populi defecerunt. – Ubi enim Senatus? Ubi jam populus? Contabuerunt ossa consuptae sunt carnes. Omnis enim saecularium dignitatum ordo extinctus est, & tamen ipsos nos paucos qui remansimus, adhuc quotidiè gladii, adhuc quotidiè innumerae tribulationes premunt. – Vacua jam ardet Roma. Quid autem ista de hominibus dicimus? Cum ruinis crebrescentibus ipsa quoque destrui aedificiae videmus. Postquam defecerunt homines etiam parietes cadunt. Jan ecce desolata, ecce contricta, ecce gemitibus oppressa est. &c.[14] Tudo isso foi dito por GREGÓRIO ao povo de ROMA, que foi testemunha de tais verdades.

Assim, pelas pragas dos quatro ventos foi sacudido o IMPÉRIO DOS GREGOS e foi derrubado o IMPÉRIO DOS LATINOS. E ROMA ficou reduzida a simples capital de um pobre ducado, subordinado a RAVENA, sede dos EXARCAS.

A quinta trombeta anunciou as guerras feitas pelo rei do Sul, como é chamado por DANIEL, no tempo do fim, investindo contra esse rei que agia ao seu bel-prazer. Essa praga começou quando foi aberto o poço do abismo, ou seja, quando se espalhou uma falsa religião, pois desse poço (Ap 9,2-3) subiu uma fumaça, como a fumaça de uma grande fornalha, significando a multidão que havia seguido aquela religião. E da fumaça saíram gafanhotos pela terra, representando os exércitos saídos daquela multidão.

Aquele poço foi aberto para que a fumaça e os gafanhotos saíssem e fossem para a região das quatro monarquias, ou de algumas delas. O rei desses gafanhotos era o anjo do poço do abismo, ou o governante supremo nas questões civis e religiosas, como o califa dos SARRACENOS. Nuvens de gafanhotos por vezes se levantam na ARÁBIA FAELIX e, de lá, infestam as nações vizinhas. São assim um símbolo muito adequado dos exércitos ÁRABES invadindo os ROMANOS. Essa invasão começou em 634 a.D. e os árabes começaram a reinar em DAMASCO em 637. Construíram BAGDÁ em 766 e reinaram sobre a PÉRSIA, a SÍRIA, a ARÁBIA, o EGITO, a ÁFRICA, e a ESPANHA. Depois perderam a ÁFRICA para MAHADES em 910; a MÉDIA, a HIRCÂNIA, CORASAN e toda a PÉRSIA para os DAILAMITAS, entre os anos 927 e 935; a MESOPOTÂMIA e MIAFAREKIN para NASIRUDAULAS em 930; a SÍRIA e o EGITO para ACHSJID, em 985. Em 986, o CALIFA de BAGDÁ entregou o resto do seu domínio temporal a MAHOMET, filho de RAJICI, Rei de WASIT na CALDÉIA – e o fez IMPERADOR DOS IMPERADORES.

Mas MAHOMET perdeu BAGDÁ para os TURCOS em apenas dois anos. Daí em diante, BAGDÁ ficou ora nas mãos dos TURCOS, ora nas dos SARRACENOS, até que TOGRUL-BEIG, também chamado TOGRA, DOGRISSA, TANGROLIPIX e SADOC, conquistou CORASAN e a PÉRSIA. Em 1055, anexou BAGDÁ ao império e fez dela a capital. Seus sucessores,

OLUB-ARSLAN e MELECHSCHAH, conquistaram as regiões do EUFRATES. Depois da morte de MELECHSCHAH essas conquistas se dividiram nos reinos da ARMÊNIA, MESOPOTÂMIA, SÍRIA e CAPADÓCIA.

Os califas SARRACENOS reinaram com poder temporal em DAMASCO e em BAGDÁ durante trezentos anos, de 637 a 936 inclusive. Ora, gafanhotos vivem apenas cinco meses. Mas, para maior adequação, é dito que esses gafanhotos tinham o poder de prejudicar os homens durante cinco meses e cinco meses, como se tivessem vivido cerca de cinco meses em DAMASCO e cerca de cinco meses em BAGDÁ: dez meses ao todo ou, ainda, trezentos dias proféticos – que são anos.

A sexta trombeta anunciou as guerras que o rei do Norte, nas palavras de DANIEL, travou contra o rei que age ao seu bel-prazer. Segundo a profecia de DANIEL, o rei do Norte conquistou o IMPÉRIO DOS GREGOS, além da JUDÉIA, do EGITO, da LÍBIA e da ETIÓPIA. Com essas conquistas, o IMPÉRIO dos TURCOS se firmou, como se vê por sua extensão.

Essas guerras começaram no ano 1258, quando os quatro reinos dos TURCOS situados no EUFRATES; a ARMÊNIA MAIOR sediada em MIYAPHAREKIN, MEGARKIN ou MARTIRÓPOLIS; o da MESOPOTÂMIA sediado em MOSUL; o da SÍRIA sediado em ALEPPO e o da CAPADÓCIA sediado em ICÔNIO, foram invadidos pelos TÁRTAROS comandados por HULACU e empurrados para a ÁSIA MENOR, onde atacaram os GREGOS e começaram a erigir o IMPÉRIO TURCO de então.

Quando soou a sexta trombeta (Ap 9,13-15), JOÃO ouviu uma voz que provinha dos quatro chifres do altar de ouro, colocado diante de DEUS, e dizia o sexto anjo, que estava com a trombeta: “Liberta os quatro anjos que estão presos sobre o grande rio EUFRATES.” Os quatro anjos, que estavam prontos para a hora, o dia, o mês e o ano, foram então libertos para matar a terça parte dos homens. Os quatro chifres do altar de ouro representam as capitais dos quatro reinos

mencionados: MIYAPHAREKIN, MOSUL, ALEPPO e ICÔNIO, que formavam um quadrilátero. Eles mataram a terça parte dos homens quando conquistaram o IMPÉRIO GREGO e tomaram CONSTANTINOPLA, em 1453. E começaram a ser preparados para isso quando OLUB-ARSLAN começou a conquistar as nações do EUFRATES, em 1063. O intervalo é chamado uma hora e um dia, e um mês e um ano, ou 391 dias proféticos, que são anos. Nos primeiros trinta anos, OLUB-ARSLAN e MELECHSCHAH conquistaram as nações do EUFRATES e reinaram sobre tudo. MELECHSCHAH morreu em 1092 e foi sucedido por uma criança. Então, esse reino se fragmentou nos quatro mencionados acima.

NOTAS

1. Por certo não podemos explicar, como merece, qual e quanta glória foi concedida, além da liberdade, com a doutrina da verdadeira piedade para com o Supremo Deus, pela primeira vez anunciada aos homens pelo Cristo, não só a todos os gregos como aos bárbaros, antes que fosse iniciada a perseguição.

A bondade dos imperadores para conosco disso pode ser uma indicação, pois também nos confiavam o governo das províncias e, por uma singular benevolência para com a nossa religião, libertavam-nos do medo de sacrificar.

2. Na verdade, quem poderá descrever perfeitamente a incontável multidão daqueles que diariamente se abrigam na fé em Cristo? E o número de igrejas em toda parte? E a afluência de gente ilustre nos templos sagrados?

Por isso aconteceu que, já não satisfeitos com os antigos edifícios, por todas as cidades foram construídos templos espaçosos, desde os seus alicerces. E aumentando estes com o decorrer do tempo e se tornando cada dia maiores e melhores, jamais o ódio os pôde abater, nem os enfeitiçar a maldade do demônio,

nem lhes criar obstáculos a insídia dos homens, enquanto a mão de Deus Onipotente protegeu e custodiou o seu povo, por ter ele merecido tal proteção. Mas, por demasiada liberdade, tendo caído na negligência e na indiferença, começando a ofender-se e a invejar-se reciprocamente, caindo em verdadeiras guerras intestinas, ferindo-se mutuamente com palavras, à maneira de armas, chocando-se antístites contra antístites, povo contra povo, deramse tumultos; enfim a fraude e a simulação chegaram ao cúmulo da luta. Então, estando a Igreja em seu estado íntegro, e continuando livremente as reuniões da multidão dos fiéis, pouco a pouco a divina vingança, com braço ligeiro, como de costume, começou a nos repreender, vindo primeiro a perseguição do ambiente militar. Como, porém, destituídos de bom senso, não cogitássemos sequer de aplacar a Divindade mas, ao contrário, à maneira de certos ímpios, julgando que as coisas humanas não fossem dirigidas por nenhuma providência, diariamente acrescentávamos crimes sobre crimes. Desprezadas as regras da religião, os nossos pastores sustentavam mútuas contendas, com isso procurando apenas aumentar as ofensas, as ameaças, as emulações, os ódios, as inimizades recíprocas, reivindicando para si, muitíssimo gosto, uma primazia, ou antes a tirania. Cumpre-se então a palavra de Jeremias, quando diz que Deus, na sua ira, obscureceu a sua filha Sião e lançou do céu a glória de Israel, naturalmente pela destruição da Igreja.

3. Apenas poucas inteligências e uma parte raríssima de homens.

4. Naquele tempo, em todo o mundo romano, reboavam as trompas guerreiras de povos de grande crueldade, e exercitados, que atravessavam as fronteiras: simultaneamente os germanos invadiam a Gália e a Récia; os sármatas e os quades, a Panônia; os pictos, os saxões e os escoceses atormentavam a Bretanha com angústias freqüentes; os austorianos, os mouros e outros povos faziam incursões na África, mais atrozes que de costume; grupos de salteadores godos destruíam a Trácia: o rei da Pérsia punha a mão sobre a Armênia.

5. Os Anais não registram nenhuma outra derrota das proporções da de Canes.

6. Os imperadores Honório e Teodoro Augusto, a Heracliano, Comitis da África. Tendo sido completamente afastado o oráculo, porque a pouco e pouco insinuaramse nos seus ritos superstições heréticas, saibam todos os inimigos da sagrada lei que devem ser castigados com as penas de proscrição e de sangue, caso tenham a temeridade de praticar esse crime em público. Dado aos 8 dias das Calendas de setembro, em 410 a.D., sendo Cônsul Varano V. C.

7. Os imperadores Honório e Teodoro Augusto, a Heracliano, Comitis da África. Saibam todos os que se fizeram inimigos da lei sagrada, por se aproximarem dos ritos com superstições heréticas, que serão castigados com as penas de proscrição e de sangue, se ainda tiverem a temeridade de praticar o seu crime em público, e isso para que a verdadeira e divina reverência não seja contagiada pelo exemplo. Dado aos 8 dias das Calendas de setembro, em 415 a.D., por Honório X e Teodoro VI Augusto.

8. Os imperadores Arcádio e Honório Augusto, a Aureliano, Pró-Cônsul da África. São definidos como heréticos e devem ser destruídos com amplas sanções aqueles que foram apontados como se afastando do juízo e do caminho da religião católica por uma argumentação leviana: e por isso aprende por tua própria experiência que Eurésio foi herético. Dado aos 3 dias dos idos de setembro, em Constantinopla, em 395 a.D. sendo cônsules Olíbrio e Probino.

9. O Império Romano voltou aos seus limites.

10. Assim guiou os seus súditos de tal modo que nada lhe faltou do que é honra devida a um verdadeiro imperador; prestou um grande culto à justiça e foi um diligente defensor das leis: manteve as terras intactas pelos vizinhos bárbaros, etc.

11. Foi feita tal ruína como há um século ninguém se recordava.

12. Realmente não temos palavras para exprimir como por ferimentos quotidianos e por grandes invasões dos longobardos, há 35 anos somos oprimidos.

13. Observai a quantos ficastes reduzidos daquele povo inumerável que éreis; e, todavia, diariamente as ruínas urgem, acontecimentos imprevistos nos oprimem e novas coisas e inesperadas desgraças nos afligem.

14. As cidades foram destruídas, os acampamentos abatidos, os campos despovoados, a terra reduzida à solidão. Nenhum agricultor permaneceu no campo, quase nenhum habitante nas cidades. Entretanto, esses pequenos restos do gênero humano diária e continuamente são feridos e não chegam a um termo os castigos da justiça celeste. Pelo contrário, a própria Roma, que outrora parecia ser a senhora do mundo, nós vimos como ficou, magoada de várias maneiras por dores inumeráveis, pela desolação dos cidadãos, pelos ataques dos inimigos, pela freqüência das ruínas. – Eis que já esqueceram todos os potentados deste século. – Eis que os povos a abandonaram. – De fato, onde se acha o Senado? Onde está o povo? Apodreceram os ossos e as carnes estão consumidas. Realmente extinguiram as dignidades seculares de toda ordem; e nós próprios, os poucos que sobrevivemos, diariamente estamos oprimidos pela espada e pelas inúmeras tribulações – Roma já arde vazia. Mas por que dizemos essas coisas em relação aos homens? Vemos as ruínas crescerem, à medida que os edifícios são destruídos. Depois que faltam os homens, também caem as paredes. Ei-la já desolada, entristecida, inconsolável e oprimida pelos gemidos, etc.

Advertência: As últimas páginas destas OBSERVAÇÕES foram redigidas pelo autor de modo diferente, numa outra cópia do seu trabalho. Elas são aqui reproduzidas tal qual se encontram nessa cópia, a partir da 26ª linha da página 261.

Ninguém foi considerado digno de abrir ou de ler o livro (Ap 5,4) até o aparecimento do Cordeiro de DEUS. O sumo sacerdote era representado por um cordeiro imolado ao pé do altar, no sacrifício da manhã. Ele veio então receber o livro da mão direita daquele que está sentado no trono (Ap 5,7). É que, na festa do sétimo mês, o sumo sacerdote ia ao Santo dos Santos, punha-se ao lado direito da arca, pegava o Livro Sagrado e o lia ao povo. E, a fim de bem o ler, estudava-o durante sete dias, isto é, do quarto ao décimo, sendo ajudado nessas práticas por alguns sacerdotes. Os sete selos abertos sucessivamente pelo Cordeiro fazem uma alusão a esses sete dias.

No décimo dia do mês, era imolado um novilho como sacrifício do sumo sacerdote pelo próprio pecado e um bode como sacrifício pelo pecado do povo. Sorteava-se, entre dois bodes, aquele que caberia a DEUS; o outro era chamado AZAZEL, o bode expiatório. Paramentado de linho, o sumo sacerdote pegava no altar um incensório com brasas ardentes, tendo a mão cheia de incenso aromático pulverizado; ia ao Santo dos Santos, além do véu, e aspergia o propiciatório com o dedo molhado no sangue do novilho e sete vezes aspergia em frente ao véu; então matava o bode, que por sorte coubera a DEUS, como sacrifício pelo pecado do povo e levava o seu sangue para além do véu, com ele aspergindo, também sete vezes, o propiciatório e em frente ao véu, depois do que ia ao altar e o aspergia sete vezes com o sangue do novilho e outras tantas com o do bode. Depois disso (Lv 4; 16), punha ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo; sobre ele confessava todas as faltas dos filhos de ISRAEL, todas as suas transgressões em todos os seus pecados. Depois de tê-los assim posto sobre a cabeça do bode, ele o enviava para o deserto, pelas mãos de um homem preparado para isso, e o bode levava sobre si todas as faltas deles para uma região desolada.

Enquanto o sumo sacerdote fazia essas coisas no Santo dos Santos e no altar, o povo continuava sua devoção, quieto e silencioso. Então, o sacerdote voltava ao Santo dos Santos, tirava os paramentos de linho e punha outros. Saía de novo, mandava o novilho e o bode da oferenda pelo pecado para serem queimados fora do acampamento, num fogo aceso com brasas tomadas do altar. Então, o povo ia do Templo para casa saudando-se com a frase: Deus vos marque para um bom ano novo.

A isso é feita a seguinte alusão: (Ap 8,1-5) Quando (o anjo) abriu o sétimo selo, houve no céu um silêncio durante cerca de meia hora (…) Um outro anjo veio postar-se junto ao altar, com um turíbulo de ouro. Deram-lhe uma grande quantidade de incenso para que oferecesse em favor das orações de todos os santos, sobre o altar de ouro que está diante do trono. E, da mão do anjo, a fumaça do incenso pelas orações dos santos subiu diante de DEUS. O anjo tomou depois o turíbulo, encheu-o com o fogo do altar e o atirou à terra, que, supomos, era fora do ambiente, sacrificando o bode que a DEUS coube por sorte. Pois, de vez que o sumo sacerdote era o próprio CRISTO, o novilho era omitido. Nesse sacrifício havia trovões e clamores (da música do Templo), relâmpagos (do fogo sagrado) e um terremoto (Ap 8,5); sincronicamente, eram marcados os144 mil, escolhidos entre as doze tribos dos filhos de ISRAEL, com o selo de Deus na fronte, enquanto o resto das doze tribos recebiam o sinal da besta e a mulher, montada na besta, fugia do Templo para o seu lugar no deserto. Essa marcação com o selo era representada pela sorte lançada sobre os dois bodes, sendo que o que cabia a DEUS era sacrificado no MONTE SIÃO e o bode expiatório era enviado para o deserto, levando os pecados do povo.

No décimo quinto dia do mês e nos seis que se seguiam, havia grandes sacrifícios. Em alusão ao toque das trombetas, ao canto com vozes tonitruantes e à oferenda de bebida nesses sacrifícios, sete trombetas são ouvidas, sete trovões ribombam a sua voz e sete taças do furor de Deus são espalhadas. Por isso, o toque das sete trombetas, as vozes dos sete trovões e as sete taças espalhadas são sincrônicos e se referem a uma mesma divisão do tempo do sétimo selo, em seguida ao silêncio, em sete partes sucessivas.

Os sete dias dessa festa eram chamados a festa dos Tabernáculos. Nesse período, os filhos de ISRAEL habitavam em tendas e se regozijavam com folhas de palmeira nas mãos. A isso alude a grande multidão (…)com palmas nas mãos (Ap 7,9) e que aparece depois de marcados os 144 mil: estes são os que vêm da grande tribulação (Ap 7,14), triunfando na batalha do grande dia, marcada pelo toque da sétima trombeta. Assim, a visão dos 144 mil e da multidão com folhas de palmeira se estende ao toque da sétima trombeta, sendo, portanto, sincrônica com os tempos do sétimo selo.

Quando os 144 mil são marcados, entre todas as tribos dos filhos de ISRAEL, e os restantes recebem o sinal da besta, é destruído o primeiro Templo. JOÃO é orientado a medir o Templo de Deus e o altar, ou seja, o átrio e os que nele adoram, que são os 144 mil que estão sobre o MONTE SIÃO e sobre o mar de vidro. (Ap 11,1-2) Quanto ao átrio externo do Templo, ou o átrio do povo, deixa-o de lado e não o meças, pois ele foi entregue aos gentios, os que receberam a marca da besta, que durante quarenta e dois meses calcarão aos pés a cidade santa, ou seja, durante o tempo em que a besta age sob o domínio da mulher BABILÔNIA. (Ap 11,3) Às minhas duas testemunhas, porém, permitirei que profetizem, vestidas de saco, durante mil duzentos e sessenta dias: um tempo igual nos dois casos. Como ELIAS, (Ap 11,6) elas têm o poder de fechar o céu para que não caia nenhuma chuva durante os dias de sua missão profética, ao toque da primeira trombeta. Como MOISÉS, têm o poder de transformar as águas em sangue, ao toque da segunda, e de ferir a terra com todo tipo de flagelos – anunciados pelas trombetas – quantas vezes o quiserem. Como AGEU e ZACARIAS, profetizam durante a construção do segundo Templo. São as duas oliveiras, ou igrejas que fornecem óleo às lâmpadas, (Zc 4). São os dois candelabros, ou igrejas, diante do SENHOR de toda a Terra. Cinco das sete igrejas da ÁSIA, as que prosperam, são julgadas em erro e exortadas ao arrependimento. São ameaçadas de ser removidas do seu lugar, vomitadas da boca de CRISTO ou punidas com a espada da boca de CRISTO, a menos que se arrependam. As outras duas, isto é, as igrejas de ESMIRNA e de FILADÉLFIA, que estavam sob perseguição, continuam num estado de perseguição, para iluminar o segundo Templo.

Quando a primitiva Igreja Católica, representada pela mulher no céu, cometeu

apostasia e se dividiu em duas igrejas corruptas, representadas pela prostituta de BABILÔNIA e pela besta de dois chifres, os cento e quarenta e quatro mil que foram marcados entre as doze tribos, transformaramse nas duas testemunhas, em oposição às duas falsas igrejas: e o nome de duas Testemunhas, uma vez imposto, fica para a verdadeira Igreja de DEUS, em todos os tempos e lugares, até o fim da profecia.

Na interpretação dessa profecia, a mulher vestida de sol, que é vista no céu, antes de fugir para o deserto, representa a primitiva Igreja Católica, iluminada pelas sete lâmpadas nos sete candelabros de ouro, que são as sete igrejas da ÁSIA. O DRAGÃO significa o IMPÉRIO que, na profecia de DANIEL, é simbolizado pelo bode no reinado do seu último chifre, isto é, o IMPÉRIO ROMANO antes de se dividir nos IMPÉRIOS GREGO e LATINO. Durante todo o tempo da divisão, representa apenas o IMPÉRIO GREGO – e a besta é a quarta besta de DANIEL, ou seja, o IMPÉRIO dos LATINOS. Antes da divisão do IMPÉRIO ROMANO em IMPÉRIO GREGO e IMPÉRIO LATINO, a besta está incluída no corpo do DRAGÃO mas, depois da divisão, ela representa apenas o IMPÉRIO LATINO. Por isso o DRAGÃO e a besta têm as mesmas cabeças e os mesmos chifres. Mas o dragão tem as cabeças coroadas, enquanto a besta tem os chifres. Os chifres são dez reinos em que a besta se divide depois de se separar do DRAGÃO, como já foi dito. As cabeças são sete dinastias sucessivas, ou partes, em que o IMPÉRIO ROMANO é dividido pela abertura dos sete selos.

Antes de fugir para o deserto, a mulher estava grávida, estava para dar à luz o filho de um IMPÉRIO CRISTÃO, (Ap 12,1) e gritava, atormentada pelas dores do parto, durante os dez anos da perseguição de DEOCLECIANO. O DRAGÃO, isto é, o IMPÉRIO ROMANO pagão, (Ap 12,4-6) colocou-se diante da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho, tão logo nascesse. Ela deu à luz um filho, um varão, que irá reger todas as nações com um cetro de ferro. Seu filho, porém, foi arrebatado para junto de DEUS e de seu trono no Templo, pela vitória de CONSTANTINO o GRANDE sobre MAXÊNCIO. E a mulher fugiu (do Templo) para o deserto (da ARÁBIA para a BABILÔNIA), montada na besta, onde Deus lhe havia preparado um lugar, de riquezas, honras e dominação, em que fosse alimentada por mil duzentos e sessenta dias. Houve

então uma batalha no céu (Ap 12,7) entre os PAGÃOS, chefiados por MAXIMINO, e o novo IMPÉRIO CRISTÃO. (Ap 12,9) Foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, o chamado diabo ou SATANÁS, sedutor de toda a terra habitada, o espírito de idolatria pagã – foi expulso (do trono) para a terra. (Ap 12,11) Eles, porém, o venceram pelo (mérito do) sangue do Cordeiro e pela palavra que testemunharam, pois desprezaram a própria vida até à morte (por CRISTO).

Ao ver que fora expulso para a terra, o dragão pôs-se a perseguir a mulher que dera à luz o filho varão (Ap 12,13), incitando uma nova perseguição contra ela, no reinado de LICÍNIO. Ela, porém, pela fundação de CONSTANTINOPLA, que passou a rivalizar com ROMA, recebeu as duas asas da grande águia para voar ao deserto, para o lugar em que, montada na besta e longe da serpente, é alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo. (Ap 12,14). A serpente, então, com a morte de CONSTANTINO o Grande, vomitou água (das perseguições) como um rio, isto é, o IMPÉRIO DO OCIDENTE sob o domínio de CONSTANTINO JUNIOR e de CONSTANTE, atrás da mulher, a fim de submergi-la. A mulher, porém, foi socorrida pela terra (as nações da ÁSIA, então dominadas por CONSTANTINOPLA), que abriu a boca e, pela conquista do IMPÉRIO DO OCIDENTE, então sob o domínio de MAGNÊNCIO, engoliu o rio que o dragão vomitara. Enfurecido por causa da mulher, o dragão foi então guerrear contra o resto dos seus descendentes, os que observam os mandamentos de DEUS e mantêm o Testemunho de JESUS (Ap 12,16-17). Estes, naquela guerra, foram marcados entre todas as tribos dos filhos de ISRAEL, e ficaram sobre o MONTE SIÃO com o Cordeiro, em número de 144 mil, tendo em sua fronte escrito o nome do seu Pai.

Quando a terra engoliu o rio e o DRAGÃO foi guerrear o resto dos descendentes da mulher, JOÃO ficou em pé sobre a praia do mar. E viu uma besta que subia do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças (Ap 12,18; 13,1-2). E a besta parecia uma pantera; seus pés contudo eram como os de um urso e sua boca como a mandíbula de um leão. Aqui, JOÃO nomeia pela ordem as quatro bestas da profecia de DANIEL, substituindo apenas a quarta pela sua besta, e fim de mostrar que elas são as mesmas. E o dragão lhe entregou (à sua besta) seu poder, seu trono e uma grande autoridade pela renúncia, em seu favor, ao IMPÉRIO

DO OCIDENTE. Uma de suas cabeças (a sexta) parecia mortalmente ferida, pela espada da terra que havia engolido as águas lançadas da boca do DRAGÃO, mas a ferida mortal foi curada (Ap 13, 3), por uma nova divisão do IMPÉRIO entre VALENTINIANO E VALENTE, em 364 a.D. JOÃO viu a besta levantar-se do mar quando o império foi dividido entre GRACIANO e TEODÓSIO, no ano 879. O DRAGÃO deu à besta o seu poder, o seu trono e a sua autoridade, quando da morte de TEODÓSIO, isto é, quando este deu o IMPÉRIO DO OCIDENTE ao seu filho HONÓRIO. Depois disso não mais se uniram os dois impérios: mas o DO OCIDENTE foi então dividido em dez reinos, como já vimos. Por fim, esses reinos se uniram sob a religião, isto é, sob o domínio da mulher, e reinaram com ela durante quarenta e dois meses.

Vi depois outra besta, diz JOÃO (Ap 13,11), sair da terra. Quando a mulher fugiu do DRAGÃO para o reino da besta, tornando-se a sua igreja, esta outra besta saiu da terra para representar a igreja do DRAGÃO: tinha dois chifres como um Cordeiro, tal como os bispados de ALEXANDRIA e de ANTIOQUIA, mas falava como um dragão em matéria de religião. Faz com que a terra, as nações do reino do DRAGÃO, e seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal tinha sido curada (Ap 13,12-13), isto é, se convertessem à sua religião. Ela opera grandes maravilhas: até mesmo fazer descer fogo do céu sobre a terra, à vista dos homens, isto é, excomunga aqueles que dela divergem do ponto de vista da religião – ao pronunciar as excomunhões, costumavam baixar do teto uma tocha acesa com a chama voltada para baixo. E incitou os habitantes da terra (Ap 13,14-15) a fazer uma imagem em honra da besta, que tinha sido ferida pela espada, mas voltou à vida, isto é, a reunir um concílio de homens da religião da besta. Foi-lhe dado até mesmo infundir espírito à imagem da besta, de modo que a imagem pudesse falar e fazer com que morressem os que não adorassem a imagem da besta (misticamente, pela dissolução de suas igrejas). (Ap 13,16-17) Faz também com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos recebam uma marca na mão direita ou na fronte, para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca, o nome da besta ou o número do seu nome, isto é, a marca [†], o nome [grego: LATEINOS] ou o seu número [grego: chxs], 666. Todos os outros eram excomungados.

Depois de os sete anjos espalharem as sete taças do furor de Deus – todos

descritos no presente – JOÃO é chamado do tempo da sétima taça para o tempo do sexto selo, a fim de ver a mulher e a sua besta, que reinariam no tempo do sétimo selo. A respeito da última parte do tempo do sexto selo, então considerado presente, o anjo diz a JOÃO: A besta que viste existia, mas não existe mais; está para subir do abismo, mas (em seguida) caminha para a perdição (Ap 17, 8). Ou seja: existia no reinado de CONSTANTE e MAGNÊNCIO, até que o primeiro conquistou este último e reuniu o IMPÉRIO DO OCIDENTE ao do ORIENTE. Não existe durante a reunião e subirá do abismo ou do mar, numa outra divisão do IMPÉRIO. Depois lhe diz o anjo: Aqui é necessário a inteligência que tem discernimento: as sete cabeças são sete montes sobre os quais a mulher está sentada (Ap 17, 9-11). Como se sabe, ROMA foi construída sobre sete colinas, sendo chamada de cidade das sete colinas. São também sete reis, dos quais cinco já caíram, um existe e o outro ainda não veio, mas quando vier deverá permanecer pouco tempo. E a besta que existia e não existe mais é ela própria o oitavo e também um dos sete, mas caminha para a perdição. Cinco caíram, pois já são passados os tempos dos cinco primeiros selos; um existe, pois o tempo do sexto selo é tomado como presente; e o outro ainda não veio mas, quando vier – o que se dará à abertura do sétimo selo – deverá permanecer pouco tempo. A besta que existia, mas não existe mais, ela própria é o oitavo, mediante a divisão do IMPÉRIO ROMANO em dois impérios colaterais; e é um dos sete, sendo metade do sétimo, e caminhará para a perdição.

As palavras cinco caíram, um existe e o outro ainda não veio são em geral reportadas pelos intérpretes ao tempo de JOÃO, apóstolo, quando foi feita a profecia. Mas é preciso considerar que, nessa profecia, muitas coisas que são faladas como se fossem presentes não eram presentes quando a profecia foi feita, mas seriam presentes num tempo futuro que é considerado presente nas visões. Assim, onde se diz que, ao ser espalhada a sétima taça, Deus se lembrou então de BABILÔNIA, a Grande, para lhe dar o cálice do vinho do furor da sua ira, isso não se refere ao tempo do apóstolo JOÃO, mas ao tempo em que é espalhada a sétima taça. É dito também: “Caiu, caiu BABILÔNIA, a Grande” (Ap 14,8.15). Lança tua foice e ceifa. Chegou a hora da ceifa (…) (Ap 20,12) Vi então os mortos, grandes e pequenos, de pé diante do trono; e ainda, os mortos foram então julgados conforme sua conduta, a partir do que estava escrito nos livros. Mas essas expressões também não se referem aos dias do apóstolo JOÃO, mas a tempos futuros, considerados presentes na visão.

Da mesma maneira, as palavras cinco caíram, um existe e o outro ainda não veio e a besta que existia mas não existe mais é ela própria o oitavo, não se referem à época do apóstolo, mas aos tempos em que a besta seria mortalmente ferida pela espada, revelando que ela seria ferida na sexta cabeça. Sem essa referência, não saberíamos em que cabeça a besta seria ferida.

"Os dez chifres que viste são dez reis que ainda não receberam um reino. Estes, porém, receberão autoridade como reis por uma hora apenas, juntamente com a besta. Tais reis têm um só desígnio (pois são da religião da prostituta): entregar o seu poder e autoridade à besta. Farão guerra contra o Cordeiro (quando soar a sétima trombeta), mas o Cordeiro os vencerá, porque ele é SENHOR dos senhores e REI dos reis, e com ele vencerão também os chamados, os escolhidos, os fiéis." E (o anjo) continuou: "As águas que viste onde a prostituta está sentada são os povos e multidões, nações e línguas (componentes da besta). Os dez chifres que viste e a besta, contudo, odiarão a prostituta e a despojarão, deixando-a nua; comerão suas carnes e a entregarão às chamas (no fim dos 1.260 dias), pois DEUS lhes colocou no coração realizar o seu desígnio: entregar sua realeza à besta, até que as palavras de DEUS estejam cumpridas. A mulher que viste, enfim, é a grande cidade que está reinando sobre os reis da terra (Ap 17,12-18), ou a grande cidade dos LATINOS, que reina sobre os dez reis até o fim daqueles dias.

Título original: Observations upon the Prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St. John.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

Edição digital: agosto 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Newton, Isaac, 1642-1727. As profecias do Apocalipse e o livro de Daniel : as r

Índices para catálogo sistemático:

1. Profecias bíblicas: Religião 220.15

O primeiro número à esquerda indica a edição, ou reedição, desta obra. A primeira dezena à direita indica o ano em que esta edição, ou reedição, foi publicada.

Edição

_____

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA

Arquivo ePub produzido pela Simplíssimo Livros